

JADIRLETE LOPES CABRAL  
JOSÉ ANTÔNIO CARNEIRO LEÃO  
LAUREN OLIVEIRA LIMA  
(Orgs.)

# **ENTRE LUGARES:** **Ensaíos sobre Geotecnologias, Educação e Contemporaneidade (Itinerâncias Formativas)**

VOLUME III



**Entre Lugares:**  
Ensaio sobre Geotecnologias,  
Educação e Contemporaneidade  
(Itinerâncias Formativas)

Jadirlete Lopes Cabral  
José Antônio Carneiro Leão  
Lauren Oliveira Lima  
(Orgs.)

V&V Editora  
Diadema - SP  
2022



**UNEB**  
UNIVERSIDADE DO  
ESTADO DA BAHIA



Obra Produzida com recurso do AUXÍLIO FINANCEIRO AOS  
PROGRAMAS DE PÓS-GRADUAÇÃO STRICTO SENSU  
(AUXPPG)

AUXPPG Nº 004/2021 processo 074.7141.2021.0030764-  
24; PROCESSO Prorrogação: 074.7141.2021.0030764-24

**Nota 1:** Este texto respeita as normas técnicas e recomendações da ABNT. A responsabilidade pelo conteúdo é de competência dos autores, não representando, necessariamente, a opinião da editora.

**Nota 2:** Os autores e editora empenharam-se para fazer as citações e referências de forma adequada, dispondo-se a possíveis acertos caso, inadvertidamente, alguma referência tenha sido omitida. Apesar dos melhores esforços de toda a equipe editorial e autores, é inevitável que surjam erros no texto. Deste modo, as comunicações das leitoras e leitores sobre correções são bem-vindas, assim como sugestões referentes ao conteúdo que auxiliem edições futuras.

© **COPYRIGHT DIREITOS RESERVADOS.** A V&V Editora detém direito autoral sobre o projeto gráfico e editorial desta obra. Os autores detêm os direitos autorais de publicação do texto na íntegra. O trabalho Entre Lugares: Ensaios sobre Geotecnologias, Educação e Contemporaneidade (Itinerâncias Formativas), organizado por Jadirlete Lopes Cabral, José Antônio Carneiro Leão e Lauren Oliveira Lima também está licenciado com uma Licença de Atribuição Creative Commons – Atribuição 4.0 Internacional, permitindo seu compartilhamento integral ou em partes, sem alterações e de forma gratuita, desde que seja citada a fonte.



Impresso no Brasil.  
Printed in Brazil.

**Entre Lugares:**  
Ensaio sobre Geotecnologias,  
Educação e Contemporaneidade  
(Itinerâncias Formativas)

Jadirlete Lopes Cabral  
José Antônio Carneiro Leão  
Lauren Oliveira Lima  
(Orgs.)



### Conselho Editorial

Aldina Guimarães Duarte Dominguez (UNB)  
Andréia da Silva Quintanilha Souza (UNIR/UFRN)  
Antônio Pereira Gaio Júnior (UFRRJ)  
Carlos Alberto Vila Estêvão (UMINHO-PT)  
Carlos Federico Dominguez Avila (Unieuro)  
Carmen Tereza Velanga (UNIR)  
Celso Conti (UFSCar)  
Cesar Gerônimo Tello (UNTREF-AR)  
Eduardo Fernandes Barbosa (UFMG)  
Elione Maria Nogueira Diogenes (UFAL)  
Élsio José Corá (UFPS)  
Elizeu Clementino de Souza (UNEB)  
Fernando Antônio Gonçalves Alcoforado (IPB)  
Francisco Carlos Duarte (PUC-PR)  
Gloria Farinás León (UH-CU)  
Guillermo Arias Beatón (UH-CU)  
Jailson Alves dos Santos (UFRJ)  
João Adalberto Campanato Junior (UNESP)  
Josania Portela (UFPI)  
Leonel Severo Rocha (UNISINOS)  
Lidia de Oliveira Xavier (UNIEURO)  
Lourdes Helena da Silva (UFV)  
Marcelo Paixão (UFRJ, UTexas-US)  
Maria de Lourdes P. de Almeida (UNIOESC)  
Maria Lilia Imbiriba Sousa Colares (UFOPA)  
Maria Cristina dos Santos Bezerra (UFSCar)  
Paulo Romualdo Hernandes (UNIFAL)  
Renato Francisco dos Santos Paula (UFG)  
Rodrigo Pratile-Santos (UFES)  
Sergio Nunes de Jesus (IFRO)  
Simone Rodrigues Pinto (UNB)  
Solange Helena Ximenes-Rocha (UFOPA)  
Sydione Santos (UEPG)  
Tadeu Oliver Gonçalves (UFPA)  
Tania Suely Azevedo Brasileiro (UFOPA)

### Comitê Científico

Altair Alberto Fávero (UPF)  
Ana Chrystina Venancio Mignot (UERJ)  
Anna Augusta Sampaio de Oliveira (UNESP)  
Andréia N. Militão (UEMS)  
Diosnel Centurion (Univ. Amer. Asunción-PY)  
Cecília Gabriela Aguipe (UFBA)  
Cesar Gerônimo Tello (UNTREF-AR)  
Eliane Rose Maio (UEM)  
Elizeu Clementino de Souza (UNEB)  
Fabiana dos Santos Nascimento  
Fauston Negreiros (UFPI)  
Francisco Ari de Andrade (UFC)  
Geresa Soares Pinheiro (UNEB)  
Gláucia Maria dos Santos Jorge (UFOP)  
Helder Buenos Aires de Carvalho (UFPI)  
Ilma Passos A. Veiga (UNICEUB)  
Inaiá Brandão Pereira  
Inês Bragança (UERJ)  
José de Ribamar Souza Pereira (UCB)  
Jussara Fraga Portugal  
Kátia Soane Santos Araújo  
Kilwandy Kya Kapitango-a-Samba (Unemat)  
Lourdes Helena da Silva (UFV)  
Lucia Marisy Souza R. de Oliveira (UNIVASF)  
Marcos Vinicius Francisco (UNOESTE)  
Maria de Lourdes P. de Almeida (UNOESC)  
Maria Eurácia Barreto de Andrade (UFRB)  
Maria Lilia Imbiriba Sousa Colares (UFOPA)  
Mohammed Elhaji (UFRJ)  
Mônica Pereira dos Santos (UFRJ)  
Najela Tavares Ujiie (UTFPR)  
Nilson José Machado (USP)  
Sérgio Nunes de Jesus (IFRO)  
Sílvia Regina Canan (URJ)  
Sonia Maria Ferreira Koehler (UNISAL)  
Suzana dos Santos Gomes (UFMG)  
Vânia Alves Martins Chaigar (FURG)  
Vera Lucia Gaspar (UDESC)

Este livro foi avaliado e aprovado por pareceristas *ad hoc*.

### Conselho Editorial

Profa. Dra. Marilena Rosalen	Prof. Dr. Ivan Fortunato
Profa. Dra. Angela Martins Baeder	Prof. Dr. José Guilherme Franchi
Profa. Dra. Eunice Nunes	Prof. Dr. Luiz Afonso V. Figueiredo
Profa. Dra. Luciana A. Farias	Prof. Dr. Flávio José M. Gonçalves
Profa. Dra. Maria Célia S. Gonçalves	Prof. Dr. Giovano Candiani
Profa. Dra. Rita C. Borges M. Amaral	Prof. Me. Arnaldo Silva Junior
Profa. Dra. Silvana Pasetto	Prof. Me. Pedro L. Castrillo Yagüe
Profa. Ma. Beatriz Milz	Prof. Me. Everton Viesba-Garcia
Profa. Ma. Marta Angela Marcondes	Profa. Ma. Letícia Moreira Viesba
Profa. Ma. Erika Brunelli	Profa. Ma. Sarah Arruda

### Expediente

Coordenação Editorial: Everton Viesba-Garcia  
Coordenação de Área: Marilena Rosalen

### Organização

Jadirlete Lopes Cabral, José Antônio Carneiro Leão e Lauren Oliveira Lima

### Parecer e revisão por pares

Este texto foi submetido para avaliação da Coordenação e/ou Conselho Editorial da V&V Editora, sendo aprovado na revisão por pares para publicação.

### Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)

J21e            Entre Lugares: Ensaios sobre Geotecnologias, Educação e Contemporaneidade (Itinerâncias Formativas)/ Jadirlete Lopes Cabral, José Antônio Carneiro Leão e Lauren Oliveira Lima (organizadores) V3. – Diadema: V&V Editora, 2022.  
250 p. : 14 x 21 cm

Inclui bibliografia  
ISBN 978-65-88471-54-8  
DOI 10.47247/JLC/88471.54.8

1. Educação Contemporânea. 2. Itinerâncias Formativas. I. Cabral, Jadirlete Lopes. II. Leão, José Antônio Carneiro. III. Lima, Lauren Oliveira.

Elaborado por Maurício Amormino Júnior – CRB6/2422

### V&V Editora

Diadema, São Paulo – Brasil  
Tel./Whatsapp: (11) 94019-0635 E-mail: contato@vveditora.com  
vveditora.com

## Sumário

⟨ <b>Apresentação</b> .....	<b>7</b>
Jadirlete Lopes Cabral	
José Antonio Carneiro Leão	
Lauren Oliveira Lima	
⟨ <b>Corpo e Cultura: entre o brincante e o político na educação</b> .....	<b>12</b>
José Antonio Carneiro Leão	
⟨ <b>Metodologia brincante e Tecnologias Digitais: o RedePub em movimento de processos formativos</b> .....	<b>37</b>
José Antonio Carneiro Leão	
<b>Itinerância em Igatú / BA</b>	
<hr/>	
⟨ <b>Trilhas do belo na corpografia de dinâmicas socioculturais em Igatú/BA</b> .....	<b>50</b>
José Antonio Carneiro Leão	
<b>Itinerância em Plataforma Salvador / BA</b>	
<hr/>	
⟨ <b>Educação nas trilhas do subúrbio baiano: saberes, entrelugares de história e memória em movimento</b> .....	<b>71</b>
José Antônio Carneiro Leão	
Margarete de Souza Conrado	
Vitória Conrado Carneiro Leão	
⟨ <b>Produto de Itinerâncias em Plataforma/BA</b> .....	<b>91</b>
José Antonio Carneiro Leão	
Magaly Menezes Andrade	
⟨ <b>Relato de experiências – bairro de Plataforma/BA</b> .....	<b>118</b>
Jaqueline de Souza de Lima	
Barbara Maria Trindade da Costa	
⟨ <b>Entre trilhos e trilhas surgem saberes</b> .....	<b>122</b>
Rêmulos Veloso dos Santos	
⟨ <b>Nos trilhos do subúrbio ferroviário/BA</b> .....	<b>126</b>
Cidicléia Gomes da Silva Santos	

## **Itinerância em Salinas da Margarida / BA**

---

- ⟨ **Visita técnica a Salinas da Margarida/BA: a relevância socioeducativa de projetos pedagógicos na educação patrimonial para os pesquisadores do REDEPUB/GEOTEC / UNEB..... 131**  
Ana Carla Nunes Pereira  
José Antônio Carneiro Leão  
Kathia Marise Borges Sales
- ⟨ **Saberes Entresalinas: educação em percursos de linguagem histórica, cultural, ambiental e patrimonial ..... 145**  
José Antonio Carneiro Leão  
Margarete de Souza Conrado
- ⟨ **Do sal para a vida: vivências em Salinas da Margarida ..... 174**  
Ademilson da Cruz Barreto
- ⟨ **Um relato de vivência histórica, cultural e ambiental em Salinas da Margarida/BA ..... 195**  
Monica Clara Xavier Lima Carvalho
- ⟨ **Encontro de encantos e axé em Salinas da Margarida ..... 208**  
Uilma Brito das Mercês

## **Itinerância em Dias d'Ávila / BA**

---

- ⟨ **REDEPUB em Dias d'Ávila: itinerância no projeto Jovem Escritor, na relação de pertença do sujeito com a cidade..... 212**  
Monica Clara Xavier Lima Carvalho  
João Antonio dos Santos Grilo  
José Antônio Carneiro Leão

## **Itinerância em Itapuã Salvador / BA**

---

- ⟨ **Itinerância: Museu Cidade da Música da Bahia ..... 230**  
Karla Santana dos Santos Teixeira Valente (Karla Preta)
- ⟨ **Entre Itapuã e Praia do Flamengo: Trilha itinerante do Colégio Lomanto Júnior ao Parque das Dunas em Salvador/BA ..... 233**  
José Antonio Carneiro Leão

## **Itinerância no Recôncavo Baiano Capão / BA**

---

- ⟨ **Trilhas da Fé no Capão ..... 237**  
José Antonio Carneiro Leão
- ⟨ **Sobre os organizadores e autores da obra..... 239**
- ⟨ **Ficha técnica..... 249**

# Apresentação

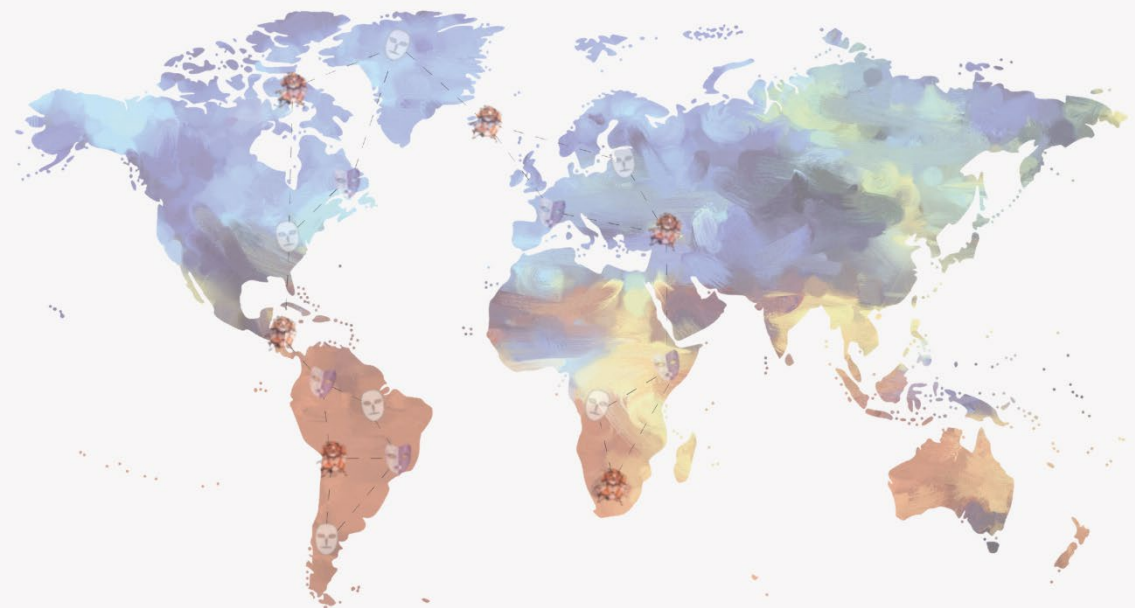
*Jadirlete Lopes Cabral*

*José Antonio Carneiro Leão*

*Lauren Oliveira Lima*



10.47247/JLC/88471.54.8.1



Entrelugares III faz parte de uma coletânea das produções dos pesquisadores do Grupo de Pesquisa Geotecnologias, Educação e Contemporaneidade (GEOTEC/CNPq). Este grupo é vinculado a Universidade do Estado da Bahia (UNEB), através dos Programas de Pós-Graduação Educação e Contemporaneidade (PPGEduc) e Gestão e Tecnologias Aplicadas a Educação (GESTEC).

São três Volumes, dentre eles o Entrelugares I e II contou com “Ensaio sobre Geotecnologias, Educação e Contemporaneidade”. Já nesta complementação da trilogia de coletânea geotecana, estamos apresentando, a partir dos ensaios desses dois volumes anteriores, a temática dos registros de nossas intervenções em pesquisa de campo intitulada “Itinerâncias Formativas”, que traz os conceitos basilares da geotecnologia, educação e contemporaneidade, com narrativas entre conceitos e objetivos. As narrativas também ocorrem em uma mesma localidade estudada, nas quais aparecem diferentes formas de ensaios interpretados por seus autores (Artigos, relatos, *poiésis*), a partir do processo criativo do sensível contemporâneo.

As itinerâncias se apresentam neste Volume III na perspectiva de fluxos, trilhas, conexões, impulsos, disparadores ou gatilhos, lançamentos, centelhas, estímulos, fusão, ativação, para além das convenções acadêmicas e sociais que o corpo pode proporcionar em ambientes diversos. Portanto, 1) Identifica no ECOSISTEMA a CURIOSIDADE, como fonte de energia para a COLETA DE DADOS; 2) Sistematiza CANAIS de CONEXÕES aos caminhos possíveis e desafiadores das passagens no tempo; 3) Descreve e aplica o PROTOCOLO AUTENTICADO, como TESSITURA humana compartilhada em vida; 4) Estabelece o HIPOCAMPO como lugar da memória para dialogar com os resíduos existentes que formam os ANÉIS DE ARTEFATOS criados e identificados nos lugares de aprendizado; 5) Configura HOLOGRAMA e INTERFACE como sistemas que se comunicam. Estes aspectos caracterizam os objetivos propostos deste Volume III.

Os conceitos suscitados a partir dos ensaios das coletâneas anteriores do Grupo GEOTEC, eles vêm subsidiando outros que se imbricam junto aos três Projetos Articuladores deste grupo: 1) Rádio da Escola na Escola da Rádio, em ação na educação científica com alunos da educação básica; K-Lab: Laboratório de Projetos e Processos Educacionais e Tecnológicos, com alunos e professores da educação básica; e, RedePub: História e Memória em Rede de Espaços Públicos

Educativos, em uma tríade escola-universidade-comunidade, com educadores.

A utilização dos conceitos trouxe objetivos como metas das itinerâncias propostas em ambientes educativos diversos, da qual a tríade sujeito-história-lugar esteve presente para caracterizar o saber-fazer-dizer das investigações desenvolvidas. Vale salientar que para os objetivos serem construídos alguns aspectos foram necessários: 1) Os verbos foram definidos de forma a serem possíveis de verificação, ou seja, verbos de ação comportamental (Identificar, apresentar, descrever, destacar, criar, propor...), que expressam uma situação específica e não subjetiva; 2) Verbos como conhecer, analisar, interpretar, conscientizar, valorizar, como já se encontram implícitos em todas as pesquisas, eles apareceram durante o levantamento dos dados e resultados dos estudos; 3) Articulação dos conceitos aos objetivos, questão norteadora da pesquisa, para a definição da metodologia proposta e interpretada por cada pesquisador – sua incorporação do lugar. Aqui foram redescobertos pelos pesquisadores: O corpo como mídia primária inserido em: Igatú; Capão; Dias D’ávila; Salinas da Margarida; Bairros de Plataforma, Comércio e Itapuã em Salvador. Todos na Bahia, entre 2016 e 2022.

No Projeto Articulador RedePub os lugares das itinerâncias tiveram como critérios de escolha alguns aspectos que foram determinantes para os estudos. O prefácio neste Volume III, trata desse lugar, a partir do “Corpo e cultura: Entre o brincante e o político na educação” (José Leão). O corpo casa de todos nós, tecido de imbricamentos e culturas no plural. Dele é configurada uma perspectiva de “Metodologia Brincante e Tecnologias Digitais: O RedePub em movimento de processos formativos” (José Leão), apresentada no I Seminário do Grupo de Pesquisa Ensino de Aprendizagem de Línguas com Tecnologias Digitais – TECLE / UFBA.

Em seguida, ainda a partir de outro convite entre parceiros pesquisadores de duas Universidades Públicas (Universidade Federal da Bahia – UFBA e Universidade do Estado da Bahia – UNEB) é atribuída uma proposta de inserção no Projeto Extensionista realizado anualmente no Município de Igatú da Chapada Diamantina na Bahia, o qual trabalha a “Escultura de Comportamento” com a comunidade escolar e não escolar. Ações de arte educação são compartilhadas com alunos e seus cidadãos com diferentes faixas etárias, para se pensar educação e suas tecnologias possíveis na contemporaneidade. O ecossistema aparece como um lugar de memória intitulada nesse

estudo como “Trilhas do belo na corpografia de dinâmicas socioculturais em Iगतú” (José Leão).

Na sequência temos o Bairro de Plataforma, a partir do conhecimento de que as trilhas das estações do Subúrbio Ferroviário iria ser extinta e dar lugar ao VLT (Veículos Leves sobre Trilhos). Fizemos então um registro dessa viagem nos trilhos do subúrbio, caracterizando história e memória em movimento. Sendo assim o movimento no campo de pesquisa trouxe “Educação nas trilhas do subúrbio baiano: Saberes, entrelugares de história e memória em movimento” (José Leão, Margarete Conrado, Vitória Conrado); também um legado como Produto de Itinerâncias em Plataforma, como dissertação de mestrado no GESTEC foi atribuído a este lugar, com registros em QR-Cold, pela professora Magaly Menezes Andrade em 2021 (Acervo da Laje, Centro Cultural Plataforma, Fábrica São Braz, Colégio Estadual Democrático Bertholdo Cirilo dos Reis). Outras interpretações sobre Plataforma foram apresentadas como: “Relato de Experiências – Bairro Plataforma”, com percursos humanos intrinsecamente ligados a dimensões sociais, econômicas e políticas (Jaqueleide Lima e Bárbara Costa); “Entre trilhos e trilhas surgem saberes”, com descrições sobre os entrelugares de plataforma (Rêmulos dos Santos); “Nos trilhos do subúrbio ferroviário”, uma suburbana em movimento de itinerâncias (Cidicléia Gomes).

A outra cidade de itinerância foi Salinas da Margarida no Recôncavo Baiano. Nela foram registradas: “Visita técnica a Salinas da Margarida e sua relevância socioeducativa em projetos pedagógicos e educação patrimonial dos pesquisadores do RedePub (GEOTEC / UNEB), como um estudo de caso e cartográfico em proposta de formação de professores na pesquisa de campo (Ana Carla, José Leão, Kathia Marise); “Saberes Entresalinas: Educação em percursos de linguagem histórica, cultural, ambiental e patrimonial”, registra os saberes compartilhados entre linguagens dos mestres populares e os pesquisadores do Projeto Articulador RedePub, a partir de um roteiro de percurso pelos povoados de Conceição de Salinas, Encarnação, Cairú e Barra do Paraguaçu (José Leão, Margarete Conrado); “Do sal para a vida: vivências em Salinas da Margarida”, numa forma poética de olhar a cidade e seus cidadãos (Ademilson Barreto); “Um relato de vivência histórica, cultural e ambiental em Salinas da Margarida”, como premissa a valorização da história e memória dos sujeitos e dos lugares (Mônica Carvalho) “Encontro de encantos e axé em Salinas da

Margarida” (Uilma das Mercês), que traz em sua história relatos de luta e resistência de seus habitantes

Na sequência citadina apresentamos “RedePub em Dias D’ávila: Itinerância no Projeto Jovem Escritor, na relação de pertença do sujeito com a cidade”, que teve como objetivo registrar uma perspectiva de se pensar o processo educativo caracterizado como um concurso de redação com jovens escritores e sua relação com a cidade de Dias D’ávila/BA (Mônica Carvalho, João Grilo, José Leão).

Em outros Bairros de Salvador que retratam a cultura soteropolitana são também apresentados o entendimento do lugar de forma poética. Eles são relatados em verso e prosa como “Entre Itapuã e Praia do Flamengo: Trilha Itinerante da Escola ao Parque das Dunas em Salvador/BA” (José Leão). Uma narrativa poética que faz um percurso do Colégio Lomanto Jr em Itapuã ao ecossistema do Parque das Dunas na Praia do Flamengo. Uma narrativa poética que faz um percurso do Colégio Lomanto Jr em Itapuã ao ecossistema do Parque das Dunas na Praia do Flamengo. Diante do contexto ambiental dos bairros é possível verificar a diversidade cultural existente e testemunhar as heranças culturais, justificadas pelos ecossistemas naturais. Chegamos ao Centro de Salvador e registramos “Itinerância: Museu Cidade da Música da Bahia” (Karla Preta). Um espaço que no século atual, abriga a Soterópolis que agrada aos olhos e percepções de excursionistas, viajantes, itinerantes, amantes da musicalidade baiana.

Para finalizar os registros de nossas itinerâncias até o momento, na muito conhecida e procurada pelos observadores da natureza – a Chapada de Diamantina – uma *poiésis* registra a memória de um percurso em trilhas no Capão, em plena Semana Santa, que foi denominada “Trilhas da Fé no Capão” (José Leão), só quem faz esses percursos pode compreender o sentimento e o aprendizado que tem.

Agora convidamos os leitores a apreciarem esses registros valiosos para o entendimento do lugar, como potencial formativo daqueles que compartilham as suas diferenças na convivência educativa.

Salvador, 22 de abril de 2022.

Jadirlete Lopes Cabral

José Antonio Carneiro Leão

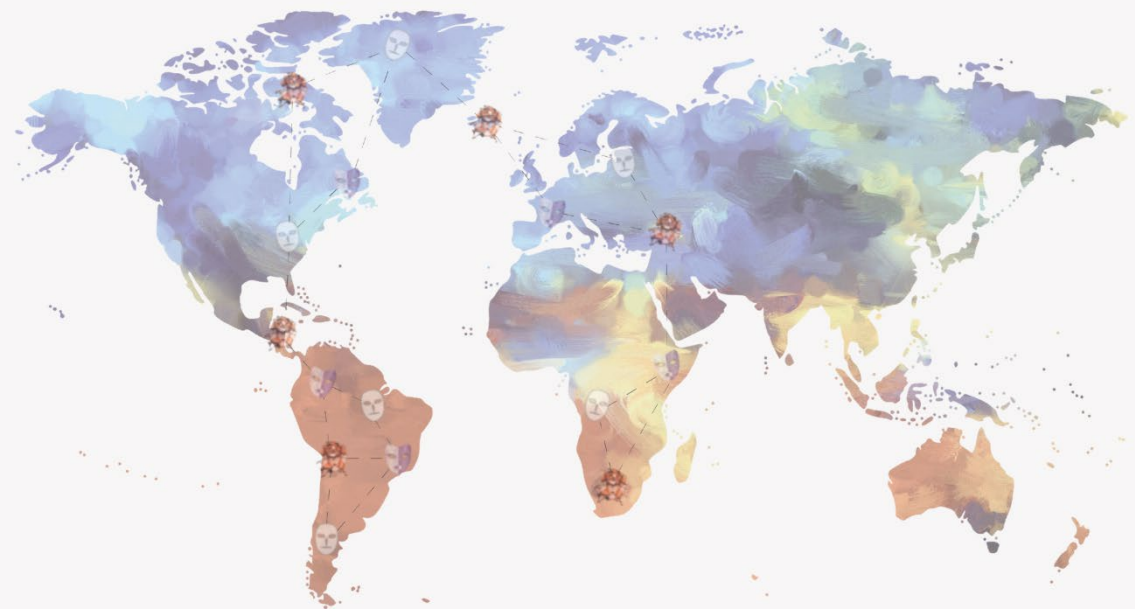
Lauren Oliveira Lima

# Corpo e Cultura: entre o brincante e o político na educação

*José Antonio Carneiro Leão*



10.47247/JLC/88471.54.8.2



## Corpo e Cultura

---

As experiências interculturais somam-se no corpo definindo as suas performances. Assim, contextualizar um corpo que dança é também refletir sobre a linguagem e suas preocupações ao longo da história da arte, e as relações entre matérias e suportes recheados de cargas sígnicas. As questões formais se conectam às de conteúdos, que são sustentáculos de possíveis significações. Não é preciso trabalhar apenas com uma obra de um único artista, mas com muitos artistas que no tempo e espaço lidaram com os mesmos problemas estéticos. Entre muitos possíveis, identifico o pensamento de que se pode crescer como uma rede e lidar, puxando fios, conectando artistas, ideias, gêneros, linguagens, tempos, espaços, culturas...

A educação poderia ser o mais eficiente caminho para estimular a consciência cultural das pessoas começando pelo reconhecimento e apreciação da cultura local. Contudo a educação institucional no Terceiro Mundo Ocidental foi completamente dominada pelos códigos culturais europeus e, mais recentemente, pelo código cultural norte-americano branco. Enquanto a cultura negra e indígena nos espaços escolares tem sido tolerada sob a forma de folclore de curiosidade e esoterismo, como uma cultura de segunda categoria. Em contraste, foi a própria Europa que, na construção do ideal modernista das artes que chamou atenção para o alto valor das outras culturas do leste e do oeste, através da apreciação das gravuras camponesas e das esculturas africanas. Criou-se então uma justificativa em favor do multiculturalismo, em que os movimentos de descolonização e de liberação, a partir do século XX, criaram a possibilidade política para que os povos que tinham sido dominados reconhecessem sua própria cultura e valores.

A identidade cultural tem sido um problema para o mundo desenvolvido. Nos paradigmas que transcendem a perspectiva cartesiana ou a ambição pela originalidade modernista, que há muito para citar, apropriar, recriar. Não como algo novo, que supera o que ficou velho, mas como uma atitude capaz de perceber como aprendemos e ensinamos a perceber as teorias e práticas que, como *memes* (unidades de transmissão cultural), se incorporaram à nossa própria prática e teoria. Isto é, capaz também de ver o enriquecimento de um trabalho que precisa compreender a vida de grupo como

possibilidade de crescer e valorizar também o que é diferente, sejam opostos ou complementares.

Como educador inquieto, continuo estimulado a aprender a ensinar no caminho da competência, mas muitas vezes me perco na árdua tarefa, esquecendo que posso vir a aprender junto, ao invés de não ouvir, falar demais, propor trabalhos e desafiar, problematizar, gerar novos projetos. Escolhendo obras, é possível se correr o risco de nem sempre os critérios estarem claros, de verificar que as várias linguagens da arte estejam presentes, incluindo as obras indígenas, africanas, orientais e as esquecidas manifestações populares, produzidas por homens e mulheres em tempos e lugares muito distintos de estilo e histórias variadas, colonizadas, decolonizadas, disponíveis e livres para reinterpretações.

No corpo, estilo e história tem abordagens: o estilo admite uma abordagem puramente teórica e uma outra histórica. Pela abordagem teórica, o estilo é caracterizado como elemento acidental da arte, e que por isso se estabelece com alternativas. Pode mesmo o estilo identificar-se por vezes com as propriedades da arte, enquanto estas também são afetadas por alternativas, principalmente de grau de perfeição? O pressuposto parece levar ao caráter não essencial do estilo resultar em poder variar, fazendo história.

É exatamente pela história que as pessoas costumam tomar contato direto com os estilos, sendo então mais fácil uma abordagem didática deles. Contudo, antes de cuidar desta história sobre os variados estilos, percebo que é preciso penetrar na noção de estilo como acidentalidade, para depois ir às suas eventuais variedades históricas.

O que efetivamente agora me preocupa não é mesmo fazer uma história do estilo especificamente como história. Aqui a preocupação é apenas didática. Quero apenas caminhar ao longo da história para ter a oportunidade de tomar conhecimento com os estilos que efetivamente têm existido, com isso aprendendo a defini-los.

Em vez de observar os estilos fora do tempo, também os situo ainda historicamente, por ser assim mais fácil de apreender abrangentemente seu caráter de eventualidade. *Estilo* é o modo eventual como a expressão artística se processa. Em tudo há sempre algo não necessário e que permite uma opção, e que cria um estilo.

Em arte das formas, por exemplo, há estilos conhecidos como clássico, gótico, romântico, barroco, rococó e outros imbricados na arquitetura estética das cidades. Todos estes estilos são modos eventuais de expressão, que poderiam não ter acontecido, e podem voltar quando os artistas o quiserem e os consumidores da arte o preferirem. Poderá o corpo seguir estes mesmos estilos em contextos diferenciados nas cidades?

Pela sua origem, a palavra *estilo*, do latim *stilus* (= vareta) indicava originariamente a vareta com que se escrevia, de onde passou também a significar o modo peculiar que a escrita tomava ao serem picados os caracteres ideográficos nas tabuínhas de cera, usados pelos antigos. Dali o significado evoluiu mais uma vez, ao passar a indicar o modo da linguagem em geral, o modo de toda e qualquer expressão, isto é, de todas as diferentes artes. E, do ponto de vista material, os estilos podem ocorrer em qualquer dos elementos da arte, que são o significante (o portador, corpo) e o significado (a expressão) os quais podem dialogar em diferentes contextos nas cidades. É o que aconteceu na “perspectiva diaspórica” a partir de uma abordagem histórica (HALL, 2003).

A abordagem histórica indaga o que efetivamente aconteceu ao longo dos tempos com referência aos estilos. A sua qualidade, ainda que esta influa na seleção que nos interessa conhecer historicamente, vem acompanhada de alguma crítica. A história é a ciência que nos diz haver existido um passado, e isto o faz documentalmente, ao mesmo tempo com apreciação visando à seleção. Portanto, a relevância do critério histórico está no fato de que vem esclarecer a respeito de circunstâncias que motivaram a aceitação de tais modos ou estilos, e seus nomes ligados também à história.

Um dos fatores que mais tem influenciado o desenvolvimento histórico dos estilos é a qualidade dos materiais. O primeiro homem praticou o uso das cavernas, um material praticamente pronto. Depois utilizou a madeira para a construção de cabanas. Com a invenção do tijolo, efetuada pelos mesopotâmios, sobretudo pelos babilônios, foi uma primeira grande revolução na arquitetura. A descoberta dos metais, principalmente do ferro, possibilitou o uso da pedra talhada; entre outras as do mármore.

Somente a partir do século XX, o homem se libertou quase totalmente dos materiais preexistentes, passando à produção industrial deles, mediante ferro, cimento, plástico. Dominando as

formas, inclusive as formas das imagens eletrônicas, pelas quais a estética das formas passou a uma época inteiramente nova. E, nesse contexto, quais as principais tendências das discussões atuais sobre o corpo no campo das artes e suas relações com as tecnologias? Como tratar de situar o professor e o seu corpo como partes integrantes da tecnologia do ensino? Lançar questionamentos sobre o papel e a estética do corpo que o professor tem de si, destacando a importância dessas discussões para a constituição de novos espaços de pesquisa em educação tem sempre sido necessário se reportar a uma dialética da colonização (BOSI, 2004) <sup>1</sup>.

Em uma produção artística contemporânea, as discussões sobre o corpo emergiram da experiência social e histórica atravessada por múltiplos imaginários. Falar sobre o corpo é dizer algo sobre ele, sempre de algum lugar. Educadores, médicos, artistas..., possuem uma visão sobre o corpo, originada de linguagem que lhes é própria.

Nos últimos trinta anos, as pesquisas sobre o corpo no campo das artes representam um grande avanço. As artes cênicas, junto com a Educação Física, têm sido um dos campos mais bem explorados nessa direção. Todavia, como todo estudo ou prática criadora, tem sido paradoxal. Essa discussão é inseparável da reflexão sobre a estética, que os movimentos ascendentes nos anos 60, 70, 80 e 90 propuseram. São criações de uma fecundidade rica em detalhes que tratam de explorar um “outro olhar” sobre o corpo e o mundo das artes em seus eventos artísticos e científicos. É o caso do “*happening*” como evento, acontecimentos. Esses eventos são marcados pela presença de várias mídias com diferentes artes, de modo independente e interconectado por uma dialética de sentido e uma arquitetura mestiça subsidiada pela ideia de fusão. As multilinguagens são à tônica do período. A performance é provocadora de transformação estética e modificadora do próprio juízo estético sobre o corpo e sua significação social.

A relação entre os movimentos como a *performance* e o *happening*, torna-se intensa. Um dos principais aspectos elaborados nessas décadas acima citadas esteve mais ligado ao campo das artes cênicas. O teatro clássico experimental deveria ser produzido com uma variedade combinatória de expressões estéticas, ideológicas e culturais. A ideia central tem sido favorecer uma aproximação com a

---

<sup>1</sup> Ver BOSI, Alfredo. **Dialética da Colonização**. São Paulo: Companhia das Letras, 1992. p.308-345: (culturas brasileiras).

vida cotidiana e com o distanciamento cada vez mais intencional dos modelos de representação e dramaturgia tradicionais.

Durante a década de 80, esse processo vai atingir seu ápice. Há uma aproximação maior entre as tecnologias da informação e da comunicação com as artes performáticas. Seja com Otávio Donasci e suas vídeocriaturas, seja com Joseph Beuys e seu realismo chocante, a performance vai se caracterizar como criação estética. E, o que mais se fixa dessas invasões é que o corpo não tem mais a sua significação perene. As tecnologias impõem ao campo da arte uma criação constante e terminal (BAUDRILLARD, 1997). Nesse sentido, o corpo é reconhecidamente um instrumento de fruição estética de limites inexplorados da imagem numa *sociedade do espetáculo*<sup>2</sup>.

É inegável que a presença de uma tecnologia tenha favorecido o aparecimento de novas formas de se conceber o homem e a sua corporalidade (ARAÚJO, 1998). Pensemos no homem interconectado. Um corpo em mutação, que vai da imprecisão, da aglomeração, da desordem, e estabelecem outras vias de se perceber e olhar o destino da vida planetária (LÈVI, 1999). Assim, é através da compreensão radical desses aspectos que o homem poderá situar-se de modo menos temerário a alterações e mudanças.

Até pouco tempo, poderia se falar em corpos culturais, sociais e políticos. Hoje, essas dimensões se agrupam em torno do corpo-técnico. Couto (2000) tem ampliado as possibilidades da discussão sobre as mutações estéticas do corpo na contemporaneidade. Seus estudos aprofundam as análises sobre as conexões da influência da tecnologia no estabelecimento de uma nova estética do homem político na modernidade.

Naturalmente, existem possibilidades de se gerar tensões entre o campo da produção artística contemporânea e papel do corpo na sala de aula como recurso de tecnologia e criação. O professor tem se esquecido de que sua principal fonte de trabalho é o corpo. Sem ele as ideias, as emoções, os vínculos, dificilmente se estabeleceriam. O corpo se insere na sala de aula como elemento estético, social e político-cultural.

As práticas educativas, entretanto, tem esquecido a relevância do corpo. A visão predominante é a de que o corpo deve

---

<sup>2</sup> Ver DEBORD, Guy. **Considerações sobre a Sociedade do Espetáculo**. In: *A Sociedade do Espetáculo*. Rio de Janeiro, Contraponto, 1997.

responder a um conjunto de estímulos a ele direcionado. Porém, corpo é criação e demanda cuidados estéticos, de respeito a individualidades e singularidades humanas em contextos diferentes.

Tanto o professor como o aluno se esquivam da percepção sobre seus corpos. Há toda uma tecnologia na utilização e exploração do corpo em sala de aula. Não apenas se concebe por tecnologia o conjunto de equipamentos de natureza externa ao homem e ao seu corpo. Pensar já é uma tecnologia (SIMONDON, 1998).

O mais importante é que o professor possa vivenciar o corpo como uma possibilidade de experimentação e inventividade. Aprende-se com o corpo inteiro e não apenas com a cabeça. Duarte Júnior (2002) vem sinalizando a pertinência de uma educação voltada para uma estética do corpo. Porquanto, os sentidos do corpo são prioritariamente aprendidos como meios aprimorados de técnicas. O corpo constrói repertórios de experiências a partir da imagem que o sujeito relaciona e negocia de si.

É, portanto, ainda indispensável se discutir o papel atribuído ao corpo no processo do ensino-aprendizagem. O professor, o aluno e os seus corpos são partes integrantes da tecnologia do ensino. Alguns questionamentos sobre o papel e a estética do corpo na sala de aula então parecem necessários: Qual o papel do corpo como recurso indispensável na tecnologia do ensino e da aprendizagem? Como tem sido visto pelo professor? Que imagem faz de si mesmo e do seu corpo? Que função atribui à sua dimensão estética? Como dialoga com o corpo que dança?

Apesar de introdutória, nessas questões se desenvolvem uma série de inquietações e de buscas em torno do papel do corpo na sala de aula, no ensino. Talvez elas possam abrir espaços para a inserção de novos olhares sobre o objeto do corpo brincante e político. O que possa parecer um pouco superficial aos olhos de leitores mais exigentes.

---

## **Corpo brincante**

---

A perspectiva de corpo brincante associada às experiências de corpo no ensino, pesquisa e extensão junto a Cia de Dança Beija Fulô do Centro de Extensão e Pesquisa Artístico Cultural – CEPAC/UNEB – Campus XII desde 2004 proporcionou uma fusão de sincretismos e rituais com base em dois aspectos: o corpo e o lúdico.

Elementos estes que transitam em todas as manifestações da cultura popular dos brincantes urbano e rural.

Para um entendimento do Corpo Brincante, considerando um mistério em forma de dança com todo o seu sincretismo e ritual de corpo lúdico, renasce todo o ano em Pernambuco, antes e durante o carnaval, um baque solto de Maracatu Rural também denominada de Maracatu de Orquestra. Ele resgata o folguedo da Zona da Mata, região canavieira de Pernambuco com personagens de carregados trajés, ofuscantes de tanto brilho e cor, vestidos por trabalhadores rurais dos engenhos de cana-de-açúcar, que crescem ao redor das cidades de Nazaré da Mata, Tracunhaém, Timbaúba, Goiana e Carpina. Homens que guardam em seus corpos marcas históricas de suas origens (LEÃO, 2011).

Das manifestações desse homem “brincante”<sup>3</sup> da Zona Rural, de todos os folguedos que percorrem também as ruas de Recife e Olinda e todo o interior de Pernambuco durante a época carnavalesca, o Maracatu Rural tem sido o menos estudado e menos compreendido. Daí a inquietação de conhecer e entender os mistérios em torno dele. O que se percebe é que ele representa a fusão de vários folguedos populares existentes no interior de Pernambuco, oriundas das manifestações sociais da miscigenação do branco, negro e índio, como “exemplo de uma bela dinâmica folclórica” (REAL, 1990)<sup>4</sup>.

Com um conjunto de fatos ou circunstâncias que fazem parte da imaginação popular pernambucana de procedência interiorana, o Maracatu Rural ganhou força e reconhecimento através de seus “Caboclos de Lança” com as ondas migratórias das zonas rurais para as cidades, provocadas pela crise econômica no país no começo dos anos trinta, antes da segunda guerra mundial.

Este folguedo, num contexto histórico, tem presente a mistura de raças representada por “Nações de índios-africanos”<sup>5</sup>. Tal característica pode ser identificada nos brincantes do Maracatu Rural, em especial ao personagem do caboclo de lança. E, para se entender

---

<sup>3</sup> Designação apresentada em Belém do Pará, ao assistente que participa das homenagens às entidades nos cultos afro-brasileiros. De o verbo brincar, significa dançar (Dicionário de Cultos Afro-Brasileiros, 1988, pg.63). Também relacionada aos “Griôs”, que são os mestres da cultura popular.

<sup>4</sup> REAL, Katarina. **O folclore no carnaval do Recife**. 2 ed, Recife: Massangana, FUNDAJ, 1990, p.73.

<sup>5</sup> LUZ, Marco Aurélio. **Do Tronco ao Opa Exim**. Salvador: UFBA, 1993, p.24.

sobre a união deste índio-africano, dois aspectos precisam ser considerados: o significado de “caboclo” e em que circunstâncias ocorreu.

Apesar de “caboclo” ser o termo atribuído ao mestiço de índio e branco, o caboclo de lança apresenta na história o culto aos antepassados do índio e do negro. As circunstâncias em que isso se deu, nos leva à chegada e invasão dos europeus no Brasil, onde as relações entre essas três etnias assumiram conotações bastante distintas. Negros e índios se uniram num novo contexto histórico procurando fugir do flagelo causado pelo colonialismo que procurava tirar as terras dos índios, desculturá-los e reduzi-los à escravidão, impondo-os uma relação que não era mais as suas formas de vida anteriores.

Os negros, apenas sob o ponto de vista jurídico e ideológico, puderam ser compreendidos como escravos. Da sua própria visão, jamais se assumiram nesta condição. Foi por se negarem à condição de escravos, que eles fugiam para os matos, implantando e expandindo as Comunidades Quilombolas, a exemplo do reino negro dos Palmares no Brasil. Os índios que fugiam do litoral para o interior, escondendo-se nas matas em seu habitat natural, logo se juntavam aos negros, criavam seus ritos, crescendo de maneira livre (LEÃO 2011).

A fuga do negro e do índio do jugo do branco, se reunindo nos Palmares, pode determinar manifestações culturais que tomaram maior proporção. É o caso, por exemplo, do sincretismo das expressões religiosas que estão presentes no caboclo de lança pela relação que se deu entre as etnias. Elas passam a ser a expressão viva do sincretismo identificada na tradição das culturas indígena, africana e de uma influência portuguesa.

Alguns exemplos que podem ilustrar e comprovar a presença do sincretismo entre religiões irmãs em outras manifestações de culto dos Orixás *Nagô* ou *Yoruba* é a do Orixá *Oxossi*, de força cósmica que simboliza abundância e o mato. É patrono dos caçadores e, nos cultos de origem Bantu, patrono dos espíritos caboclo. Daí a saudação a essas entidades ser “resultado de uma adaptação da saudação *Okê Oxossi* para *Okê Caboclo*”<sup>6</sup>.

---

<sup>6</sup> FERREIRA, Almiro Miguel (*Xicarangomo*). **Encontro de Nações de Candomblé**. Salvador/BA: 1984 p. 66.

No candomblé de caboclo não tem Oxossi, mas em caboclo existe o nome de Pena Branca, que se diz é Oxossi, porque ele é caçador na aldeia de caboclo, ou seja, “é um rei caçador que veste uma penacha parecendo um índio”<sup>7</sup>. O Orixá Oxossi, filho de Yemanjá na África, era uma divindade do clã de Ogum. Na Umbanda com o título de “Caboclo das Matas”, porque habita as matas, é ligado a Ogum, que segundo os mitos, é seu irmão e, em outros, seu pai. A relação do caboclo de lança com o Orixá Ogum é grande. Ogum é Deus da agricultura, da guerra, da caça, protetor de todos que trabalham em artes manuais e com instrumentos de ferro. É conhecido como o Deus guerreiro.

Situando mais especificamente em nosso tema percebe-se que esses caboclos de lança, caboclos de guiada, lanceiros ou guerreiros de Ogum – Santo Antônio ou São Jorge no sincretismo católico – a guarda real dos reis de Congo, conforme Olímpio Neto (1976), são sem dúvida um produto típico do sincretismo afro-índio do folclore rural canavieiro de Pernambuco que, por força da concentração socioeconômica na capital, hoje esse corpo brincante já está incorporado ao grande arsenal da cultura recifense.

Com sua extraordinária carga de sugestões mágicas, esses “lanceiros de carnaval” desfilam e continuam desfilando pelas ladeiras de Olinda vindo de vários “pontos populares”<sup>8</sup>, muitas vezes percorrendo, andando longos quilômetros do interior à capital. Uma composição fantástica de guerreiro africano e entidade mítica indígena que tanto por parte de quem participa do folguedo quanto por parte dos estudiosos, carece de uma compreensão do seu significado mais profundo, sua razão, seu fim.

Os Caboclos de Lança desfilam em vários grupos de Maracatu Rural recebendo uma ajuda dos diretores que escolhem sempre os mais bonitos, mais vistosos, para sua agremiação. Geralmente, não se sabe ao certo, quantos participarão do grupo antes de iniciar a brincadeira. Chegando os caboclos convidados, juntam-se aos que já estão e, em meio a este encontro a recepção vai acontecendo e a festa

---

<sup>7</sup> Ver NETO, Olímpio Bonald. **Revista Pernambucana de Folclore**. Recife, maio/agosto, 1976, p.24.

<sup>8</sup> Expressão utilizada pelo povo pernambucano para designar localizações onde as pessoas se encontram para diversos fins, inclusive para brincar, divertir-se.

se inicia. Há sempre uma concorrência entre os grupos para se conseguir maior número possível desses caboclos.

Em suas coreografias de movimentos de ataque e defesa representando uma luta com suas lanças de uns dois metros de comprimento com pedaços de fitas pendentes multicoloridas, seguem o ritmo do “*surrão*”<sup>9</sup>, que considero como o símbolo do “*grito organizado*”<sup>10</sup> do caboclo (LEÃO, 2011).

Seu vestuário composto de uma capa bordada, camisa de mangas compridas e cores vivas, calção bufante sobre a calça, sapato tênis e meias-coloridas, na cabeça usam um lenço sobre o qual coloca um chapéu com armação de um funil com tiras de papel de seda colorido, arranjadas como uma cabeleira, é também um produto de interpenetração cultural, com atualizações modernas. Um exemplo é dos óculos escuros, às vezes espelhados, escondendo quase sempre os olhos injetados do “*azougue*”<sup>11</sup>, que junto ao cravo preso aos dentes como preceito mágico, é o “*calço*”<sup>12</sup> de *Yemanjá* depositando a confiança de sua atuação que desperta mistérios até então desconhecidos.

Tenta-se decifrar alguns mistérios através de depoimentos desses brincantes. Esse universo mágico encontrado nesses filhos direto de Ogum possibilita esclarecer o sentido de algumas das credices utilizadas até hoje, como as práticas de “*azougue*”, “*irradiações, preparo ou calços*” presente nas entrevistas, entretanto vêm passando quase despercebidas pelos pesquisadores da cultura popular da população em geral. Acredita-se que essas práticas do azougue, calços, credices, sejam formas que o caboclo encontra para não se inibir com o desconhecido e enfrentar com respeito os desafios que a vida lhe apresenta.

Esses caboclos, na época da festa, saem irradiados por obrigação. Creem em Deus em primeiro lugar, mas acreditam que tem sempre Ogum ao seu lado. São geralmente de terreiros, onde antes de

---

<sup>9</sup> Adereço preso nas costas do caboclo de lança com grandes chocalhos à altura dos rins, coberto com lã de carneiro tingido em cores berrantes ou um tecido atalhado.

<sup>10</sup> Característica que estou atribuindo ao caboclo em função do som produzido pelos chocalhos, fazendo com que se perceba a presença e localização deles.

<sup>11</sup> Dopping Popular (Mistura de limão, pólvora, aguardente e azeite doce em homenagem a Zé Pelintra).

<sup>12</sup> É o ritual de limpeza, a purificação que antecede qualquer ato mágico.

saírem no carnaval vão à casa espiritual pedir proteção ao pai ou mãe de santo para que os guardem nesses dias. Três dias antes e durante esse período carnavalesco, eles não bebem nem podem ter relações carnavais. Durante o carnaval, costumam recolher-se sempre antes da meia-noite, porque acreditam que existam problemas na passagem do dia. É a hora do silêncio, e ultrapassar a meia-noite pode prejudicar a quem não sair com fé em Deus. Passar numa encruzilhada neste horário deve ter certo respeito, é preciso pedir licença para evitar acidentes, uma queda, quebrar uma perna, um encontro com desafeto.

Ainda em relação ao ritual, dois aspectos podem ser abordados: um deles trata-se da encenação que é identificada enquanto “reapresentação do acontecimento” (HUIZINGA, 1980, p.18) que gera um “faz de conta” exterior a vida habitual, e o outro, vem de uma ótica antropológica de Da Matta (1979) para quem a articulação ritual vem provocar um fenômeno de consciência, é o que ele chama de “colocar-se em alerta” percebendo as coisas como sendo sociais podendo adquirir significados. Pois, para Da Matta (1979, p. 13), “Os ritos, enquanto ações substantivamente diferentes, fazem, dizem, revelam, provocam, escondem, armazenam ou expõem coisas diversas, a depender dos contextos e dos atores sociais que os vivenciam”.

No universo das danças populares onde o corpo brincante se expressa, aqui, a exemplo do personagem do caboclo de lança, não está apenas na procura de entendê-lo ou reproduzi-lo, apesar de ele pouco sofrer modificações em sua forma dramática com o passar do tempo. O desejo não é também só de levá-lo aos palcos, salas de aulas e outros territórios com a imitação de sua representação real, tradicional, mas de captar elementos de sua essência apresentada, e expressar através da linguagem abstrata corporal da dança de maneira lúdica, como pode ser visto na contemporaneidade.

Pode-se justificar essa intenção pela identificação que muitos de nós temos com esses caboclos, verdadeiros guerreiros, trabalhadores, que se lançam com liberdade e sem receios na busca do que quer conquistar. Esse misterioso guerreiro de Ogum é o contexto no qual se envolve o militante atual que não esquece suas origens, sua história, seus passos, sua presença no espaço social brasileiro sem se inibir com o novo, com o misterioso, nem se prender a tradições, a limites. Nesse sentido, nele atentamos para o aspecto social quanto ao descaso e conquista pelos quais passou esse corpo

brincante para conseguir seu espaço na sociedade. Digo descaso, porque desde o início de suas primeiras aparições, este grupo de brincantes sofreu fortes “perseguições” por parte da imprensa durante vários anos, considerando-os tudo menos uma “Nação Africana”.

Percebe-se que eles passaram a ganhar força nos meios de comunicação quando em 1963, dois casais da sociedade pernambucana apresentaram-se com fantasias de caboclo de lança e ganharam o primeiro prêmio para o grupo de Baile Municipal do Recife, e novamente no Municipal do Rio de Janeiro e o Copacabana, acrescentando que suas fantasias eram muito menos luxuosas que os trajes dos verdadeiros caboclos de lança. Personagem este, que quando fala ou mostra alguma coisa e não o escutam nem o veem, seu grito assume importante arma de guerra. Mas tem sido um grito organizado, como o representado no surrão e através de sua beleza plástica de forte personalidade.

A importância desse estudo está também em chamar atenção para o descaso com as manifestações culturais populares do corpo brincante e até perseguições que decorrem de uma ausência de sensibilidade política para elementos que são fonte da formação do povo brasileiro. Trazendo, enfim, aos olhos do espectador, na cena contemporânea, essa figura do caboclo de lança como um dos milhares de brincantes que pode vir trazer uma perspectiva que se apropria de sua dramaticidade, plasticidade e riqueza de movimentos num processo de reelaboração de sua imagem através das linguagens coreográficas.

os elementos levantados quando a temática do corpo brincante foi estudada podem ser trabalhados também a partir dos elementos da dança: movimento, espaço, tempo e forma. O que se torna visível artisticamente de um dado fornecido pela temática da dança popular. Penso que a riqueza contida no personagem do caboclo de lança pode ser submetida a novas abordagens estéticas e educativas. Assim, enquanto o brincante comunica o que é, sem que se perca suas características essenciais de suas origens, também expressa, através da linguagem da dança, como o vemos simbolicamente.

A simbologia contida no grito organizado, trabalhada criativamente, pode resultar em “novos” gestos e sinais que, no imaginário do espectador, possa dar margem a diferentes

interpretações, ou dar espaço a imaginação. Até porque, a partir dessas outras interpretações e buscas, a história pode se atualizar, expandir e avançar. Por outro lado, a possibilidade de trabalharmos com códigos mais abstratos, subjetivos, além de facilitar a liberdade de ação e desenvolver a capacidade de criação, viabiliza, também na estrutura aberta, a leitura do espectador enquanto estruturas e processos de produção de diferentes registros de construção de imagens e distintas concepções e experiências do tempo, do ser e da memória no âmbito da ritualidade brasileira, destacando as relações entre corpo, ludicidade, memória, espetacularidades e etnicidades <sup>13</sup>.

Acredito no estudo acadêmico como proposta de criação de elementos que facilite o desenvolvimento consciente de um produto artístico, em especial a dança. Dessa forma podemos assegurar a construção de uma ideia sem que se perca o conteúdo que identifica a linha de trabalho voltada para a tematização. Assim, apesar da liberdade de pensamento e criação que todos nós temos, a proposta de estudos com a utilização de códigos simbólicos, subjetivos, do que algo narrativo seja para um espetáculo artístico ou uma observação ou prática de sala de aula, será sempre um grande desafio. Segundo Bião (2004, p.11), vale então considerar, um olhar etnocenológico de forma a,

Basear seus estudos e ações em objetivos humanistas amplos, que promovam a coesão social e a melhoria da vida humana, individual e em grupo, associando teoria e prática, ação e reação, pronunciamento verbal e escuta, num horizonte que compreenda as mais variadas formas de viver identidades, conviver e produzir sentidos (BIÃO, 2004, p.11).

Procuro então, com estudos como esse garantir no espaço artístico a presença do caboclo de lança como um dos vários brincantes de nossas manifestações culturais materializadas no corpo do brasileiro. Recolocá-lo na cena significa avivar na memória já esquecida sua existência. Ainda que a proposta seja da abordagem artística dos mistérios que o envolvem, dos elementos que o compõem abstratamente trabalhados enquanto corpo que brinca como ser no mundo um corpo político.

---

<sup>13</sup> Ver MARTINS, Leda Maria. **Afrografias da Memória**. São Paulo: Perspectiva. Belo Horizonte: Mazza Edições, 1997.

## Corpo político

---

Como ser no mundo, refletir sobre o corpo político passa por uma espécie de simbiose entre estilo estético e os padrões de condutas corporais, segundo contexto sociocultural específico na sociedade, comunidade local e contemporaneidade. A partir desse enfoque, passo a discutir o papel das artes no corpo enquanto processo educativo, identificando interferências e a maneira como atuam.

Cada vez mais há uma busca de expansão entre fronteiras disciplinares e, nas artes cênicas e na educação física, verifico mudanças entre os diversos gêneros. Acredito que isso acabou por permitir que os criadores passassem a diversificar as suas intervenções. Pois, para Valéria Cano Bravi (1999, p. 17), "A pesquisa busca também reconhecer o corpo e sua fisicalidade como fenômeno de comunicação não só artística, mas como instrumento psicoterapêutico, fisioterapêutico, pedagógico, didático e de socialização".

Um aspecto importante na atualidade com relação ao corpo que dança, que faz atividade física, é a prática mal orientada que poderá danificar a estrutura corporal dos indivíduos, o que torna problemática sua correção ou recuperação. Por isso a responsabilidade dos dinamizadores e políticas públicas que acompanhem essas atividades, principalmente no que diz respeito à saúde e segurança da população.

Dinamizar atividades físicas, quaisquer que sejam, não é reduzir o ensino à mera transmissão de técnicas, imitação motora; apenas criar um corpo mais forte e esbelto, mera ordem do saber e saber fazer. Devem também, quaisquer que sejam as modalidades artísticas, situar-se na ordem do saber ser, na ordem da ética, do conhecimento científico e das orientações morais, afetivas, cognitivas, científicas e sociais.

Profissionalismo e qualidade são os dois conceitos imperiosos hoje, de qualquer profissional. Os dinamizadores de atividades físicas sejam eles provisionados e graduados em Escolas de Ensino Superior, são também promotores do desenvolvimento pessoal e social dos beneficiários.

Para a socióloga Valéria Cano (1999, p.23) é preciso criar a estética de uma nova dança. Questionar determinadas estruturas conceituais de uma obra. Não é questionar as tendências que apareceram e sim um conceito acadêmico e esse movimento reflete também toda uma postura política. Como na proposta da *reinvenção do movimento* que para a autora cabe a seguinte reflexão:

Por exemplo, na França há um questionamento muito grande sobre a escolha dos integrantes dos balés, que ainda segue uma norma rígida. É preciso ter um tipo físico ideal. Para papéis de príncipes e reis não pode ser negro. Esse movimento está atrelado a todos esses questionamentos. E para quebrar um conceito é preciso criar outro (CANO,1999, p.23).

Para falar da cultura do corpo não dá para não falar das técnicas que são empregadas na construção dessa cultura. Para entender melhor uma política de corpo torna-se interessante buscar as práticas corporais que tiveram fonte no oriente, dado o seu período civilizatório, e que foi transformada, transcodificada, atendendo ao interesse de um corpo cênico. Nisso há também a necessidade de estar atendendo à demanda de pessoas que buscam um corpo-saúde no cotidiano, quando se trata de movimento.

Para Roberto Pereira (2004), o desafio ainda é politizar o corpo que dança. Um tratado político sobre a *proxêmica*, a área da antropologia que estuda o uso humano do espaço para fins de comunicação. Como a relação desse espaço com o homem é marcada pela cultura, dança e política pode, a uma só vez, ser vista como interfaces dessa relação.

O corpo político tem como desafio colocar uma questão para o mundo, sendo ao mesmo tempo mídia dessa questão. Quanto mais se modula essa condição de mídia, em cena, esse corpo se aproxima mais das linguagens que dele se avizinham. Para a *proxêmica*, a distância íntima, designa a proximidade da presença do outro, fazendo com que os sentidos se agucem para dar conta de uma relação ao mesmo tempo tão física e tão invasora. Essa distância íntima, (re)inaugurada entre performer e público, tornou-se o palco de grande parte da programação dos festivais. E acabou se sobrepondo, de forma ainda incipiente, ao desafio de se construir no corpo uma ideia norteadora, um território, em que esse público tenha espaço para lê-lo. Espaço denominado formação de público.

Na verdade, toda essa corrente, por vezes tão maneirista, que lança mão da performance e investe, sobretudo na cena (e na preferência pelo uso de espaços não tradicionais nas cidades) e nos objetos cênicos (sempre em excesso, quase denunciando a incapacidade de traduzi-los no corpo) pode ser vista, no caso específico do Rio de Janeiro, como um sintoma do que o próprio Panorama RioArte de Dança vem disseminando ao longo principalmente dos últimos quatro anos. Um festival é uma lupa que revela o que se produz e como essa produção traz consigo marcas de seu ambiente, identidade e memória enquanto matéria-prima apresentada.

Como exemplo de trabalhos enfocando o tema aqui apresentado, o Samba do crioulo doido, de Luiz de Abreu, Elemento Bruto e Raio X, da Membros Companhia de Dança, e *Les morts pudiques*, de Rachid Ouramdane, têm em comum o embate político no corpo que dança, desafio nada fácil e que não se maquia de performance para chegar ao ponto. Uma dança que funciona quase como um bisturi afiado que nos revela onde está a questão, perseguindo-a, perscrutando-a. O novo, todos sabem, pode estar também no lugar do tradicional, corrompendo-o sutil e sabiamente.

É importante trazer nos eventos, nas produções de grupos de pesquisa e extensão uma construção que não tem um fim, mas funciona como índice de rotas, como estruturas de investigação, como mapas de ideias. Assim como na ciência, métodos que ajudam a revelar podem ser mais úteis do que aquilo que foi revelado. Em contraposição a iniciativas como essa, um corpo político que diminui recursos.

Acredito na reflexão que tenta apontar outros caminhos de entendimento do corpo na educação, a partir de uma atitude que busca superar o instrumentalismo e ampliar as referências educativas, ao considerar a fenomenologia do corpo, e sua relação com o conhecimento sensível, como aquela capaz de amplificar a textura corpórea dos processos de conhecimento seja no mundo natural ou biológico, seja no mundo cultural ou social.

Considerando a experiência do corpo na dança butô, baseado nos parâmetros dos estudos de Terezinha Tibúrcio (2004) para pensar a educação, relacionados à experiência estética. Dentre eles destacamos: a plasticidade do corpo, a produção incessante de ressignificações, a abertura à inovação, a condição mutante, a ruptura

com a mecanização gestual, a não dissociação entre homem e mundo, pensamento e sentimento. Esses aspectos que dialogam saberes e práticas, integrativos e criativos do corpo, são indicadores enquanto instrumentos na educação, por tratar-se de uma nova possibilidade de leitura do real, a partir da linguagem do gesto.

O corpo aqui se destaca como condição ontológica e epistemológica de o homem ser e estar no mundo. O corpo é afirmação da existência do ser. É como corpo, como sujeito encarnado que ligado ao mundo, que nele vivido e situado, que conhecido (FREIRE, 1991). É como corpo que me movo no mundo e que lhe atribuo sentidos. Essa projeção do corpo no mundo é de natureza sensível, dá-se por uma mobilização que, de uma só vez, num só instante, me coloca em aderência com o objeto de corpo submisso a corpo militante. Este último não apenas como denunciador, mas também propositivo.

Esse corpo que conhece e que é condição de existência não cria hierarquias entre o pensar e o sentir, não os dicotomiza. É essa a noção de corporeidade que permeia várias das obras de Merleau-Ponty (1980; 1992; 1994), segundo a qual se configura a tese do corpo fenomenológico e seu trânsito entre sujeito e objeto, natureza e cultura. Sendo assim, é na proposição de que somos corpos, em que essa seja a nossa forma de ser e nos relacionar no mundo, também proponho uma incursão por esses contornos fluidos que se desenham no espaço e tempo dos corpos, elementos epistemológicos, éticos e estéticos.

Adentrar esses contornos, que se revelam na gestualidade dessa dança, é considerar o saber integrativo que é próprio do corpo, o seu saber não fragmentado, que imbrica a parte no todo, a razão na emoção, a natureza na cultura. É considerar que esse corpo revela uma beleza que rompe com a mecanização gestual, isso porque há uma experiência de indivisibilidade entre a percepção e o pensamento. Tal fenômeno é compreensível por meio da ontologia do ser selvagem, proposta por Merleau-Ponty, expressa por meio da obra de arte.

Ao refletir sobre a obra de arte e a filosofia, Marilena Chauí (2002) discute a questão da criação como possibilidade de desfazer as amarras da tradição. Apoiando-se nas notas de trabalho do visível e o invisível, a filósofa retoma a ideia de diálogo entre saberes filosófico e artístico, pois em ambos se exige criação.

Não se trata da repetição em si, mas se esses trabalhos são criadores é justamente porque tateiam em redor de uma intenção de exprimir alguma coisa para a qual não possuem modelo que lhes garanta o acesso ao Ser, pois “é sua ação que abre a via de acesso para o contato pelo qual pode haver experiência do Ser” (CHAUÍ, 2002, p. 152).

A experiência do corpo político é criação, origem e Ser: “O Espírito Selvagem é atividade nascida de uma força — ‘eu quero’, ‘eu posso’ e de uma carência ou lacuna que exigem preenchimento significativo” (CHAUÍ, 2002, p. 153). Nesse movimento, o trabalho do artista e o trabalho do filósofo podem ser realizados, em uma não divisão entre sujeito e objeto, percepção e pensamento, como Ser Bruto.

Essa comunicação entre o Espírito Selvagem e Ser Bruto constitui a natureza, a carne do nosso corpo, não se resumindo à mecanização dos músculos, gestos, movimentos. Esse enlace entre obra de arte e filosofia selvagem pode permitir ampliar os espaços de comunicação da experiência do corpo, da experiência estética no campo da educação, ao abrir espaço para que o corpo possa ser experienciado, não se fixando em formas pré-estabelecidas ou em um padrão de temporalidade. A beleza na dança pode então se revelar nessa dimensão sensível do corpo, que é ao mesmo tempo ética e estética e que é capaz de religar o homem ao mundo da cultura e ao Ser Selvagem, Ser Bruto, ser da indivisão e da práxis (TIBÚRCIO, 2004).

A dimensão sensível do corpo não se opõe à razão, mas opera por uma lógica presencial, dialógica, que une saberes, práticas, atitudes, valores, modos de ser, de fazer e de viver, articulando as antinomias (contradição entre duas leis ou princípios). É uma razão que admite as incertezas e as contradições. É uma razão aberta, que abarca estratégias diversas de reflexão da realidade, como o pensamento mítico e a arte, por exemplo. É uma razão que rompe com a racionalização, que opera pela disjunção e especialização fechada e que ainda se insere em grande parte na cultura científica e técnica, pautando-se na disciplinarização do conhecimento, traduzindo uma forma de pensar unidimensional que não considera as relações entre o todo e as partes, reduzindo-as e simplificando-as dentro de uma única perspectiva. Esse tipo de pensar está infiltrado de forma considerável no campo da educação, ensinando-nos a “separar, compartimentar, isolar, e não a unir os conhecimentos” (MORIN, 2000, p. 42).

É, pois, essa racionalidade aberta que move o corpo político e se funda em itinerários mítico-imaginários, restaurando o sentimento de religião do humano e sua condição corpórea, de religião dos saberes, de religião entre o homem e o cosmos. Tal sentimento é importante para pensar em uma educação que, seja como campo produtor de saberes e de aprendizado da cultura, seja como campo de aprendizagem das relações de convivência entre os sujeitos e de posicionamentos diante do mundo, que em uma dimensão política possa ressignificar a cultura e fazer rever os valores e as relações sociais estabelecidas. E faça também com que o elo entre o ser humano, seu corpo, o corpo do outro e os processos de conhecimento se concretizem.

### **Considerações finais**

---

A proposta inicial não foi a de estabelecer uma discussão aprofundada sobre o tema. Apenas, quero registrar a importância dessas reflexões para o professor, especialmente se ele der continuidade em busca de uma educação mais radicalmente crítica, repensada e refletida no corpo brincante e político na dimensão histórico-cultural.

Estudos como este vem garantir no espaço artístico a presença do brincante de nossas manifestações culturais materializadas no corpo do brasileiro a exemplo do Caboclo de Lança. Recoloca-lo na cena contemporânea significa avivar na memória já esquecida sua existência. Ainda que a proposta seja da abordagem artística dos mistérios que o envolve, dos elementos que o compõem abstratamente trabalhados enquanto corpo que brinca como ser no mundo.

E, como estou transitando no território da cultura popular, Hall (2003) traz uma desconstrução desse “popular” que é associada às questões de tradição, de classe, como um estrato “autêntico” e “autônomo” tão difundido pela sociedade. A perspectiva é de compreendê-la ou considerá-la a partir de um novo viés trazendo sobre a ideia de periodização e as considerações inerentes a determinadas épocas o popular, a interpretação do que seja tradição e classe social. É preciso entender que não existe uma cultura popular íntegra, fora do campo de força das relações de poder e de dominações culturais.

Pensar uma educação nessa perspectiva é incorporar aos saberes educativos um tipo de conhecimento mais integrativo, que dialoga com a ciência, com a arte, com a política e com o mito, acolhendo dessa maneira o belo, o criativo e o inusitado, que parecem estar presentes, por exemplo, nas danças. Onde esta possa vir a questionar o corpo como um instrumento afirmando-o como um processo, como condição de existência de um corpo em crise, que tenta dissolver constantemente as sedimentações que nele estão acumuladas.

## Referências

---

ANDRADE, Mário de. (Org. Oneida Alvarenga). **Danças Dramáticas do Brasil**. 2 ed: Belo Horizonte: Itatiaia, Fundação Nacional Pró-Memória, 1982.

ARAÚJO, H. de. (Org.) **Tecnociência e cultura**: ensaios sobre o tempo presente. São Paulo: Estação Liberdade, 1998.

BENJAMIN, Roberto. **Folguedos e danças de Pernambuco**. 2 ed, Recife: Fundação de Cultura Cidade do Recife, 1989.

\_\_\_\_\_. (Org. Américo Pellegrini Filho). **Maracatu Rural**: Antologia do Folclore Brasileiro. Recife: EDART, 1976.

\_\_\_\_\_. **Maracatus Rurais**. Centro de Estudos Folclóricos do Recife, 1975. (Folclore 12)

BIÃO, Armindo. Uma encruzilhada chamada Bahia. **Revista Eletrônica da Bahia**. Disponível em: [www.fundacaocultural.ba.gov.br/04/revista/folguedos](http://www.fundacaocultural.ba.gov.br/04/revista/folguedos), 2004. Acessado em 19.fev.2007.

BOSI, Alfredo. **Dialética da colonização**. São Paulo: Companhia das Letras, 1992. p.308-345: (Cultura brasileira e culturas brasileiras).

BRAUDRILLARD, J. **A arte da desapareição**. Trad. Anamaria Skinner. Rio de Janeiro: UFRJ, 1997. (Núcleo de Tecnologia da Imagem)

BRAVI, Valéria Cano. **A reinvenção do movimento**. 1999. Disponível em: <<http://www.usp.br> - Box especial. Acessado em: 03.jul.05 (Dissertação de Mestrado em Antropologia).

CACCIATORE, Olga Gudolle. **Dicionário de Cultos Afro-Brasileiros**. 3 ed revisada, Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1988.

CASCUDO, Câmara. **Dicionário do Folclore Brasileiro**. Rio de Janeiro: Ediouro, 1982.

CELESTE, Mirian. **O que vemos com um olhar estrangeiro?** Texto da Profa. Dra. Mirian Celeste Martins escrito como memória e ampliação da palestra e da oficina que ministrou no 16º Encontro Nacional da Rede Arte na Escola, em Pelotas (RS), em novembro de 2002.

CHAUÍ, Marilena. **Experiência de pensamento**: ensaios sobre a obra de Merleau-Ponty. São Paulo: Martins Fontes, 2002.

COHEN, R. **A performance como linguagem**: criação de um tempo-espaço de experimentação. São Paulo: Perspectiva: Universidade de São Paulo, 1989. (Debates 219)

COUTO, E.S. **O homem satélite**: Estética e mutações do corpo na sociedade tecnológica. Ijuí (RS): Unijuí, 2000.

DEBORD, Guy. **Considerações sobre a Sociedade do Espetáculo**. In: A Sociedade do Espetáculo. Rio de Janeiro: Contraponto, 1997.

FAHLBUSCH, Hannelore. **Dança Moderna – Contemporânea**. Rio de Janeiro: Sprint, 1990.

FERREIRA, Almiro Miguel. **Palestra registrada no Encontro de Nações-de-Candomblés**. Salvador: Co-edição IANANÁ e UFBA, Centro de Estudos Afro-Orientais, Centro Editorial e Didático, 1984.

FREIRE, Paulo. **Educação como prática da liberdade**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1991.

GONZALÉZ, Lélia. **Festas populares no Brasil**. 2 ed, São Paulo: Index Ltda, 1989.

HALL, Stuart. A questão multicultural. In: SOVIK, Liv (Org.). **Da Diáspora: Identidades e Mediações Culturais**. Trad. Adelaine La Guardiã Resende. Belo Horizonte: Editora UFMG; Brasília: Representação da Unesco no Brasil, 2003, p. 51-100.

\_\_\_\_\_. Notas sobre a desconstrução do “popular”. In: SOVIK, Liv (Org.). **Da Diáspora: Identidades e Mediações Culturais**. Trad. Adelaine La Guardiã Resende. Belo Horizonte: Editora UFMG; Brasília: Representação da Unesco no Brasil, 2003.

\_\_\_\_\_. Teorias da Recepção. In: SOVIK, Liv (Org.). **Da Diáspora: Identidades e Mediações Culturais**. Trad. Adelaine La Guardiã Resende. Belo Horizonte: Editora UFMG; Brasília: Representação da Unesco no Brasil, 2003.

HUIZINGA, Joahan. **Homo Ludens: o jogo como elemento da cultura**. São Paulo: Perspectiva, 1980.

LABAN, Rudolf. (Org. Lisa Ullmam). **Domínio do Movimento**. 2ª edição, Rio de Janeiro: SUMMUS, 1978.

LEÃO, José Antonio C. **Caboclo de Lança, um mistério em forma de dança**. Projeto de montagem coreográfica apresentado ao Departamento de Teoria e Criação Coreográfica na disciplina de Metodologia da Pesquisa Coreográfica do Curso de Especialização em Coreografia em nível de Pós-Graduação pela Escola de Dança/UFBA, 1993.

\_\_\_\_\_. **Saber Brincante: Cosmovisão e ancestralidade como processo educativo**. Salvador: Repositório UFBA, 2011 (Tese de Doutorado em Educação).

LÈVY, P. **Cibercultura**. Trad. Carlos Irineu da Costa. São Paulo: Ed. 34, 1999.

LUZ, Marco Aurélio. **Do Tronco ao Opa Exim**. Salvador: UFBA, 1993.

MARTINS, Leda Maria. **Afrografias da Memória**. São Paulo: Perspectiva. Belo Horizonte: Mazza Edições, 1997.

MATTA, Roberto da. **Carnavais, Malandros e Heróis**: para uma sociologia do dilema brasileiro. Rio de Janeiro: Zahar, 1979.

MERLEAU-PONTY, M. **O olho e o espírito**. In: MERLEAU-PONTY, M. Textos escolhidos. Seleção, tradução e notas de Marilena Chauí. São Paulo: Abril Cultural, 1980. (Coleção Os pensadores)

\_\_\_\_\_. **Fenomenologia da percepção**. São Paulo: Martins Fontes, 1994.

\_\_\_\_\_. **O visível e o invisível**. São Paulo: Perspectiva, 1992.

MORIN, E. **Os sete saberes necessários à educação do futuro**. São Paulo: Cortez/ Brasília: UNESCO, 2000.

NETO, Olímpio Bonald. Caboclos de Lança – Os guerreiros de Ogum. **Revista Pernambucana de Folclore**. Gráfica Caxangá, Recife, 1976, p.23-30.

NÓBREGA, T. P. **Para uma teoria da corporeidade**: um diálogo com Merleau-Ponty e o pensamento complexo. 1999. (Tese de Doutorado em Educação) - UNIMEP, Piracicaba, 1999.

PEIXE, Mestre César Guerra. **Maracatu do Recife**. Coleção Recife XIV, São Paulo: Irmãos Vitale, 1955.

PEREIRA, Roberto. **O desafio ainda é politizar o corpo que dança**. Novembro, 2004.

PRADO, Ricardo Chaves. No Baque Solto do Maracatu Rural. **Revista Horizonte Geográfico**, Ano 5 n° 24, editora AUDICROMO setembro/outubro de 1992, p.30-36.

REAL, Katarina. **O folclore no carnaval do Recife**. 2ª edição, Recife: Massangana, FUNDAJ, 1990.

**Revista CONFEF**, Ano 1, n° 02, março / 2002. Dança: atividade física e arte em harmonia.

ROBATTO, Lia. Um olhar sobre a cultura brasileira. **Revista Artes Cênicas / Dança**, 2001.

SANTIN, Silvino. **Educação Física – Uma abordagem filosófica da corporeidade**. Ijuí, RGS: UNIJUI, 1987.

SANTOS, Inaicyr Falcão dos. **Ainda não temos uma dança brasileira**. In: OLVIVERA, Nadir Nóbrega. *Da Afro: Sincretismo de movimentos*. Salvador: UFBA, 1991.

SOUZA, Antonio Vital Menezes de. **Corpo em cena: educação, estética e debates contemporâneos**. Psicopedagogia on Line / Publicado em 11 dez 2003.

TIBÚRCIO, Terezinha Petrucia da Nóbrega e Larissa Kelly de O. M. A experiência do corpo na dança butô: indicadores para pensar a educação. Universidade Federal do Rio Grande do Norte. **Revista Educação e Pesquisa**, São Paulo, v.30, n.3, p. 461-468, set./dez. 2004.

VALLE, Christina. Folguedos – A Cultura e o Lúdico. In: **Revista da Bahia**, V.32, nº38 “Folguedos – Artes, bens, dramas, brincadeiras, representações, tradições vivas”. maio de 2004, p. 13.

VARGAS, Ângelo L. S. Movimento e Gestualidade: a fala simbólica do corpo social. **Revista do CONFEF**, Ano 1, nº 01, p.29 – 32, dez 2001.

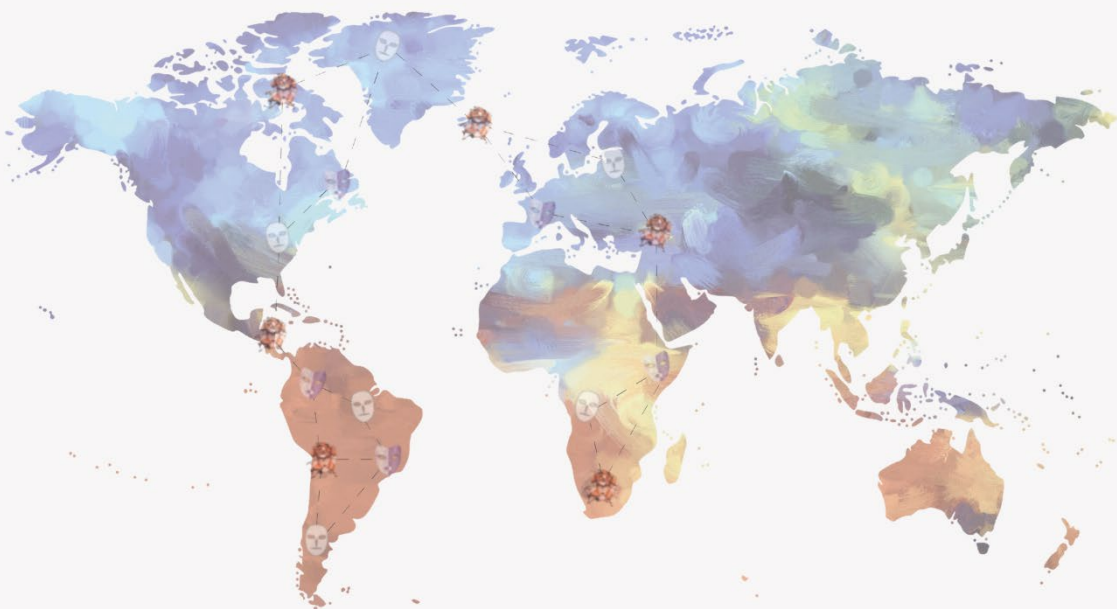
# Metodologia brincante e Tecnologias Digitais: o RedePub em movimento de processos formativos

*José Antonio Carneiro Leão*



10.47247/JLC/88471.54.8.3

\*disponível em: <https://m.youtube.com/watch?v=sEEhrBw6RJI>



Quero agradecer o convite do Grupo de Pesquisa Ensino de Aprendizagem de Línguas com Tecnologias Digitais – TECLÉ / UFBA, pela possibilidade de poder compartilhar desse momento de seu I Seminário, numa parceria que se forma com o Grupo de Pesquisa Geotecnologias, Educação e Contemporaneidade (GEOTEC/UNEB). Essa é uma “Andança Pedagógica”, na perspectiva do meu contemporâneo Paulo Freire e do Moacir Gadotti, na qual denominei de Itinerância do Compromisso Político no Ato Pedagógico com estudos compartilhados em nosso percurso de vida.

Para iniciarmos a nossa intervenção é preciso dizer que os desafios do século XXI, em que envolvem integração social e sustentabilidade implicam em alguns conceitos básicos utilizados aqui como provocação: **Movimento**; **Linguagens** (Com foco nas Geotecnológicas, na perspectiva do plurilinguismo); **Práticas de Formação e Gestão**. O olhar desses conceitos se articulam no contexto da história e memória de processos tecnológicos (*Tecné*) em ambientes educativos que nos levou à metodologia brincante nesses últimos 06 (seis) anos, no Projeto Articular RedePub: História e Memória em redes de espaços públicos educativos na Bahia, do Grupo de Pesquisa GEOTEC.

O conceito de **geotecnologias** para o GEOTEC, implica no mundo material e imaterial, ligado ao local, suas ressonâncias contextuais históricas, de memória, de educação, em que as linguagens utilizadas se entrecruzam tecendo vias produtivas de imbricamento cultural entre os povos. Elas podem ser lidas através de: mapas, cartografias, corpografias (JACQUES, 2008), infográficos, poéticas imagéticas, memoriais, portfólios, cartilhas, *web art*, fluxogramas, organogramas, *games*, observatórios, *cards*, roteiros, trilhas, tutoriais, maquetes, protocolos, interfaces, itinerários, poesias, paródias, intertextos... Sendo assim, as geotecnologias tratadas aqui correspondem a processos humanos que permitem utilizar diferentes técnicas, em que os sujeitos adotam para conhecer, apresentar e estudar os espaços da terra. Elas se configuram como linguagens tecnológicas digitais e analógicas capazes de tecer diferentes caminhos que constituem o espaço vivido dos sujeitos (HETKOVISK, 2016).

Para Freire (2008), o primeiro livro de leitura dos sujeitos é o próprio mundo, essa leitura torna-se um constante desafio de construções individuais e coletivas de processos tecnológicos de inovação educativa nos percursos de diferentes leituras – seus

multiletramentos. Pois, os discursos polifônicos que proporcionam habilidades de leituras críticas e de produções são consequências de mentalidades de utilização das tecnologias. O multiletramento mediado pelas Tecnologias Digitais da Informação e Comunicação (TDIC) é diretamente impactado pela cultura da participação (obter, analisar, remixar e redistribuir informações). A multilinguagem, ou seja, diferentes possibilidades de comunicação, tem restrito muito a promoção da comunicação multilíngue. Essa demanda tem sido um desafio para muitos ao se falar de letramento digital (COSCARELLI, 2016). No mundo do labirinto das informações a navegação necessita de um corpo crítico e ético para a sistematização das redes de comportamento (Redes Sociais).

Para Rojo (2018), uma boa mediação são protótipos (Sequência didática sobre diferentes gêneros, *links* didáticos de prévia escolha, um livro didático de navegação). Portanto, curadoria prévia para os cuidados tomados na livre navegação dos corpos. Essa performance consiste em horas de preparação, que vão além dos repositórios que não constam a interação e a colaboração.

A formação profissional precisa ter em seus currículos a inclusão para as discussões, condução para o estudo dos multiletramentos que abordem produções performáticas. Uma cultura remix de recriar, trazer novas ideias, qualidades, ideologias, disparadoras de memórias ressignificadas no corpo. Para Nora (1993, p. 1), é: “O arrancar do que ainda sobrou de vivido no calor da tradição, no mutismo do costume, na repetição do ancestral, sob o impulso de um sentimento histórico profundo”. Pois para ele o olhar pelos lugares onde a memória se cristaliza e se refugia, está no momento particular histórico das ocorrências incorporadas no tempo presente vivido, que trazemos ressignificada ao momento atual.

É nesse fluxo que vou provocar os atentos a essa intervenção com **três questões básicas**: 1) O que é o RedePub e qual sua perspectiva de Movimento? 2) Quais seriam as implicações dos paradigmas da informação e da incorporação do uso das linguagens geotecnológicas aos processos educativos digitais? 3) Como pensar a formação e gestão profissional para a prática de processos formativos na perspectiva do plurilinguismo, em uma sociedade da informação e do conhecimento no mundo digital?

## 1 - O que é o RedePub e qual sua perspectiva de Movimento?

Essa questão nos leva para um produto que foi construído a partir da potencialização dos estudos do GEOTEC, que surgiu em 2007 na Pós-Graduação em Educação e Contemporaneidade (PPGEduc), e depois vinculando-se ao CNPq em 2011, também ao Mestrado Profissional Gestão e Tecnologias Aplicadas à Educação (GESTEC), da Universidade do Estado da Bahia (UNEB). Os principais objetivos das pesquisas e discussões do GEOTEC estão associados ao desenvolvimento da ciência e das tecnologias nas escolas, evidenciando as potencialidades das TDIC e os seus redimensionamentos em ampliar a relação entre a Universidade, a Escola e a Comunidade. Para tanto, o ambiente de itinerário do grupo encontra-se integrado entre três grandes Projetos Articuladores: A rádio da escola na escola da rádio: registro e difusão de conhecimentos sobre os espaços da cidade de Salvador/BA, numa educação científica com **alunos da educação básica**; K-Lab: Laboratório de Projetos e Processos Educacionais e Tecnológicos, oriundo do projeto “*Kimera: cidades imaginárias*”, com ações voltadas para **alunos e professores**; e o terceiro iniciado a partir do Projeto “RedePub: Memória das Escolas da Rede Pública de Ensino”, como produto de dissertação de mestrado, e que foi redimensionado desde 2016 ao Projeto RedePub: História e Memória em redes de espaços públicos educativos, com foco na **formação de educadores** (Gestores, professores, coordenadores, agentes comunitários, dentre outros).

O Projeto Articulador RedePub tem como objetivo desenvolver ações aplicadas à valorização, preservação, organização, visibilidade que ocorrem em espaços públicos educativos como: Escolas Públicas (EP-RedePub); Universidades Públicas (UP-RedePub); e, Ambientes Comunitários (AC-RedePub), a partir de sua história e memória em processos formativos (RedeForM) e de práticas e inovações tecnológicas da Gestão (GesPub), manifestações culturais, patrimônio de História local e regional, o que vem a contribuir para promover a difusão do conhecimento. Para isso se utiliza das linguagens geotecnológicas (imagéticas, audiovisuais, iconográficas, digitais, artísticas, textuais, corporais) no âmbito do contexto socioespacial, de perspectiva antropológica, participativa-colaborativa, numa convergência entre instituições educativas em rede pública. Os recortes do Tecido sociocultural são potencializados pelo redimensionamento das TDIC, contribuindo diretamente com

ações engajadas, suscitando proposições de inovação em rede, para se pensar políticas públicas.

Para Eunice Mussoi; Maria Flores; Patrícia Behar (2007, p. 1-2),

As primeiras comunidades surgiram para garantir a vida, a autopreservação dos indivíduos. Para sua permanência, ao longo do tempo, estes grupos humanos estabeleceram formas de se expressar, valores morais e culturais compatíveis com cada época. A escrita, como forma de comunicação, surgiu para preservar e perpetuar a cultura e os valores do ser humano. O modo de comunicação define a identidade do indivíduo, do grupo ou de uma nação. Com o passar dos anos, com os avanços tecnológicos, com a globalização, surgem novas formas de comunicação e transmissão cultural, como por exemplo: o jornal, os livros, o rádio, as revistas, a televisão, o computador, os satélites, a Internet e o e-mail. A década de 80 foi caracterizada pela popularização do computador pessoal. Com o advento da Internet e suas ferramentas de comunicação e interação, o computador pessoal foi substituído pelo computador coletivo, interligado através de um sistema de rede, assim se estabelece a era da comunicação digital. Estas novas tecnologias facilitaram a constituição de grupos de sujeitos ligados por vínculos não formalizados, os quais tinham características comuns, formando as comunidades virtuais (BEHAR; FLORES; MUSSOI, 2007, p. 1-2).

Nesse caminho a ideia de MOVIMENTO que trago ao Projeto RedePub aqui, tem uma conotação baseada em percursos focados em observatórios e multiletramentos, em trilhas brincantes, em educação continuada, no trânsito dos entrelugares em que os processos educativos ocorrem. Para isso denominei em minha tese de **processo móvel de inventário participativo do ser humano**, que ganham visibilidade através das ações no cotidiano e nas ações dramáticas produzidas de maneira singular e plural. O que em dois conceitos - **Transitório** e **Permanente** – são atribuídos ao campo educativo pelo pesquisador Neidson Rodrigues (1992).

Ao Movimento Educativo do primeiro (Transitório), a ideia que corresponde ao corpo bruto ou só culto, o corpo submetido ou manipulado, regido pelas leis, opiniões e costumes dominantes dados por uma cultura oficial. Um estado educativo engessado à espera de novas reconfigurações, reinterpretações. Já ao segundo

(Permanente), a ideia de movimento apresenta o estado educativo em devir, o corpo político, de saber brincante que rejeita relações de opressão, crítico, regido pelo livre arbítrio, que aprendeu e vive aprendendo estratégias de persistência, camuflando-se quando necessário, com suas paródias, ressignificações, desafios.

É nesse processo entre o transitório e o permanente que se dá a metodologia brincante, com seu arsenal do qual compreende um planejar, analisar e concluir. Numa trajetória constituída da tríade de dimensão: educativa (Cosmovisão de **PERCURSO** em princípio organizativo, para a produção de saberes em diversidade – como todos passam); comunicativa (Ancestralidade de **OCORRÊNCIAS** com as ritualidades de princípios construtivos etno e netgráficos, colaborativos, brincolagens, fenomenológicos – como alguns percebem); e, lúdica (Saber brincante **INCORPORADOS** com as instabilidades de princípio intermediativo e singular de cada agente social envolvido – como nenhum, pois é única, individualizada). Trata-se de um movimento de pesquisa a partir do corpo casa, em trilhas multissensoriais lançadas pelas janelas para o mundo – nossos órgãos dos sentidos, que ora se perde e se acha nos encantamentos e desencantamentos sociais (LEÃO, 2011).

## 2 - Quais seriam as implicações dos paradigmas da informação e da incorporação do uso das linguagens geotecnológicas aos processos educativos digitais?

Essa questão nos leva para o pressuposto das implicações estarem na formação da **cultura educativa local** (conjunto de valores, sentimentos, significados, práticas, rituais, crenças, modos, hábitos, expectativas e concepções compartilhados pelos membros da comunidade) e o que isso pode gerar como processo para a sociedade. Portanto, os seguintes paradigmas:

- Os conceituais dos sistemas de crenças do **perfil produtivo e tecnológico das sociedades** (Diagnóstico, judicativo e teleológico, comunidades e seus protocolos criados);
- O **analfabetismo tecnológico** (TIC presenciais e virtuais; corporais dos órgãos dos sentidos e ampliações do corpo). São os ditos: “**Estrangeiros**”, que se refere à geração de pessoas nascidas no período anterior à proliferação das TICs e que ainda não se apropriaram do seu uso no cotidiano; e, os

“**Migrantes**”, que diz respeito àquela geração de pessoas que, como as primeiras, nasceram em período anterior à sua proliferação, mas têm, contudo, se apropriado do seu uso no cotidiano;

- **Ead:** o ensino para muitos ou como muitos na cultura escolar SEM distância (Romero TORI, 2017);
- Estratégia promissora à **indução** da cultura de **trabalho docente colaborativo**. Uma exigência, uma necessidade, um desafio e uma possibilidade de superação da transitoriedade das soluções até então propostas e aplicadas ao enfrentamento das demandas prementes no campo educativo (Cuidado com a perspectiva salvacionista).

Um aspecto a se considerar é que as Tecnologias Digitais da Informação e Comunicação (**TDICs**) na educação, também são compreendidas como **materiais didáticos de apoio**. Elas possuem uma função mediadora de contribuir para alterar inclusive as relações entre os sujeitos e as relações espaço-temporais. No caso da gestão em ambientes educativos, que elas se ampliem além da tecnologia *moodle* (As formas de gestão, comportamento organizacional, comunicação organizacional, *marketing*, dentre outros). Uma boa leitura é a Gestão da Emoção (Augusto CURY, 2015), crescendo com a crise (Dos desafios, guerras, desgovernos...).

Segundo **Esteves** (2006), o **progresso** das TDICs consolidou a interação entre informação e usuários em abrangência global, através das redes, envolvendo o mundo em uma nova estrutura de relações sociais, econômicas e culturais, marcada pela complexa gestão posta e veloz. Pois a informação é um recurso vital em todas as organizações, tendo influência em muitos aspectos do negócio e da própria sobrevivência delas.

Como **material didático de apoio**, as TDICs têm como foco principal o PÚBLICO a que se destina. Nesse processo se compreende diversas funções, como: criação de roteiros; seleção de conteúdos e recursos gráficos; desenvolvimento da estrutura do material, com a definição de sequências e apresentação de atividades; elaboração de associações entre conteúdos; adequação de conteúdos e propostas de avaliação ao curso e ao perfil do público-beneficiado.

### **3 - Como pensar a formação e gestão profissional para a prática de processos formativos na perspectiva do plurilinguismo, em uma sociedade da informação e do conhecimento no mundo digital?**

---

Já essa última questão nos leva para o pressuposto de que as Georreferências, as geotecnologias com suas linguagens multireferenciais de dinâmicas colaborativas (textual, imagética - iconográfica, corporal, audiovisual, digital) nos espaços públicos educativos (escolas, universidades e comunidades), possam ser construções de ambientes para socializar informação e conhecimento configurando e reconfigurando no ambiente educativo, em redes de conexões. Para Martinho (2003, s/p), “fazer conexões é o mesmo que construir vias de comunicação” entre pessoas e instituições. Para este mesmo autor, a vida em rede de conexões, ocorre para além das estratégias de massificação mercadológicas acrítica encontradas em redes de internet usuais (*Orkut, Facebook, Twitter*, dentre outras), atenta a diversidade de perspectivas que o conceito de rede enseja e agencia em seus diferentes espaços territoriais-geográficos.

Na tríade do território-geografia-espaço, para Milton Santos (1996, p. 51), “a configuração territorial, ou configuração geográfica, tem, pois, uma existência material própria, mas sua existência social, isto é, sua existência real, somente lhe é dada pelo fato das relações sociais”. Estas são formadas por sujeitos que possuem história e lugar de fala – o que estamos chamando aqui de agentes performativos da cena contemporânea. Ainda segundo Santos (1996), há três modos de agir, de se apropriar do espaço, a saber: o agir técnico, o agir formal (Institucionalizado) e o agir simbólico.

[...] O primeiro diz respeito a todo e qualquer fenômeno técnico (materialidades, intencionalidades, circulação, trabalho e formas usadas, ou seja, técnicas e tecnologias existentes na totalidade); já o agir formal engloba as esferas jurídicas, as leis e as normas, ou seja, espaço como produto e condicionante da reprodução da sociedade, das relações sociais que se manifestam na prática socioespacial; o agir simbólico onde o espaço construído é modificado nas ações cotidianas, no uso e na apropriação que dele se faz e, ao mesmo tempo, o espaço influenciando essa cotidianidade (SANTOS, 1996, p. 67).

As técnicas, práticas, processos tecnológicos de dinâmicas socioespaciais, seja cartográfica, corpográfica de tríade PERCORRIDA, OCORRIDA e INCORPORADA, permitem a mediação do sentido do lugar (entre o visto e o registrado), do ESPAÇO (entre o real e o virtual ou visto e o sentido) e do LOCAL (entre o dentro e o fora), com significados, desejos, políticas públicas, direitos e deveres, observados **entre**: processos convencionais (simbólicos) e de convergências; os tempos suspensos dos mapas (de representação interna) e trilhas (de apresentação corporificada pela georreferencia); a realidade dos territórios (eu e o outro) e fronteiras (eu no mundo).

É nesse caminhar entre o emissor e o receptor da mensagem que está a informação e comunicação com seus instrumentos de encantamentos e desencantamentos. Como ferramenta de ação apropriada para a sociedade contemporânea, a gestão ou condução democrática propicia uma maior aproximação no processo de registro, de memória do conhecimento gerado. Daí duas ferramentas podem ser utilizadas: O espiral do tempo (registrando passado, presente e futuro como perspectiva de cosmovisão e ancestralidade) e a Roda da Vida (trazendo reconstruções de situações experienciadas – Histórias de vida, autobiografias, biografias). Este processo tem sido objeto de estudo do Projeto RedePub trazendo na Metodologia brincante, como possibilidade de metodologias ativas, ou seja, estratégias de ensino que têm por objetivo incentivar os sujeitos a aprenderem de forma autônoma e participativa, por meio de problemas e situações reais, realizando tarefas que os estimulem a pensar de forma crítica e prazerosa, com iniciativa, e ao debaterem se tornam responsáveis pela construção de conhecimento no protagonismo de seu aprendizado. Essa é uma perspectiva de o educando tornar-se coadjuvante nos processos de ensino e aprendizagem.

É nesse interim que a metodologia brincante torna-se mais um caminho de ação participativa-colaborativa na Pesquisa-Ação em comunidades na possibilidade de intervenções; História e Memória de processos educativos, para socialização de experiências exitosas; Pesquisa de campo através do estudo de caso, com anotações de possíveis observações, entrevistas e aplicação de questionário utilizados e registrados de pesquisas documentais, para a análise de dados coletados em campo, e sistematização das conclusões preliminares. Para tanto, o olhar que se faz no ambiente educativo desse processo corresponde, para o perfil do pesquisador, a:

- criação de novas significações em um ambiente instável;

- capacidade de abstração;
- manejo de tecnologias emergentes (Corporais, artefatos, aplicativos, ...);
- visão de longo prazo;
- assumir responsabilidades pelos resultados (Relevância social, legado);
- saber se comunicar (expressar-se e escutar);
- utilizar a criatividade e diversidade como elementos de aproximações (Capacidade Diagnóstica – Avaliação prévia);
- fundamentar suas decisões (Capacidade judicativa – Juízo de valor);
- atuar em função de objetivos (Capacidade Teleológica – Caminho);
- cristalizar suas intenções (honestidade e credibilidade); e
- ser consciente das oportunidades e limitações.

Nossas ações de pesquisas em andamento têm partido da criação de ferramentas comunicacionais para dar visibilidade aos ambientes estudados, das quais tem gerado um banco de dados virtual, a partir de material documental institucional. Esse espaço virtual encontra-se hospedado no nosso Site vinculado a Universidade do Estado da Bahia (UNEB) – <http://redepub.geotec.uneb.br/>. Espera-se que esse espaço esteja sempre ampliado com aspectos gerenciais e formativos, com diferentes saberes, manifestações culturais, patrimônio e História local e regional, que venham a promover a difusão do conhecimento.

---

## Referências

BEHAR, Patrícia; FLORES, Maria; MUSSOI, Eunice. **Comunidades Virtuais – Um novo espaço de aprendizagem**, 2007. Disponível em: <http://www.cinted.ufrgs.br/ciclog/artigos/8aEunice.pdf>. Acessado em: 20.12.20.

BRASIL, Ministério da Educação. **Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais (INEP)**. Plano Nacional de Educação. Brasília, 2001.

BRASIL, **Constituição da República Brasileira de 1988.**

BRASIL, Ministério da Educação. **Programa Nacional de Fortalecimento dos Conselhos Escolares. Conselhos escolares: uma estratégia de gestão democrática** da educação pública. Brasília, MEC SEB, 2004.

BRASIL, Ministério da Educação. **Lei nº 9.394 de 20 de dezembro de 1996.** Estabelece as Diretrizes e Bases da Educação Nacional. Brasília, 1996.

BRESSER PEREIRA, L. C. **Uma nova gestão para um novo estado: liberal, social e republicano.**  
<http://reformadagestaopublica.org.br/papers/2001/78Ottawa-p.pdf>.  
Acessado em: 19.11.2013.

COSCARELLI, Carla Viana. (Org.). **Tecnologias para aprender.** São Paulo: Parábola Editorial, 2016. 192p.

CURY, Augusto. **Gestão da Emoção: Técnicas de coaching para gerenciar a ansiedade, melhorar o desempenho pessoal e profissional e conquistar uma mente livre e criativa.** São Paulo: Saraiva, 2015.

FREIRE, Paulo; SHOR, Ira. **Medo e Ousadia: O Cotidiano do Professor.** Rio de Janeiro: Paz e Terra. 12 ed. 2008.

GARCIA, Regina Leite. **Alfabetização e Cidadania: Um currículo a favor dos alunos das classes populares.** Cadernos Ades. São Paulo, nº 13, p. 45-52, 1987.

HETKOWSKI, Tânia M. et al. **O entendimento do espaço através dos Jogos Digitais: Geotecnologias e Ludicidade.** Disponível em:  
<https://portal.uneb.br/gestec/wp-content/uploads/sites/69/2018/02/trabalho.pdf> , Salvador, 2016.

JACQUES, Paola Berenstein. “Cenografias e Corpografias Urbanas: Espetáculo e Experiência na cidade contemporânea”. In: **Revista Observatório Itaú Cultural, Como a cultura pode mudar a cidade**, nº 05, 2008, pp.47–57.

LEÃO, José Antonio Carneiro. **Saber Brincante: Cosmovisão e ancestralidade como processo educativo**. Salvador: UFBA, 2011 (Tese de Doutorado em Educação).

LIBÂNEO, J.C. **Organização e Gestão da Escola: teoria e prática**. 5ª edição. Goiânia: Editora Alternativa, 2004.

MARTINHO, Cássio. **Redes: uma introdução às dinâmicas da conectividade e da autoorganização**. Brasília, WWF Brasil, 2003.

MARTINHO, Cássio [et al.]. **Vida em rede: conexões, relacionamentos e caminhos para uma nova sociedade** - Barueri, SP: Instituto C&A, 2011.

OLIVEIRA, D.A. Mudança na organização e gestão do trabalho na escola. In: OLIVEIRA & FELIX (Org.) Maria de Fátima; D.A. **Política e Gestão Escolar Pública**. Belo Horizonte: Autêntica, 2002.

PARO, V. H. **Gestão democrática da escola pública**. São Paulo: Ática, 2001.

RODRIGUES, Neidson. **Por uma nova escola: o Transitório e o Permanente na educação**. 7ª ed. São Paulo: Cortez, 1992.

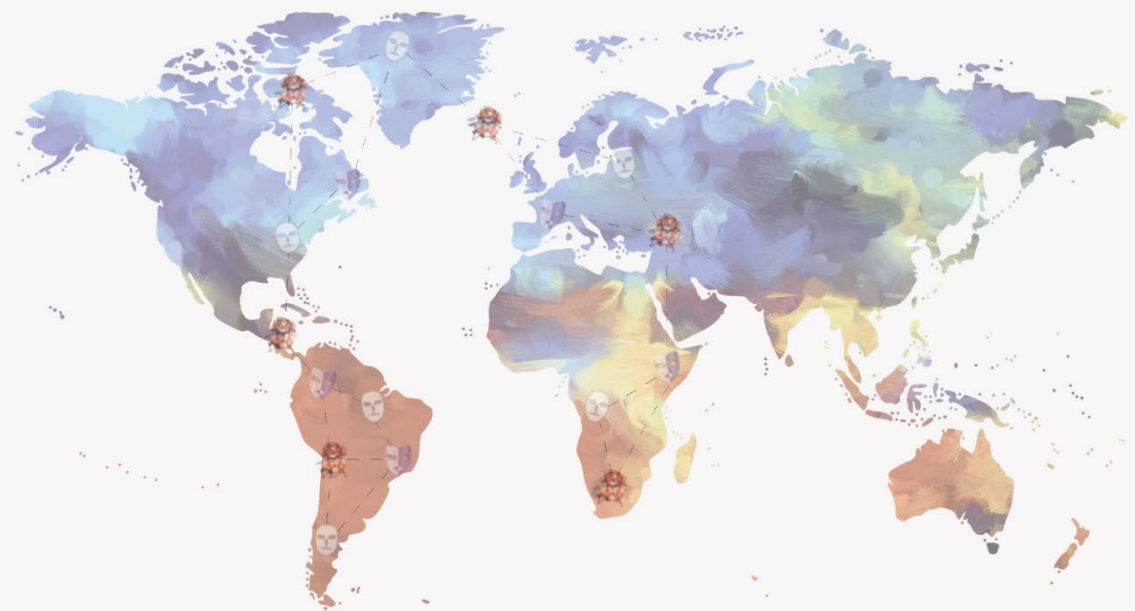
ROJO, Roxane & MOURA, Eduardo. **Letramentos, mídias, linguagens**. São Paulo: Parábola, 2019.

TEIXEIRA, J. B. **Planejamento Estratégico**. In: Textos didáticos do Curso de Especialização em Planejamento e Gestão do Desenvolvimento Regional (PLANEAR). Obra Completa. Belém: EDUFPA, 2004.

Tori, Romero. **Educação sem distância: as tecnologias interativas na redução de distância em ensino e aprendizagem**. 2ª edição. São Paulo: Artesanato Educacional, 2017.


VEIGA, I. P. A. (Org.) **Projeto Político Pedagógico da Escola: uma construção possível**. 15 edição. Campinas, São Paulo: Papyrus, 2002.

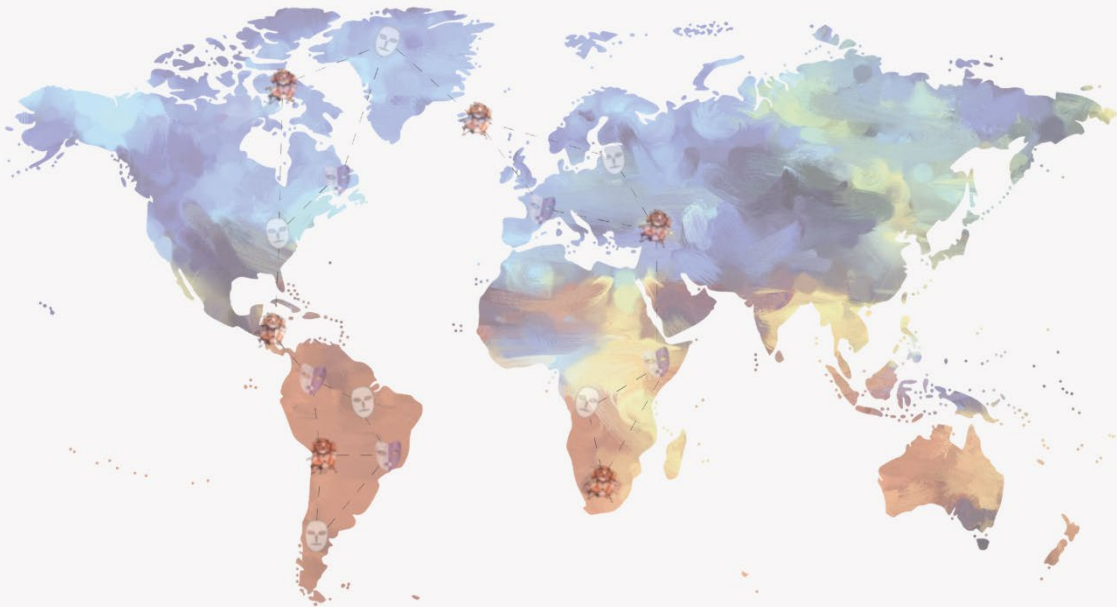
## Itinerância em Igatú / BA



# Trilhas do belo na corpografia de dinâmicas socioculturais em Igatú/BA

*José Antonio Carneiro Leão*

 10.47247/JLC/88471.54.8.4



## Introdução

Este estudo tem como objetivo descrever a experiência da observação participante de espaço educativo de aprendizado, ou seja, que ficou incorporado como ação humana. Trata-se de locais vivenciados em trilhas com utilização de recursos de linguagens técnicas, mas também sob um viés social, antropológico, emocional, político, filosófico, cultural e educativo – Geotecnológico (HETKOWSKI, 2010).

Nesse percurso ocorre uma compreensão de como a Arte se apresenta na filosofia clássica, para o entendimento do belo nessas trilhas. A perspectiva investigativa esteve entre Arte e sociedade, em função dos impactos ocorridos na história e memória dos indivíduos no lugar. Portanto, sobre uma dupla face Kantiana: entre “natureza e arte”, sobre o juízo reflexivo do gosto, apreciação, encantamento educativo da escultura como comportamento no Corpo, Memória e Ancestralidade.

Essas trilhas de reconstrução de percursos históricos do desenho do corpo no espaço (pensamento e ação) – a corpografia (JACQUES, 2009) – de elementos socioculturais como dinâmicas de diferentes estratégias para enfrentar contextos diagnosticados pela copresença de várias culturas em uma mesma sociedade local, apresentam-se como um audacioso movimento humano de liberdade criativa no tempo. Para tanto, como ocorrem as linguagens geotecnológicas a partir do espaço sociocorpográfico em Igatu-Ba/Brasil? O pressuposto aponta para o imbricamento que configura o Belo narrado na história, no ambiente e no corpo, em que cria pistas socioculturais com saberes em tríade: percorrida, ocorrida e incorporada.

A metodologia participativa-colaborativa e motivação desse estudo vêm da iniciativa acadêmica entre professores de universidades públicas que estudam intervenções e pesquisa aplicada na área da educação. A relevância social da pesquisa está na interação entre comunidade acadêmica e comunidade local, na perspectiva de aplicar e trocar conhecimentos. Nesse sentido, a viabilidade desse estudo foi proporcionada pelo convite para participar do Programa

“Intervenções Artes Educativas”<sup>1</sup>, realizado anualmente, em parceria com a Universidade Federal da Bahia, Prefeitura Municipal de Igatú e comunidade local. A proposta foi de acompanhar o grupo de estudantes e de professores da Escola de Belas Artes e da Faculdade de Educação, em atividades performáticas, no período de 01 a 05 de junho de 2016 (Projeto Igatú 2016).

As atividades ocorreram pela manhã, tarde e noite numa programação pré-estabelecida com os parceiros do evento. A descrição percorre o cenário interpretativo observado em forma de trilhas, com suas fusões, interpenetrações, das quais modelaram a realidade vivida corporalmente. Essas de constante transformação da complexa rede de conexões entre elementos culturais, que em seus processos de tensão e negociações, criam e recriam linguagens de identificações e ressignificações em suas ambiências. Nesse sentido, a memória registrada foi: 1. A mediação tecnológica como promoção do protagonismo humano; 2. A comunicação sociocorpográfica nos cenários interpretativos de Igatú; 3. Pistas socioculturais como saberes em tríade.

### **1. A mediação tecnológica como promoção do protagonismo humano**

---

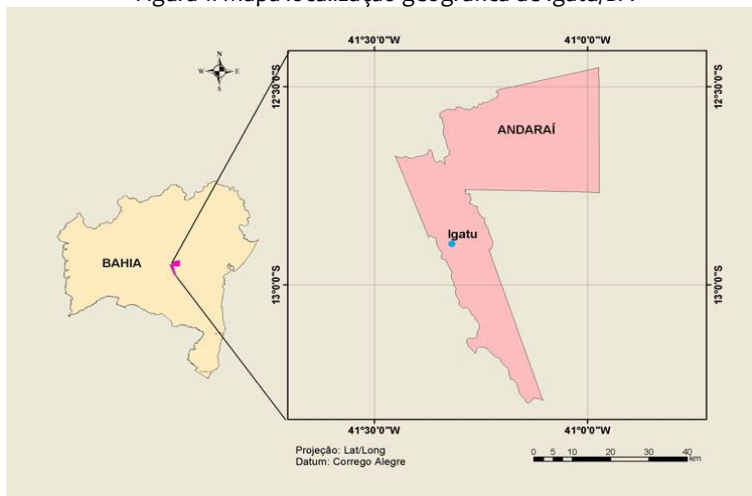
Após uma viagem de seis horas num comboio com três Micro-ônibus que saíram às 8 horas do dia 01 de junho de 2016, da Escola de Belas Artes, chegamos a Igatú, os 60 alunos da graduação, 07 professores e 03 pesquisadores convidados, numa aventura entre estrada asfaltada e estrada de terra, já enfrentando subidas, descidas arriscadas e grandes pedras no caminho. No percurso exercemos o protagonismo do nosso meio como ator social que cria pontes de reconciliação cultural, em vez de erguer muros de divisão. Estávamos abertos ao risco, a buscar a partilha da diversidade com marcas de história de vida que reanima e encoraja para o encontro com a natureza humana e o que a cerca. Levamos nossos órgãos dos sentidos no corpo, como janelas de percepção do mundo, e ampliações tecnológicas (máquinas fotográficas e de filmagens, celulares de última geração) para os registros de memória.

---

1 Uma iniciativa coordenada pelos Professores Dr. Ricardo Barreto Biriba e a Professora Drª. Amélia Vitória de Souza Conrado (Ambos professores efetivos da Universidade Federal da Bahia - UFBA).

Igatú (Em Tupi Guarani, Rio Bom) é um distrito do município de Andaraí inserido no Estado da Bahia, na Chapada Diamantina do Nordeste brasileiro. Possui em torno de 400 habitantes e foi construída com a exploração do garimpo. Sua localização (Figura 1), tem como via de chegada a BA 142.

Figura 1: Mapa localização geográfica de Igatu/BA



Fonte: Disponível em <http://www.cidadeshistoricas.art.br> Acesso em: 07.jun. 2020

Essa cartografia da memória resulta em um passeio pelas lembranças das trilhas vividas por trajetórias humanas que podemos vivenciar. São ocorrências nesses percursos que desembaraçam nós atados pelo tempo, o que faz aflorar nas lembranças as marcas da memória com interpretações e até possibilidades de justificativas das mudanças contemporâneas. Sendo assim, Thompson (1998, p. 21) afirma que “por meio da história local, uma aldeia ou cidade busca sentido para sua própria natureza em mudança, e os novos moradores vindos de fora podem adquirir uma percepção das raízes pelo conhecimento pessoal da história”. O que começa ao chegarmos nesse distrito, quando todos foram conduzidos para a Hospedagem Flor de Açucena (Figura 2), em quartos batizados com nomes de flores da flora local, adaptados de tecnologia humana nas aberturas das rochas utilizadas pelos antigos garimpeiros da região (Figura 3 e 4).

Figura 2: Entrada Hospedagem Flor de Açucena



Fonte: Arquivo Zé Leão, 2016

Figura 3 e 4: Quarto Bergonia na Abertura da Rocha



Fonte: Arquivo Zé Leão, 2016

Vejam que desde esses espaços os desenhos do lugar compreendem um ambiente de relação da presença corporal e da natureza. Uma relação de possibilidades.

No dia seguinte, ocorre a primeira reunião na sala redonda de convenção (Figura 5), para as orientações específicas previstas na programação. Como primeira atividade, os estudantes foram distribuídos para realizarem uma mediação com a comunidade. O objetivo foi de comunicar a chegada do grupo e informar sobre as ações que foram realizadas, convidando-os para interagir com eles. O que se caracterizou como uma comunicação direta, de diálogo aproximativo, de casa em casa. Os próprios protagonistas das ações, envolvidos com a divulgação delas, tinham a incumbência de convencer a comunidade e os demais integrantes do grupo para uma possível participação, numa perspectiva de engajamento sociocultural.

Figura 5: Sala Redonda de Convenção na Pousada



Fonte: Arquivo Zé Leão, 2016

A educação em sua amplitude abrange no campo cultural de luta pela significação, um território de conflito em que a cultura está localizada sobre fronteiras ou encruzilhadas, onde se tocam ou se cruzam outras significações (NEIRA & NUNES, 2009). O que visa atingir objetivos diferenciados, ensinados de diferentes maneiras e abarcando vários conteúdos de experiências anteriores e de engajamento, tanto dos moradores quanto de nós visitantes.

No processo evolutivo de construção cultural do corpo, concordamos com Daolio (2010), que o termo “Cultura” se encontra, definitivamente, envolvido na educação corporal, influenciado pelas ciências humanas e interpretado pelas demais ciências. As Ciências biológicas, a antropologia social, a sociologia, a história, a ciência política, dentre tantas outras, têm buscado interpretações sobre o corpo nessa área do conhecimento humano, com conteúdo realçados pela questão sociocultural.

Daolio (2010) aponta para duas referências de antropólogos incorporados ao campo da educação: o francês Marcel Mauss (1974) e o americano Clifford Geertz (2008). As contribuições de Mauss estão nas técnicas corporais, como as maneiras pelas quais os seres humanos utilizam seus corpos, seus gestos, que atendem a critérios de tradição e eficácia. É preciso considerar a técnica aqui como a arte de saber fazer. Portanto, a eficácia passa por saber movimentar-se desde o nascimento até a morte. Já nas contribuições de Geertz, são enfatizadas as interpretações da cultura, considerando a dimensão simbólica com significados nas ações humanas. O movimentar-se tem um significado, com interpretações historicamente acumuladas pela humanidade. Portanto, seus desafios de experiências no espaço vivido, individual e compartilhado (coletivo).

Quando trazemos o movimento para o campo da comunicação e da expressão humana, a necessidade de sistematizar o conhecimento na educação se vincula às teorias. Nas Teorias da Comunicação, estas abrangem uma série de estudos, dentre eles, o da Comunicação Social, podendo imbricar-se em diferentes áreas do conhecimento, a depender do foco de estudo. Aqui foi o registro dos desafios nas trilhas em Iगतú.

Essas teorias estudam o desenvolvimento e a aplicação da Comunicação em todos os seus aspectos políticos, sociais, biológicos, cognitivos, econômicos, tecnológicos, estéticos. É fato que os estudos comunicacionais e culturais estão diretamente atrelados ao progresso da tecnologia e suas mensagens como meios de comunicação utilizados pelo ser humano em seus diferentes tempos e contextos. Assim o foi numa “coexistência de seis eras culturais: a oralidade, a escrita, a cultura impressa, a cultura de massas, a cultura das mídias e a cultura digital” (SANTAELLA, 2016, p.17). Mas o que nos define como humanos? Penso que a resposta esteja no próprio CORPO, com suas janelas abertas para o mundo – nossos órgãos dos sentidos. É através

deles que nossa linguagem toma forma e consciências, o que faz deixar pistas nele – nossas memórias corporais.

Com base em Mauro Wolf (1995) o Modelo de Lasswell, aponta cinco questões cruciais para a compreensão da mensagem: “Quem? Diz o quê? Através de que canal? A quem? Com que efeito?”. Ainda com base no mesmo autor, essas questões na Teoria Culturológica parte do pressuposto de que as Tecnologias da Informação e Comunicação - TIC não produzem uma padronização cultural, mas se baseia em uma padronização já existente nas sociedades, a partir de características nacionais, religiosas e/ou humanísticas. Estas dependentes de aspectos particulares a cada organização social, a exemplo das impressões culturais entre nativos e visitantes em Igatú.

## **2. A comunicação sociocorpográfica nos cenários interpretativos de Igatú**

---

*[...] as sociedades,  
como as vidas,  
contêm suas próprias interpretações.  
É preciso apenas descobrir o acesso a elas.  
(CLIFFORD GEERTZ, 2008).*

A narrativa na história, no ambiente e no corpo, expressa configurações e apresenta-se como um extravasamento de uma série de signos e símbolos que vão além de uma compreensão vista somente por um sistema complexo de ossos e músculos em movimento, em um lugar e no tempo. Portanto, em uma dinâmica cultural de expressões diversificadas, os significados são próprios em contexto trilhado pelo sentimento de grupos culturais específicos em processo de aprendizado sobre o lugar (LEÃO, 2011).

Em uma breve discussão, tendo como ponto de partida além da observação e da revisão bibliográfica, narramos a partir das trilhas que corporificaram o belo, o percurso desenvolvido pelos participantes do Projeto Intervenções Artes Educativas 2016. Na cidade fomos um corpo de brincantes nas trilhas de Igatú, em territórios e fronteiras de aproximação, estabelecendo conexões que possibilitaram trocas colaborativas de desafios e ritmos propostos (caminhadas, objetos, dentre outros elementos no percurso). É

preciso considerar o termo territórios em uma relação do “eu” e o “outro”, e o termo fronteira em uma relação do “eu” no mundo. Pois,

O mundo em rede não é um mundo homogêneo e rígido, mas sim hiperplural, indeterminado e que se caracteriza pela flexibilidade e pela imprevisibilidade das mudanças e aceleração de seu ritmo. Sob este aspecto, há a necessidade de uma formação interdisciplinar porque esta não se assenta em leis universais, com regularidades e permanências, pois reconhece que a realidade é complexa e, portanto, não cabe em esquemas reducionistas (HOLGONSI SIQUEIRA, 2003, p.04).

É com esse entendimento que estivemos inseridos no desafio de encontrarmos pistas de aproximações observadas nas trilhas de desafios corporais para compreender como configurar linguagens geotecnológicas (textos, audiovisuais, imagens/iconografias, dentre outras) a partir do espaço sociocorpográfico, para podermos registrar as permanências e ou instabilidades do que identificamos como belo, nas trilhas realizadas. Identificamos aí os processos formativos, que mexeram com o grupo durante as trajetórias, e descobertas sentidas pelo corpo no ambiente experienciado, enquanto conteúdos de vida e enfrentamento espontâneo da realidade, que brotaram do desejo de saber corporificado. Portanto, o que a partir de cada um apresentou-se como aprendizado registrado no corpo, presente no local da trilha.

A mensagem no corpo oriunda do enfrentamento com a realidade vivida no “Quem? Diz o quê? Através de que canal? A quem? Com que efeito?”, ocupa-se desde o corpo de cada um, que narram dificuldades nas trilhas objetivas e subjetivas do dito e do visualizado. A escuta foi de um canal de conversa consigo mesmo, com os demais presentes e com aqueles que pudessem ter passado por aquelas situações de vida em tempos diferentes. O efeito foi de compreensão das composições estéticas produzidas – o belo corporificado entre natureza e ser humano – que estão nas construções de caminhos dentro da pousada, nos quartos, nas áreas internas e externas em que o corpo transitou. Estão também nas pedras na mata, nas casas e igrejas, nos espaços abertos e fechados, nas entrelinhas do dito e não dito presentes nos percursos (Figura 6).

Figura 6: Composição de espaços em Igatú/BA

Entrada do Restaurante



Fonte: Arquivo Zé Leão, 2016

Espaço aberto de reuniões



Fonte: Arquivo Zé Leão, 2016

Arte compondo espaço de vida



Fonte: Arquivo Zé Leão, 2016

Igreja do Cemitério



Fonte: Arquivo Zé Leão, 2016

Como se pode perceber nas imagens acima, o espaço da trilha foi o cenário da performatividade, em que o respeito à diversidade cultural e às opções de percursos foram pontos de partida para a afirmação do desejo dos sujeitos nas escolhas de suas apreciações. Cada um apreciando o seu encantamento naquilo que lhe tocava. Desde o nome do restaurante a ser descoberto entre as plantas, passando por um espaço que parece estar esperando outros povos de outros planetas, entre a casa grande e a casa pequena retratada, até chegar no espaço sagrado (A igreja) de nossa composição iconográfica. Um diálogo comunicativo entre espaço social e corpo individual. Nesse sentido, os participantes durante suas caminhadas tiveram algumas indicações, motivados pela experiência de três nativos que costumam acompanhar os visitantes e pesquisadores, como o guia conhecido da região “Seu Chiquinho” na figura 7, a seguir.

Figura 7: Seu Chiquinho, nativo guia de trilhas em Igatú, com pesquisadores do grupo



Fonte: Arquivo Zé Leão, 2016

Com os guias a história do lugar foi sendo apresentada e o conhecimento da fauna, flora, reino mineral (pedras, dentre outros) foram apreciados. Todos os guias já haviam sido garimpeiros na região e conheciam todas as tocas de garimpo e história local.

A programação foi organizada em duas trilhas. Uma ao Sul (Gruta do Brejo, que foi escavada com dinamites – História do Garimpo, com seu Chiquinho) e a outra ao Norte (Caminho das pedras, identificando fauna e flora como a folha da Arruda da Serra que ajuda na Labirintite e Rinite – Meio Ambiente e Sustentabilidade, com seu Chicão). No roteiro dessas duas programações havia sempre um momento de banho de cachoeira. O início de partida era sempre da pousada Flor de Açucena, que fica no centro da cidade.

### **3. Pistas socioculturais como saberes em tríade**

---

A rua, a praça, as matas, a roda, sempre foram espaços de significação e formação dos povos. Conforme Muniz Sodré (1998), esses cenários foram por muito tempo, locais de encontros de culturas. Porém, com a demanda do ciclo do ouro, da mineração em Igatú, as trilhas nas matas, riachos, pedras e grutas também se tornavam centros de convergências para fluxos de socialização.

A observação de Sodré quanto aos encontros de cultura, leva a compreender o município de Igatú, com características incorporadas a esse contexto histórico de mineração, pois ele está localizado na região do Recôncavo Baiano, território da diáspora negra e de exploração da terra por outros viajantes. Nesse sentido, esses espaços

podem ser considerados como espaços de comunicação, ritualização, que segundo Sodré (1998) cria interseções e funcionam como suportes para as relações, singularizando territórios e unindo forças.

[...] torna-se visível uma das dimensões do território, que é a flexibilidade de suas marcas (em oposição ao rígido sistema diferencial de posições característico do “espaço” europeu), graças a qual se dá a territorialização, isto é, a particularização da possibilidade de localização de um corpo (SODRÉ, 1998, p.17)

Nesse entendimento, o corpo que percorre e participa de performances em ambientes como Igatú apresenta territorialidade manifestada através da arte de se movimentar, com conteúdo corporal estético do belo que se apresenta a partir de sinais de pertencimento, construção e afirmação de referência étnica, desde tempos imemoriais, de forma que as linguagens geotecnológicas possam ser requisitadas para a história e memória do lugar. É nesse imbricamento comunicado que o corpo cria pistas socioculturais como saberes em tríade percorrido-ocorrido-incorporado.

No percorrido, o corpo se vale das experiências no trajeto realizado e cria para sua apreciação do belo para ele, elementos de aproximação com suas capacidades cognitivas, afetivas, psicomotoras e estéticas. O primeiro elemento é o da curiosidade, do desconhecido, do perdido que quer se encontrar no ambiente histórico e encantado a ser diagnosticado. Registros podem ou não ser visualizados, a depender de cada um.

Na percepção do ocorrido o corpo procura se revelar a julgar o que viu e vê com diferentes olhares. A memória, os desafios, os enfrentamentos do lugar são postos em cheque para ligar o antes desconhecido, perdido, histórico e encantado a uma nova tentativa de sistematização do vivido, do visualizado, percebido. Já no incorporado, o corpo possui a possibilidade de descrever a experiência, as sensações ocorridas e as mudanças socioculturais encarnadas por sua sociocorpografia, em uma corporificação das relações do corpo no espaço social apreendido, guardadas nele e que podem ser acionadas a qualquer momento.

Estamos falando do espaço, como resultado das relações sociais pré-existentes e as do momento em movimento de trilhas em tríade vinculadas às forças econômicas e políticas ora dominantes, que



Embaixo de uma pedra sem apoio



Fonte: Arquivo Zé Leão, 2016

O desafio entre espaços de vegetação



Fonte: Arquivo Zé Leão, 2016

Passagem entre pedra na 2ª trilha



Fonte: Arquivo Zé Leão, 2016

Mirante nas pedras: espaço de visão aberta



Fonte: Arquivo Zé Leão, 2016

O desafio entre rio e pedras



Fonte: Arquivo Zé Leão, 2016

Seu Chicão ao fundo abrindo caminho



Fonte: Arquivo Zé Leão, 2016

Entre o desenho de um passo e outro, boas histórias, belas paisagens, desafios enfrentados. Eis um impacto revisitado no

humano que reverbera ambiências<sup>2</sup> no contemporâneo, que como o ambiente que abre suas fendas, ele também configura suas trilhas. Nesse percurso podemos considerar as geotecnologias como,

[...] adventos da capacidade criativa do homem de registrar o seu percurso e, ao mesmo tempo agir como potencializador de sua criatividade. Os mapas mentais, desenhos de um lugar, croquis, referências de localização construídas a partir da experiência no/com espaço, a orientação pelos astros (utilizadas pelas civilizações antigas, em suas aventuras no início das navegações e ainda constituem técnicas de referências nos dias atuais), como o quadrante, o astrolábio, octante, balestilha e a bússola, dentre tantas outras técnicas e processos cognitivos criados pelo ser humano, constituem a perspectiva de uma abordagem antropológica das geotecnologias (PEREIRA, 2015, p. 55).

Com base nessa concepção, compreender as geotecnologias significa considerá-las uma construção humana, fruto de processos criativos e transformativos constituídos ao logo da história. Sendo assim, estamos trabalhando as linguagens geotecnológicas em nossos estudos compreendendo-a como processos de percurso-ocorrência-incorporação do sujeito-história-lugar, ao interagir com o outro e no mundo, em um caminhar materializado no tempo organizado por configurações materiais (Instrumentos, técnicas) e imateriais (Cognitiva, afetiva, psicomotora, estética), em diferentes formatos de linguagens do saber e do fazer criativo e humanizado da prática problematizadora, identificada na vida em formação continuada (Cartilhas, portfólios, fluxogramas, trilhas, tutoriais, *cards*, maquetes, sistemas de jogos, cartografias, sinalizadores, mapas, protocolos, interfaces, itinerários, dentre outros formatos).

Interessante são as construções ocorridas nesses espaços, como a do restaurante utilizado pelo grupo - o caminho de sandálias (Figura 9).

---

<sup>2</sup> Constitui o conjunto de estados emocionais e ambientais presentes na construção social do contexto, a partir das tensões e distensões da presença dos sujeitos nesta construção (PIMENTEL, 2002, p. 31).

Figura 9: Fila do restaurante marcada pela presença das sandálias e tênis



Fonte: Arquivo Zé Leão, 2016



Fonte: Arquivo Zé Leão, 2016

Essa foi uma situação configurada a partir de um contexto de muita fome e cansaço do corpo após ter retornado de uma das trilhas. Nesse momento a descrição é das sandálias e tênis como corpos a esperar em fila a ordem normatizada da vez para se servir dos alimentos a serem consumidos. Desafios são superados de diferentes maneiras. Como os estéticos em configurações locais de composição das imagens nas grutas (Figura 10).

Figura 10: Composição estética das imagens com criação inovadora nas grutas  
Entrada da casa de vidro na gruta      Escada para um dos quartos



Fonte: Arquivo Zé Leão, 2016



Fonte: Arquivo Zé Leão, 2016

Local de massagem



Fonte: Arquivo Zé Leão, 2016

Banheira de Hidromassagem



Fonte: Arquivo Zé Leão, 2016

A vida que levamos no dia a dia é, certamente, a realidade em nossa existência. Rotina, hábitos constroem realidades estáveis e seguras, o que permite movimentos estéticos sem grandes esforços ou dificuldades. Aí há uma forma mais ou menos constante de agir e perceber o mundo na esfera da vida rotineira, esta forma determinada por uma série de fatores e processos de diferentes linguagens em que a experiência estética possa ser mais bem compreendida e facilitadora de qualidade de vida.

Várias foram as esculturas que mostraram o ambiente desse local. Muitas delas podem ser visitadas na Galeria Arte & Memória, que conta com um museu a céu aberto com um jardim de esculturas, galeria e um pequeno café criado pelo artista plástico e historiador soteropolitano, Marcos Zacariades, cujo trabalho envolve a natureza da Chapada e a tradição dos garimpos (Figura 11).

Figura 11: Composição de imagens na Galeria Galeria Arte & Memória, em Igatú  
Peças achadas no Garimpo Teto numa sala da galeria



Fonte: Arquivo Zé Leão, 2016



Fonte: Arquivo Zé Leão, 2016

Nossa mobilidade cotidiana apresenta-se essencialmente na forma de “receitas” prontas, já consagradas pelas convenções sociais de como se fazer isso ou aquilo (DUARTE JR, 2003). Trata-se do pragmatismo do que para que serve ou para que funciona. Mas, o que há por trás da forma costumeira, para que as coisas ocorram e se tornem percebidas? Pensamos que seja a forma como as registramos no corpo e a trazemos no presente como saber, apreendido.

A experiência do belo, como já diz Duarte Jr. (2003, p. 33) “é uma espécie de parêntese aberto na linearidade do dia a dia”. Essa foi a percepção que nos guiou durante essa experiência significativa em Igatú/BA. Vozes narrativas polissêmicas aglutinaram corpos que mergulharam em diferentes olhares sobre o local, o que nos fez mais críticos na apreciação desse olhar.

---

### **Considerações finais**

---

Esses complexos elementos culturais e seu grau de importância e comunicabilidade podem ser compreendidos como conteúdo de formação e construção de identidades em aproximações, a serem aprofundados e mais explorados dentro e fora do contexto de aprendizado estético. Ressaltamos o caráter emancipatório dessas experiências que com muita dificuldade fazem as suas permanências humanas de contato mais do que apenas virtual. Pois sentir a emoção do lugar é algo extraordinário, é de uma beleza ímpar que agrega um coletivo de presentes em tempos diferentes.

Esse grupo de brincantes em corpografia no espaço social em Igatú pôde redescobrir configurações nas trilhas do belo. Para isso a tríade do percorrido, do ocorrido e do incorporado anunciaram sensações inesperadas, das quais configuraram novas e velhas tecnologias utilizadas pelo corpo no espaço absorvido pelo tempo.

Foi aqui a estética, o canal para a análise, investigação ou especulação a respeito da arte e da beleza, convergindo em um conjunto de ideias em trânsito de imbricamento de aprendizado sociocultural. Um olhar muito além de um instrumento mercadológico utilizado para estimular o consumismo pelo público leigo e aprofundar a alienação em escala global.

## Referências

---

DAOLIO, Jocimar. **Da cultura do corpo**. Campinas, São Paulo: Papyrus, 1995.

DUARTE Jr, João Francisco. **O que é beleza**. São Paulo: Brasiliense, 2003.

GEERTZ, Clifford, 1926. **A Interpretação das Culturas**. 1 ed., 13ª reimpr. – Rio de Janeiro: LTC, 2008.

HETKOWSKI, Tania M. **Geotecnologia: como explorar educação cartográfica com as novas gerações?** Belo Horizonte: ENDIPE, 2010.

JACQUES, Paola Berenstein. Cenografias e Corpografias Urbanas: Espetáculo e Experiência na cidade contemporânea. In: **Revista Observatório Itaú Cultural**, Como a cultura pode mudar a cidade, nº 05, 2008, pp.47–57.

WOLF, Mauro. **Teorias da Comunicação**. Lisboa: Editorial Presença, 1995.

LEÃO, José Antônio Carneiro. **Saber Brincante: cosmovisão e ancestralidade como processo educativo**. Tese de Doutorado no Programa de Pós-graduação da Faculdade de Educação – PPGED da Universidade Federal da Bahia – UFBA, 2011.

MAUSS, Marcel. **Sociologia e Antropologia** – Tradução Paulo Neves – São Paulo: Cosac Naify, 2003.

NEIRA, M. G. e NUNES, M. L. F. **Educação Física, currículo e cultura**. São Paulo: Phorte, 2009.

PEREIRA, Inaiá Brandão. **Educação geográfica e geotecnologias: construindo estratégias à compreensão do lugar no ensino fundamental**. Dissertação (Mestrado). Departamento de Educação, Universidade do Estado da Bahia, Salvador, Salvador, 2015. 183f.

PIMENTEL, Álamo. **O elogio da convivência e suas pedagogias subterrâneas no semi-árido brasileiro**. Porto Alegre: UFRGS, 2002 (Tese de Doutorado em Educação).

SANTAELLA, Lúcia. “Adeus às fronteiras entre natureza e cultura”. In: **Revista Observatório Itaú Cultural: OIC**. São Paulo: Itaú Cultural, 2007. N° 19 (nov. 2015/maio 2016).

SIQUEIRA, Holgónsi. **Sociedade em Rede: conexões e desconexões**. Rede de Informações para o Terceiro Setor (RITS). OBSERVATÓRIO DA IMPRENSA (e-notícias), em 21.12.2004.

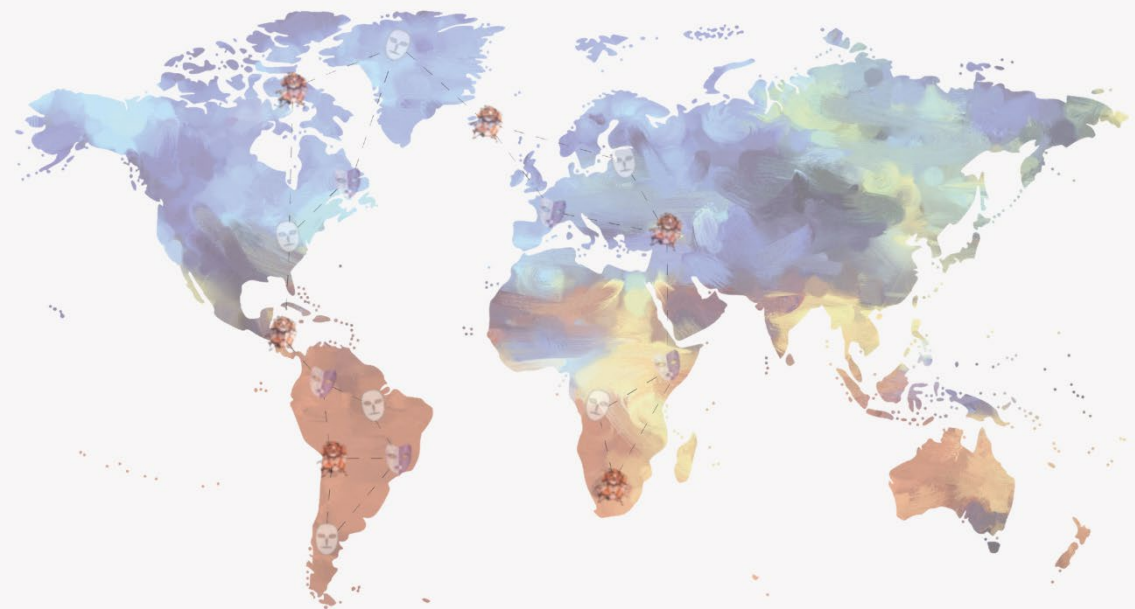
SODRÉ, Muniz. **O terreiro e a cidade**. Petrópolis: Vozes, 1998.

SODRÉ, Muniz. **A verdade seduzida: Por um conceito de cultura no Brasil**. 3ª ed. Rio de Janeiro: DP&A, 2005.

THOMPSON, Paul. “**A voz do passado: história oral**”. Tradução de Lólio Lourenço de Oliveira. 2ª ed. Rio de Janeiro: Paz e terra, 1998.

TUAN, Yi-Fu. **Espaço e Lugar: A Perspectiva da Experiência**. São Paulo: Difel, 1983.

## Itinerância em Plataforma Salvador / BA



# Educação nas trilhas do subúrbio baiano: saberes, entrelugares de história e memória em movimento

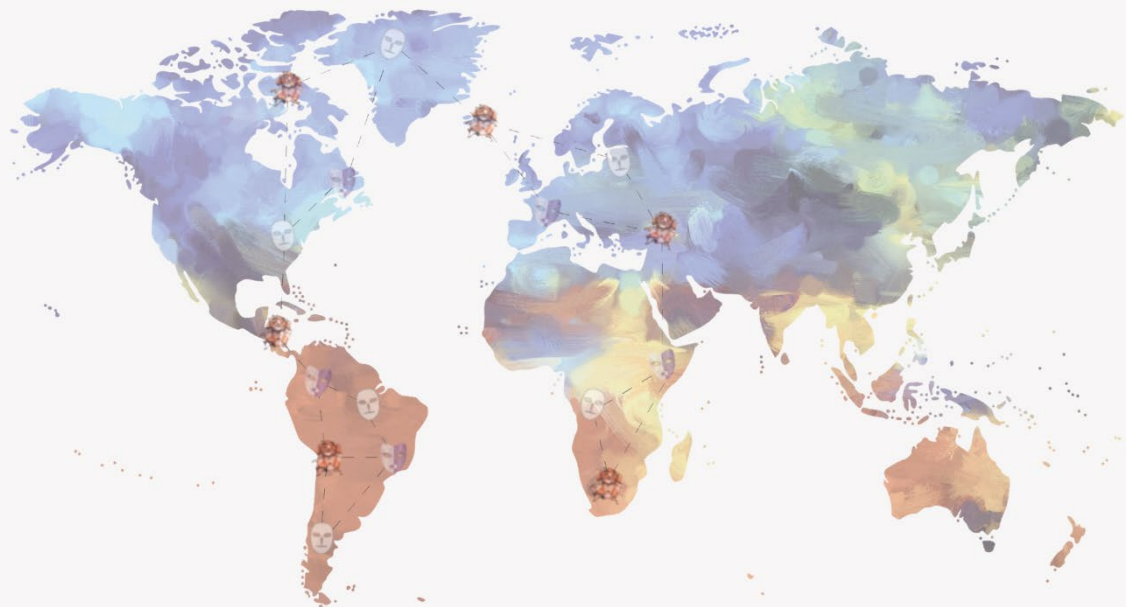
*José Antônio Carneiro Leão*

*Margarete de Souza Conrado*

*Vitória Conrado Carneiro Leão*



10.47247/JLC/88471.54.8.5



## Introdução

A inquietação que provocou este estudo de campo foi a partir do conhecimento da desativação do trem que leva e traz várias pessoas do subúrbio ao centro da cidade de Salvador e a conhecida Estação Ferroviária passaria a dar lugar a uma nova proposta de transporte urbano – o BRT (*Bus Rapid Transit*), um sistema rápido de transporte público que envolve melhorias na mobilidade local, e que já existe em mais de 200 cidades dos continentes, também conhecido no Plano Diretor de Desenvolvimento Urbano (PDDU) da Cidade de Salvador, como Veículos Leves sobre Trilhos (VLT). Assim, antes que esse projeto fosse implantado, os membros do Grupo Geotecnologias, Educação e Contemporaneidade (GEOTEC), através do Projeto RedePub: História e Memória em Redes de Espaços Públicos Educativos, da Universidade do Estado da Bahia (UNEB), questionaram: Como repercute o desenvolvimento social e cultural, a partir dos saberes encontrados na comunidade que vive ao entorno desse percurso do trem?

Tal problemática se justifica pela necessidade de dar visibilidade a um contexto histórico que precisa ser reconhecido para que novas perspectivas de desenvolvimento no contexto atual, possam ser realizadas de forma mais eficaz e embasada na realidade vivida pela comunidade. Diante disso, a ênfase dessa memória se torna a base de sustentação para a implementação de novos projetos socioeducativos nesse campo de ação a partir da coleta de informações nas Estações escolhidas para esta pesquisa de campo. Mediante os aparatos tecnológicos (Maquímicos e humanos) <sup>1</sup>, a percepção e observação do espaço urbano, podemos elucidar que a colaboração desse registro, fruto dessas interrelações, também proporcionou ampliar a compreensão da história local.

O que torna imprescindível iniciar os registros aqui a serem mencionados no texto, está em saber que o percurso foi igual para todos, mas as ocorrências e incorporações deles surtiram experiências diversas e comuns entre os pesquisadores que participaram. Estaremos descrevendo as de três integrantes do grupo que

---

<sup>1</sup> São aparatos maquímicos, os celulares para o registro de fotos e filmagens, o relógio, dentre outros. Já os humanos envolvem toda a nossa percepção dos órgãos dos sentidos, nossas portas abertas ao mundo, disponíveis em nosso corpo.

vivenciaram esta ação coletiva e educativa, de tríade sujeito-história-lugar.

Tivemos um número de 16 pesquisadores (Professores, estudantes, dentre outros), no percurso realizado no sábado 14.09.2019. Pessoas e locais foram objeto de interação durante o estudo. E, como pesquisa de campo, o processo se deu pelos registros observacionais encontrados nos ambientes de nossa trilha: Estação Ferroviária no bairro da Calçada em Salvador/BA; na viagem de Trem passando por diferentes estações; descendo na Estação de Plataforma identificamos alguns espaços de nossas interações (Ruínas, Colégio Estadual Bertholdo Cirilo dos Reis, Orla local, Associação dos Pescadores, Acervo da Laje); na Estação de Escada, onde experimentamos a culinária local, também passamos pela Igreja mais antiga desse trajeto, na qual atua uma ONG que mantém a Escola, quando fizemos doação de alimentos para os alunos dessa Paróquia; em seguida, houve o retorno à Estação Ferroviária de Início do estudo de campo. Foi a partir desses ambientes observados que construímos nossos registros, os quais são apresentados a seguir.

## **Estação ferroviária**

---

A Companhia de Transportes do Estado da Bahia (CTB), também destinada a implantar e operar o metrô de Salvador, é uma empresa estatal subordinada à sua Secretaria de Desenvolvimento Urbano (SEDUR). O principal atendimento está no serviço de transportes de passageiros sobre trilhos de competência estadual, que planeja e constrói o seu sistema metroferroviário na região metropolitana de Salvador. No ano de 1999 surgiu a Companhia de Transporte de Salvador (CTS), e após a Companhia Brasileira de Trens Urbanos (CBTU) encerrar suas atividades na cidade, a CTB vem operando o Sistema de Trens Urbanos de Salvador, em seu trecho ferroviário entre as estações de Calçada e Paripe (Figura 1).

Figura 1 – Estações do Trecho Ferroviário do Subúrbio



Fonte: Arquivo RedePub/GEOTEC, 2019.

Nesse trecho, ao estudar o conceito de trilhas, somos levados para dois ambientes, o local físico e o digital. O ambiente da trilha local foi o que destacamos como objeto de observação de campo, pois o entendemos como lugares ou itinerário georeferenciado <sup>2</sup>, para a compreensão do lugar. Já o ambiente da trilha digital percebemos como a ampliação das possibilidades de sistematizarmos no meio tecnológico os registros identificados nos ambientes escolhidos para a pesquisa. É o que passamos a denominar de linguagens geotecnológicas (Maquínicas e humanas), que ressignificam saberes locais propiciados pelos seres humanos em interação com o espaço vivido. São tessituras de entrelugares na tríade sujeito-história-lugar. Suas trilhas de saberes sistematizadas em estações de movimentos que se tornam redes sociais construídas e reconstruídas pelos sistemas de mobilidade urbana e o que ocorrem no seu entorno como processo educativo.

### Estação calçada

Uma das estações do Sistema de Trens do Subúrbio de Salvador, a Estação Calçada (Figura 2 e 3), teve como denominação antiga "Calçada do Bonfim", pois se tratava do caminho a Igreja do Senhor do Bonfim, e no final, ao sul da linha desse sistema, está localizada no atual Largo da Calçada, bairro entre a cidade baixa e o subúrbio do município de Salvador/BA/Brasil. Ela também liga a região

<sup>2</sup> É uma técnica cuja finalidade é atribuir certas coordenadas geográficas a pontos do espaço geográfico. Trata-se de uma área multidisciplinar, pois inclui conhecimentos de cartografia, topografia e sistemas de informação geográfica.

denominada Água de Meninos (Primeiro bairro de negócios do Brasil)<sup>36</sup> ao bairro de Paripe, por meio de seu sistema ferroviário urbano.

Figuras 2 e 3 – localização e Fachada da Estação de Trem da Calçada



Fonte: Arquivo RedePub/GEOTEC, 2019.

Apesar da importância e do fluxo de pessoas, no entorno dessa estação ainda se percebe a carência de acessibilidade (Ligação com Metrô, linhas de ônibus), o que implica, por parte dos gestores públicos, juntamente com a academia, em possibilidade de estudos mais aprofundados de planejamento entre os transportes urbanos para o deslocamento das pessoas. Contudo, existe proximidade com o Plano Inclinado, que liga a cidade baixa à cidade alta (Bairro da Liberdade, Pelourinho), que se torna uma opção para os moradores que utilizam o trem. Foi nesse espaço de fluxo de pessoas que tivemos nosso encontro de pesquisadores, onde conhecemos a história e memória do lugar. Alguns registros foram realizados, como o do Grupo RedePub/GEOTEC na Estação de Calçada (Figuras 4 e 5).

Figuras 4 e 5 – Grupo de Pesquisadores do RedePub/GEOTEC



Fonte: Arquivo Site RedePub/GEOTEC, 2019 (<http://redepub.geotec.uneb.br/>)

---

<sup>36</sup> Água de Meninos foi o local onde os Malês foram barrados no quartel da cavalaria e onde ocorreu a última batalha da Revolta dos Malês, sendo esses massacrados na década de 60.

Pesquisadores e passageiros já passam a se familiarizar com o processo histórico de construção do lugar, a partir de uma Linha do Tempo apresentada no painel abaixo (Figura 6). Como também no Painel de Educação Ambiental (Figura 7) que destaca a Linha do Tempo dessa Estação.

Figuras 6 e 7 – Painéis na Entrada da Estação Calçada  
6 – Painel de Entrada  
7 – Protocolo de Montreal história dessa ferrovia (Camada de Ozônio)



Fonte: Arquivo RedePub/GEOTEC, 2019

O painel surge para reafirmar o aspecto educativo, ressaltando a importância do cuidado com o meio ambiente, uma vez que a preocupação mundial com os transportes e no que eles ajudam ou podem vir a prejudicar, é um fator de relevância para a sustentabilidade do planeta. Tal aspecto pode vir a ser aprofundado enquanto projeto socioeducativo de desenvolvimento social e cultural.

Figura 8 – Maria Fumaça / 1º Trem



Fonte: Arquivo RedePub/GEOTEC, 2019.

O registro da Maria Fumaça acima – 1º Trem (Figura 8), que começou a funcionar em 1860, quando também transportava cargas, fez o grupo refletir sobre as possibilidades de transportes de carga existentes atualmente no Brasil, que resumem-se basicamente no transporte terrestre (caminhoneiros), em que no ano de 2018 tivemos a grande crise de mobilização dessa categoria em todo o território nacional, inviabilizando praticamente todas as formas de entrega de mercadorias e serviços, ocasionando a paralisação total do país. Imaginamos, portanto, a grande importância do investimento nas linhas férreas de transporte de cargas para a manutenção e ampliação das possibilidades de outros meios que viabilizem os serviços prestados para a sociedade. Dessa forma, nos dias atuais a Maria Fumaça se torna uma identificação do encantamento do processo de desenvolvimento tecnológico.

Tais registros fotográficos nos permitem eternizar a história do local, revelando sua importância de embasamento para realizações de desenvolvimento futuras. A fotografia segundo Oliveira (2011, p.41),

[...] é um instrumento capaz de ajudar na descoberta de tempos, exatamente a partir do entendimento de memória indicado. Uma descoberta possível a partir da atuação dos signos fotográficos, que tem a força de violentar a memória e fazer com que a imaginação seja ressaltada (OLIVEIRA, 2011, p.41).

A força do registro fotográfico ressaltado pelo autor traduz um caráter do acontecimento que se torna algo irreversível no tempo e no espaço.

### **Viagem de trem passando por diferentes estações**

---

Sobre os Trilhos que fazem histórias e memórias, entendemos que, “A memória é este trabalho de reconhecimento e reconstrução que atualiza os “quadros sociais” nos quais as lembranças podem permanecer e, então, articular-se entre si” (HALBWACHS, 1990, p.02). Nesse sentido, fomos guiados já na entrada dos vagões com frases de cuidados com o transporte urbano. Uma busca da educação de consciência ao tratar a condução que leva vidas humanas. A imagem da figura a seguir revela essa preocupação (Figuras 9 e 10). São lugares, não-lugares, entrelugares, de processos de formação

discursiva que fortalece uma ideia, na vontade de preservar o material (Trem) e o imaterial (Condição de Vidas transportadas).

Figuras 9 e 10 – Mensagens educativas no Trem



Fonte: Arquivo RedePub/GEOTEC, 2019.

As condições dos transportes férreos ainda são bem precárias, mas trazem consigo dizeres que ressaltam o cuidado com o recurso público. Passageiros e vendedores que também utilizam o transporte para seu comércio (Figura 11) carregam com eles seus “sonhos” e neles seus saberes culinários, como seus produtos de venda. É interessante refletirmos sobre o impacto que a desativação do trem irá causar para esses trabalhadores informais que sobrevivem com a venda nesse trajeto. Esse estudo poderá ajudar na visibilidade desses trabalhadores assim como no aprendizado dos pesquisadores em realizar investigações que colaborem para a fomentação de projetos sociais de inclusão dessas pessoas.

Figura 11 – Comércio e saber no Trem



Fonte: Arquivo RedePub/GEOTEC, 2019

Para Homi Bhabha (1998), o contato intensivo e permanente entre culturas, que derivavam em territorialidades transitórias, produz nexos comuns a grupos e/ou indivíduos diferentes. No ato de reorganizar-se e/ou recompor-se de um momento anterior de descentramento, de desterritorialização, o autor analisa diversos processos históricos e referências feitas aos contatos interculturais. Dentro do trem, as estações terminam sendo diferentes entrelugares que identificam as novas alternativas políticas e sociais, que impactam na transição cultural das práticas educativas de saberes em um movimento instável. São marcas que ficam nos transportes, a exemplo também dos artistas locais que ilustram o interior do trem com suas imagens (Figura 12).

Figura 12 – Arte comunicada no Trem



Fonte: Arquivo RedePub/GEOTEC, 2019.

Essas mensagens artísticas tornam a viagem mais agradável aos olhos dos passageiros. Uma forma de amenizar as dificuldades do dia a dia, o que nos leva a nos alimentarmos, no decorrer da viagem, de diferentes maneiras de interagir com todos e o ambiente.

### **Plataforma (Estação, Ruínas, Escola Estadual Bertholdo Cirilo, Orla local, Associação dos Pescadores, Acervo da Laje)**

---

É possível encontrar duas formas de conceituar Plataforma, como lugar e como ferramenta digital. Muitas empresas possuem o modelo de negócios com base em plataformas digitais, a Uber, Facebook, Amazon e até mesmo Google e Apple, além de serem empresas de altíssimo valor de mercado elas têm em comum essa opção. Apesar de muitas ainda não terem estes tipos de tecnologias digitais, elas têm se tornado cada vez mais frequentes e inevitáveis,

pois os efeitos de rede gerados pelo modelo de plataformas digitais vêm impactar diretamente na vida das pessoas. Podemos dizer que uma plataforma digital nada mais é do que um modelo de possibilidades de ações, negócios, que utiliza a tecnologia com o intuito de conectar pessoas e promover interações. Ela configura-se em linguagem interativa ou comercial, uma vez que visam otimizar ao máximo o encontro da demanda com a oferta.

Haveria, portanto, uma possibilidade de construção de uma Plataforma digital para o bairro de Plataforma? Como sua cultura local, seu capital cultural e mercadológico poderia se tornar acessível a um grande público? Essa poderá ser uma proposta para um próximo estudo. O fato é que os efeitos gerados pelas plataformas têm interferido bastante no cotidiano dos usuários, afetando não só as relações de negócio, mas também as relações humanas e a sociedade em geral. Nesse universo o propósito aqui é permitir interação e troca entre as partes a fim de aumentar a geração de valor, conseqüentemente, o desenvolvimento educativo através do conhecimento e saberes disponíveis no espaço local.

Já a Plataforma como um local situado num bairro da cidade de Salvador/BA/Brasil (Figuras 13 e 14), tem uma localização privilegiada no espaço geográfico, cercado pela orla marítima da Baía de Todos os Santos e pelo conhecido Parque São Bartolomeu – tombado pelo patrimônio histórico da humanidade. Um dos mais antigos bairros do Subúrbio Ferroviário de Salvador, possui uma visibilidade natural entre mares e rios, entre morros e planícies. Moura (2001) afirma que o nome do bairro teria surgido por causa da existência de uma balsa no formato de uma "plataforma flutuante", que fazia a travessia marítima das pessoas entre Plataforma e Ribeira, na época em que outros meios de transporte, como ônibus e trem, eram precários ou não existiam. Embora não reconhecido pelo poder oficial, a falta de investimentos na estrutura do bairro e nos serviços de saneamento básico, o de Plataforma foi, no passado, um espaço que marcou decisivamente a história da cidade de Salvador. Apesar de existirem programas de educação da Secretaria do Estado, será que esses estão de fato sendo potencializados na escola para benefícios da comunidade local?

Figura 13 e 14 – Plataforma

13 – Localização do Bairro



Fonte: Arquivo Google Maps, 2019

14 – Bairro Plataforma por áreas



Fonte: Arquivo Estações Ferroviárias do Estado da Bahia [estacoesferroviarias.com.br](http://estacoesferroviarias.com.br), 2019

Contudo, no passado, a Estação Ferroviária de Plataforma, intitulada Almeida Brandão, recebeu investimentos para seu desenvolvimento econômico e social, através do abastecimento da feira local com mercadorias que vinham do interior, a chegada da iluminação elétrica, a presença do transporte público e a instalação da fábrica de tecidos São Brás –, que proporcionaram o povoamento de Plataforma e a formação da Vila Operária. Não há mais a Fábrica, desde 1959. Atualmente, o bairro possui uma vista bem especial da costa baiana que, através dela, viabiliza benefícios à população por meio do turismo local.

Figura 15 – Estação Ferroviária de Plataforma Almeida Brandão



Fonte: Arquivo Projeto Vertentes/UFBA, 2019.

Sua localização foi estrategicamente utilizada por invasores portugueses e holandeses, como via de comunicação entre o Norte, o centro e a capital baiana, através da "Estrada das Boiadas", atualmente chamada de "Rua 8 de Novembro". Mas foram os indígenas nativos do local que os expulsaram e mantiveram esse lugar. Segundo Moura (2001), era uma aldeia jesuítica, a Aldeia de São João, constituída por índios da nação Tupi – os Tupinambá. Essa aldeia foi palco do primeiro sermão público em favor dos escravos negros, feito pelo Padre Antônio Vieira.

Suas origens de pertencimento e de luta pelas causas étnicas e condições de vida, já estava marcada em seu processo civilizatório, mas com ações afirmativas críticas. Um processo de formação necessário em todo ato educativo.

Assim, ao longo da história do Brasil independente, as comunidades formadas por homens e mulheres muito pobres, colocados em regiões negras do subúrbio da cidade [...], foram capazes de constituir este lugar da memória (ARAÚJO, 2001, pg. 57).

É possível confirmar tais origens ao nos depararmos com as ruínas das construções ocupadas pela ação do tempo na chegada da Estação, engolidas pela mata atlântica (Figuras 16 e 17), o que nos faz refletir sobre o descaso do poder público no que se refere à manutenção desse lugar de memória. Conforme perfil socioeconômico levantado pelo Projeto Vertentes<sup>4</sup>, seus moradores, que em meados da década de 1990 já chegavam a 58 mil (SERPA, 2001), em sua maioria são nascidos e criados no bairro, possuem uma rede de relações local, uma vez que o trabalho, o lazer e as amizades estão ali concentrados. Possuem um baixo poder aquisitivo e pouca escolaridade (a maioria concluiu apenas o ensino fundamental II). A maioria da população sofre com a falta de infraestrutura adequada e com a ausência do poder público, o que acaba – segundo Espinheira (2003) – relegando o bairro a um mero espaço de escoamento da pobreza da cidade.

---

<sup>4</sup> Projeto da Universidade Federal da Bahia que apresenta dados sobre os municípios baianos.

Figuras 16 e 17 – Ruínas em Plataforma



Fonte: Site RedePub/GEOTEC, 2019 (<http://redepub.geotec.uneb.br/>)

Há também aspectos que ainda contribuem para o destaque do bairro de Plataforma na cidade e que alimentam constantemente o orgulho dos moradores, como o famoso restaurante "Boca de Galinha" e a travessia marítima "Plataforma-Ribeira" – que funcionam como ponto de atração de turistas. Além desses aspectos turísticos, o bairro conta com sua arte reconstruída, demonstrada no Acervo da Laje (Figuras 18, 19, 20), conhecido internacionalmente, onde tivemos o privilégio de visitar esse espaço da arte local com produções de artistas da região, feitas prioritariamente com materiais recuperados do próprio ambiente.

Figuras 18, 19, 20 s 18, 19, 20 – Acervo da Laje

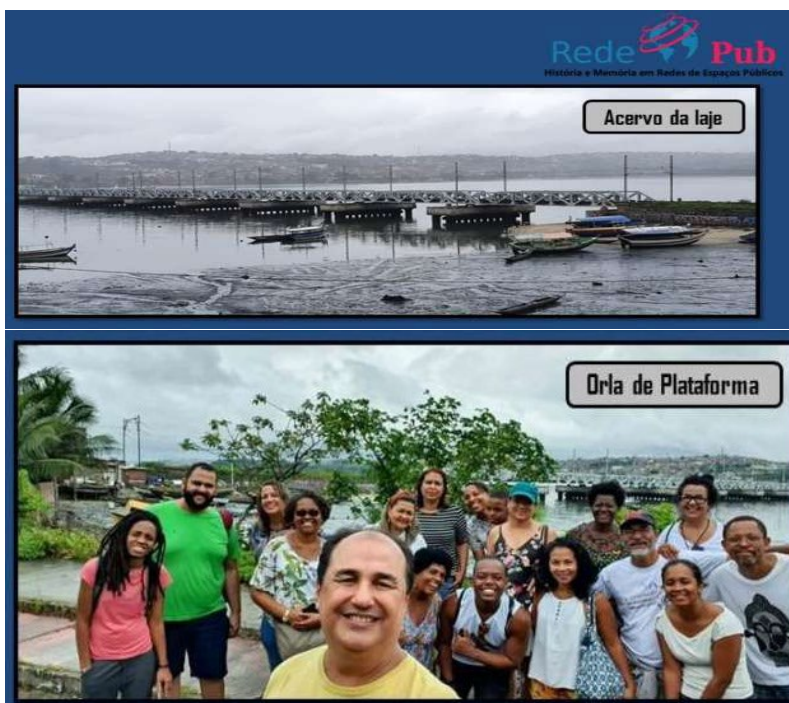


Fonte: Arquivo Site RedePub/GEOTEC, 2019 (<http://redepub.geotec.uneb.br/>)

Nessa parte baixa de Plataforma, denominada São João do Cabrito, a proximidade da população do bairro com o mar (Figuras 21 e 22) e com a falta de emprego, fez da pesca uma das atividades principais da economia local. Fica evidente que é o comércio de peixes e mariscos que, muitas vezes, garante aos moradores o sustento de suas famílias. Trata-se de uma atividade transmitida de geração a geração.

As marisqueiras que fazem parte da construção dessa economia local, mesmo com poucos recursos, muitas vezes, por exemplo, utilizando a grade de frente dos ventiladores como peneiras para a execução do seu trabalho, levam este produto para os restaurantes que dinamizam o turismo da região.

Figuras 21 e 22 – Proximidade dos Moradores com o Mar



Fonte: Arquivo Site RedePub/GEOTEC, 2019 (<http://redepub.geotec.uneb.br/>).

Os moradores de Plataforma, por sua vez, com sua luta do dia a dia e com o abandono dos órgãos públicos, fizeram com que muitos jovens deixassem a escola ainda nas séries iniciais. Mas muitos deles

nutrem uma enorme paixão pelo local onde nasceram e foram criados. É fato que a história e memória desses moradores, pescadores, comerciantes, permanecem vivas em suas ações que contribuem para o desenvolvimento econômico e social da região, pois essa história começou como um relato, a narração daquele que pode dizer "Eu vi, senti".

Históricos relatados por esses moradores de Plataforma, e através dos registros das pesquisas de campo, são contados nas comunidades e nos espaços institucionalizados, como na universidade, através também das escolas e por suas religiosidades. Essa dinâmica em potencial pode ser entendida como fundamentos da economia das ideias (LEVY, 1999), onde é o espaço de consciência convenientemente explorado. Nesse aspecto, o processo de criação da riqueza pode ser compreendido através da dinâmica de três polos: da invenção, da exploração e da economia.

A riqueza potencial é infinita porque o espaço das invenções (ideias) possíveis é – ele também – infinito. O consumidor final é também inicial porque quase sempre criativo, alimenta e realimenta outras criações através do desejo (LEVY, 1999, p. 62).

Esses desejos estão entre a comunidade e o espaço institucional escolar. É o que a seguir estaremos socializando, com os registros do Colégio Bertholdo Cirilo dos Reis.

### **Colégio Bertholdo Cirilo dos Reis**

---

O Processo educativo como fenômeno social, necessita de enraizamento cultural, contextos na diversidade e atos pedagógicos inerentes às vivências contemporâneas que articulam diferentes saberes humanos. Entendendo educação, como um aspecto que,

[...] ocorre nos mais diversos e diferentes espaços e situações sociais, num complexo de experiências, relações e atividades, cujos limites estão fixados pela estrutura material e simbólica da sociedade em determinado momento histórico (DAYRELL, 1996, pg. 142).

Com essa ideia ligada à Educação, chegamos ao Colégio Estadual Democrático Bertholdo Cirilo dos Reis <sup>5</sup> (Figura 23) – nome em homenagem a um maestro soteropolitano. Esse colégio possui diversos projetos <sup>6</sup> que viabilizam recursos financeiros e tecnológicos para esta instituição o qual oferece a Educação Básica (Anos Finais do Ensino Fundamental com 632 alunos e o Ensino Médio com 666 alunos), além da Educação Especial (Com 11 alunos), com atividades de Jornada Pedagógica.

Figura 23 – Colégio Estadual Bertholdo Cirilo dos Reis



Fonte: Arquivo RedePub/GEOTEC, 2019

Logo no portão de entrada do Colégio encontramos algumas regras de acordo de convivência (Figuras 24 e 25). As regras <sup>7</sup> apresentadas pela gestão escolar mostravam enfoques normativos e os horários de atendimento ao público em geral. Normas que suponhamos que estejam desatualizadas em relação ao contexto atual

---

<sup>5</sup> Está situada na Rua Estrada do Cabrito, 80 E, Plataforma, Salvador – BA. O Colégio possui uma boa infraestrutura conservada, com salas (Direção, Professores, Alunos, Leitura, atendimento especial), auditório, quadra coberta, laboratórios (Ciências e Informática com 12 computadores e internet banda larga).

<sup>6</sup> Programas no Colégio: PNAE, FAED/Manutenção, PDDE/Caixa Escolar, PDDE/FEFS-Escola Aberta, PDDE/Mais Educação / Tempo Integral, PDDE/PDE, PDDE/Qualidade, PMEP/Plano de Ação, PNAE/Mais Educação, PNAE/Regular e EJA (Com 337 alunos), PNAE/UEx (<http://escolas.educacao.ba.gov.br/node/12018>) e (<https://www.qedu.org.br/escola/126181-ee-colegio-estadualdemocratico-bertholdo-cirilo-dos-reis/sobre>).

<sup>7</sup> Aos visitantes (Proibição de shorts, minibusas e saias curtas), aos alunos (Proibição de calça *leging*, calça e camisa escolar customizada, boné e sandália em geral).

em que estamos inseridos de processo de gestão democrática nas escolas.

Figuras 24 e 25 –Entrada do Colégio Estadual Bertholdo Cirilo dos Reis



Fonte: Arquivo RedePub/GEOTEC, 2019.

Segundo Dayrell (1996, pg.159), a escola é "como uma instituição dinâmica polissêmica, fruto de um processo de construção social" e "aponta também para o potencial da escola como um espaço de cultura e lazer para o próprio bairro". Nessa perspectiva democrática, mesmo com uma boa infraestrutura do colégio, a Professora de Educação Física Magaly Menezes, integrante também desse grupo de pesquisadores, depois de ter apresentado o Colégio, relatou as atividades interativas com a comunidade no entorno, com caminhadas para o conhecimento dos saberes do lugar. Tal ação vem sendo fortalecida pela própria comunidade local e com os alunos. Este tem sido um processo educativo e de conteúdo específico que proporciona para eles o sentimento de pertencimento local.

### **Estação do bairro de Escada**

Ficamos sabendo, nessa Estação do bairro de Escada (Figura 26), que essa linha/tronco da Viação Férrea do Leste Brasileiro (VFFLB) era a linha original da Empresa Ferroviária da Bahia ao São Francisco, aberta entre 1860 e 1863, ligando a estação da Calçada, em Salvador, à de São Francisco, em Alagoinhas – outro município baiano. Portanto, esses trilhos tinham uma amplitude intermunicipal, que parece voltar a estar na proposta do PDDU para os próximos anos.

Figura 26 – Mapa de Localização da Estação Ferroviária de Escada



Fonte: Arquivo <http://www.estacoesferroviarias.com.br/br>, 2019.

A culinária típica esteve presente no itinerário das trilhas, assim como a Igreja mais antiga do local que traz nas suas estruturas toda a carga histórica do bairro e trabalha com atividades escolares no decorrer do ano. Ela fica próxima à estação da Escada, numa encosta elevada, à vista do mar, onde mais abaixo passa a linha férrea. Esta igreja de Nossa Senhora da Escada (Figuras 27 e 28) se encontra em seu entorno, construída no século XVI<sup>8</sup>, hoje ameaçada por fissuras e rachaduras, que são marcas de bagagem histórica da cidade de Salvador desconhecida nos percursos turísticos.

Figura 27 e 28 – Capela Nossa Senhora da Escada



Fonte: Arquivo Site RedePub/GEOTEC, 2019 (<http://redepub.geotec.uneb.br/>)

<sup>8</sup> Fontes: Universidade Católica de Salvador; O Estado de São Paulo, 01/08/2005; Cyro Deocleciano R. Pessoa Jr.: Estradas de Ferro do Brasil, 1886; RFFSA -SR-7: Relatório, 1984; Guia Geral das Estradas de Ferro do Brasil, 1960; Guias Levi, 1932-84)

Os resultados dessa experiência foram evidenciados no decorrer desse texto como perspectivas documentais que retratam essa trilha sujeito-história-lugar, também como contribuição formativa para os pesquisadores.

## **Considerações finais**

---

Quando chegamos ao campo dessa pesquisa estabelecemos uma relação de grupo com o objetivo definido de registrar o percurso de viagem no trem do subúrbio ferroviário da cidade de Salvador/BA/Brasil, que nos leva a diferentes possibilidades de saberes pela população que o utiliza, antes que ele seja modificado.

A memória possível relatada sobre diferentes saberes encontrados durante o percurso, apontou para a possibilidade de se pensar em um estudo do desenvolvimento social e cultural, a partir dos saberes encontrados na comunidade que vive ao entorno desse percurso do trem, para a necessidade de possíveis dados a serem socializados.

No roteiro proposto, vimos que dentro do Trem e nas Estações visitadas, essa trilha proporcionou dificuldades já conhecidas, no momento confirmadas (Infraestrutura, ruínas, condições de vida, dentre outras já mencionadas aqui). Mas também de aspectos potencializadores de convivência natural (As paisagens, os saberes registrados a partir do trem e com a interação dos moradores e frequentadores desses espaços, a colaboração de grupo, dentre outras). Esses relatos tiveram um foco voltado para o ato educativo.

As impressões e interpretações obtidas nesse campo de pesquisa fizeram ressurgir a necessidade de se pensar a cultura local na cultura global, o que nos fez também propor ao grupo a intenção de buscar outros espaços públicos educativos e ampliar as possibilidades de criação de projetos socioeducativos que venham a ressaltar a história e memória dos espaços visitados. Essa experiência de grupo, com a intenção de dar visibilidade à importância da linha férrea e da comunidade em seus arredores, criaram relações sociais e conhecimentos que podem contribuir para o desenvolvimento singular de cada participante, assim como no aprimoramento sociocultural.

## Referências

---

ARAÚJO, Ubiratan Castro. *Conexão Atlântica: História, Memória e Identidades*. Artigo institucional da Fundação Palmares, 2001.

DAYRELL, Juarez. *Múltiplos olhares sobre educação e cultura*. Belo Horizonte: Ed. UFMG, 1996.

ESPINHEIRA, Gey. *Salvador a cidade da desigualdade*. In: MONTOYA URIARTE, Urpi, ESTEVES JÚNIOR, Milton (orgs.). *Panoramas urbanos: reflexões sobre a cidade*. Salvador: EDUFBA, 2003.

HALBWACHS, M. *A Memória coletiva*. Trad. de Laurent Léon Schaffter. Tradução de: *La mémoire collective*. São Paulo, Vértice/Revista dos Tribunais, 1990.

Le GOFF, Jacques, 1924. *História e memória / Jacques Le Goff*; tradução Bernardo Leitão... [et al.] -Campinas, SP: Editora da UNICAMP, 1990 (Coleção Repertórios).

LÉVY, Pierre. *Cibercultura*. São Paulo: Editora 34, 1999.

MARTINS, Daniela Maria Barreto. *A tessitura intersubjetiva dos entrelugares: o que pode um grupo?* In: XXVII Congreso de la Asociación Latinoamericana de Sociología. VIII Jornadas de Sociología de la Universidad de Buenos Aires. Asociación Latinoamericana de Sociología, Buenos Aires, 2009.

MOURA, Terciana Vidal. *Memória de Plataforma: o resgate de histórias de bairro, como mecanismo de inclusão, identidade e participação social*. In: MENEZES, Jaci Maria Ferraz de (Org.). *Educação na Bahia – Coletânea de textos. Projeto memória da educação na Bahia*. Salvador: EDUNEB, 2001.

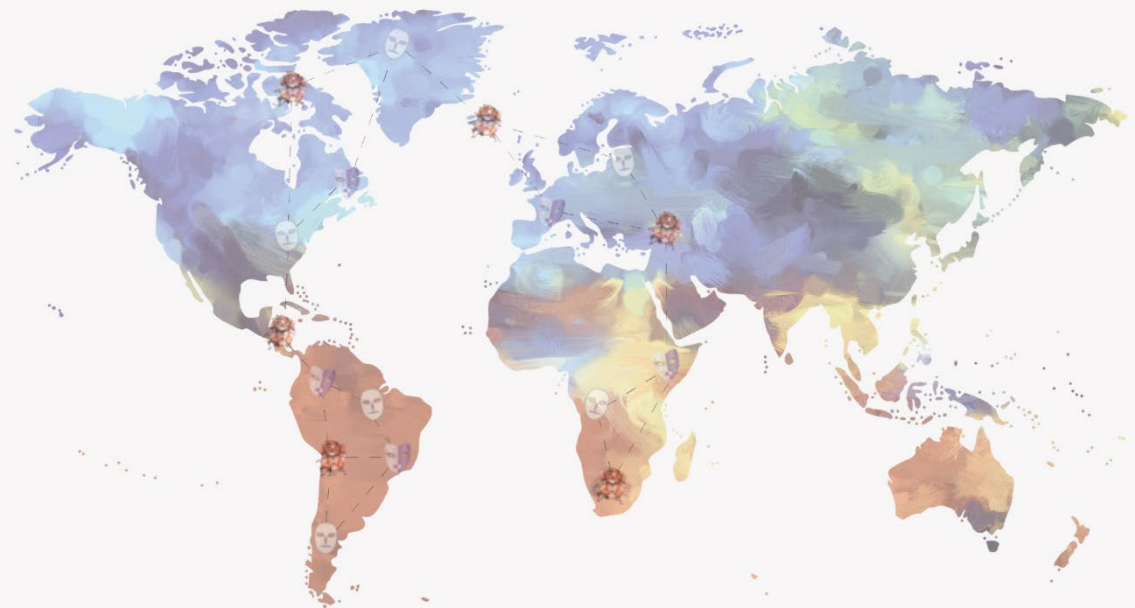
OLIVEIRA, Rogério Luiz Silva de. *Fotografia e memória: a criação de passados*. Dissertação de Mestrado apresentada ao Programa de Pós-graduação em Memória: Linguagem e Sociedade da Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia – UESB, 2011.

SERPA, Ângelo (org). *Fala Periferia! Uma reflexão sobre a produção do espaço periférico metropolitano*. Salvador: EDUFBA, 2001.

# Produto de Itinerâncias em Plataforma/BA

*José Antonio Carneiro Leão*  
*Magaly Menezes Andrade*

 10.47247/JLC/88471.54.8.6





**Acervo da Laje**  
Acesse nosso QR Code

Produto do Mestrado Profissional Gestão e Tecnologias Aplicadas à Educação - GESTEC  
Professora da Rede Pública Estadual, Mestranda: Magaly Menezes Andrade

UNEB  
GESTEC  
GEOTEX  
Rede + Pub



Fonte: Fotografias deste registro (© 2021 by @kleberr.ribeiro)

## Acervo da Laje

É um espaço de Memória Artística, Cultural e de Pesquisa sobre o Subúrbio Ferroviário de Salvador. A Associação Cultural Acervo da Laje é formada por duas casas que contêm biblioteca, hemeroteca, coleções de CDs, discos, manuscritos, croquis, conchas, artefatos históricos, quadros, esculturas em madeira e alumínio, fotografias e objetos que contêm a história do Subúrbio Ferroviário de Salvador, dialogando com toda a cidade, mostrando que também há beleza e elaborações estéticas neste território.



O Acervo da Laje é um dos poucos museus que fogem à centralidade de espaços de cultura soteroopolitana, estando localizado na área suburbana da cidade, marjoritariamente negra.

O Acervo da laje está localizado em um ambiente marcado pela constante construção de habitações em expansão e espontâneas que acompanham as necessidades imediatas dos usuários. O próprio acervo nasce nesse tipo de conjuntura. O museu é formado pela tríade Casa, Museu e Escola que mantem o acervo vivo por mais de 10 anos. Nesse ritmo, as famílias residentes envolvem-se nas atividades do museu e contribuem para sua manutenção.



Esperança, no Bairro de São João do Cabrito e foi residência do casal José e Vilma. O acervo deste lugar tem uma diversidade de obras adquiridas através de compras, doações e muitas delas

encontradas no lixo, que contam uma história até então invisível do Subúrbio Ferroviário. Um dos objetivos do Acervo é propiciar o encontro das pessoas com as obras e os artistas, assim como estimular pesquisas e a ressignificação da imagem da periferia, mostrando seus valores, memória, cultura, e elaborações estéticas.



É nesta casa que o Professor Dr. José Eduardo Ferreira Santos vive com sua família e iniciou suas pesquisas sobre a produção artística no território onde mora, sendo ele e a família mantenedores do lugar. A Casa 2 foi construída como atual residência do professor José Eduardo Ferreira que vive com sua esposa Vilma Santos. Ambas as casas são residência em baixo e nos andares superiores está o museu.



O Acervo da Laje é o único Museu/Casa/Escola do Subúrbio Ferroviário de grande importância para a população de Plataforma e demais bairros do Subúrbio, por sua grande contribuição para a formação de todos que vivem neste local, preservando de forma valorosa sua história e memória.

O Acervo da Laje enaltece a importância de pertencimento a este local de forma belíssima. Somos gratos a José Eduardo e Vilma Reis por sempre abrirem as portas deste lugar para nós e nossos alunos do Colégio Bertholdo Cirilo dos Reis.



**José Eduardo Ferreira  
Santos**

Pedagogo (UCSal), mestre em Psicologia (UFBA), doutor em Saúde Pública pela Universidade Federal da Bahia e fez estágio pós – doutoral em Cultura Contemporânea no Programa Avançado de Cultura Contemporânea (PACC – UFRJ), no Instituto de Psicologia da UFBA e no Programa de Pós – Graduação em Família na Sociedade Contemporânea da UFSal, pelo Programa Nacional de Pós – Doutorado (PNPD – CAPES), onde atualmente é professor e pesquisador. Curador e responsável junto com Vilma Santos pelo Acervo da Laje, que reúne obras artísticas e históricas do Subúrbio Ferroviário de Salvador e de toda a cidade. Autor dos livros *Novos Alagados: histórias do povo e do lugar* (EDUSC, 2005); *Travessias: a adolescência em Novos Alagados* (EDUSC, 2005); *Cuidado com o vão: repercussões do homicídio entre jovens da periferia* (EDUFBA, 2010); *Faixas assombrosas: a nascente da beleza nas canções populares* (SCORTECCI, 2013); e, *Acervo da Laje: memória estética e artística do Subúrbio Ferroviário de Salvador* (SCORTECCI, 2014).



**Vilma Santos**

#### PERFIL

Sou a primeira mulher negra a fundar um museu no Subúrbio, o Acervo da Laje.

Administro meu tempo entre o papel de gestora de um dos espaços culturais alternativos mais visitados da cidade de Salvador e o ofício de professora de reforço escolar para crianças da comunidade de São João do Cabrito.

#### CONTATOS PESSOAIS

- 📍 Rua Sá Oliveira, n 2A (Fundo), São João do Cabrito, Salvador, BA.
- ✉ ocupalajes@gmail.com
- ☎ +55 71 98637-8051

#### ÁREA DE ATUAÇÃO

Cultura & Educação

#### DADOS PESSOAIS

- Data de Nascimento: 10/04/1968
- Naturalidade: Soteropolitana
- Nacionalidade: Brasileira
- Estado Civil: Casada
- Escolaridade: Ensino Médio Completo / Magistério

#### FORMAÇÃO ESCOLAR

**Colégio Est. Democrático Bertholdo Cirilo dos Reis**  
ENSINO MÉDIO E MAGISTÉRIO  
ANO DE CONCLUSÃO: 1994

#### EXPERIÊNCIAS

**1997 a 2013**

**Pastoral da Criança - Comunidade Igreja Nossa Senhora do Mont Serrat de Plataforma**

CARGO: COORDENADORA  
FUNÇÃO DESEMPENHADA: ARTICULAÇÃO COMUNITÁRIA, GESTÃO DE PESSOAS E ACOMPANHAMENTO SOCIAL

**2016 e 2018**

**Ocupa Lajes**

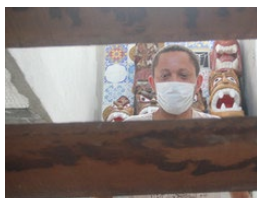
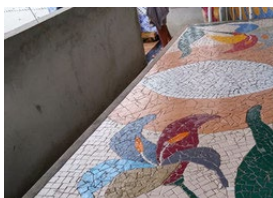
CARGO: COORDENADORA DAS OFICINAS  
FUNÇÃO DESEMPENHADA: GESTÃO DE PESSOAS, ORIENTAÇÃO PEDAGÓGICA E PRODUÇÃO EXECUTIVA

**2010 até o presente momento**

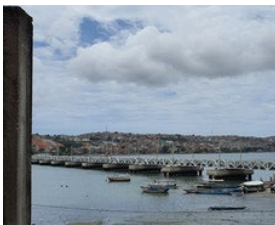
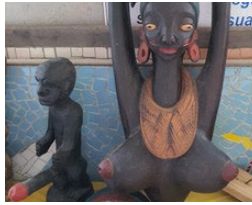
**Acervo da Laje**

CARGO: GESTORA CULTURAL E EDUCADORA SOCIAL  
FUNÇÃO DESEMPENHADA: GESTÃO DE PESSOAS, ORIENTAÇÃO PEDAGÓGICA E PRODUÇÃO EXECUTIVA

## Acervo da Laje







Fora da galeria

Implantação QR-Code em 09 dezembro de 2022



Fora da galeria



A promotional graphic for the Centro Cultural Plataforma. It features a photograph of the building's exterior on the left. The text "Centro Cultural Plataforma" is written in a large, white, serif font, with "Acesse nosso QR Code" below it in a smaller, white, sans-serif font. A large QR code is positioned in the center, and a hand is shown holding a smartphone that displays the same QR code. At the bottom, there is a line of text: "Produto do Mestrado Profissional Gestão e Tecnologias Aplicadas à Educação - GESTEC Professora da Rede Pública Estadual, Mestranda: Magaly Menezes Andrade". The bottom of the graphic also contains the logos of UNEB, DEDC, GESTEC, GEOTEC, and Rede Pub.



Fonte: Fotografias deste registro (© 2021 by @kleberr.ribeiro)

O Centro Cultural Plataforma anteriormente conhecido como Cineteatro Plataforma, é um centro cultural e casa teatral brasileira localizado na Praça São Braz, s/nº Plataforma, Salvador-BA, CEP 40.710.530.

Sua inauguração se deu na década de 30 com a finalidade de exibir filmes no bairro de Plataforma como uma das ações do Circulo Operário da Bahia. O espaço, entretanto, permaneceu fechado por mais de 14 anos, reabrindo em 8 de junho de 2007, se intitulando Centro Cultural Plataforma.



O Espaço possui uma sala principal (palco italiano) com capacidade de: 206 lugares (com acessibilidade), três salas de ensaio e um foyer. O espaço é gerenciado pela Superintendência de Desenvolvimento Territorial da Cultura, através da Diretoria de Espaços Culturais, integrante da Secretaria de Cultura do Estado da Bahia e por Organizações Culturais, através do Fórum de Arte e Cultura do Subúrbio.



O centro atualmente é dirigido por Márcio Bacelar, que vem dando vida a este espaço desde que assumiu esta gestão. Agradecimento especial ao Ator, Diretor Cultural, e apresentador de TV Fabrício Cumming de Almeida que, através de sua relação e amizade com o gestor, sempre abriu portas para mim e meus alunos do Colégio Bertholdo Cirilo neste Centro de Cultura tão importante para o Bairro de Plataforma.

### Comunidade de Plataforma

---



Márcio  
Bacelar



Fabrício  
Cumming



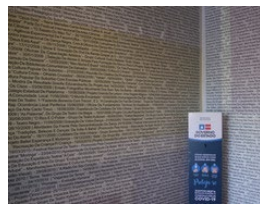
Diretoria

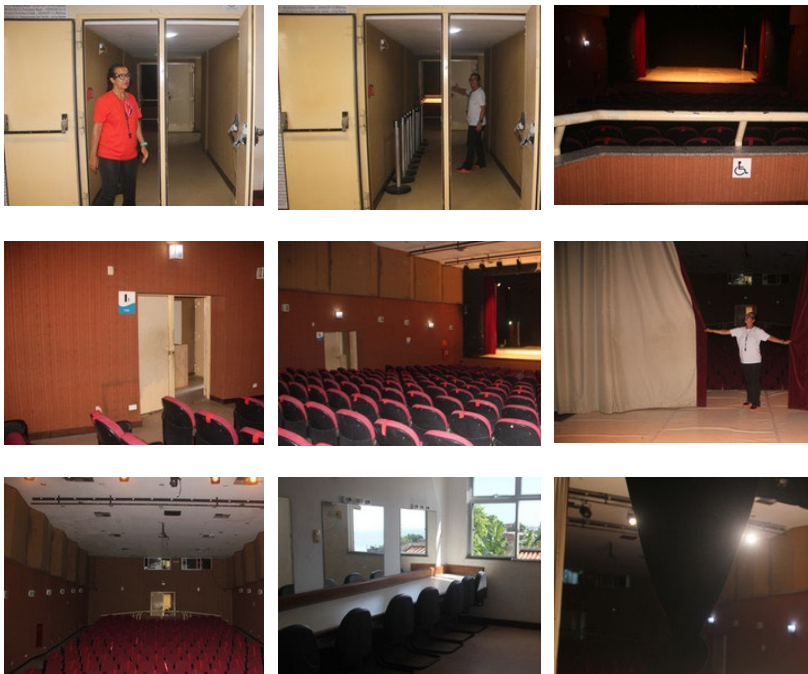


convidados

### Centro Cultural Plataforma

---





Accessibility\_Left\_Gallery

Implantação do QR-Code em 08 de dezembro de 2021



**Fábrica São Brás**  
Acesse nosso QR Code

Produto do Mestrado Profissional Gestão e Tecnologias Aplicadas à Educação - GESTEC  
Professora da Rede Pública Estadual, Mestranda: Magaly Menezes Andrade

UNEB UESB GESTEC GEOTEL Rede P. Pub



Fonte: Fotografias deste registro (© 2021 by @kleberr.ribeiro)

Localizada no Subúrbio Ferroviário de Salvador, na Rua Almeida Brandão, nº63 em Plataforma, estando voltada para a Baía de Todos os Santos, próximo à Enseada do Cabrito, nos limites do Parque Metropolitano de Pirajá.

A fábrica foi inaugurada em 1860, e com o surgimento em 1875 da Fábrica Têxtil São Braz que, entre final do século XIX e as primeiras décadas século XX, atraiu centenas de trabalhadores transformando a antiga Fazenda do Político e Empresário Português Manoel Francisco Almeida Brandão em uma usina, e logo depois na Fábrica.

O Sr Manoel nasceu em Portugal na cidade de Póvoa de Varzim em 11 de janeiro de 1837, vindo a falecer em 1902. A fábrica São Braz foi uma das mais importantes Fábricas Têxtil da Bahia que em 1875 teve seu grande início de produção, tendo sido incorporada em 1981 à Companhia Progresso Industrial e a Companhia União Fabril, sob a direção de Bernardo Martins Catarino até 1944.

Por várias vezes a Fábrica sofreu mudanças de donos, tendo seus momentos de altos e baixos. Em 1967 foi arrendada à Fábrica de Tecidos Fatima e renomeada FETBRAZ.



A Fábrica São Braz movimentou durante muitos anos a economia do bairro de Plataforma que propiciou a muitos moradores locais (como o Bertholdo Cirilo do Reis) seu primeiro e único emprego.

Graças à instalação da fábrica surgiu no local uma grande vila operária que movimentou muito a economia de Plataforma e do Subúrbio Ferroviário.



A Fábrica São Braz foi desativada em 1986, na década de 60. Com o passar do tempo tornou-se estas ruínas, que nem mesmo seu tombamento estadual ocorrido em 2002 conseguiu estancar a depredação deste patrimônio.

Curiosidade sobre a Fábrica: seus maquinários usavam energia a vapor das máquinas puxadas a cavalos, ela produzia algodão, sacos de pano brancos de vários tamanhos e novelos de fio. O consumo de seus produtos era na Bahia e outra parte exportada para vários países.

A Fábrica chegou a ter crianças trabalhando em várias funções.



---

### Tombamento

- \* IPAC: Instituto de Patrimônio Artístico da Bahia.
- \* Nome atribuído: Antiga Fábrica São Braz
- \* Localização: Rua Almeida Brandão, nº63-Plataforma Subúrbio
- \* Ferroviário-Salvador-BA
- \* Território de Identidade: metropolitano de Salvador
- \* Processo de Tombamento: N°003/1997
- \* Resolução de Tombamento: N°8.357/02, de 05/11/2002
- \* Livro do Tombo dos Bens Imóveis: Inscrição nº 54
- \* Estado de Conservação: Em processo de arruinação

Aos responsáveis por este patrimônio, não deixem esta história ruir ao chão.

# Fábrica São Braz





## Autorização do IPAC para implantação deste QR-Code



**GOVERNO DO ESTADO DA BAHIA**  
Instituto do Patrimônio Artístico e Cultural da Bahia  
Diretoria de Projetos, Obras e Restauro -  
IPAC/DG/GAB/DIPRO

NOTA TÉCNICA

<b>PROCESSO:</b>	062.1982.2021.0002756-11
<b>ORIGEM:</b>	IPAC / DIPRO
<b>OBJETO:</b>	Nota Técnica 07/2021 - DIPRO sobre implantação de QR Code na Fábrica São Braz.



DIRETORIA DE PROJETOS, OBRAS E RESTAURO

NOTA TÉCNICA Nº 07/2021 - DIPRO

EM 24/11/2021

Interessado: Magaly Menezes Andrade

Assunto: Solicita uma reunião para tratar da Implantação de QR Cod na Fábrica São Braz em Plataforma.

Em atenção ao e-mail 00039196682 e Despacho 00039200012, que solicitam autorização para implantação de um QR Code nos muros da Fábrica São Braz, como produto final da solicitante no Mestrado em Educação pela UNEB, temos a informar:

A Fábrica São Braz está localizada na Rua Almeida Brandão nº63, Plataforma, Subúrbio Ferroviário de Salvador - Ba. O imóvel é tombado individualmente pelo IPAC, conforme Decreto nº 8.357/02.

Compactuamos com o intuito de resgatar a memória e história da Fábrica, de Plataforma e de todo o Subúrbio Ferroviário, com a implantação de QR Codes com disponibilização de informações e pesquisas, a serem acessadas por moradores, turistas e pesquisadores que a visitam. Para tanto, recomendamos que a instalação dos mesmos seja feita de modo a não prejudicar a estética e materialidade da construção, isto é, não venham a causar danos e patologias a edificação.

Observando a Fotografia 00039198172, que simula a placa a ser instalada em acrílico, com fixação em parafusos inoxidáveis, nada temos a opor a sua implantação.

Atenciosamente,



Documento assinado eletronicamente por **Jam Karla dos Santos de Lima**, **Subgerente**, em 24/11/2021, às 16:44, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no art. 13º, Incisos I e II, do [Decreto nº 15.805, de 30 de dezembro de 2014](#).



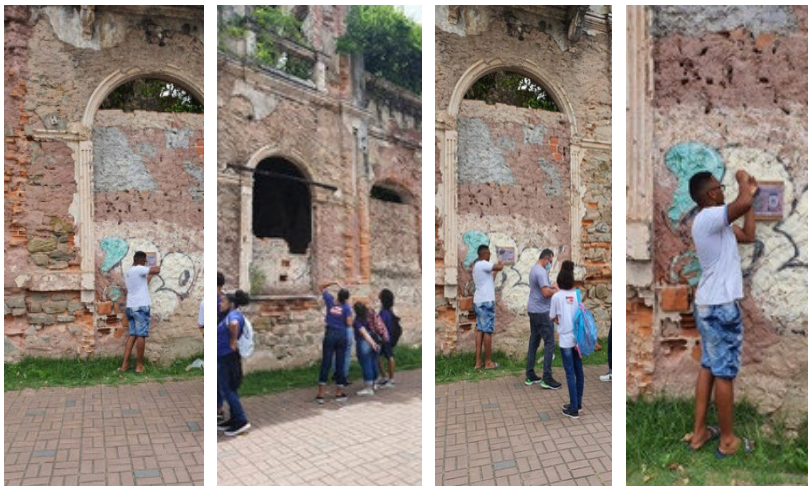
A autenticidade deste documento pode ser conferida no site [https://seibahia.ba.gov.br/sei/controlador\\_externo.php?acao=documento\\_conferir&id\\_orgao\\_acesso\\_externo=0](https://seibahia.ba.gov.br/sei/controlador_externo.php?acao=documento_conferir&id_orgao_acesso_externo=0), informando o código verificador **00039200085** e o código CRC **4D6CFE5F**.

Referência: Processo nº 062.1982.2021.0002756-11

SEI nº 00039200085

Implantação do QR-Code em 10 de dezembro de 2021







## Colégio Estadual Democrático Bertholdo Cirilo dos Reis

Acesse nosso QR Code




Produto do Mestrado Profissional Gestão e Tecnologias Aplicadas à Educação - GESTEC  
 Professora da Rede Pública Estadual, Mestranda: Magaly Menezes Andrade





Fonte: Fotografias deste registro (© 2021 by @kleberr.ribeiro)

O Colégio Estadual Democrático Bertholdo Cirilo dos Reis foi inaugurado em 29 de março de 1981. Ele está localizado na Rua Entrada do Cabrito, nº 80-E, São João do Cabrito/Plataforma.

O lugar onde a escola foi construída era um terreno baldio de propriedade do Poder Público.

Quando a comunidade soube da construção de uma escola neste lugar houve uma grande manifestação popular para que o mesmo levasse o nome de um líder comunitário local que muitos favores e benfeitorias fez e trouxe para essa comunidade. O projeto de lei surgiu do então Vereador, a época, Lourival Evangelista, um filho que Sr. Bertholdo Cirilo adotou, além dos outros 8 filhos de seu casamento.

Bertholdo Cirilodo Reis foi nascido em Mata de São João, a 29 de março de 1892, chegando em Plataforma com 9 anos de idade, instalando-se no Bairro de São João do Cabrito, à Rua do Recreio, ali vivendo toda sua infância e juventude, só saindo de lá para casar-se.



Filho de pais extremamente pobres e de prole numerosa, cedo deixou a escola, onde cursou até o 3º ano primário para, aos 14 anos (em 1909), trabalhar como menor aprendiz na Fábrica São Braz, e ajudar seus pais no sustento da casa e de seus irmãos.

Com espírito dinâmico e sequioso de conhecimentos, fez o curso de Maquinista para a Marinha Mercante, utilizando estes conhecimentos na Fábrica São Braz, da Companhia Progresso e União Fabril da Bahia S/A.



Na gestão do Governador Lomanto Junior foi eleito por duas vezes Operário Padrão por seus 56 anos de serviços prestados a fábrica sem tirar sequer um dia de férias.

Seu esforço e trabalho tinha por objetivo o desejo de educar e formar seus filhos do ventre e os do coração. Foi então eleito Operário Padrão da Bahia em 1965, e no mesmo ano 2º lugar como Operário padrão do Brasil.

Bertholdo sempre enaltecia a importância de sua esposa Dona. Rosa Lima, mãe de seus 8 filhos, que trabalhou muito para cuidar da casa e dos filhos do casal:

Idemevaldo, Ileyta, Idelson, Ialson, Idelyta, Nivaldo, Edelzuita e Dilson. Como se não bastasse sua labuta árdua, sobrou-lhe tempo para a Presidência de uma Filarmônica onde era trompetista e maestro, sendo presidente de várias sociedades beneficentes, restaurou inclusive a Filarmônica Recreio de São Braz (sua grande paixão), de Plataforma, onde também dava aulas gratuitas a comunidade.



BERTHOLDO E ROSA



ANIVERSÁRIO DA FILARMÔNICA  
Festa realizada em sua sede social.  
Prêmio dos Sr. Bertholdo Cirilo dos Reis-Presidente e Maestro da Filarmônica, Sr. Manoel Vitor Louf - Diretor da Filarmônica.

Além de todo trabalho aqui já citado que Bertholdo Cirilo desempenhou, ele também foi Juiz de Paz por 4 vezes. Suplente e Subdelegado de Polícia em Plataforma. Depois de restaurar a Filarmônica, Bertholdo transformou-se em uma Escola de Música, sendo seu Primeiro Professor, que encheu de orgulho toda Plataforma e o Subúrbio Ferroviário. Bertholdo Cirilo dos Reis teve uma vida brilhante e cheia de sucesso, tendo uma morte tranquila aos 87 anos de idade, cercado por sua esposa, filhos e netos.

A Bertholdo Cirilo dos Reis (*in memoriam*):

\*29.03.1892 \*\*02.05.1978

Betholdo e sua neta Adriana, no casamento de Deraldo e Joana



SERVICO SOCIAL DA INDUSTRIA  
(SESI)  
DEPARTAMENTO REGIONAL DA BAHIA  
Instituto de Ação Social

SERVICO DE ORIENTAÇÃO SOCIAL

Atestamos que o Sr. BERTHOLDO CIRILO DOS REIS participou o Edital de "Operário Adoção" do Estado da Bahia no concurso realizado em São Paulo de setembro de 1958.

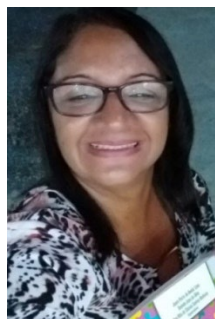
Estado de Salvador, 30 de Setembro de 1965

A Escola Democrático Bertholdo Cirilo dos Reis é uma escola de Porte Especial, possuindo 22 Salas, um Laboratório de Informática, uma Quadra de Esporte Descoberta, 2 Sala de Multimídia, 1 Biblioteca, 1 Refeitório, 1 Estacionamento interno para carros, e 1 Auditório.

Nossa Escola atende: EJA, Eixo VI e VII, Fundamental II, Ensino Médio, Profissionalizante. A escola possui 17 funcionários, e 78 professores(as).



A professora Adriana dos Reis Carvalho, neta de Bertholdo Cirilo do Reis, trabalha em nessa escola desde 1998 até a presente data



Adriana dos Reis Carvalho  
Neta de Bertholdo Cirilo dos Reis

Como professora de Educação Física desta escola desde agosto de 2015, este QR-Code é um presente para professores e alunos dela. Para uma comunidade que tanto ensinou, pegando a todos pelas mãos para descobrir este e outros lugares de Histórias e Memórias, riquíssimas deste lugar de pertencimento



Professora Magaly Menezes Andrade

## Trilhas corporificadas com meus alunos



**Lugares que fomos levados pelas mãos dos alunos, ou os levados através de pesquisas. Quer conhecer? Vem!**

---





Vídeo: Aérea Colégio Bertholdo Cirilo dos Reis  
Capture o QRCode para assistir



Implantação do QR-Code em 09 de dezembro de 2021



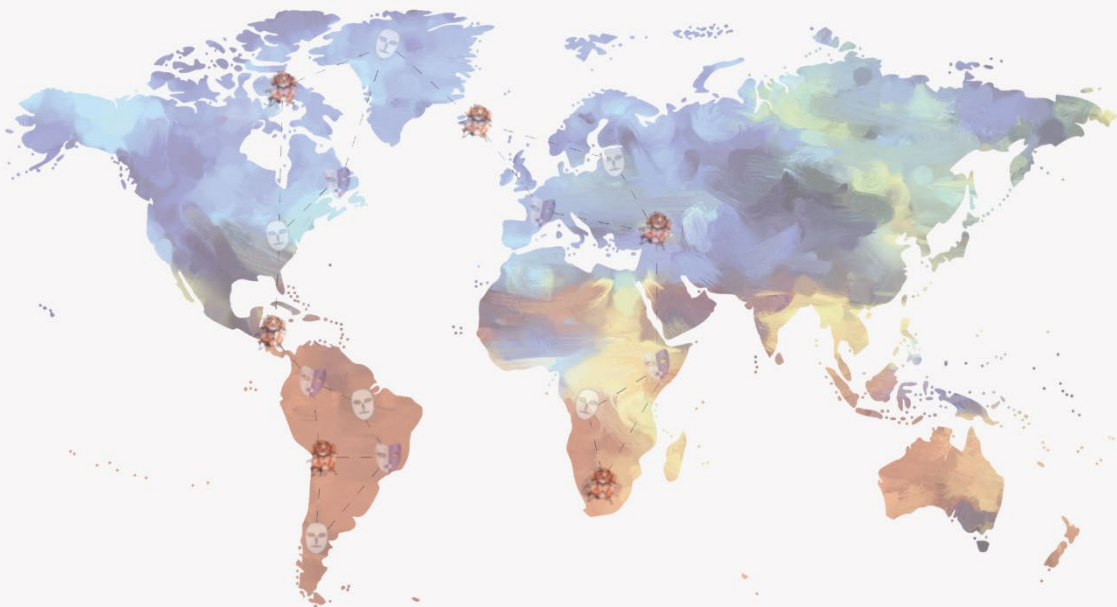
# Relato de experiências – bairro de Plataforma/BA

*Jaqueleide Souza de Lima*

*Barbara Maria Trindade da Costa*



10.47247/JLC/88471.54.8.7



Os percursos humanos estão intrinsecamente ligados a dimensões sociais, econômicas e políticas. Estas, intimamente ligadas às experiências humanas nos seus lugares de vivências. O espaço urbano é resultado dessa interação homem-natureza - homem. A vida humana segue um percurso que, em momentos envolve as escolhas individuais, outras vezes segue uma imposição do inscrito pela economia, pela política, pelo social. Assim, somos produtos e produtores do meio.

Em setembro de 2019, em uma vivência pedagógica proposta pelo Projeto RedePub, do Grupo de pesquisa GEOTEC, UNEB- SSA, pelo subúrbio ferroviário de Salvador no bairro de Plataforma/BA, experimentamos sensações diversas em uma mistura de sentimentos que nos impeliu a pensar para além daquilo que vimos nas belezas naturais e culturais daquele lugar. Os percursos pedagógicos nos levaram por caminhos de reconhecimento da nossa história, bem como a constatação do descaso político e econômico com o próprio cidadão, morador daquelas localidades. Existe, implicitamente, uma cegueira social, que impede o cidadão de lutar por melhores condições de vida por já estar este, cansado de tanto “remar contra a maré”, no sentido bem literal do dito popular.

Caminhar pelos bairros, atravessar os trilhos que um dia serviram para transportar as riquezas suburbanas para outras partes da Bahia e do mundo, errar o percurso, retomar os trilhos e chegar aos destinos com a sensação de que ainda era pouco o que se via, fotografar as igrejas e suas histórias que marcam a fé do povo e são pontos de referência na história do nosso estado, a exemplo da igreja de Escada. Mirar o mar, sentir a brisa, cheirar o cheiro de peixe morto, mas também de peixe frito, conhecer um “museu na laje” da casa guardiã das histórias de um povo quase esquecido, não fosse a garra pra lutar e acontecer em meio aos descasos de uma política tosca, mas que não tira o bom humor e a esperança de melhorias.

A partir do embarque no trem (últimos dias desse meio de transporte dos moradores do subúrbio ferroviário) até o momento de conhecer a gastronomia tão peculiar daquele lugar de belezas naturais estonteantes, que nos fizeram pensar por que não valorizamos tamanha beleza. A relação com a natureza, com as riquezas culturais, muitas vezes sem nem perceber o lugar de importância que esta relação tem na vida do indivíduo, é uma ação que deveria ser mais bem refletida no cotidiano daquela localidade, pois aos poucos vão se

perdendo a admiração, o respeito e o desejo de perpetuar uma cultura tão rica e ao mesmo tempo tão pouco prestigiada: a relação com o lugar de vivência, o sentido de pertença, o orgulho de ser quem é pelo simples fato de SER.

Vivenciamos ali, um movimento de imersão na nossa própria história. No embarque no trem cheio de histórias de vida, dores, sabores, cores, amores... foi possível ouvir o clamor (quase surdo) de um povo que aos poucos vai perdendo a esperança de tirar desse transporte, prestes a ser trocado pelos trilhos da tecnologia pós-moderna, o seu pão diário, conquistado com as vendas, entre uma estação e outra, de seus doces sonhos, dos peixes e outros produtos da cultura das localidades próximas. Nesse momento de contato com os passageiros do trem, foi possível evidenciar o que diz a letra da música *Admirável gado novo*, Zé Ramalho, “E ter que demonstrar sua coragem / À margem do que possa parecer / E ver que toda essa engrenagem / Já sente a ferrugem lhe comer” [...] “Povo marcado. Povo feliz”.

Nas caminhadas pelas ruas e becos presenciando a imponência das paredes levantadas “com/pelo” óleo de baleia representando o suor do povo baiano e com saudosismo ver o “desmoronamento” da grandiosidade vivida nos tempos áureos do subúrbio ferroviário. Na visita ao Museu da Laje onde foi possível imaginar a transformação simbólica de pedaços de pedras em brinquedos de infância, em caminhos que levavam à diversão, e o quanto “objetos descartados” redesenham a história de uma ponte que ligava comunidades e garantia a diversão dos meninos que pulavam dela, a história de uma rua que permitia brincadeiras inocentes sem preocupações hodiernas, e ainda nos apresenta as histórias desconhecidas que nos remetem a lugares que não (re) conhecemos (presencialmente) mas que trazem sabores que marcaram a nossa vida de forma particular.

O espaço, constituído por diversas manifestações, interações, fenômenos sociais coletivos e individuais, articula os contextos e determina o lugar de vivência a partir da subjetividade de cada envolvido. Tuan, (1983) defende o lugar como segurança e o espaço como liberdade: estamos ligados ao primeiro e desejamos o segundo.

A vivência com o lugar proporciona à consolidação de experiências e de valorização do sentido de pertencimento. Em depoimento, a professora Magaly Menezes, idealizadora do percurso,


compartilhou das dificuldades de alguns estudantes pescadores (parte deles alunos da escola Bertholdo Cirilo, que visitamos durante o percurso) em enxergar a beleza implícita do bairro e adjacências. Entendemos isso como resultado do pouco investimento em políticas públicas de valorização do lugar como potencial de identificação e sentido de pertença. Como estabelecer identificação com aquilo não é considerado “belo”? Para que cuidar do lugar se as pessoas não o enxergam como lugar de prestígio? A autovalorização está muito relacionada à admiração que nutrimos pelo lugar em que vivemos. Esse processo de não valorização do bairro, das manifestações culturais que nele acontecem, das pescas como patrimônio imaterial do lugar, acaba por se tornar uma cultura local e, em certa medida, generalizada.

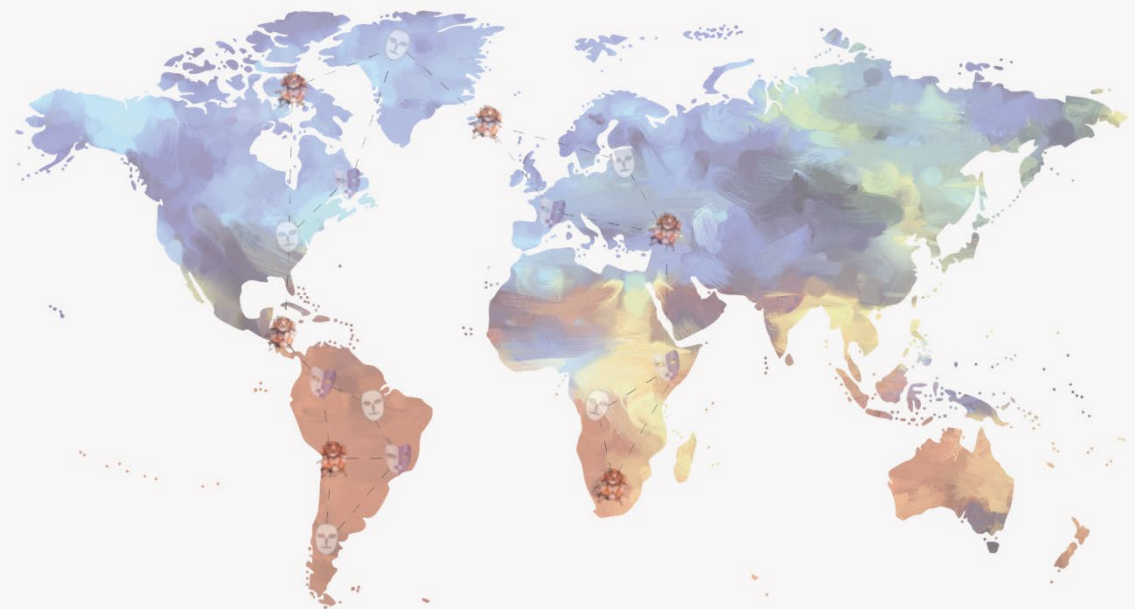
O fato de saber que existe uma instituição educacional, como a escola Bertholdo Cirilo no bairro de Alto do Cabrito, que acolhe o trabalho de uma professora apaixonada pelo que faz e que vai além dos muros da escola para apresentar aos seus estudantes que a beleza de ser quem somos está em valorizar nossa cultura, nosso lugar de vivência como mobilizador de experiências que devem nos impulsionar à luta por melhoria das condições de vida no plano individual e coletivo, nos dá esperança de voltar ao percurso e vivenciar outras realidades, sejam elas no contexto ambiental como também, e principalmente, no contexto social. [...].

14 de setembro, 2019.

# Entre trilhos e trilhas surgem saberes

Rêmulo Veloso dos Santos

 10.47247/JLC/88471.54.8.8



O dia amanheceu chuvoso e eu com vontade de permanecer na cama, mas a curiosidade do historiador me levantou às 6 horas para aula de campo promovida pelo RedPub - História e Memória em Rede de Espaço Público Educativo, um dos projetos articuladores do grupo de pesquisa Geotecnologias, Educação e Contemporaneidade (GEOTEC). Como não queria realizar esse sacrifício sozinho convidei minha mãe que adorou o convite. Aula e família também é possível, ficou muito claro isso nesse dia.

Ao adentrar na Estação Calçada, o início da trilha do trem que circula no subúrbio de Salvador, já cheguei com um olhar diferente do olhar do passageiro apressado, como anteriormente. Meu olhar era detalhista e cuidadoso, por que não dizer afetivo. Prof. Magali, nossa colega de grupo de pesquisa, iniciou a conversa sobre algumas informações concedentes à estação e ao me deparar com a matriarca, a Maria Fumaça, feita em cobre e que ainda funciona, me perguntei por que essa raridade se encontrava sem cobertura, o que vai acelerar seu desgaste. Penso que deveria restaurá-la, deixar em exposição em área coberta e realizar o trecho em dias festivos, como no aniversário da ferrovia. Espero que com a construção do novo veículo sobre trilho nossa Maria permaneça na estação.

Observei a atenção e cuidado de todos os trabalhadores do sistema, os vigilantes de cada estação, o maquinista que esperou nosso embarque, mas especificamente o zelador que limpando o banheiro colocou um incenso para perfumar o ambiente. Provavelmente o valor daquele aromatizante saiu do próprio salário.

Ao adentrar no vagão, era chocante o péssimo estado de conservação do mesmo, no entanto não foquei nisso. Fui fotografar as frases de efeito que estavam registradas, como: “Cuidem de mim”, “Não joguem lixo em mim”. Me parecia o clamor desesperado de socorro do próprio trem.

Desembarcamos em São João do Cabrito para visitarmos a escola onde nossa colega Magali leciona – a Escola Estadual Democrático Bertholdo Cirilo dos Reis – e foi muito interessante, pois nunca havia colocado uma escola no meu roteiro turístico de visitas. *Hashtag* fica a dica. Mas antes da escola visitamos ruínas da fábrica têxtil São Brás, construída no final do século XIX.

Sensação ótima ao adentrar a escola. Ambiente limpo, organizado, e com uma energia muito boa. Cartazes com frases de efeito preenchiam os corredores, e quando a gente imagina que eles

não causam nenhum efeito, teve um que me marcou e marcou muito minha mãe, com uma frase de Rubem Alves (2011): “Eu quero desaprender para aprender de novo. Raspar as tintas com que me pintaram. Desencaixotar emoções, recuperar sentidos”.

A altiva N. S. das Graças demarca o espaço da religião católica no ambiente que era para ser laico. Pensei: “Será que poderíamos colocar um altar para Exú também?”.

Magali informou das demandas sobre diversidade que ocorrem dentro da escola e ela pensava em montar um grupo para esses debates. Adorei a ideia de um grupo de pesquisa sobre diversidade da educação básica. Pensei até em um nome: Grupo de Estudos sobre Diversidade (GED).

Sáímos da escola e realizamos o percurso que Magali realiza com seus estudantes na praia. Apesar da presença de resíduos sólidos no mangue, apesar do lixo não recolhido na orla, estávamos decididos a olhar por trás daquilo, então vimos a beleza da enseada, das garças, das mulheres negras marisqueiras e ganhadeiras mercandecendo peixes frescos e baratos, pescadores orgulhosos de nos ensinar o nome dos peixes, a beleza da primeira ponte de Salvador e o descansar dos barcos.

Paramos para conhecer um casal de uma energia imensa e exemplo de desapego. Eles cuidam e mantem o Acervo da Lage, um memorial que tenta preservar as belezas do subúrbio. Apesar da grande riqueza do material armazenado o que mais me chamou atenção foi como duas almas decidiram abrir mão da privacidade do seu lar para qualquer pessoa adentrar e realizarem um trabalho social de grande valor.

Seguímos novamente para o trem em direção à estação Paripe. Desejei descer um pouco no bairro e conhecer o mercado e sua história, mas não houve tempo. Retornamos para a estação do bairro de Escada, quando conhecemos a Igreja Nossa Senhora da Conceição de Escada, erguida no século XVI, possivelmente, em 1536. Lá realizamos a doação de alimentos não perecíveis e adentramos a Capela. Do alto da Igreja a imagem irretirável em texto, só vivendo para perceber. Trilhos, mar, religiosidade e História trazidos por Magali e por nosso colega César, ambos pesquisadores do GEOTEC.

Pelos fundos da Igreja, paramos em um restaurante Capitania do Camarão, e antes das iguarias remanescentes da culinária afro-

brasileira chegarem para almoçarmos, realizamos uma roda de conversa sobre a aula. O que me chamou atenção foi como os comerciantes começaram a observar a beleza da orla e o valor da culinária do seu bairro e começaram a proliferar restaurantes maravilhosos ao longo do Subúrbio.

Retornamos à estação Escada e sentimos o quanto é ruim perder o trem, pois demora um pouco para o próximo. E chegamos em paz à estação da Calçada com a sensação de ter valido muito a pena ter levantado da cama em um sábado chuvoso do subúrbio ferroviário de Salvador / Bahia.

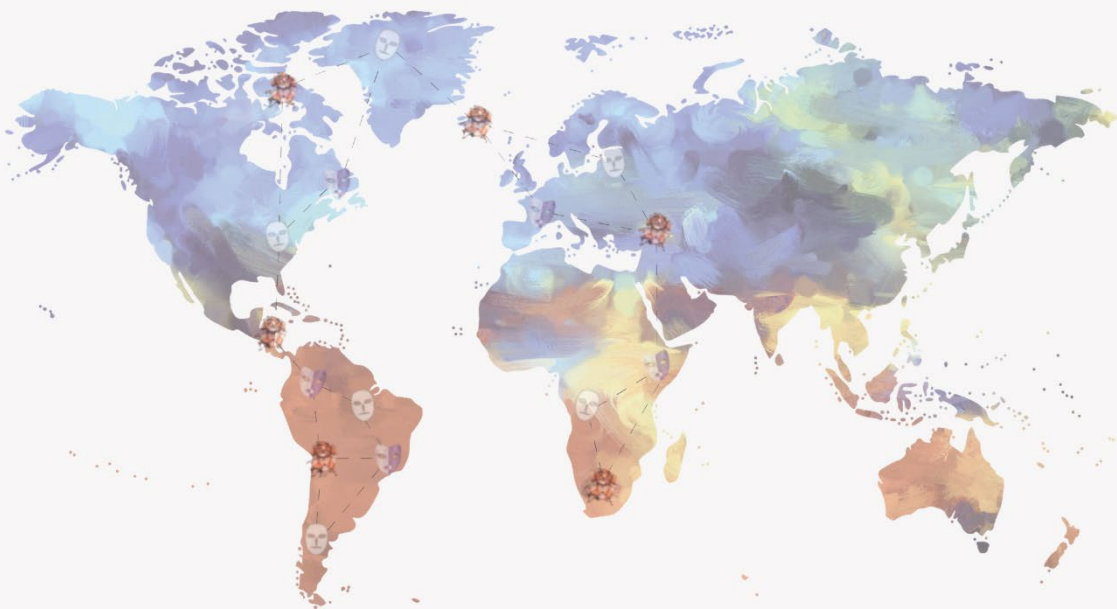
14 de setembro de 2019.

# Nos trilhos do subúrbio ferroviário/BA

*Cidicléia Gomes da Silva Santos*



10.47247/JLC/88471.54.8.9



Foi em uma reunião do fórum de pesquisa para apresentação do calendário do segundo semestre que um desejo antigo estava perto de se concretizar: o de realizar um passeio de trem, e o melhor, com direito a uma guia historiadora e apaixonada pelo que faz. Além de poder associar tudo isso, a um dos maiores prazeres da vida: comer na companhia de pessoas maravilhosas. Foi uma oportunidade que abracei imediatamente e só confirmei o que já tinha previsto, não se resumiu a um passeio turístico, revelou-se como um verdadeiro encontro de mim com outras mil coisas!

Primeiro porque eu, embora nascida em Salvador, com raízes familiares na Suburbana, nunca havia viajado de trem. Outra que, com a participação no Projeto da Rádio, ouvia muito falar em um tal de Acervo da Laje, que abriga obras belíssimas, mas também não conseguia visitar. Ao assistir o documentário “Casulo”, que traz uma parte dedicada ao referido Acervo, a curiosidade levou a essa trilha nos trilhos do subúrbio.

Minha relação com o subúrbio de Salvador é antiga. Lembro vários finais de semana quando as opções de lazer eram poucas e na maioria das vezes nossos passeios eram visitar as famílias. E minha bisavó, pois perdi a minha avó muito cedo, reunia a grande família para um belo final de semana na Ilha Amarela. Ali era o paraíso para gente com as brincadeiras “de rua” que eu e meus primos realizávamos e envolvíamos as outras crianças daquele lugar e era uma festa só. Era disputa, novas amizades, brigas, paixões, enfim um envolvimento de tantos sentimentos e emoções.

E assim, no dia 14 de setembro de 2019, tive a oportunidade de reviver, e a cada momento que o trem percorria o trilho, a viagem lá nos anos 80 e 90 voltavam a memória. Era como dizem por aí “passou um filme na minha cabeça”. Minha mãe era quem conduzia eu e meu irmão. Nós nos deslocávamos para Estação da Lapa, pegar Rio Sena ou Alto da Terezinha, os dois passavam na localidade que minha bisavó morava. Era um ônibus bastante demorado e quando vinha era aquela guerra para entrar.

No dia do passeio programado pelo Rede Pub, o sábado amanheceu bem chuvoso. E logo desanimei: “poxa no dia em que realizarei o desejo de conhecer o trem do subúrbio, chove. Acho que o povo vai desistir. Contudo, lá no fundo, a esperança acesa, decidi levar Gui, meu filho de 11 anos e falei com ele: Gui, vamos! Se não aparecer ninguém a gente retorna. E assim fomos! Ao chegar no

estacionamento próximo à Estação da Calçada, fui abordada por uma guardadora de carros, informando que era ali o estacionamento. Fiquei duvidosa e resolvi ligar para o grupo e confirmar o local. Não era aquele e sim o próprio estacionamento da referida estação. Sabidinha a guardadora, não é?

No início do passeio uma breve explanação sobre o contexto histórico da criação daquela estação. Ali, ouvíamos Magali com a ajuda de alguns presentes falar sobre questões curiosas daquele lugar. Tudo isso enquanto esperávamos aquele trem, que no sábado possui intervalos maiores. A receptividade foi muito boa e uma grata surpresa, pois concebia antes um lugar sujo, degradado e, ao entrar, constatei limpeza, segurança e gentileza. Infelizmente, tendemos a julgar lugares de frequência de pessoas de baixa renda como lugar sujo e sem organização.

Ao se aproximar o horário, a memória recordou a música “Trem das 11” com o refrão “Se eu perder esse trem que sai agora as 11 horas, só amanhã de manhã”. E para mim, uma expectativa muito grande ao entrar no trem e começar o passeio. Olhar aquela paisagem que me lembrei da “Leste”, nome da empresa e que também construí laços de amizade com uma família próxima da minha rua. Muita pobreza existe no subúrbio.

Para Guilherme, meu filho, foi uma experiência muito boa. Perguntei a ele, o que havia achado do nosso passeio e ele foi lentamente relatando o que descrevo na íntegra:

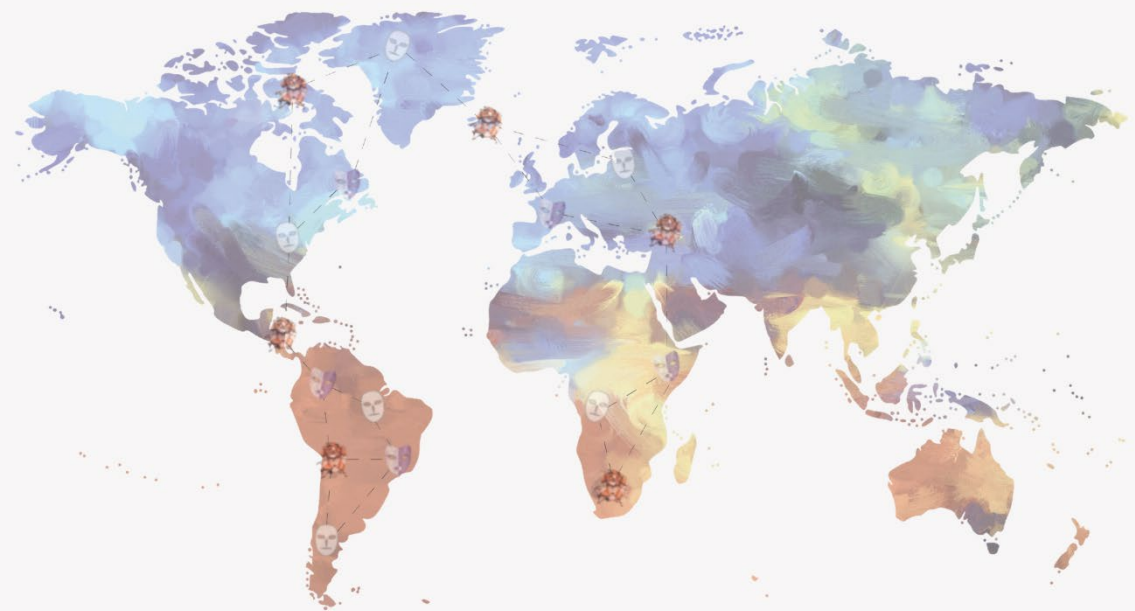
Uma coisa legal, incentiva as pessoas a conhecerem mais sobre o trem, o que aconteceu, como foi criado... As pessoas começam a pesquisar, incentiva a gente a buscar, a passagem do trem pela ponte me chamou muita atenção. Gostei de conhecer pessoas novas e lugares que nunca tinha visitado. Deu até para tirar um cochilo no trem. Gostei da tia Magali, como guia e professora de História (risos). Quero ir novamente! (GUILHERME, 11 anos).

Ah, também não poderia deixar de relatar os olhares com os quais as pessoas nos olhavam. Era uma mistura de admiração, respeito, curiosidade, inquietação... e o meu olhar constatava como era dura a vida daquelas pessoas e como a Universidade precisa apoiar aquela gente, principalmente incluindo elas em nosso meio.

Nos trilhos do subúrbio, foi uma experiência muito marcante, principalmente pela interação e acolhimento uns com os outros. Ações dessa natureza são encontros vivos que nos fazem refletir sobre a nossa prática, ao constatar que temos muitos preconceitos e isso nos impede de promover uma educação mais próxima das Comunidades. Precisamos sair, ir ao encontro daquelas pessoas e lugares que dão mais vida à nossa pesquisa.

14 de setembro de 2019.

## Itinerância em Salinas da Margarida / BA



# **Visita técnica a Salinas da Margarida/BA: a relevância socioeducativa de projetos pedagógicos na educação patrimonial para os pesquisadores do REDEPUB/GEOTEC / UNEB**

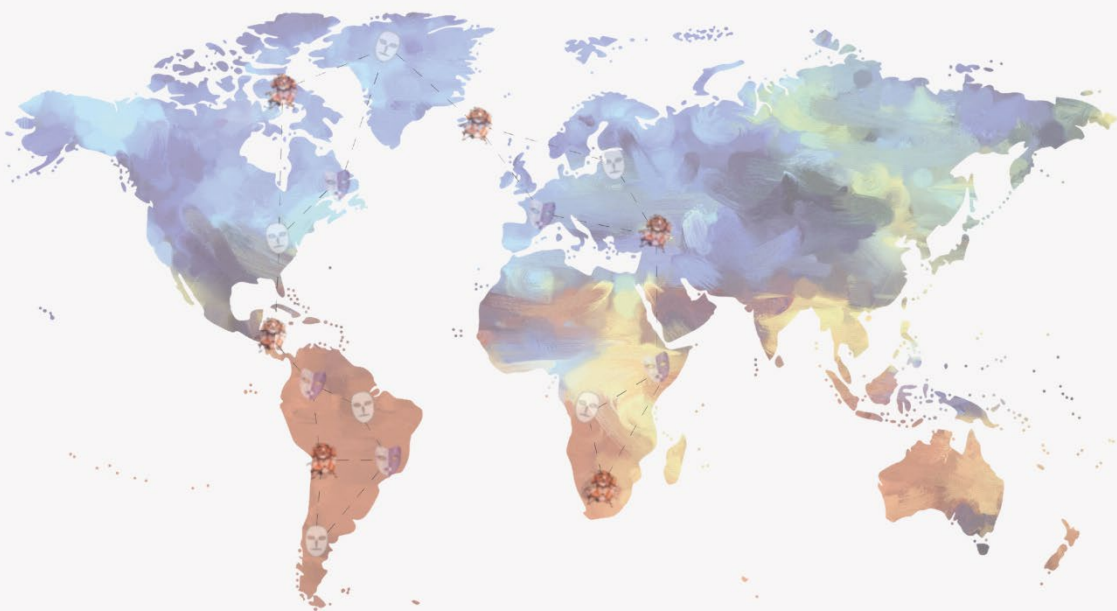
*Ana Carla Nunes Pereira*

*José Antônio Carneiro Leão*

*Kathia Marise Borges Sales*



10.47247/JLC/88471.54.8.10



## Introdução

---

Com a proposta de promover a formação pedagógica e interdisciplinar através e uma vivência a Salinas da Margarida/BA como referencial da necessidade de ampliar as possibilidades de aprendizado, uma turma de 10 Professores e pesquisadores do RedePub esteve na região, para conhecer *in loco* o objeto de pesquisa da dissertação de Mestrado Profissional Gestão e Tecnologias Aplicadas a Educação (GESTEC), intitulada Museu Virtual para Difusão do Conhecimento dos Mestres dos Saberes Populares (MUDICON).

Esta vivência aconteceu entre os dias 31 de janeiro de 2020 a 01 de fevereiro de 2020 e teve o objetivo de apresentar a cartografia do espaço desta pesquisa, acontecida no Município de Salinas da Margarida/BA, a fim de sensibilizar e formar uma visão mais ampla a respeito das atividades extraclasse (visitas técnicas) para os pesquisadores do Projeto Articulador RedePub. Sendo assim, teve como proposta enriquecer e contribuir com novas formas de avaliação e aprendizado, permitindo também perspectivas de pesquisa e ensino, já que, durante as atividades, possibilitadas nestas vivências e as trocas estabelecidas entre pesquisadores, foi possível conectar a junção da teoria e da prática, em momentos distintos e significativos, para todos os participantes e interessados.

## Metodologia

---

Este estudo de campo abordou a relevância socioeducativa ocorrida por visitas técnicas nos distritos da região de Salinas da Margarida/BA. E, teve atividades pedagógicas para a formação de pesquisadores e professores do Projeto RedePub. Das quais, durante os dias 31 de janeiro a 01 de fevereiro de 2020, foram realizadas no percurso de 2 dias, experiências sensoriais, contato com a comunidade, imersão na comunidade da pesquisa, contextualização histórica. Essas atividades tiveram como base um dos capítulos da dissertação de mestrado, intitulada MUDICON (<http://mudicon.blogspot.com/> ). Capítulos esses que avaliou a possibilidade de utilizar um museu virtual para apresentar a temática da preservação e educação patrimonial para a Difusão Social do Conhecimento, no intuito de preservar os ofícios, os legados e a cultura popular local, com vídeos e fotos. Desta forma, trouxemos o

lócus da pesquisa e sua trajetória para a construção do roteiro pedagógico.

### **O lócus da pesquisa – Salinas da Margarida: breve história e a descrição da cartografia do objeto da pesquisa e da vivência com o projeto RedePub**

---

Tendo como objeto de estudo a Cartografia do Município de Salinas da Margarida, ele está localizado no sul do Recôncavo do Estado da Bahia, formado pela sede e dividido em quatro povoados: Encarnação, Conceição de Salinas, Cairú e Barra do Paraguaçu, e possui cerca de 13.456 mil habitantes. Tem na sua história marcas do desenvolvimento econômico das cidades baianas. Habitada pelos índios Tupinambás com a colonização dos portugueses, parte das suas terras pertencia a Capitania dos Portos e posteriormente foi vendida a Manoel de Campos, que nela passou a explorar sal, tornando-se um ciclo econômico juntamente com a pesca artesanal, de grande importância na região.

Dentre os patrimônios culturais de maior relevância, podemos destacar: a Igreja de Nossa Senhora do Carmo (matriz) em Salinas da Margarida de 1914, a Igreja de Nossa Senhora da Conceição de 1717, a Igreja de Nossa Senhora da Encarnação de 1620. No contexto da cultura popular, destacamos nestas comunidades muitos mestres populares: Marisqueiras, Pescadores, Mães de Santo, Rezadeiras, Sambadeiras, Construtores Navais, Parteiras, dentre outros. Na perspectiva do patrimônio natural, vale destacar a larga costa marítima que compreende praias, mangues e manguezais, rios, riachos, diversas espécies marinhas, elementos que fazem da região, uma das mais bonitas da Baía de Todos os Santos no Recôncavo Baiano.

### **A trajetória da pesquisa e a construção do roteiro pedagógico**

---

O MUDICON (Museu Virtual), apresentado como pesquisa de mestrado, possibilitou uma reconstrução dos saberes e a transmissão dos legados difundindo o conhecimento de duas Mestras do Saber do Povoado de Conceição de Salinas da Margarida na Bahia. Este espaço contribuiu para socializar os saberes vivenciados e produzidos por Mãe Silvia (Mãe de Santo de Centro de Umbanda e Marisqueira) e Dona Zéo (Assadeira de Peixes e Rezadeira), através do recurso

tecnológico disponibilizado em rede, sem estar nos moldes tradicionais da sala de aula, construindo e difundindo conhecimento através da tecnologia. Foram criados para este estudo produtos tecnológicos que ampliaram a difusão do conhecimento dentro e fora da sala de aula: Canal de vídeo, cartões postais, documentário, banner, logomarcas dentre outros recursos geotecnológicos. Estes produtos foram apresentados aos pesquisadores do Projeto Articulador RedePub, em outubro de 2019, o que fomentou o interesse deles conhecerem a região, para imergirem no objeto de pesquisa desenvolvido pela Profr<sup>a</sup> Ana Carla Nunes.

Depois da apresentação do roteiro aos integrantes do projeto de pesquisa, as etapas metodológicas construídas para a vivência foram necessárias, para tornar o deslocamento dos pesquisadores do RedePub na cidade (ônibus, barco, carro, de pé). Sendo assim, um critério com proposta de educação patrimonial e de vivência formativa desta imersão foi planejado para essa atividade, considerando o tempo disponibilizado para cada ação. Esse critério se caracterizou por vivência, *in loco*, à Salinas da Margarida, e o roteiro organizado teve a contribuição dos participantes, a partir da visualização remota dos lugares a serem visitados, o que ajudou no processo de aprendizagem do pesquisador que também é docente e passa a ser objeto de pesquisa, pela atividade realizada como experiência de campo compartilhada (Figura 1).

Figura 1 – Pesquisadores e Professores Conhecendo Roteiro, Mapas e a Cartografia criada sobre o Espaço de Salinas da Margarida



Fonte: Ana Carla Nunes, (Janeiro, 2020).

Estes professores, já bastante sensibilizados desde o dia da apresentação e organização participativa do roteiro deslocaram-se para Salinas da Margarida, e nos ambientes de seus cidadãos, fora do espaço escolar ou acadêmico de aprendizagem, pode-se perceber a riqueza de aprendizados. Espaços esses vivenciados para além da pesquisa de mestrado, em uma imersão planejada com a valorização do patrimônio local, sua infraestrutura e saberes das manifestações populares da região (Figuras 2 e 3).

Figura 2 – Pesquisadores Conhecendo a Dinâmica e o Povoado de Conceição de Salinas



Figura 3 – Apresentação da História e memória do lugar e do encontro das Ilhas e regiões da Baía de Todos os Santos.



Fonte: Ana Carla Nunes, (Janeiro, 2020).

Esta vivência teve cerca de 48 horas de formação, com pernoite na região de Salinas da Margarida. Na vivência tivemos pesquisadores do RedePub, de áreas, formações e níveis de ensino distintos, que trouxe abordagens teóricas e práticas que se complementaram e enriqueceram, agregando informações ao processo de aprendizagem para todos os participantes de maneira interdisciplinar. Esta junção de teoria e prática nestes deslocamentos se dá pela riqueza cultural, patrimonial, geográfica, ambiental, política, histórica e cultural revelada através da pesquisa, cujo cenário destaca a rica história de Salinas da Margarida e seus Mestres do Saber Popular (Figuras 4, 5, 6, 7, 8).

Figuras 4 e 5 – Vivência em Terreiro de Candomblé do Povoado, aprendizagens e troca de saberes com Dona Zéo (Assadeira de Peixes e Rezadeira)



Figuras 6 e 7 – Vivência em Terreiro de Candomblé do Povoado, aprendizagens e troca de saberes com Mãe Silvia (Mãe de Santo de Centro de Umbanda e Marisqueira)



Fonte: Ana Carla Nunes, (Janeiro, 2020).

Figura 4 – Vivência em Terreiro de Candomblé do Povoado, aprendizagens e troca de saberes com o Mestre Del.



Fonte: Ana Carla Nunes, (Janeiro, 2020).

Uma vez imersos nestes ambientes, os pesquisadores passaram a compreender, de maneira mais ampla, outras possibilidades de ensino e aprendizagem e esta experiência vivenciada é potencializada por novas práticas e saberes imbricados entre culturas diferentes, o que faz transformar a experiência formativa numa rica vivência pedagógica compartilhada por edições de vídeos e fotografias durante as interações. A seguir o roteiro da vivência é apresentado por dia.

## Programação e roteiro da vivência em Salinas da Margarida

### 1º DIA - Conceição de Salinas, a cidade das mulheres, dos mestres populares e o berço da pesca artesanal

- Previsão de Chegada – 09:30h – 10h
  - ✓ Local - Praça Principal de Conceição de Salinas – Referência Praça que fica dentro do Povoado
- 10:30h – Vivência na Comunidade, conhecendo a história, seus espaços de memória e ancestralidade e os mestres populares da comunidade (Pescadores, Marisqueiras, Mães e Pais de Santo da Comunidade – Figuras 9, 10 e 11).

Figuras 9, 10 e 11 – Pesquisadores em Observações e Vivência dos Ofícios da Pesca Artesanal com os pescadores locais e Conhecendo a Casa dos pescadores de Conceição de Salinas

Figura 9 – Casa do Pescador



Figura 10 – Confeção de redes de pesca



Figura 11 – Trocas de Experiências com as Marisqueiras e Cozinheiras Locais



Fonte: Ana Carla Nunes, (Janeiro, 2020).

- 13:00 – Almoço na Comunidade, no Restaurante da Marisqueira Irá, com um prato da culinária típica local.
- 14:30 – Travessia de Barco para Salinas da Margarida
  - ✓ Vivência em Salinas, tour pela orla, a mais movimentada da região, com vista para Baía de Todos os Santos, banho de mar em águas calmas e mornas e visitação com mediação da Prof.<sup>a</sup> Ana Carla Nunes aos patrimônios culturais, turísticos e históricos da cidade.
  - ✓ Vivência na Igreja de Nossa Senhora do Carmo com a Orientação do Professor Everaldo, Casa do Comendador o Escritório da Companhia Salinas da Margarida.

Figuras 7 e 8 – Trocas de Experiências com Mestres Locais, Igreja de Nossa Senhora do Carmo (1914)



Fonte: Ana Carla Nunes, (Janeiro, 2020).

- ✓ Pôr do Sol na Praia da Ponte

Figura 12 – Travessia de Barco pela Equipe RedePub, Pôr-do-sol na Baía de Todos os Santos



Fonte: Ana Carla Nunes, (Janeiro, 2020).

- 18:00h – Retorno para Conceição de Salina de barco.
- 19:30h – Café Noturno e Roda de Conversa – Bar da Irá

## **2º DIA – Cairú, Barra do Paraguaçu e sua relevância socioeducativa para o município de Salinas da Margarida**

- 8h – Café da Manhã no Centro Comunitário de Conceição
- 08:30h – Vivenciando os Povoados de Cairú de Salinas e Barra do Paraguaçu, suas histórias e sua relevância para a Independência do Brasil na Bahia.

Figura 13 e 14 – Vivenciando e conhecendo o Povoado de Cairú, comunidade de moradia do Prof Ademilton, também pesquisador do RedePub.

Figura 13 – História do Povoado de Cairú. Sua fauna, flora e aperitivos



Figura 14 –Igreja Deus Menino – Povoado de Cairú / Salinas da Margarida – Bahia.



Fonte: Ana Carla Nunes, (Fevereiro, 2020).

- 09h – Vivência e Conhecimento do Artesanato típico de Dona Dedé.

Figura 14 – Pesquisadores Conhecendo o rico artesanato de Dona Dedé – Povoado de Barra do Paraguaçu – Bahia.



Fonte: Ana Carla Nunes, (Fevereiro, 2020).

- 10h – Trilha entre as Margens do Rio Paraguaçu e resquícios de mata atlântica.

Figura 15 – Pesquisadores Conhecendo e Explorando a história da Barra do Paraguaçu – Povoado de Salinas da Margarida



Fonte: Ana Carla Nunes, (Fevereiro, 2020).

- 11:30h – Vivência com Dona Rosinha em Cairú de Salinas.

Figura 16 – Pesquisadores Conhecendo Dona Rosinha, Mestra do Saber, Guardiã das Histórias do Povoado de Cairú, (*In Memoriam*)



Fonte: Ana Carla Nunes, (Fevereiro, 2020)

- 13h – Retorno para Conceição de Salinas e almoço. Prato típico da culinária típica local.
- 14h – Roda de Conversa, Trocas de Experiências e Finalização das atividades.
- 15h – Conhecendo a Sala de Leitura criada e idealizada pela Prof.<sup>a</sup> Ana Carla Nunes.
- 16h – Retorno para Salvador.

## **Resultados e discussões**

---

Entende-se a relevância socioeducativa das viagens pedagógicas na formação de pesquisadores e professores dos diversos níveis de ensino, participantes do RedePub. A pesquisa das e nas cidades, a criação, montagem e execução dos roteiros pedagógicos estruturados a partir da dissertação de mestrado defendido em 2017, que deu base às pesquisas e à roteirização da vivência, que aproximou a viagem como recurso pedagógico e cartográfico para os professores envolvidos na pesquisa de campo.

As vivências propostas para o grupo de pesquisa, registradas pelas fotografias apresentadas e leituras possíveis das narrativas desenvolvidas, possibilitam um novo olhar para os conteúdos de história, geografia, cartografia espacial, meio ambiente, cultura, artes, patrimônio, matemática, português, literatura, religiosidade, dentre outras temáticas. Elas agregaram valores e conhecimentos interdisciplinares que ultrapassam as leituras de livros e as formações em espaços escolares ou acadêmicos, os quais são tão comuns no contexto da formação de pesquisadores e professores. Neste sentido, a visita técnica a Salinas, permitiu retirar os conceitos pesquisados na dissertação de mestrado do papel, para se tornar um capítulo vivo e real ampliado.

O estudo permitiu, sobretudo, que um novo saber fosse aprendido e apreendido, de maneira significativa, prazerosa, lúdica e transdisciplinar, o que gerou resultados muito positivos na formação de pesquisadores e professores do RedePub, e na sua vida fora da sala de aula enquanto sujeito social.

## **Considerações finais**

---

É mister que o pesquisador desenvolva atividades que favoreçam de forma prática a aprendizagem e apreensão dos conteúdos trabalhados e que o mesmo compreenda seu papel enquanto agente formador de opiniões, valores e na aprendizagem significa sobre o espaço geográfico e da cartografia, que segundo Rios e Campos (2009), representa uma ferramenta ímpar para o ensino da Geografia e das demais ciências sociais e humanas. Nesse sentido, esta vivência proposta para os pesquisadores do RedePub foi desenvolvida, com finalidade de possibilitar uma prática de formação

para os pesquisadores, docentes, mestrandos e profissionais de dentro e fora da educação.

## Referências

---

LAGE, Beatriz Helena Gelas; MILONE, Paulo César (organizadores).

**Turismo: teoria e prática.** São Paulo: Atlas, 2000.p.71-79.

SEVERINO, Antônio Joaquim. Prefácio. In: GADOTTI, Moacir. **História das ideias pedagógicas.** São Paulo: Ática, 1995.p.11.

PEREIRA, A.C.N. MUDICON: Um Museu Virtual **para difusão do conhecimento dos mestres dos saberes populares.** Acesso em 07.

Abril de 2020: <http://www.cdi.uneb.br/site/wp-content/uploads/2018/09/Dissertacao-Ana-Carla-Nunes-Mudicon-Gestec-2017.pdf>

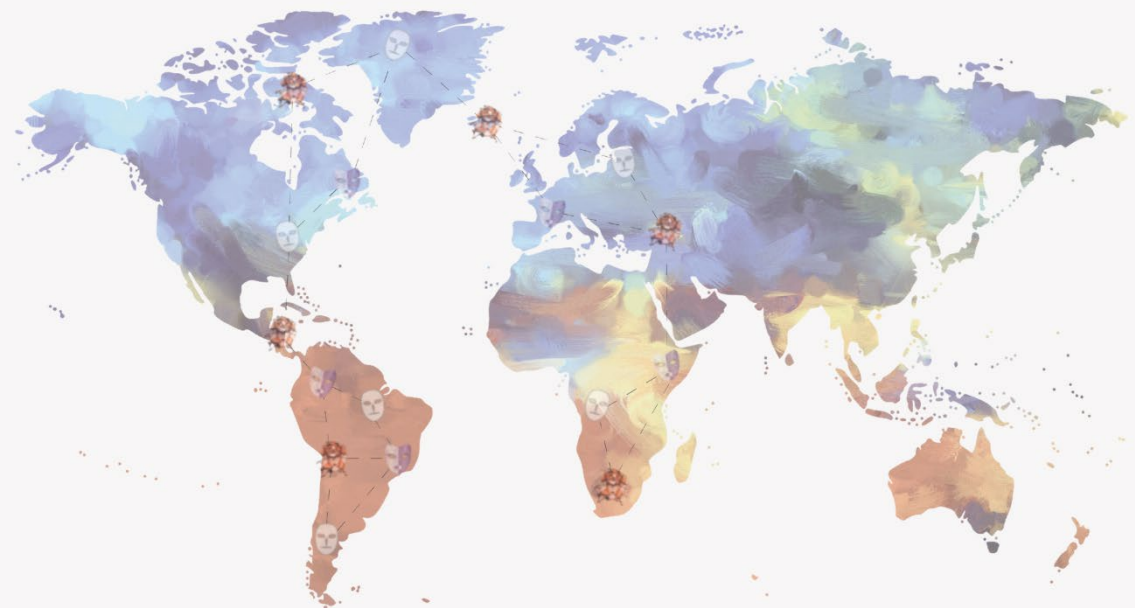
TRIGO, Luiz Gonzaga Godoi. **A sociedade pós-industrial e o profissional em turismo.** 4 ed. Campinas, SP: Papyrus, 1998.

# Saberes Entresalinas: educação em percursos de linguagem histórica, cultural, ambiental e patrimonial

*José Antonio Carneiro Leão*  
*Margarete de Souza Conrado*



10.47247/JLC/88471.54.8.11



## Introdução

Desde 2016, a partir do entusiasmo da pesquisa realizada pela professora historiadora e turismóloga, especialista em educação e cultura, Ana Carla Nunes Pereira, no Mestrado Profissional em Gestão e Tecnologias Aplicadas à Educação (GESTEC) da Universidade do Estado da Bahia (UNEB), o encanto com os Mestres dos saberes populares pedia um encontro presencial com o que víamos *online* em seu *Blog* criado como produto final de defesa do seu mestrado (<http://mudicon.blogspot.com/>). Com esse propósito, fomos ao campo de pesquisa.

Para esse estudo de vivência social descritiva, procuramos pistas de identificação e empoderamento a partir dos saberes existentes em Salinas da Margarida, tendo como base alimentar os estudos do nosso Projeto Agenda Acervo Digital RedePub (<http://redepub.geotec.uneb.br/>)<sup>1</sup>, do Grupo de Pesquisa Geotecnologias, Educação e Contemporaneidade (GEOTEC), que tem sua inserção na história e memória em rede de espaços públicos educativos. Sendo assim, conhecer esse Município, em percurso de Saberes Entresalinas, passou a fazer parte do cronograma nos dias 31.01 e 01.02. 2020.

O “Saberes Entresalinas” está associado a uma perspectiva de se pensar a pesquisa de campo, enquanto Pesquisa Social engajada em um lugar, seja amplo ou específico. Segundo Minayo (2012, p. 07), a pesquisa social é definida como uma investigação voltada para se “descobrir as entranhas do mundo e da sociedade” tendo na teoria, no método e na criatividade elementos que [...] “combinados, produzem conhecimentos e dão continuidade à tarefa dinâmica de sondar a realidade e desvendar seus segredos” (MINAYO, 2012, p. 07). No nosso caso específico, o espaço social amplo de pesquisa aqui é o Município de Salinas da Margarida, e o específico são os seus povoados: Conceição de Salinas, Encarnaçao, Cairú e Barra do Paraguaçu.

A ideia de cientificidade, permeada por conflitos e contradições, comporta a possibilidade de encontrarmos semelhanças nos saberes que nos inspiram a ideia geral de um conhecimento por

---

<sup>1</sup> Sob a coordenação do Professor Dr. José Antonio Carneiro Leão. Site do Projeto: [www.redepub.geotec.uneb.br](http://www.redepub.geotec.uneb.br)

conceitos, seja de caráter sistemático, exploratório e dinâmico, como um processo de autorregulação de sua construção conceitual. Porém, o conhecimento precisa estar desvinculado de uma forma determinada de se conhecer, pois ele contém diversas maneiras e potenciais de realização. Nas ciências sociais, a pesquisa social veio desdobrar possibilidades de tratarmos a realidade da qual nós seres humanos somos agentes. Para tanto, os povoados de Salinas e a implicação do sal <sup>2</sup> nesse campo de pesquisa, são objetos de aproximação potenciais.

A aproximação de exploração entre o natural e o social, é o que existe de histórico em um determinado espaço específico que vive o presente marcado pelo passado com projeção para o futuro. Isso possui, no entendimento de grande interesse da contemporaneidade, o qual vem sendo estudado pelo Grupo GEOTEC, a relação entre o dado e o construído marcado pelas características da provisoriedade, do dinamismo e da especificidade. Portanto, espaços de cultura que compreendem expressões humanas de caráter essencialmente qualitativo.

No “Local da cultura”, obra literária que aborda o conceito de entrelugares proposto por Homi Bhabha (1998), nos ajuda a chegar nessas características da contemporaneidade, quando se vê implicado como proposta de revisão da discussão acerca do lugar. Em especial quando utiliza a expressão “artes do presente” e “espaço intersticial” do que pode um grupo social, estar imerso em realidades compreendidas como territórios de intensos contatos intersubjetivos e interculturais de saberes. Nesse interstício se evidenciam processos criativos e em permanente tensão/negociação, principalmente quando analisados sob a ótica da crítica pós-colonial <sup>3</sup>.

O que busca entender e situar melhor as experiências de reorganização ou recomposição sucessivas a momentos de descentramento e/ou desterritorialização, nas múltiplas realidades de indivíduos e grupos que operam sobre margens vivas de contextos de dominação e subordinação de tessituras produtivas, foi essas

---

<sup>2</sup> O Sal é um dos elementos de extração natural de subsistência local dessa região litorânea, que por muitos anos se manteve como principal fonte de renda para muitos moradores. Ele é um conceito presente nos saberes encontrados.

<sup>3</sup> Países não mais colonizados, mas que sofreram diferentes influências culturais dos povos que os colonizaram.

tessituras que formaram a linguagem local. Sendo assim, a rede de tecido nesse *locus* de pesquisa está construída por uma cidade de mulheres fortes, berço da pesca artesanal e exploração do sal. Contexto metodológico do qual, Minayo (2012) dentre outros autores, consideram a história como um inventário de produção de saberes interpretativos em dois níveis: Contexto sócio-histórico (Definidos na fase exploratória da pesquisa) e fatos na investigação (Ponto de partida e de chegada da análise – ordenação, classificação dos dados e análise final).

A cultura do sal nesse município teve durante muito tempo uma teia produtiva que deu o gosto e o nome ao lugar. Dessa produção, saberes estão ainda hoje fincados em suas tradições de vida em sociedade. São formas de processos educativos apreendidos pelos moradores de maneira empírica desde a infância, que interessa aprender a ser o povo Salinense – como são conhecidos. Sua linguagem mantém viva sua história de riqueza econômica através do Sal ao narrar seus saberes. Hoje não tão presente como foi em outros tempos, mas que ainda influi na produção, no mercado, na educação, na organização urbana e na cultura. O que carrega hipertextos através da mensagem nos corpos, numa organização visual do tempo e do espaço. Causalidade que passa da conexão linear à configurativa (MARSHALL MACLUNAN, 1969).

Salinas da Margarida (Figura 1), uma cidade localizada no Sul do Recôncavo baiano/Brasil, com uma área de 148,33 km<sup>2</sup> e cerca de 15.667 mil habitantes (IBGE/CENSO, 2019), está a 270 quilômetros da capital do Estado da Bahia – Salvador. Salinas possui marcas de seu desenvolvimento econômico desde os tempos áureos de produção e exportação do sal.

Figura 1 – Mapa com Localização de Salinas da Margarida



Fonte: Arquivo <https://www.todabahia.com.br/>, 2020.

Antes habitada pelos índios Tupinambás, foi colonizada pelos Portugueses, pertencentes a Capitania dos Portos, posteriormente vendida a Manoel de Campos, que explorou bastante essa matéria prima do sal, tornando-se também um ciclo econômico da pesca artesanal na região.

Na pesquisa nada pode ser intelectualmente um problema, caso ele não tenha sido um problema da vida prática, relacionado a interesses e circunstâncias socialmente investidas numa cultura local. Portanto, a contextualização desse estudo tem como questão norteadora saber: Como os registros nessa pesquisa podem ocasionar ações de identificação e empoderamento dos saberes existentes em Salinas da Margarida, a partir de uma vivência exploratória descritiva entre mestres dos saberes populares e pesquisadores, para permanência da cultura local?

Planejamos nossa ação no campo de pesquisa, com roteiro guiado pela Professora Ana Carla Nunes. Foram 12 pesquisadores do Grupo vinculados ao GEOTEC/GESTEC, sendo dois professores doutores da Universidade Federal da Bahia (UFBA) convidados. A vivência no *lócus* de pesquisa foi pensada tendo como base as experiências do MUDICON (Museu Virtual para Difusão do Conhecimento dos Mestres dos Saberes Populares) em 2016. Trata-se da tecnologia que aproxima as pessoas e os mestres com seus saberes populares, que traz reflexões sobre cultura local, patrimônio cultural, história e memória.

Com o objetivo de registrar saberes em espaços públicos educativos no Município de Salinas da Margarida/BA/Brasil a partir de uma vivência histórica, cultural, ambiental e patrimonial, também como uma experiência formativa para os pesquisadores do Projeto Agenda Acervo Digital RedePub: História e Memória em Rede de Espaço Público Educativo <sup>4</sup>, que teve como diferencial provocações, outros questionamentos, que discorreremos sobre os tópicos sintetizados para os momentos vivenciados no local: 1) Conceição de Salinas, a cidade das mulheres e o berço da pesca artesanal e exploração do sal; 2) Encarnação, Cairú, Barra do Paraguaçu e o que significa para o município de Salinas da Margarida.

---

<sup>4</sup> Nos referimos a ele como Projeto RedePub. Registrado no Sistema Integrado de Planejamento (SIP/UNEB).

## 1. Conceição de Salinas, a cidade das mulheres e o berço da pesca artesanal e exploração do sal

---

Naquele dia de 31 de janeiro de 2020 já acordamos em Salinas da Margarida, e fomos banhados pela chuva matinal e depois pelas luzes do sol que também brilhavam nas casas, praças, igrejas, por todos os espaços da pequena cidade, para alguns de veraneio e de moradia para a maioria das pessoas que lá estavam. Cidade de mulheres fortes, com características de trabalho na pesca, em ambos os gêneros, sejam homens ou mulheres que convivem em uma extensa costa marítima circunscrita por praias, manguezais, rios, riachos e suas diversas espécies marinhas, elementos que fazem da região um grande berço da pesca artesanal e de exploração do sal, numa perspectiva de patrimônio natural local.

Segundo pesquisas do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística – IBGE (CENSO 2010), as estatísticas mostram que existe uma predominância do gênero feminino em Salinas da Margarida (Entre 25 e 70 anos), o que reforça a presença marcante dessas mulheres que são ou acumulam atividades como: donas de casa, marisqueiras, pescadoras, mães de santo, rezadeiras, sambadeiras, empreendedoras, parteiras, dentre outras funções. Muitas vezes, elas também preenchem sozinhas o papel de responsável pela sustentação econômica de suas casas, e isto se deve à medida em que vai mudando a faixa etária. Portanto, vários são os saberes acumulados por elas, o que cria certo empoderamento feminino de sustentabilidade local. Um perfil de mulheres, em sua maioria negras (CENSO, 2010), batalhadoras, que vivem suas linguagens religiosas e ancestrais na diversidade cultural. Sendo assim, para a pesquisadora do RedePub e moradora de veraneio, Ana Carla Nunes Pereira (2016, p. 40),

As marisqueiras que, de modo geral, são responsáveis pelo sustento das famílias e seus maridos pescadores, tinham todo um ritual de acordar cedo, limpar o barco, desenvolver um conjunto de atividades e se deslocarem até o mar, só retornando para casa levando os produtos marítimos do seu trabalho braçal e quase sempre aprendido com seus antepassados. Os produtos são os mais variados como: mariscos, siris, camarão, peixes de diversas espécies, dentre outros. Com essa vivência, era possível não só admirar todo o ofício destes profissionais, mas fazer perguntas e aprender com os pescadores e marisqueiras um pouco sobre a sobrevivência que era extraída do mar. Essa experiência foi

guardada e arquivada na minha memória afetiva. Anos depois, foi reativada na escolha desta localidade para observar a rotina da circulação de saberes de sua comunidade (PEREIRA, 2016, p. 40).

Falar de pessoas numa comunidade também é falar das narrativas de um determinado grupo local. Para Bauman (2003), o conceito de comunidade passa pelo compartilhar e o cuidar mútuo, mas também passa por diferenças e desigualdades colocada em cena, o que as agendas sociais de hoje deixaram de lado, o caminho à segregação e ao ódio. Portanto, longe do descuidado, a agenda RedePub aqui busca saberes que se complementam ao estudo da Ana Carla, problematiza no lugar o princípio educativo da inovação em construção de resultados.

O primeiro lugar visitado pelos pesquisadores do Projeto RedePub foi a Associação dos Pescadores e Marisqueiras, no povoado de Conceição de Salinas (Figura 2), fundada em 22 de agosto de 2006. Nela, tivemos um encontro pela manhã, quando fomos apresentados e conhecemos a luta de sua diretora Iracene Santos – Dona Irá, uma senhora de meia idade, negra, com forte discurso politizado, mãe, trabalhadora, dona de um restaurante ao lado da Associação.

Figura 2 – Associação dos Pescadores e Marisqueiras de Conceição de Salinas. Pesquisadores com Dona Irá



Fonte: Arquivo RedePub, 2020.

Ela nos recebeu com pratos típicos da culinária local e nos falou sobre a luta que travou contra os tubos subterrâneos da Petrobrás (Figura 3), os quais prejudicavam a pesca ocasionando dano com o gasoduto na costa marítima de proteção ambiental (Área de Mariscagem de “Lage do Machadinho”). Isso levou à conquista da sede da Associação viabilizada por Ação Judicial do Ministério Público, assim como do Plano de Recuperação Urbana (JORNAL CORREIO, 16.04.2009).

Figura 3 – Registro da presença dos Tubos da Petrobrás



Fonte: Arquivo RedePub, 2020.

Uma narrativa compreende vida, formação, arte de saber fazer, afeto como potência e intervenção (CRUZ, 2015). A narrativa de Dona Irá nos fez refletir sobre o quanto a experiência de vida de cada um pode exercer o poder de transformação num microsistema social, mesmo sem muitos desses cidadãos terem passado completamente pelo contexto escolar institucionalizado. Isso nos faz verificar nas entrelinhas descritas acima, microsistemas de poder <sup>5</sup> que dão

---

<sup>5</sup> Segundo Alves (1997, p.02), microsistema de poder é o ambiente onde a pessoa em desenvolvimento focalizada, estabelece relações face-a-face estáveis e significativas. Neste sistema, é fundamental que as relações

sustentação para análise de nossos estudos. Vários são os debates críticos de intervenção política marcados pelos conflitos sociais que possuem ritmos e intensidades variadas em suas conjunturas. Muitas vezes acirram-se para atingir objetivos que permanecem ocultos ou implícitos nos debates que suscitam. Para Boaventura de Souza Santos (2019),

Os conflitos estruturais do nosso tempo decorrem da articulação desigual e combinada dos três modos principais de desigualdade estrutural nas sociedades modernas. São eles, capitalismo, colonialismo e patriarcado, ou mais precisamente, heteropatriarcado. Esta caracterização surpreenderá aqueles que pensam que o colonialismo é coisa de passado, tendo terminado com os processos de independência. Realmente, o que terminou foi uma forma específica de colonialismo – o colonialismo histórico com ocupação territorial estrangeira. Mas o colonialismo continuou até aos nossos dias sob muitas outras formas, entre elas, o neocolonialismo, as guerras imperiais, o racismo, a xenofobia, a islamofobia, etc. Todas estas formas têm em comum implicarem a degradação humana de quem é vítima da dominação colonial. A diferença principal entre os três modos de dominação é que, enquanto o capitalismo pressupõe a igualdade abstrata de todos os seres humanos, o colonialismo e o patriarcado pressupõem que as vítimas deles são seres sem plena dignidade humana, seres sub-humanos. Estes três modos de dominação têm atuado sempre de modo articulado ao longo dos últimos cinco séculos e as variações são tão significativas quanto a permanência subjacente (SANTOS, 2019, p 1).

Essas reflexões de Boaventura Santos referem-se, de modo sintético e provocador, a um drama que denuncia a desigualdade social extrema na qual estamos inseridos e necessidade de articulação política desses grupos – e muitas vezes a exacerbação dos conflitos –

---

estabelecidas tenham como características: **reciprocidade** (o que um indivíduo faz dentro do contexto de relação influencia o outro, e vice-versa), **equilíbrio de poder** (quem tem o domínio da relação passa gradualmente este poder para a pessoa em desenvolvimento, dentro de suas capacidades e necessidades) e **afeto** (que pontua o estabelecimento e perpetuação de sentimentos - de preferência positivos - no decorrer do processo). O que permite em conjunto vivências efetivas destas relações também em um sentido fenomenológico (internalizado).

entre os movimentos sociais anticapitalistas, feministas e antirracistas. Ainda para esse mesmo autor,

A razão fundante da articulação é que o trabalho livre entre seres humanos iguais, pressuposto pelo capitalismo, não pode garantir a sobrevivência deste sem a existência paralela de trabalho análogo ao trabalho escravo, trabalho socialmente desvalorizado e mesmo não pago. Para serem socialmente aceitáveis, estes tipos de trabalho têm de ser socialmente vistos como sendo produzidos por seres humanos desqualificados. Essa desqualificação é fornecida pelo colonialismo e patriarcado. Esta articulação faz com que as pessoas que acham desejável a desigualdade social do capitalismo tende a desejar também a continuação do colonialismo e do patriarcado, e sejam, por isso, racistas e sexistas, mesmo que jurem não sê-lo (SANTOS, 2019, p 1).

Foi pensando nesses microssistemas de poder que ficamos de retornar à comunidade em outro momento, para propor uma Mostra de Fotos sobre a pesquisa realizada, com o intuito de depois apresentar um vídeo sobre esta problemática e as iniciativas realizadas a partir dos saberes locais para os enfrentamentos desses conflitos que insistem em perdurar. Em seguida, fomos à casa disponibilizada para a acomodação do grupo de pesquisadores, quando discutimos o roteiro planejado (Figura 4).

Figura 4 – Momento de Planejamento dos Pesquisadores do RedePub



Fonte: Arquivo RedePub, 2020.

Como passo significativo de toda pesquisa, revisitar o planejamento *in loco*, ajudou a pensar no tempo disponível para as ações propostas com os seus 12 (doze) pesquisadores presentes. O roteiro, mapas e a cartografia disponibilizada sobre os espaços nos povoados de Salinas da Margarida, determinaram a escolha das visitas em cada lugar proposto pelo grupo e guiado pela professora que nos conduzia, uma vez que ela também é moradora de Conceição de Salinas. Assim como ficaram estabelecidos os momentos de encontros para as refeições com Dona Irá, na Associação dos Moradores desse mesmo povoado. Os percursos foram realizados, em sua maioria, caminhando por Conceição de Salinas (Figura 5), de barco (Figura 6) até o centro de Salinas da Margarida, também de ônibus alugado pelos pesquisadores, para percurso entre os demais povoados de Encarnação, Cairú e Barra do Paraguaçu.

Figura 5 – Percursos de caminhada por Conceição de Salinas, com os registros da Ana Nunes



Figura 6 – Travessia de barco para o Centro de Salinas da Margarida



Fonte: Arquivo RedePub, 2020.

No contexto da cultura popular, fomos conhecer nestas comunidades alguns mestres, que foram objeto de estudo na pesquisa da Professora Ana Pereira com o MUDICON. Dentre eles, duas Mestras do Saber do Povoado de Conceição de Salinas, conhecidas na Bahia, Carmem Sílvia Teixeira dos Santos – Mãe Sílvia (Mãe de Santo no Centro de Umbanda e Marisqueira – Figura 7) e Maria José Coelho Medina – Dona Zéo (Assadeira de Peixes e Rezadeira – Figura 8), com seus saberes vivenciados e produzidos.

Figura 7 – Encontro com Mãe Silvia no Centro de Umbanda



Figura 8 – Encontro com Dona Zéo em sua residência



Fonte: Arquivo RedePub, 2020

O Grupo GEOTEC entende Cultura Popular como sendo o universo das manifestações dos povos em seu contexto local, os quais se apresentam de forma diversificada e de natureza ancestral, com seus complexos jogos de linguagem material e imaterial. São práticas que se criam e se recriam no passado e no presente, admitidos pela crença comum ou requerido pela força da imaginação. Uma vivência compartilhada, caracterizada por povos que estão classificados como pertencentes a classes sociais específicas, que se misturam ou não nos contextos contemporâneos da *Cibercultura*<sup>6</sup> e dos ambientes físicos entre espaço e tempo.

Para Edison Carneiro (2008), a cultura popular se caracteriza como saberes populares, em que os conceitos de folclore, folguedos, compõem conhecimentos sociais. Portanto, na apresentação do Raul Lody, quando se refere à obra do Edison Carneiro, o contexto histórico promove valorização e divulgação como sendo,

[...] um conjunto de fenômenos, já por ele considerado dinâmico, interpretando as manifestações do povo enquanto verdadeiros processos culturais, como atualmente, tratam-se as manifestações do patrimônio imaterial, como formas de vida, de saberes, de lugares onde os fatos tradicionais ocorreram e se transformaram enquanto meios e formas expressivas integradas a diferentes sistemas e meios de produção, de trabalho, de lugares sociais (LODY In CARNEIRO, 2008, Apresentação, XII).

---

<sup>6</sup> Para Pierre Lévy (2010), consiste em navegar na visualização da comunicação, de acesso a distância e transferência de arquivos colocados em cena de grande velocidade ao redor do planeta, no universo das redes digitais compartilhadas, de modo interativo ou não, como campo de conflitos “glocal” (Entre o local e o global).

Já Bauman (2012) traz o conceito de cultura com enfoque na liberdade de criação humana também peculiar do Ser, uma vez que todos a tem imbricada na atualidade globalizada, pois para ele, “A cultura, sinônimo da existência especificamente humana, é um audacioso movimento a fim de que o ser humano se liberte da necessidade e conquiste a liberdade para criar” (BAUMAN, 2012, p. 296). Portanto, ela forma um conjunto de linguagens críticas ao sistema do momento, realizada de forma brincante ou não, através das expressões populares (Dança, teatro, música, literatura de cordel, artes plásticas, culinária, jogos, religiosidade, dentre outras), com a merecida importância dos fatos da vida social para além dos costumes presenciados e apreendidos.

Uma tarefa nesse contexto a longo prazo consiste em descolonizar o saber científico, o popular e o poder, tanto social como cultural e político, para se pensar em articular os grandes desafios conflitantes da atualidade humana. Pois um país com tanta falsa esperança histórica (País do futuro) sente-se agora dominado pelo falso medo de ser cultural em suas diferentes linguagens (Étnicas, gênero, dentre outras de educação patrimonial popular), e se agarram à sua religiosidade como última resistência social, encantada pelo ato educativo nas comunidades de aprendizados.

Para a pesquisadora Ana Carla Nunes (2016, p. 41), no que se refere às vivências no Curso de Educação Patrimonial, desenvolvido pela própria autora, junto com a Prefeitura Municipal de Salinas da Margarida em janeiro de 2016,

Nessas vivências, os alunos puderam conhecer e aprender sobre as igrejas, casarões, construções antigas, praias, pontes, terreiros de candomblé e umbanda, casas de farinhas, ofícios, saberes e fazeres locais. Embora todos fossem moradores das comunidades, poucos conheciam ou sabiam a história e a sua representatividade para a cultura popular do município (PEREIRA, 2016, p. 41).

No campo da religiosidade, tivemos também a oportunidade de conhecer em Conceição de Salinas outro Terreiro de Umbanda e alguns fundamentos da religião de ancestralidade africana, aprendizados e troca de saberes com o Mestre Del (Figura 9), que foram lembrados, inventados, reinventados e remodelados a partir dos encontros em terras ameríndias brasileiras. A nossa conversa, tanto com a Mãe Sílvia que teve como porta-voz seu filho – que será

seu sucessor, como também com o Babalorixá Mestre Del, apontaram Saberes Entresalinas de artes étnicas <sup>7</sup> que identificam o fazer e o significado desses saberes, como patrimônio cultural africano no Brasil. As águas salinas <sup>8</sup> também vieram trazer a modelagem de resistência daqueles que ainda mantêm viva a história e memória desses povos, que enaltecem o culto aos *orixás*, *voduns* e *inquices* com suas cores e texturas de ideário africano, de cuidados espirituais.

Figura 9 – Terreiro de Umbanda do Mestre Del



Fonte: Arquivo RedePub, 2020.

Dentre os patrimônios culturais de relevância de religiosidade eurocêntrica, destacamos a Igreja de Nossa Senhora do Carmo, que é a matriz de Salinas da Margarida, com origem em 1914 (Figura 10), além da Igreja de Nossa Senhora da Conceição de 1717 (Figura 11) que também foi espaço de catequização dos índios Tupinambás pelos colonizadores portugueses. A educação religiosa ganha nesse espaço forte presença católica, com seus elementos simbólicos configurados nas formas estéticas (Esculturas de santos, bancos, fachadas, dentre outras), muitas vezes suntuosas, que remetem à força, à fé e ao poder.

---

<sup>7</sup> Artefatos como elementos simbólicos religiosos de resistência da cultura africana (Vasos, imagens dos orixás, dentre outros).

<sup>8</sup> As águas salinas estão referenciadas pela entidade lemanjá da cultura loruba, considerada a rainha do mar. Também foi pelos mares que esses povos chegaram a este lugar.

Figura 10 – Matriz de Nossa Senhora do Carmo



Figura 11 – Igreja de Nossa Senhora da Conceição



Fonte: Arquivo RedePub, 2020.

A Matriz de Nossa Senhora do Carmo foi um dos espaços escolhidos para conhecer esse patrimônio artístico religioso, através da roda de conversa com o coordenador da Secretaria de Turismo da Prefeitura Municipal de Salinas da Margarida/BA (Figura 12). Um dos pontos de discussão foi a arte local religiosa, ressaltada dentre alguns artefatos, a partir dos quadros da Via Sacra recuperados pelo artista plástico “Coroa”, que possui esta especialidade na cidade. Um sistema de valores, no qual o ser humano como um ser da comunicação, são propagados e disseminados entre os diversos grupos sociais, carregados de significados históricos.

Figura 12 – Exposição sobre a Igreja de Nossa Senhora do Carmo



Fonte: Arquivo RedePub, 2020.

Um sistema de valores, no qual o ser humano como um ser da comunicação são propagadas e disseminadas entre grupos sociais, carregados de significados históricos.

Além da arte religiosa, também encontramos na Casa do Pescador de Conceição de Salinas (Figura 13) um berço da pesca artesanal que apresenta simbolicamente a memória do tempo de exploração do sal nessa costa marítima, o que caracteriza grande relevância para seus moradores. Nela pudemos ver os pescadores que passam seu conhecimento do tecer as redes de pesca (Figura 14) para exercer suas funções de sustentabilidade individual e coletiva.

Figura 13 – Casa do Pescador de Conceição de Salinas



Figura 14 – O tecer as redes de pesca



Fonte: Arquivo RedePub, 2020.

Também verificamos as formas estratégicas para a pesca da lagosta, quando os pescadores criam suas caixas de apreensão destes crustáceos (Figura 15). Assim como as técnicas das marisqueiras repassadas como seus ofícios ao tratar os mariscos, lagostas, caranguejos, dentre outros (Figura 16) para a sua venda local e para fora da cidade.

Figura 15 – Saber na Pesca artesanal



Figura 16 – Saber Marisqueiras



Fonte: Arquivo RedePub, 2020.

Para relatar essa produção, que compartilha dados de abordagem menos quantitativa e mais qualitativa, esta pesquisa descritiva tece as particularidades e traços subjetivos, no qual considera a experiência pessoal tanto do pesquisador, quanto do observado na vivência em Salinas da Margarida <sup>9</sup>. Portanto, como pesquisa de campo inserida em um espaço social, ela pôde identificar que as mulheres das águas salinas tecem na cultura popular local, um arranjo peculiar de sustentabilidade econômica com grande colaboração na organização familiar. Pois é no engajamento dessa tradição que as mulheres mantêm viva a história e memória oral configurada nos costumes utilizados para o tratamento dos alimentos pescados, assim como dos artefatos construídos, em uma diversidade de técnicas passadas entre si na atividade laboral que se torna também lúdica. Depois ampliamos nossas observações nos outros povoados.

## **2) Encarnação, Cairú, Barra do Paraguaçu e o que significa para o município de Salinas da Margarida**

A trilha dos povoados de Encarnação, Cairú e Barra do Paraguaçu possuem marcas fincadas em sua beleza natural, na arte artesanal com artefatos locais (Conchas, madeiras, dentre outros), na religiosidade com suas igrejas, terreiros e personalidades. Fizemos esse percurso em ônibus alugado pelo grupo, orientados por Ana Carla Pereira e Ademilson Barreto, ambos desses povoados e pesquisadores no Projeto RedePub.

Pela orla do Povoado de Encarnação (Figuras 17), refletimos sobre as ocorrências durante nossa pesquisa de campo, e identificamos a dinâmica das residências de veraneio onde o mar chega bem próximo desse povoado e entra nas casas de várias formas como arte decorativa, dentre elas quando são fixados os mariscos nos muros e paredes (Figura 18). É a arte com material do mar utilizado por seus moradores em suas residências.

---

<sup>9</sup> Há diferentes versões para o nome dado a essa cidade, na dissertação de Mestrado da Ana Carla Nunes Pereira.

Figuras 17 – Orla do Povoado de Encarnação,



Figuras 18 – Muro decorado com mariscos. Arte em Salinas da Margarida – Bahia/Brasil



Fonte: Arquivo RedePub, 2020.

Como uma de suas mais antigas referencias religiosas, a Igreja de Nossa Senhora da Encarnação, de 1620 (Figura 19), construída com pedra e cal é, portanto, a edificação que retrata o poder dos aparelhos ideológicos do Estado dessa época histórica no município de Salinas da Margarida.  poca em que a igreja exercia controle sobre a população que a frequentava. Sua primeira capela de taipa e palha foi depois reconstruída com pedra e cal em 1705 (OLIVEIRA, 2000). Ela está localizada no centro da praça principal desse povoado. A sua fachada principal fica de frente para o mar. Na passagem por Encarnação, nessa mesma direção geográfica, tivemos a oportunidade de visitar a Igreja do povoado de Cairú (Figura 20), local onde concentra-se boa parte da vida social de seus moradores.

Figura 19 – Igreja de Nossa Senhora da Encarnação



Fonte: Arquivo Luís Alberto Adorno dos Santos, 2013

Figura 20 – Igreja Deus Menino – Povoado de Cair  em Salinas da Margarida – Bahia



Fonte: Arquivo RedePub, 2020

Apesar da visível presença cristã de formação religiosa Católica, tem crescido bastante nesses povoados, a inserção da presença evangélica em toda essa região. Haveria uma mudança cultural, religiosa e política sendo encaminhada no contexto social contemporâneo, e para onde se direciona a nível macro? Segundo estudos do pernambucano Joanildo Burity (2002) <sup>10</sup>, desde os anos 1990 se vem testemunhando a crescente mudança por uma cultura cívica na possibilidade de enraizar a democracia em um contexto histórico-social específico, para que venha a se consolidar em nosso país. A grande polêmica desse contexto está na ascensão dos grupos religiosos em cenário político nacional, em especial 3.769 de presença evangélica, isso apenas em Cairú, de um total de 15.667 habitantes em toda Salinas da Margarida (IBGE, CENSO, 2019), sendo fortemente intensificada no processo educativo dos cidadãos dos povoados uma lógica política assegurada por critérios de demandas e formação da agenda de decisões nem sempre de compatibilidade e coerência. O fato é que para Burity (2000, p.29),

A comunhão de interesses e propósitos entre atores religiosos e atores democráticos, ou, mais abstratamente, entre vivência religiosa e cultura democrática, quando se estabelece, não se dá por mera confluência ou ‘conversão’. As articulações em geral se dão por referência a adversários ou conflitos/controvérsias que produzem polarizações (parciais) no espaço social, levando à agregação de campos heterogêneos. Assim é a relação entre religião e democracia. É preciso sempre analisá-la em contexto, pois ela não se presta a generalizações estáveis ou categóricas (BURITY, 2000, p.29).

Nesse estudo dos Saberes Entresalinas também se insere o papel dos atores sociais na renovação da cultura política local, com relação às práticas democráticas para além da persuasão e capacidade de moldar comportamentos e suas resistências religiosas existentes, ou mesmo submissão funcional a uma democracia liberal-

---

<sup>10</sup> Pesquisador do Instituto de Pesquisas Sociais da Fundação Joaquim Nabuco (FUNDAJ) e Professor das Pós-Graduações em Ciência Política e Sociologia da Universidade Federal de Pernambuco (UFPE). Esse estudo entre 1996 e 1998 na FUNDAJ, possui uma pesquisa ampla sobre “Cultura política democrática e atores religiosos”.

conservadora <sup>11</sup>. A educação localizada nesse processo se dá por uma Educação Política não partidária, independente de religiões. Em outras palavras, os valores religiosos podem produzir efeitos democráticos no ambiente, mas também antidemocráticos, quando inspirados em apenas reproduções de impulsos poderosos de uma ideologia, do que em suas comunidades de fé. Estas são possibilidades que precisam de estudos do lugar da religião nas mudanças sócio-históricas na cidadania contemporânea, ao considerar a cultura política do que poderia ser político ou não-político. Existiria o não-político e como ocorre nesse campo religioso o perfil da militância política social e de produção do saber? Voltando ao Burity (2002, p. 45),

Um aspecto fundamental da teoria clássica da cultura política é a circunscrição do processo de formação de valores e atitudes políticas ao domínio privado (**Individual**) – **nossa inserção** –. Neste campo, a referência fundamental é à socialização. Nisto, há vários pontos em que os pressupostos de autores que analisam especificamente o cenário religioso, como David Martin, tocam a discussão que Almond e Verba fazem do impacto que experiências de socialização não políticas teriam sobre a política (BURITY, 2002, p. 45).

É nesse cenário que se encontram dinâmicas socioespaciais para se pensar nas histórias do lugar como a política se configura. Uma historiografia <sup>12</sup>, seja ela individual ou institucional pública ou privada, fornece elementos para o sistema capitalista vigente, seja de desenvolvimento econômico, social, educativo, que promova socialização.

A socialização em rede como ato político trata de uma mobilização crítica de consciência que perpassa entre a cultura oral, a

---

<sup>11</sup> De ascendência da autoridade, da hierarquia, sendo a democracia uma forma de governo que asseguraria certos benefícios aos seus praticantes, desde que estes sigam as regras e respeitem resultados que contribuam para a estruturação e disseminação de uma religião civil (Princípios de patriotismo, abnegação, responsabilidade e respeito pelo outro. Estaria aí um bloqueio ou um caminho a seguir? O que entendemos por Política nesse olhar cultural de uma vivência religiosa?

<sup>12</sup> Termo cunhado por Campanella, indicado como “a arte de escrever corretamente a história”. Ele é entendido como sendo o que foi escrito no caminho percorrido e/ou o que se desenvolveu etimologicamente, e busca “demonstrar” a produção científica a partir de suas proposições metodológicas e teóricas, conforme Lombardi (2006).

escrita, a impressa, de massas, das mídias e a digital, transformando e energizando os sujeitos individuais, dos quais produzem redes voluntárias competitivas de partilha e apoio mútuo. Seria o não-político a mobilização não crítica? Esta já não seria também uma postura política, uma relação entre ativistas (políticos) e quietistas (não-políticos) na manutenção do poder estabelecido.

Pensamos que isso tenha se mostrado no movimento paredista contra as obras da Petrobrás em Salinas. Sabemos que o SER político pode estar sujeito ou objeto de um sistema, mas ambos estão no processo político. É nesse campo que o ato educativo poderia estar mais presente, como história da educação. No diálogo da narrativa entre o ser sujeito e ser objeto, do qual demanda movimento individual e coletivo.

A narrativa apresentada acima tem um estranhamento inicial, e ainda em Cairú, fomos apresentados a Dona Rosinha (Figura 21), Mestra do Saber, Guardiã das Histórias desse Povoado, falecida recentemente. De acordo com Chauí (1996), o legado tem sua base fundamentada na memória individual e coletiva. Este legado por si só, já pressupõe uma postura política de Dona Rosinha. O fato de ser por sua comunidade a guardiã da cultura local a torna sujeito da história desse povoado, mas o fato de pouco socializar os feitos da/cidade, talvez a torne objeto. Propomos, que organizássemos um livro dessa memória local. O que foi prontamente aceito por ela e seus familiares.

Figura 21 – Conversa com Dona Rosinha no Povoado de Cairú / Salinas da Margarida – Bahia



Fonte: Arquivo RedePub, 2020

Produções na historiografia educacional, enfatizam a diversidade de perspectivas da pesquisa em História da Educação, com textos organizados por autores como Serpa (2001), Blanke (2006), Vidal e Faria Filho (2005), Vainfas e Cardoso (1997), Gatti Jr e Inácio Filho (2005), Lombardi, Severino e Buffa (2005), os quais nos trazem

dois aspectos relevantes a serem considerados do encontro com Dona Rosinha: a ampliação de discussões a partir da Nova História <sup>13</sup> e a discussão sobre a categoria de análise da história e memória.

Numa junção de ambos os aspectos, a ampliação de discussões sobre história e memória a partir da Nova História, vamos optar por trazer a partir do texto do Serpa (2001) discussões que emergem questões de fundo como as teórico-metodológicas, com transformações devido às revoluções tecnológicas da informação e da comunicação, as quais mudaram radicalmente o papel do espaço e do tempo. Estas trouxeram novas subjetividades que enfatizam a história social no campo da historiografia numa posição antropológica da geo-história (BRAUDEL, 1978), de perspectivas em territórios e fronteiras, onde o espaço adquire sincronia dada pela informação e sua difusão através da comunicação. No entanto, ainda não tivemos acesso aos registros elaborados pela guardiã do Povoado de Cairú, autora que não pode ser esquecida pelo seu povo e nos registros da historiografia.

Cabe no aspecto da função crítica da história, o redescobrimto de autores real ou supostamente marginais, e o seu reconhecimento como precursores esquecidos. Esta função vem a partir do segundo paradigma (Pós-Moderno) de um balanço geral da historiografia em Vainfas e Cardoso (1997), para a interpretação dos micros recortes, e assim não permitir que se revele desprezo pelas miudezas do cotidiano, seus personagens “anônimos”, seus corpos, sentimentos, crenças, aflições, em que se descobre o sujeito coletivo da história. E aí se pode então também descrever como objeto de estudos, as relações sociais, usos, comportamentos, práticas e costumes relevantes que possam reconstruir uma pequena comunidade ou grupo no tempo para poder se fazer ser compreendido. Sendo assim, a guardiã Dona Rosinha como coparticipe, pertencente dos movimentos ocorridos em sua comunidade.

Quanto à beleza natural de Cairú, formada de manguezais que fazem divisa com os mares da Baía de Todos os Santos (Figura 22), ela desponta para um universo também contado por outro de seus

---

<sup>13</sup> Na historiografia, trata-se de estabelecer uma história que banaliza as formas de representação coletivas e as estruturas mentais das sociedades, cabendo ao historiador a análise e interpretação crítica dos dados, como eles se apresentam.

moradores, o Ademilson Barreto (Tinho), que é nosso pesquisador no Projeto RedePub. Ele discorre sobre as diferentes espécies dos mariscos e moluscos existentes (Figura 23), como um aprendizado desde sua infância. Muitos dos mariscos, moluscos, tornam-se matéria prima para os trabalhos artísticos da região, ao mesmo tempo em que marcam um material biogeográfico de grande dinâmica ambiental.

Figura 22 – Comunidade do Cairú em Salinas da Margarida – Bahia



Figura 23 – Espécies de mariscos e moluscos local



Fonte: Arquivo RedePub, 2020

Ainda como prática artística local nesse percurso de passagem, conhecemos o rico artesanato de Dona Dedé no Povoado de Barra do Paraguaçu – Bahia (Figura 24). Dona Dedé ainda é uma senhora jovem com muita disposição ao criar suas produções a partir dos artefatos encontrados na natureza local deste povoado (Galhos de árvores, mariscos, conchas, dentre outros). Como também a beleza de litoral praiano (Figura 25), espaço de indiscutível qualidade de vida em comunhão com a natureza, que muito encantou os pesquisadores do grupo com seu desenvolvimento de riqueza natural.

Figuras 24 – Arte local



Figuras 25 – Beleza natural do Rio Paraguaçu / Salinas da Margarida – Bahia



Fonte: Arquivo RedePub, 2020.

É preciso pensar na tentativa de ordenação do social, em que a história humana é

conduzida pela própria sociedade civil e o mercado que impera regulado pelo sistema vigente do capitalismo, ressaltando um cenário de desigualdades. São forças nascidas dos interesses individuais entre classes mais e menos favorecidas, ou seja, dos microsistemas de poder já mencionados anteriormente, organizados pelas relações entre os seres humanos.

O que se faz necessário nesse pensamento é reconhecer que o “tecido social” está marcado por forte hierarquização estratificada com grande desequilíbrio das forças dominantes e dominadas. Isto repercute em intensa luta de interesses que geram violência, opressão, e colocam as pessoas em situação de conflito, mas também motivadas por geração de emprego e renda. Uma perspectiva contraditória de mercado competitivo e ao mesmo tempo produtivo da criatividade humana, como o de capital cultural vivido por Dona Dedé.

Marc Bloch (1941-42, p. 63), historiador do imediato na historiografia já declarava que: "A diversidade dos testemunhos históricos é quase infinita. Tudo o que o homem diz ou escreve, tudo o que fabrica, tudo o que toca pode e deve informar-nos sobre ele". E, como as palavras constituem conceitos e poder, além de categorias como o que se quer conhecer, a linguagem e seus códigos produzem saberes, que podem resultar em novos conhecimentos, o que expressam as coisas, as relações como são. Sendo assim, nesse tecido social de beleza natural nos povoados de Salinas de Margarida, estão engendrados corpos diversos que se misturam e agregam suas paisagens locais nas suas formas de ser, fazer e estar.

Este tecido se constitui de performances e patrimônio intangível dos mestres da arte, em que “Entre o passado e o futuro” (ARENDDT, 2000) a resistência através da arte retoma e mexe com o dia a dia de nossas vidas a partir das experiências compartilhadas. Tesouros que desaparecem e reaparecem em torno de causas comuns, os quais lançam as pessoas na vida pública e que criam laços afetivos e de amizade entre os indivíduos e suas artes. São, segundo descrição da UNESCO, “Tesouros Humanos Vivos” (ABREU & CHAGAS, 2003), que, como no caso de Dona Dedé, em alguns momentos não sabia como dar preço ao seu produto artístico, quão grande é seu laço afetivo por ele.

Continuamos com nossas pesquisas de campo a encontrar os tesouros que reaparecem nas cidades em seus povoados, a exemplo dos saberes entresalinas, dos mestres populares visitados no decorrer desse encontro (Manuais, espirituais, dentre outros aqui apresentados), que desenvolvem admiração pelo ofício que realizam. Todos esses aspectos reforçam a ideia de potência de tecnologia humana, livre e criadora, tanto para o trabalho quanto para a necessidade de reafirmação identitária de resistência e pertencimento ao lugar. O que nos levou a pensar em como sistematizar formas de se fazer pesquisa de campo com uma perspectiva problematizadora sobre os dados encontrados no lócus da pesquisa, numa organização de diário de campo em que as narrativas estão imbricadas.

### **Considerações finais**

---

A descrição realizada nesse estudo, teve como objetivo registrar saberes compartilhados nos espaços educativos do Município de Salinas da Margarida/BA/Brasil, a partir de uma vivência histórica, cultural, ambiental e patrimonial, de ação interativa formativa entre seus mestres populares e pesquisadores. Nesse sentido, o percurso planejado ajudou a um engajamento de pesquisa de campo da qual conseguimos atender a este objetivo proposto.

Os materiais da memória de Salinas apresentaram-se sob duas formas principais: os monumentos (herança do passado), e os documentais, escolha do pesquisador como historiador interagindo com os mestres populares. A grande extensão da documentação histórica contemporânea, em especial a do registro audiovisual e de recurso iconográfico, tiveram nesse estudo as imagens acompanhadas dos textos descritos nos momentos vividos em Salinas.

Percebemos que as evoluções sociais, culturais e as transformações sofridas nas

sociedades desse município (Ambientais, educativas, religiosas, artesanais, dentre outras), e também até primitivas por conta de uma série de acontecimentos históricos inscritos nos corpos das pessoas, fizeram com que os legados ou a memória coletiva se tornassem transmissões culturais entre os seus moradores por meio de vínculos do presente com o seu passado. Sendo assim, os aspectos que levam leitores e pesquisadores a inquietações para a formação em pesquisa de campo, a partir dos dados apresentados, extrapolam as

possibilidades de interpretações que esse campo pode oferecer. O que se fez necessária a definição dos conceitos trabalhados para a fundamentação desse estudo.

O Saber Entrelugares (de personalidades e dos objetos) nos lugares pertencentes aos povoados de Salinas da Margarida, a História e Memória passadas verbalmente, corporalmente e através dos artefatos presentes nesses lugares, a Cultura das manifestações populares (religiosa, culinária, da pesca), a Pesquisa de Campo na perspectiva de investigação social que pode identificar os dados nesse texto apresentados, levou aos microssistemas de poder que acionam a potência de comunidades, quando percebe um conflito natural existente, do qual possa vir a interferir nas atividades de auto sustentação de um povo.

A escuta desse tecido social vem desde os anos 1980, a qual apresenta-se como um eco que cresce e se redefine nas relações entre Estado-Sociedade-Local, a partir da ideia de parcerias, nos diferentes níveis, seja da esfera pública ou privada, ou de integração internacional-nacional-regional. Portanto, uma descentralização entre poderes como uma dimensão imprescindível da democracia e da cidadania ainda por vir. Este é o cenário das cidades como Salinas da Margarida, dentre tantas outras, como principais atores de microssistemas de poder, que travam entre si, debates sem fronteiras.

Essas cidades que procuram gerar recursos com suas diferenças, particularidades e estratégias de sobrevivência, parecem ter “um lugar ao sol”, quando podem nas suas resistências empoderar-se e encontrar um cenário global de expressões políticas que se constroem e se reconstroem a todo momento, sendo necessário repensar seu patrimônio cultural como centro de uma política local de desenvolvimento social, econômico, ambiental, educativo, sem ordem de prioridades.

A junção conceitual fundamentada nesse estudo nos levou a questionar: Como os registros nessa pesquisa podem ocasionar ações de identificação e empoderamento dos saberes existentes em Salinas da Margarida, a partir de uma vivência exploratória descritiva entre mestres dos saberes populares e pesquisadores, para permanência da cultura local? E, os resultados apontaram para um diálogo, em que a narrativa pressupõe um conjunto de saberes compartilhados na presença natural das coisas, seja ela material ou imaterial, na consciência da indissociabilidade entre os sistemas culturais, e cede

lugar às histórias de vida como a de Dona Irá, dentre outras mais amplas, sujeitas às influências eurocêntricas, mas também às pouco socializadas, como o reconhecimento rico dos terreiros e seus fundamentos.

Desses saberes também identificamos dinâmicas que se intercalam entre os materiais da natureza, quando são colhidos (Mariscos, dentre outros), e depois utilizados como artesanato ou fachadas decorativas, em sua maioria trabalhados pelas mulheres fortes e de saber popular dos povoados de Salinas da Margarida. Assim como também na presença que o viés investigativo do pesquisador possa vir a enaltecer e socializar os achados encontrados, como uma forma de atuar na cadeia de transmissão e retransmissão destes saberes retroalimentando a dinâmica cultural já existente, para que eles não se percam nas dinâmicas naturais das descentralizações. Esses aspectos levaram o grupo a pensar, posteriormente, em uma proposta de construção de protocolo de estudo no campo da pesquisa para os Projetos do Grupo GEOTEC.

---

## Referências

---

ABREU, Regina. “Tesouros humanos vivos ou quando pessoas se transformam em patrimônio cultural”. In: ABREU, Regina & CHAGAS, Mário. **Memória e Patrimônio**. Ensaios Contemporâneos. Rio de Janeiro: DPA, 2003.

ARENDDT, Hannah. **Entre o passado e o futuro**. São Paulo: Perspectiva, 2000.

ALMOND, Gabriel; VERBA, Sidney. **The civic culture: policial attitudes and democracy in five nations**. Boston: Litle, Brown & Co, 1965.

ALVES, Paola Biasoli. “**A ecologia do desenvolvimento humano: experimentos naturais e planejados**”. *Psicol. Reflexo. Crit.* Porto Alegre, v. 10, n. 2, p. 369-373, 1997. Disponível em <[http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S0102-79721997000200013&lng=en&nrm=iso](http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0102-79721997000200013&lng=en&nrm=iso)>. Acesso em 28 de abril de 2020. <https://doi.org/10.1590/S0102-79721997000200013>.

BAUMAN, Zygmunt. **Ensaios sobre o conceito de cultura**. Tradução Carlos Alberto Medeiros. Rio de Janeiro: Zahar, 2012.

BAUMAN, Zygmunt. **Comunidade: a busca por segurança no mundo atual**. Rio de Janeiro: Zahar, 2003. 141pp.

BLANKE, Horst Walter. “Para uma nova história da historiografia”. In: **A História da Escrita**. MARBELA, Jurandir (Org.). São Paulo: Contexto, 2006.

BLOCH, Marc Léopold Benjamim. **Apologia da história: Ou o ofício do historiador**. Editora Zahar, 2002.

BRAUDEL, F. “*En guise de conclusion*”, Review, I, 3/4, p. 243-253, Winter/ Spring, 1978. In: NOVAIS, Fernando A.; SILVA, Rogerio Forastieri da (orgs.). **Nova história em perspectiva**. Vol. 1. São Paulo: Cosac Naify, 2011, 552 p.

BURITY, Joanildo A. (Org.). **Cultura e identidade: perspectivas interdisciplinares**. Rio de Janeiro: DP&A, 2002.

CARNEIRO, Edson. **Sabedoria popular**. Apresentação e notas de Raul Lody. 3ª ed., São Paulo: WMF Martins Fontes, 2008.

CHAUÍ, Marilena. **Convite à filosofia**. São Paulo: Ática, 1996.

CRUZ, Denise V. da Nova. **A potência das narrativas no ensino (e na prática) da clínica médica**. Itajaí: 2015. (Tese no Programa de Pós-Graduação em Educação).

DESLANDES, Suely Ferreira; NETO, Otavio CRUZ; GOMES, Romeu; MINAYO, Maria Cecília de Souza (Org.). **Pesquisa social: teoria, método e criatividade**. 21º ed. Petrópolis, Rio de Janeiro: Vozes, 2012.

GATTI Jr, Décio e INÁCIO FILHO, Geraldo (Orgs.). **História da educação em perspectiva**. São Paulo: Autores Associados, 2005 (Primeira Sessão, Capítulos I, II e III).

**Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística – IBGE (CENSO, 2010)**

**JORNAL CORREIO**, 16.04.2009. Ação Judicial do Ministério Público em Salinas da Margarida, assim como Plano de Recuperação Urbana.

LOMBARDI, José Claudinei. “História e historiografia da educação: Fundamentos teóricometodológicos”. In: **Educação em Debate: perspectivas, abordagens e historiografia**. Analete Regina Schelbauer, José Claudinei Lombardi, Maria Cristina Gomes Machado (Org.). Campinas, São Paulo: Autores Associados, 2006.

MARSHALL, H. & LUHAN, MAC. “Os meios de comunicação como extensão do homem”. In: **Revista de Administração de Empresas**. Editora Cultrix, julho/setembro, 1969, 407 páginas.

MARTIN, David. **Tongs of fire: the explosion of Protestantism in Latin America**. Oxford/Cambridge: MA, Blakwell, 1990.

PEREIRA, Ana Carla Nunes. **Mudicon: um museu virtual para difusão social do conhecimento dos mestres dos saberes populares**. Dissertação de Mestrado apresentada no Programa de Pós-Graduação em Educação. Mestrado Profissional Gestão e Tecnologia Aplicadas à Educação – GESTEC, 2016.

SANTOS, Boaventura de Souza. “Descolonizar o saber e o poder”. In: **Outraspalavras**. Disponível em: <https://outraspalavras.net/crise-civilizatoria/descolonizar-o-saber-e-o-poder/>. Acessado em: 27.04.2020 (Crise Civilizatória).

SANTOS, Luis Alberto Adorno. **Problemática e perspectivas dos resíduos sólidos das conchas de mariscos originados da atividade de mariscagem das comunidades tradicionais de Salinas da Margarida – Bahia**. Salvador, 2013 (Dissertação de Mestrado em Geografia/UFBA).

SERPA, Luiz Felipe Perret. “Perspectivas de estudo em história da educação: identificando o campo”. In: **Anais do XV EPENN**, São Luís, julho, 2001 (Cd-rom).

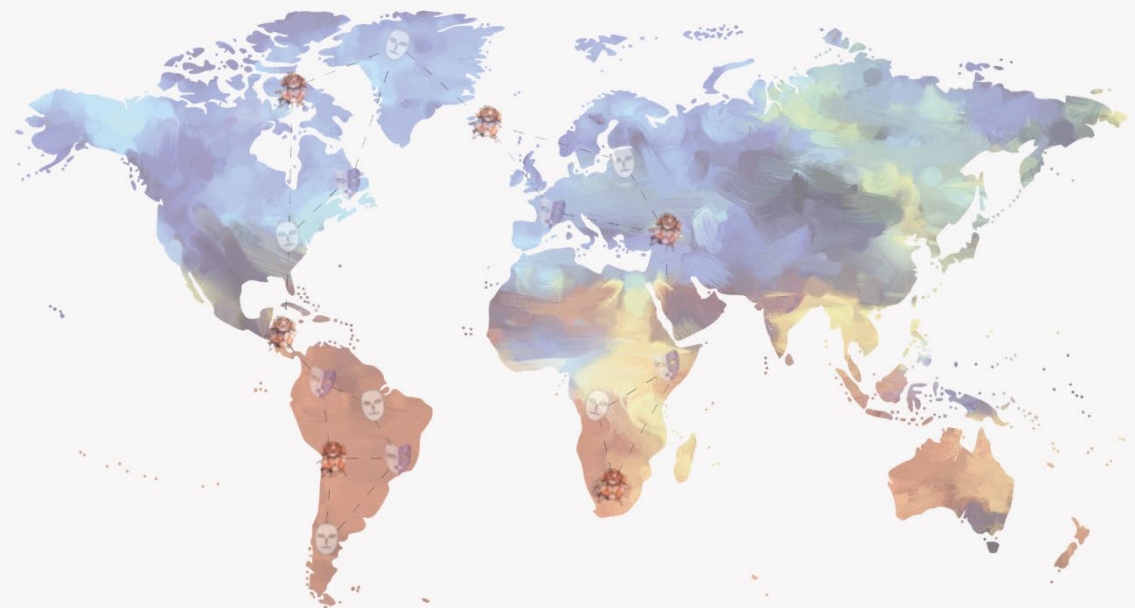
VAINFAS, Ronaldo. “Caminhos e descaminhos da história”. In: CARDOSO F.; VAINFAS, Ronaldo. **Domínios da História: ensaios de teoria e metodologia**. Rio de Janeiro: Campus, 1997, pp.441-449.

# Do sal para a vida: vivências em Salinas da Margarida

*Ademilson da Cruz Barreto*



10.47247/JLC/88471.54.8.12



### Salinas da Margarida

Terra de águas tranquilas, cristalinas e mornas.  
Terra de mar aberto, de mangues diversos e rios.  
Terra de mariscos, peixes e camarões.  
Terra do mar, do mangue e da mata.  
Terra de trilhas, de montes, de pedras.  
Terra de pescadores, marisqueiras e agricultores.  
Terra do sol, do sal e dos ventos.  
Terra das conchas, das artes, das danças.  
Terra de fé, de devoção e tradição.  
Terra de brancos, pretos e índios.  
Terra da farinha de mandioca, do bejú e do dendê.  
Terra de gente bonita, gente guerreira, gente da gente.  
Ó Salinas querida, que em tuas terras me abriga,  
Cuida de mim mãe querida, cuida da minha vida!

(Barreto, 2020)

Neste poema de minha autoria, descrevo em pequenas frases, algumas das riquezas de Salinas da Margarida, cidade que fica localizada no sul do Recôncavo Baiano, banhada pela Baía de Todos os Santos e tendo o rio Paraguaçu desaguando no seu mar. Faz divisa geograficamente com: Itaparica, Vera Cruz, Saubara, Maragogipe e Jaguaripe. Segundo dados do IBGE (2010) estima-se que possui cerca de 15.667 habitantes, sendo a maior parte formado por pescadores e marisqueiras. O Município se subdivide entre a sede e mais cinco distritos: Porto da Telha (Dênde), Encarnaçã, Conceiçã, Cairu e Barra do Paraguaçu. Com excelentes belezas naturais, quitutes, manifestações religiosas, culturais e artísticas. Mas sem dúvidas neste território o Povo simples, acolhedor e hospitaleiro é a sua maior riqueza.

Figura 1 - Salinas da Margarida/BA, vista do alto



Fonte: Luís Pereira, arquivo Prefeitura Municipal de Salinas da Margarida, 2020

Em um fim de semana do verão de dois mil e vinte, nos dias 30/01 e 01/02, pesquisadores do Programa de Mestrado Gestão e Tecnologias Aplicadas a Educação (GESTEC), inseridos no Projeto Articulador RedePub: História e Memória em Redes de Espaços Públicos Educativos, do Grupo de Pesquisa Geotecnologias, Educação e Contemporaneidade (GESTEC), vinculado a Universidade do Estado da Bahia (UNEB), realizou uma atividade de campo por esse pedaço de Brasil. Contamos com a presença de 12 pesquisadores (professores, mestrandos, entre outros). O roteiro da pesquisa foi construído com base no MUDICON <sup>1</sup>, resultado do mestrado da Profa. Ana Carla Nunes, que nos conduziu em um percurso de conhecimento sobre a história e memória dos entrelugares de Salinas da Margarida na Bahia.

Iniciamos as atividades na Casa do Pescador de Conceição de Salinas conversando sobre o contexto da pesquisa e o roteiro elaborado. Tivemos o privilégio de ouvir o relato emocionante de Iracene Santos, 49 anos de idade, apelidada de Irá, uma mulher negra, marisqueira, empoderada (Figura 2), que contou sua trajetória de luta por direitos para os pescadores e marisqueiras, exprimindo suas angústias, dores e alegrias ao descrever o processo histórico, a

---

<sup>1</sup> MUDICON: Museu Virtual para a Difusão do Conhecimento dos Mestres dos Saberes (<http://mudicon.blogspot.com/>).

mobilização e resistência contra o poder público, ao exigir compensação pelos prejuízos causados ao meio ambiente oriundo da exploração do petróleo na perfuração do solo ao passar o gasoduto pela laje do machadinho em Cairu, destruindo assim, boa parte da laje e dos mariscos existentes (Figura 3).

Figura 2 – Conversa com a marisqueira Irá, na Casa do Pescador de Conceição



Fonte: Ana Carla Nnnes (Janeiro, 2020).

Figura 3 - Passagem do gasoduto na laje do machadinho em Cairu



Fonte: Ademilson Barreto (Janeiro, 2020).

Irá juntamente com outras mulheres criaram uma associação de pescadores e marisqueiras, na qual tornou-se presidente, encabeçando muitos embates para conseguir benefícios. Nesse

período outras localidades também se articularam formando associações de Pescadores e Marisqueira em todos os povoados de Salinas.

Com a luta conjunta das associações foi possível alcançar algumas conquistas: Ampliação da Casa de Pescador de Conceição e Cairu, Construção do Centro Comunitário da Barra do Paraguaçu e Salinas Sede, Unidade de Convivência de Cairu (UCC) e as Unidades Familiares de Beneficiamento (UFB) em Cairu, Barra do Paraguaçu e Conceição. Tais conquistas são pequenas diante de tamanho impacto causado, mas que tem seu valor significativo pelo esforço e empenho de todos os envolvidos. A batalha é contínua para a garantia de direitos, respeito e valorização para a permanência desse ofício artesanal milenar.

Logo após conhecemos a igreja de Nossa Senhora da Conceição (figura 4), que foi erguida no século XVIII, aproximadamente em 1717. É o patrimônio mais antigo, possui o estilo barroco e dá nome a localidade. Traz em sua fachada preservada a arquitetura original, porém em sua estrutura interna passou por grandes mudanças, perdendo características históricas. A igreja encontra-se interditada há 3 anos e agora, em reforma. Além da festa da padroeira, a comunidade se reúne todos os anos em agosto para celebrar a penitência do glorioso São Roque, devoção centenária, vivenciada com muita fé e religiosidade, agregando pessoas de várias religiões. Com o lema: “quem tem fé vai a pé”, os penitentes caminham 8 km da sede do município em direção à igreja de Conceição, rezando, cantando, saudando ao Santo e invoca as mais variadas graças.

Figura 4 - Igreja de Nossa Senhora da Conceição



Fonte: Arquivo Rede Pub, 2020

No caminho encontramos mulheres marisqueiras, catando siri na porta de suas casas, atividade esta, comum neste lugar. Pescadores indo e voltando do mar, recolhendo seus pescados e atando <sup>2</sup> (costurando) suas redes. Também observamos pessoas simples sentadas à beira da porta, conversando e sorrindo, encantando a quem passa. Uma dessas pessoas encantadoras é Maria José Coelho Medina, carinhosamente chamada Dona Zéo, uma senhorinha de 81 anos de idade, rezadeira, mestra do saber, que esbanjava simpatia (Figura 5). Ela ao avistar-nos, acolheu-nos com um lindo sorriso, fazendo questão de expressar o quanto de amor tinha por nós (meros desconhecidos), mas não importava para ela. A todos acolhia com muito carinho e respeito. Em seguida nos convidou para adentrar em sua residência, apresentou uma das suas filhas e netas que falaram sobre o quanto de consideração e afeto a comunidade nutria por ela, pelo rico trabalho espiritual realizado. Na época em que o acesso à medicina era tão difícil para o povo mais simples, as rezadeiras se destacavam pois eram grandes aliadas da comunidade, tratando tantas enfermidades e curando a tanta gente recorrendo às orações aprendidas desde a infância, com auxílio das ervas e plantas, do terço ou simplesmente impondo as mãos e proferindo as orações anotadas nos caderninhos. Antes de nos despedirmos tivemos a honra de receber a reza proferida por Dona Zéo contra todo mal (Por ter a saúde debilitada isso ocorreu em dois grupos). Experiência única, em que todos os pesquisadores saíram carregados de boas energias.

Figura 5 - Pesquisadores do RedePub com Dona Zéo



Fonte: Arquivo RedePub, 2020.

---

<sup>2</sup> Entre uma maré e outra, os pescadores param para atar suas redes, ou seja, costurar e organizar suas redes danificadas na pescaria

Prosseguimos nosso percurso em direção ao terreiro de candomblé Ilê Axé Oya Bagan, conduzidos pelo Babalorixá Adevaldo de Logum – Edé (Figura 6), conhecido por Pai Déu, natural de Conceição de Salinas, de uma família católica, tendo um irmão padre e um bispo, casou-se com uma mulher carioca Rita Sodré, juntos tiveram um único filho Rafael Menezes que é o seu herdeiro sucessor. Nos falou um pouco da história e como tinha iniciado no candomblé, tendo como Mãe de Santo uma senhora do Rio de Janeiro. Lá fomos bem acolhidos, conhecemos os elementos sagrados utilizados nos rituais, as entidades espirituais cultuadas e as principais festas realizadas naquele ambiente.

Figura 6 - Terreiro de Candomblé Ilê Axé Oya Bagan Y



Fonte: Arquivo RedePub, 2020.

Em seguida fomos em direção ao Centro de Umbanda de Dona Sílvia, uma senhora de nome Carmem Sílvia Teixeira Maria, com 85 anos de idade, Mãe de Santo, franzina, com voz tremula, quase inaudível, com um bastão na mão junto com o seu bisneto Alex Assunção Junior, um jovem de 22 anos de idade que herdou a missão (Figura 7). Júnior mencionou que por causa da saúde frágil, Dona Sílvia não tem mais condições de seguir dirigindo o centro. Sendo ele o responsável para estar à frente dos trabalhos espirituais.

Figura 7 - Centro de Umbanda de Dona Silvia



Fonte: Arquivo RedePub, 2020.

Ao contar-nos um pouco da trajetória do centro, destacou que Dona Silva na infância ouviu o chamado de uma entidade espiritual, não conseguindo resistir, optou por acolher toda a ancestralidade, abrir o centro que já atendeu e atende a dezenas de pessoas. Relatou que já havia iniciado muitos no axé, que tem um desafio de mostrar a comunidade que ele mesmo sendo tão jovem tem condições de assumir o trabalho que antes era realizado por sua bisavó, conseguindo conquistar novos participantes e resgatar os adeptos que tinham deixado a casa.

Falou da importância do trabalho desenvolvido pela mestra Ana Carla Nunes que organizou campanhas que deu visibilidade e ajudou na reforma do centro. Permitiu que conhecêssemos todo o ambiente onde são realizados os rituais. Por fim, foi emocionante escutar aquele pequeno rapaz assumindo a sua religiosidade, cantando as músicas das festas, ao mesmo tempo que partilhava as vivências naquele lugar de tradição e resistência.

Na tarde do primeiro dia do percurso, embarcamos em uma canoa, atravessando o mar de Conceição rumo à sede do município. A travessia durou poucos minutos, mas no balanço da embarcação, no contato com às águas e o vento, íamos contemplando o sol que brilhava sobre o mar, repondo as energias para continuarmos caminhando desfrutando da beleza desse lugar.

Paramos em frente à Igreja Matriz dedicada à Nossa Senhora do Carmo, ali permanecemos por alguns minutos admirando a bela

fachada (figura 8), uma das mais bonitas do recôncavo. O Sr. Everaldo de Oliveira Assis, representante da secretaria Municipal de Turismo, nos contou a história da paróquia, a começar que sua fachada traz as três virtudes teológicas: Fé, Esperança e Caridade, representadas pelos símbolos da âncora, cruz e uma mulher amamentando uma criança.

Figura 8 - Fachada da Igreja Matriz de Nossa Senhora do Carmo



Fonte: Arquivo RedePub, 2020.

Ao adentrarmos no templo percebemos um ambiente, sereno, bem iluminado, amplo, com via sacra em alto relevo nas paredes laterais restauradas recentemente por Adailton Sales, restaurador, residente de Conceição, conhecido por Coroa que desenvolve um trabalho de restauro brilhante na localidade. No alto do altar mor, todo em madeira e fios de ouro, está a imagem do Senhor do Bonfim, no centro, em destaque a imagem da padroeira e abaixo o sacrário rodeados de anjos, flores e velas (figura 9).

Figura 9 - Interior e Exterior da Igreja Matriz de Nossa Senhora do Carmo



Fonte: Arquivo RedePub, 2020.

A referida igreja foi construída em 1914, desde então, todos os anos no dia 16 de julho é celebrada a festa em honra da Padroeira da cidade. A matriz foi restaurada em 2012, havendo modificação em sua estrutura original, ao trocar uma fonte deteriorada que ficava localizada próximo ao presbitério por um altar igual ao que já existia na lateral. Na expectativa de construir a fonte para nossa Senhora das Graças no jardim, mas que até hoje ainda não se concretizou.

Na sacristia da igreja, lugar reservado aos paramentos, alfaias e objetos litúrgicos, encontramos uma peça toda em madeira, que segundo registro datado do ano de 1947 do Ministério da Educação – DPHAN, o arcaz <sup>3</sup> era pintado com tinta a óleo (“circuncisão”) sobre a madeira, do respaldo com passagens bíblicas. Pelos relatos o comendador Campos era um homem influente e que havia trazido esse móvel da antiga Catedral de São Salvador da Bahia para o Convento de Santo Antônio, passando depois para a matriz do Carmo. Para finalizar a visita à igreja o Pároco Pe. Cícero Furtado de Oliveira, externou alegria com a nossa presença, reconhecendo a importância da pesquisa para a cidade.

Fomos em direção à ponte de Salinas, no caminho vimos a fábrica Santa Bárbara, antiga sede da maricultura, fechada há alguns anos. Paramos na antiga casa do comendador Manuel de Souza Campos, um dos poucos patrimônios antigos que ainda é encontrado na cidade. Defronte, fica o imóvel que servia como escritório da Companhia Salinas (Figura 10). Atualmente o prédio funciona como restaurante que presta serviço ao hotel. Ambos se encontram em boa conservação.

Figura 10 - Antigo escritório da Companhia Salinas



Fonte: <https://blogs.ibahia.com/a/blogs/memoriasdabahia/2012/07/23/salinas-da-margarida-no-tempo-da-extracao-do-sal/>

---

<sup>3</sup> Arcaz significa móvel volumoso com gavetões, usado para guardar paramentos em igrejas. <https://dicionario.priberam.org/arcaz>

De acordo com OLIVEIRA (200), Salinas da Margarida pertenciam ao município de Jaguaripe. Por estar geograficamente em uma região praieira localizada no recôncavo da baía de todos os Santos, existem indícios de que em sua origem, habitavam os índios tupinambás.

No final do século XIII, são implantadas pelo então comendador Manoel de Souza Campos, com o auxílio de Horácio Úrпия Júnior, as Salinas, ou seja, fábricas para a extração do sal, conhecidas como Companhia Salinas (Figura 11). O sal foi uma potência econômica para a região e todo o estado, dando origem ao primeiro nome da cidade, porém sem o investimento necessário em manutenção as salinas foram obrigadas a fecharem as portas. O Sal é responsável por dar sabor aos alimentos. Em Salinas o Sal está na essência do povo, que sofre, mas resiste. Que encontra na maré seu sustento diário, independente de sol ou chuva é de lá que vem o alimento. Pescadores e marisqueiras que saem às madrugadas para a labuta, sem ter hora de voltar. Que voltam sem ter hora para descansar, pois aí começa mais uma etapa do ofício: tratar os pescados, escaldar e catar os mariscos, além de ir para o mato arrancar lenha. Em Salinas trazemos a marca das mulheres fortes, mulheres guerreiras, mulheres chefes de famílias que sustentam seus lares. O sal sempre foi a marca do povo Salinense, dá sentido, sabor de viver e força para continuar exercendo suas atividades pesqueiras.

Figura 11 - O vagão do Sal entre os trilhos



Fonte: <https://blogs.ibahia.com/a/blogs/memoriasdabahia/2012/07/23/salinas-da-margarida-no-tempo-da-extracao-do-sal/>

Para o complemento do nome da cidade, existem pelo menos duas versões: a primeira se refere a uma homenagem do comendador Campos a sua esposa ou filha, porém não existe dados concretos de que tais pessoas se chamavam margarida; a segunda e mais aceita se dá por ter em seu território uma ponta cheia de margaridas (malmequeres-amarelos), este lugar se chamava ponta da margarida. Daí a origem da segunda parte do nome da cidade, ficando conhecida por Salinas da Margarida.

No início do século XX, Salinas da Margarida passa a ser distrito do município de Itaparica, permanecendo por sessenta anos, até a sua emancipação política que se deu em 27 de julho de 1962, pela Lei Estadual nº 1775/61 através do então deputado Pe. Luis Soares Palmeira e Manuel Dias de Albuquerque, que posteriormente foi eleito o primeiro prefeito da cidade. (OLIVEIRA, 2000). Já no hino da cidade, Jairo Cerqueira descreve lindamente as riquezas de Salinas:

Brilha o sol sobre o mar onde a natureza é querida, em teus trilhos o sal, oh riqueza tão nobre e esquecida. O ouro sal já não há, mais é pura e saudável a vida. A pesca sempre a ajudar melhorando a vida sofrida. Itaparica a ti sufocar, mas com luta as amarras partidas. A liberdade ecoou pelos rios mares e Campinas. O progresso expande este mar e a esperança no peito ensina. A ter fé e acreditar num futuro melhor pra Salinas. Salinas da Margarida. (CERQUEIRA, 2001)

Salinas da Margarida nos proporcionou muitas histórias e grandes riquezas, ao conhecermos mais a sua gente, a natureza que a cerca e todo o processo de transformação que ocorreu. Hoje a cidade trocou as pedras por asfalto, as matas por loteamentos, os rios e nascentes desapareceram, dando lugar às edificações desmedidas. O mar também sofreu interferências para o suposto progresso com as instalações de estaleiros navais. Nessa perspectiva, me pergunto: será que nesta terra em meio ao progresso, ainda sobrarão espaço para a manutenção da tradição aos descendentes dos índios, dos tupinambás, quilombolas? Será possível conceber um futuro melhor para Salinas desprezando sua essência? Queremos uma Salinas melhor, que valorize o ser humano, preserve o meio ambiente, estimule o consumo consciente, cuide dos seus filhos carentes, respeite e incentive as manifestações religiosas e culturais de seu povo.

Ao final do primeiro dia, depois de ouvirmos as histórias e conhecermos as riquezas de Salinas, presenciamos o espetáculo do pôr do sol visto da ponte, um dos principais cartões postais deste lugar.

No segundo dia da pesquisa, logo cedo, saímos em direção aos povoados de Cairu e Barra do Paraguaçu, perfazendo 4km de percurso em um ônibus alugado pelos pesquisadores. Nossa primeira parada foi em Cairu, que deriva da língua Tupi – Guarani, que significa ‘Casa do Sol’ ou ‘Morada do sol’.

Também conhecido como a terra de Codó, um violonista nacionalmente conhecido que influenciou muitos outros artistas e imprimiu seu estilo na música brasileira. Clodoaldo Brito é natural de Salinas da Margarida, nascido no povoado de Cairu, em 18 de setembro de 1913 (Figura 12).

Figura 12 - Clodoaldo Brito, violonista natural de Cairu



Fonte: <https://www.recantodasletras.com.br/biografias/4782886>.

Segundo BRASIL (2014), Codó Viveu sua infância e adolescência pescando e trabalhando na agricultura. Desde muito cedo se sentiu atraído pela música, em especial pelo violão, construindo a próprio punho na madeira o seu primeiro instrumento e mais tarde conseguindo adquirir um violão convencional, trocando por uma vaca leiteira de seu pai.

O texto publicado na contracapa do seu primeiro álbum: ‘Alma do Mar’ lançado em 1964, nos apresenta o segredo de Codó para exercitar suas habilidades no violão.

As noites de pescaria, eu e meus companheiros de barco, éramos obrigados muitas vezes a esperar a hora da maré. Eram horas que a natureza reservava para que pudéssemos descansar. Os meus camaradas dormiam e enquanto isso eu dedilhava meu violão, tocando para o céu e mar. (BRITO, 1964).

Sendo autodidata, aproveitava o tempo entre um lance e outro da pescaria para tocar e aprimorar sua arte, enquanto os companheiros dormiam, tocava para a plateia mais brilhante e mais transparente que era o céu e o mar, tendo a lua para iluminar suas composições. Antes de se consagrar músico também trabalhou como comerciante de pescados, atravessando para Salvador para vender os frutos de sua terra e posteriormente prestando serviços na rádio. Era uma pessoa muito simples, alegre e carismática conquistando a todos que encontrava.

Tinha um talento notável para tocar violão e compor. Suas músicas eram diferenciadas, pois carregavam muito da sua essência humilde de pescador, tendo uma relação muito forte com o mar, além de falar de cultura e religiosidade. Por causa disso, suas músicas fizeram muito sucesso, sendo mais de noventa delas gravadas por inúmeros artistas nacionais e internacionais.

No dia 13 de janeiro de 1984 uma luz se apagou no Brasil, deixando um grande legado para a história. Codó, com seu jeito cativante fica eternizado em nossas memórias através de suas letras e a forma única com que tocava seu violão.

Em Cairu, ainda reside um de seus filhos Luiz Brito, no mesmo terreno que Codó viveu, juntamente com sua família. Como forma de homenagear este grande homem, foi construída uma escola de ensino fundamental que foi batizada com seu nome, Escola Clodoaldo Brito, atendendo a aproximadamente duzentas crianças da comunidade.

De acordo com Maria Aparecida Nascimento Dias, é necessário valorizar o legado das experiências vividas pelos idosos do nosso tempo:

Os idosos configuram-se como guardiões da memória e tudo que por eles é contado, deveria ser avidamente ouvido e preservado com muito zelo pelos mais jovens. Assim, o ancião é símbolo de autoridade e ocupa um lugar bem definido dentro de sua categoria social: repassar a sabedoria dos antepassados e perpetuar a cultura (DIAS, 2014, pg. 1).

Ainda em Cairu, paramos para conhecer a matriarca da comunidade, Roselinda Pereira de Brito, com 93 anos de idade, conhecida por todos como Dona Rosinha (Figura 13). Fez questão de nos receber bem-vestida, com os cabelos alvos arrumados e muito perfumada, demonstrando satisfação pela nossa visita, ainda que estando debilitada, em uma cadeira de rodas. Naquela senhora transpareceu enorme força e sabedoria. Ao entrarmos em sua casa, fez uma oração espontânea, sincera, cheia de fé, pedindo a Deus que nos abençoasse por estar ali para visitá-la.

Figura 13 - Dona Rosinha, matriarca da comunidade de Cairu



Fonte: Arquivo RedePub, 2020.

Esta grande mulher, dedicou anos de vida para cuidar com esmero da Capela do Senhor Deus Menino do Monte (Figura 14), onde visitamos mais cedo.

Figura 14 – Capela do Deus Menino do Monte em Cairu



Fonte: Arquivo RedePub, 2020.

No período em que estava à frente da igreja, foi responsável pela manutenção do templo, dos cultos e das atividades religiosas. Acolheu padres, religiosos e missionários em sua própria residência, tendo construído um quarto específico para esta finalidade. A devoção ao Deus Menino nesta comunidade surgiu no início do século XIX, mais precisamente em 1812. A festa do padroeiro era celebrada sempre no dia 06 de janeiro. Há quase vinte anos a data da festa foi mudada para o domingo da Epifania do Senhor. Existia uma capela bem pequena no mesmo lugar onde hoje foi construída uma maior. A igreja fica no centro da praça principal, em um lugar de destaque.

Dona Rosinha teve seis filhos biológicos e adotou mais quatro crianças, todas de famílias pobres que não tinham condições de criar. Em um cômodo pequeno, ao lado da casa vendia: Bolo cheio de leite de côco, apanã, cocada, beijú, pamonha, bolacha de goma, entre outras guloseimas deliciosas, já seu esposo tinha um bar. Porém, ela era quem administrava os recursos dos dois comércios, mais tarde fundindo e tornando-se uma mercearia. Como tinha habilidades com as finanças, foi tesoureira, responsável pela organização das melhores festas populares de Cairu.

Ela gostava de viajar, conhecer lugares novos, fazer amizades, fazer festa. Adorava casa cheia, cozinhar e celebrava seu aniversário todos os anos como se fosse o último. Conhecia as regiões, as capitais de todos os estados do Brasil e ainda de alguns países do mundo.

Realizou o sonho de andar de avião ao lado de um de seus filhos. Passava horas conversando, assistindo jornal e escrevendo no seu arquivo. O seu caderno de anotações batizado por ela mesma de 'arquivo' conta a história de Cairu, nele encontramos registros de quando chegou água, luz, a primeira TV, geladeira, escola, posto de saúde... Também nele encontramos os casamentos, óbitos e notícias importantes da região. É um riquíssimo documento que guarda a história e memória de um povo. Em nossa visita, Dona Rosa externou o grande sonho de tornar o seu arquivo perpetuado em um livro, para que as futuras gerações pudessem conhecer o processo civilizatório desse lugar maravilhoso em que viveu até seus últimos dias.

Um mês após a nossa visita, já não era possível mais ouvir a sua voz, nem sentir o seu abraço. Ela descansou! Entre nós resta apenas as boas lembranças, seus ensinamentos, assim como o desejo de tornar seu sonho realizado com a publicação do livro.

Ao chegarmos na orla de Cairu, vimos o mar aberto, o manguezal, o rio, a Ilha do medo, lugar que ficou assim conhecido porque no século XIX funcionava como um leprosário, as pessoas com doenças contagiosas eram deixadas para morrer lá. Também é possível avistar a Ilha de Itaparica, ao fundo a cidade de Salvador, do outro lado enxergamos Bom Jesus dos Pobres, distrito de Saubara (Figura 15).

Figura 15 - Pesquisadores do RedePub na praia de Cairu



Fonte: Arquivo RedePub, 2020.

Cairu tem uma das melhores praias para banho de Salinas, por ter águas profundas e longas camadas de areia que vão até a Barra do Paraguaçu (Figura 16).

Figura 16 - Praia de Cairu



Fonte: Arquivo RedePub, 2020.

Nosso último lugar do percurso foi Barra do Paraguaçu, que antes era uma fazenda de propriedade de Benedito Dourado da Luz, pertencendo ao município de Maragogipe, um povoado pequeno que nos revelou grandes histórias.

Este lugar fez parte da rota da independência da Bahia, sendo aqui uma das principais lutas comandadas por Maria Quitéria à frente dos soldados brasileiros contra as tropas portuguesas em 1822, tendo vencido com muita bravura. Para homenagear essa heroína, o museu da Bahia fez um monumento de pedra, em formato de pênis, próximo à ponte, compondo o monumento tem um canhão de ferro forjado, arma usada para afundar os navios portugueses na luta pela independência (Figura 17). Ficamos a pensar em qual era o verdadeiro significado do monumento: Se era para representar a virilidade de um povo, em especial de uma mulher que lutou bravamente pelo Brasil, por que o formato de pênis? Era pelo fato de ter se vestido de homem ou por questões relacionadas a orientação sexual? Saímos de lá com estas indagações que serão retomadas posteriormente através de leituras complementares.

Figura 17 - Monumento que marca a rota da independência da Bahia



Fonte: Arquivo RedePub, 2020.

A Barra do Paraguaçu era um dos pontos de parada para os viajantes que utilizavam o Navio Maragogipe e a lancha Albatroz, pois pertencia ao percurso que as embarcações faziam saindo de Salvador em direção à Maragogipe. A ponte facilitava o embarque e desembarque das pessoas.

Todos os anos, em agosto, próximo à festa de São Bartolomeu em Maragogipe é realizada uma regata, corrida de saveiros, também saindo de Salvador rumo à Maragogipe. Sendo a Barra o local escolhido para o almoço e confraternização dos participantes.

Hoje ainda com poucos habitantes, aproximadamente 50 pessoas, é um dos distritos da Cidade de Salinas da Margarida. Rústico e atraente é o principal destino dos veranistas. Na Barra existe apenas uma rua principal asfaltada, dois bares e uma igreja católica dedicada à Nossa Senhora da Boa Esperança.

Visitamos a casa/atelier da artesã Adelaide Passos, 64 anos de idade, nascida e criada na Barra (Figura 18). Dedé é conhecida pelo seu riquíssimo trabalho com conchas, búzios, madeiras, galhos de árvores, escamas de peixes, casco de côco, casco de baleia, entre outros. Transformando tudo em arte, que se espalha pelo Brasil a fora. Fez questão de frisar que trabalha com materiais sem vida encontrados na região. Todos ficaram encantados com a perfeição em detalhes, na confecção de suas peças, a maioria não estando à venda. Os 12 pesquisadores se interessaram pelas suas obras, mas Dedé manifestou um grande apego, não conseguindo dar preço às suas peças.

Figura 18 – Pesquisadores do Rede Pub no Ateliê da Artesã Adelaide Passos



Fonte: Arquivo RedePub, 2020.

Barra do Paraguaçu, lugar, repleto de belezas naturais, gramas, coqueiros, pinhos, amendoeiras e um resquício da mata atlântica. As suas águas são calmas, transparentes, profundas e menos salgada por causa do rio Paraguaçu que desagua neste mar. Tem o farol, o mar aberto, a ponte, os morros, a bica e a famosa pedra mole onde os visitantes deixam seus nomes esculpidos. Todos que por aqui passam saem encantados, desejando voltar logo a esse lindo lugar.

### **Considerações finais**

---

Sou pescador, professor e pesquisador, filho desta terra com orgulho, através da pesquisa tive um novo olhar para Salinas, me fez repensar muitos conceitos, apresentando pontos nunca vistos antes. Quero conhecer mais o meu povo e seus costumes, para melhor compreender minha existência.

Nos desenhos feitos de conchas nas paredes de Cairu, no artesanato diferenciado de Barra do Paraguaçu, no changó e massambê de Conceição, nos pescadores e marisqueiras de Porto da Telha, nas manifestações culturais de Salinas e nos anciãos de Encarnação, resumimos nossa passagem neste lugar de memórias resistência e tradição.

No fim do percurso por Salinas da Margarida, muitas histórias aprendemos, partilhamos, e levaremos para nossas vidas. Algumas questões nos inquietaram a continuar a pesquisa, que não acaba aqui. Temos agora a obrigação social de oferecer uma devolutiva à comunidade pelas vivências compartilhadas conosco. Pensamos em voltar à cidade, organizando uma exposição fotográfica dos entre

lugares que passamos em Salinas. A publicação do livro com os registros de Dona Rosinha, *in memória*, como forma de homenageá-la é o nosso segundo desejo, além de divulgarmos em vários meios as experiências vividas em Salinas. Por fim, agradecemos de modo especial ao povo querido salinense que nos contou suas histórias.

## Referências

---

BRASIL, Billy. **Codó**. 2014. Disponível em: <https://www.recantodasletras.com.br/biografias/4782886>. Acessado em: 17/05/20.

BRITO, Clodoaldo. **Disco Alma do Mar – o violão de Codó**. 1964. Volume 01. Disponível em: <http://clodoaldobrito.blogspot.com/2011/10/disco-alma-do-mar-o-violao-de-codo.html>. Acessado em: 18/05/2020. 16

CANDENA, Nelson. **Salinas da Margarida no tempo da extração do sal**. Disponível em: <https://blogs.ibahia.com/a/blogs/memoriasdabahia/2012/07/23/salinas-da-margarida-no-tempo-da-extracao-do-sal/>. Acessado em: 17/05/2020.

CERQUEIRA, Jairo Almeida de. **Hino de Salinas da Margarida Bahia**. 2001. Disponível em: <https://www.salinasdamargarida.ba.gov.br/site/dadosmunicipais>. Acessado em: 17/05/2020.

DIAS, Maria Aparecida do Nascimento. **Um olhar sobre a velhice em “Sangue da Avó Manchando a Alcatifa” de Mía Couto**. UEPB. 2014.


IBGE. Instituto de Geografia e Estatísticas. **Censo de 2010**. Disponível em: <https://cidades.ibge.gov.br/brasil/ba/salinas-da-margarida>. Acessado em: 17/05/2020.

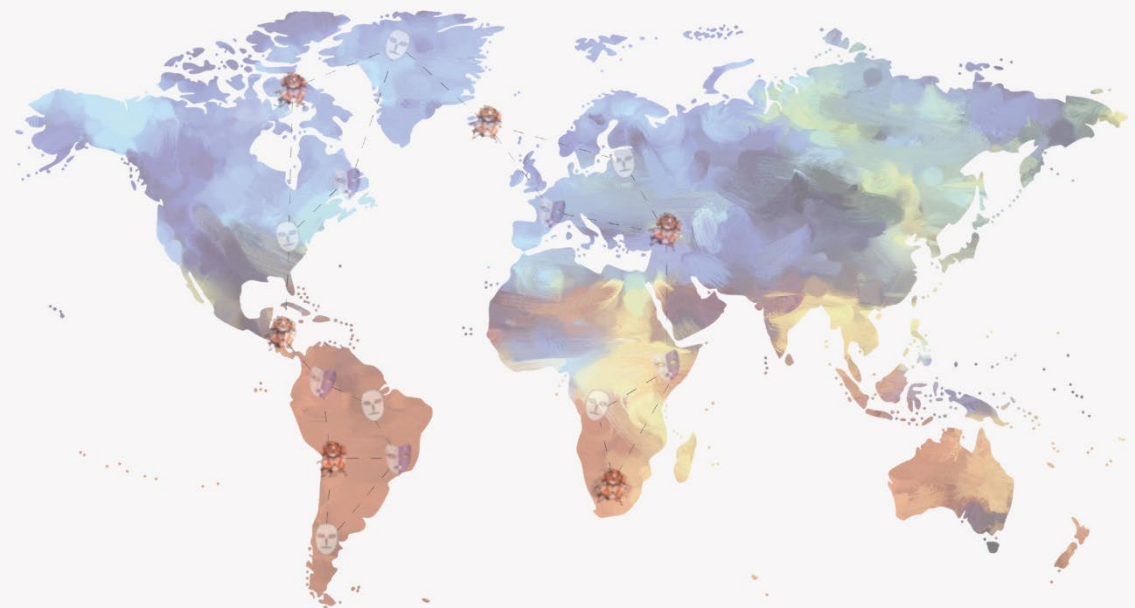
OLIVEIRA, Almir de. **Salinas da Margarida Notícias históricas**. Araguari MG Minas editora 2000.

PEREIRA, Ana Carla Nunes. **MUDICON: um museu virtual para difusão social do conhecimento dos mestres dos saberes populares**. Dissertação de Mestrado - UNEB. Salvador, 2016.

# Um relato de vivência histórica, cultural e ambiental em Salinas da Margarida/BA

*Monica Clara Xavier Lima Carvalho*

 10.47247/JLC/88471.54.8.13



## Introdução

Os pesquisadores do Projeto RedePub: História e Memória em Rede de Espaços Públicos Educativos, do Grupo de Pesquisa Geotecnologias, Educação e Contemporaneidade (GEOTEC), vinculado à Universidade do Estado da Bahia (UNEB), conforme o nome se destaca tem como premissa a valorização da história e memória dos sujeitos e dos lugares como parte de sua agenda de atividades. Impulsionados por uma das colaboradoras de pesquisa, a pesquisadora mestra, historiadora e turismóloga Ana Carla, propôs aos integrantes do referido projeto uma vivência como forma de compartilhar experiências adquiridas ao longo da pesquisa de mestrado, mediante roteiros turísticos educativos na comunidade de Salinas da Margarida na Bahia.

O roteiro desenhado especialmente para este grupo teve como título: **“Vivência História, Cultural, ambiental e Patrimonial em Salinas da Margarida”**, atividade realizada nos dias 31 de janeiro e 01 de fevereiro de 2020. O tema nos mostra o caminho que tomamos o de conhecer e apreciar as belezas e riquezas patrimonial e humana de uma comunidade. Nesta atividade compareceram o coordenador do projeto RedePub, pesquisadores e convidados colaboradores do projeto. Totalizando em 12 pesquisadores.

O percurso foi discutido a partir do conhecimento e entendimento do lugar, para esta análise adotaremos o olhar geotecnológico a partir da (con)vivência com moradores das comunidades de Encarnação, Conceição de Salinas, Cairu e Barra do Paraguaçu.

Os dias vividos foram compartilhados ao lado de mulheres que apresentam a força da comunidade ribeirinha com suas atividades econômicas, políticas e culturais. Mulheres como dona Ir  e dona Rosalinda, mais conhecida como dona Rosinha mostraram que a idade acumula experiências e conhecimentos que foram compartilhados com simplicidade e uma dose de humor.

O artigo aqui expresso trata-se de um relato de experiências vividos pelos pesquisadores da RedePub, aqui apresentados em três seções: a primeira destacou o ponto inicial da vivência, a partir da travessia náutica, Salvador x Bom despacho, dos conhecimentos adquiridos no ir e vim das ondas; a segunda seção abordou a cidade de

Salinas da Margarida a partir da perspectiva de quem teve contato anterior com elementos da cidade; e a terceira e última seção destacou a força das mulheres que cintilam o lugar ao emprestarem seus nomes para dar forma a acontecimentos históricos.

Esperamos que tais informações possam estimular outros sujeitos a perceber melhor os espaços em que transitam com olhar de valorização aqueles que contribuíram e contribuem para dar nome e personalidade ao(s) lugar(es).

### **Salinas da Margarida: entre ondas e brisas construindo conhecimento eu vou**

---

Quando pensamos em conhecimento nos remetemos aos saberes científicos, as pesquisas, a ciência. E não percebemos que todos nós, a todo o momento estamos produzindo conhecimento. Mas de que forma isso acontece? A esta questão buscaremos o significado da palavra conhecimento:

1. Ato de conhecer algo pela razão, pela experiência ou pela informação recebida; 2. Compreensão percepção intelectual dos fatos e relações entre eles; 3. Domínio de um assunto, uma técnica, uma arte, etc. (AULETE DIGITAL, 2020).

Temos três definições, mas nos atentaremos a primeira, que destaca como: ato de conhecer algo pela experiência ou informação recebida. Esta coaduna com o propósito da atividade proposta aos pesquisadores da RedePub (Geotec/Uneb). E iniciaremos a construção desses conhecimentos a partir do deslocamento via mar.

A viagem de *ferryboat*, na travessia Salvador à Ilha de Itaparica deu início as vivências dos(das) pesquisadores(as) da RedePub através do movimento produzido pelas ondas do mar, num nascer e pôr do sol, o entendimento do lugar por meio das geotecnologias.

No sentido técnico as geotecnologias compreendem conjunto de tecnologias que coletam, processam, armazenam e disponibilizam informações com referências geográficas, mas a compreensão que trazemos das geotecnologias é a concebida pelo grupo Geotec/Uneb que as compreendem a partir do processo criativo humano mediante processos materiais (técnicas e procedimentos) e imateriais (cognitivos, criativo). (HETKOWSKI, 2010).

Entendemos que o percurso realizado pelo ferryboat, nesta travessia, nos leva ao movimento geotecnológico, do pensar os diferentes lugares, enquanto a cidade do Salvador é contemplada na dimensão costeira até onde os olhos podem avistar. A criatividade humana diminui a distância entre os sujeitos e permite que todos os espaços sejam ocupados, inclusive o mar.

O ir e vir de transportes como: *ferryboat*, catamarã, lancha, ocupa uma faixa de terra submersa pelas águas salgadas, o mar, passa a ser nossa “estrada” marítima. Enquanto estamos no interior do transporte construímos uma conexão entre a terra (chão firme) e o mar, e nos colocamos a contemplar a imensidão das águas ao tempo que almejamos chegar ao outro lado que nos aguarda outras experiências como a(o): família, trabalho, lazer, para muitos, o nosso cotidiano. Ao qual os pesquisadores da RedePub em dois dias construiriam um tipo de cotidiano. O sentido de cotidiano aqui expresso se constitui nas experiências construídas no dia a dia pelas práticas humanas.

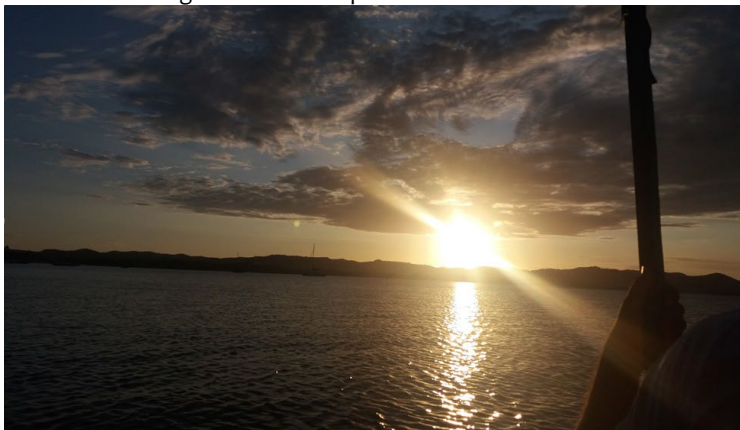
No interior do transporte marítimo nos colocamos a observar os diferentes sujeitos que dividem o percurso. Lembrando que nossa atividade teve início no último dia do mês de janeiro, para muitos representa final de férias, como é o caso dos participantes da RedePub, representados por professores de diferentes segmentos. As muitas pessoas que se aventuraram naquela manhã de sexta-feira não tinham o mesmo propósito, é claro, mas onde nos colocamos a ficar, observamos pessoas que de alguma forma buscavam um prazer, seja pelo retorno a família após semana de trabalho na capital, para veranejar nas praias ou mesmo para uma vivência histórica, cultural e ambiental, este último nos representa.

A manhã anunciava a possibilidade de um lindo dia, de forma tímida, o sol, tentava se mostrar diante de um nublado amanhecer, o tempo mostrou-se firme e aos poucos foi dando sinal de que teríamos um dia ensolarado. Nesse momento foi possível perceber as viradas de cabeça em direção ao sol. O brilho do sol atraiu a nossa atenção, ao despontar no alto, várias cabeças se inclinaram para melhor admirá-la. Aquela luz emanava vida, energia, alegria, coragem, esperança e força. De repente somos tomados por um tipo de encantamento, o nascer do sol traz consigo possibilidades de um dia melhor.

Esta experiência também foi vivida ao retornarmos para casa, após a vivência em Salinas da Margarida, a contemplação foi para o

pôr do sol, que majestoso se mostrou esplêndido, ao mostrar que o dia também precisava repousar. A vista a ser contemplada a partir do ferry, da cidade do Salvador, de sua costa, é para alguns além de um belo cartão postal, uma aula de história. A visão do Forte, Plano Inclinado, Igreja da Liberdade, prédios históricos, coloca a cidade em outra perspectiva, é geotecnológico essa conexão terra/mar, enquanto estamos no interior do *ferryboat* o eu criativo percorre mentalmente os espaços promovido pela imensidão do mar, e nos colocamos em diferentes lugares, percorrendo com os olhos a cidade do Salvador, vista como um cartão postal, que aos poucos vai se aproximando para dar lugar a outras vivências.

Figura 1: O contemplar de um fim de tarde



Fonte: Acervo RedePub, 2020

Este percurso que muitos sujeitos se habituaram a fazer e que ao longo dos anos os conhecimentos adquiridos como a relação homem natureza, os pontos históricos e turísticos da cidade do Salvador vistos a partir do meio do mar se tornaram comuns, para outros, são experiências a serem lembradas como parte da história de memórias de um tempo-lugar. A visão obtida nesses dois momentos, do nascer e pôr do sol, na relação homem-espaço ou homem natureza veio acompanhado de imagens da cidade do Salvador e da ilha de Itaparica, memórias construídas ao longo de um percurso.

## Salinas da Margarida em perspectivas

Conhecer a história de Salinas da Margarida não é uma tarefa difícil, basta buscar no wikipédia, site do IBGE, portal da prefeitura, nesses espaços há muito o que conhecer sobre o município, como localização, população, cultura, economia, ou seja, aspectos geográficos, administrativos e cultural estão disponíveis a todo cidadão. Assim, faremos breve histórico, a partir do folder do percurso elaborado pela pesquisadora e historiadora Nunes (2010).

Salinas da Margarida localiza-se ao sul do recôncavo baiano, possui cerca de 13.456 mil habitantes. No passado fora habitado pelos índios tupinambás, com a colonização dos portugueses, parte de suas terras passou a pertencer a Capitania dos Portos, posteriormente vendida a Manoel de Campos que viu nesta terra a oportunidade da extração de sal, tornando-se o ciclo econômico se juntando a pesca artesanal de grande importância na região. O município possui quatro (04) povoados: Encarnaçã, Conceiçã de Salinas, Cairú, e Barra do Paraguaçu.

Salinas da Margarida se destaca pela cordialidade da população e riqueza histórica, dentre elas: Igreja de Nossa Senhora do Carmo, 1914 (matriz), localizada na sede, Igreja de Nossa Senhora da Conceiçã, 1917, Nossa Senhora da Encarnaçã, 1620, e os mestres populares: marisqueiras, pescadores, mães de Santo, rezadeiras, sambadeiras, construtores navais, parteiras e como patrimônio natural se destacam: a costa marítima com suas praias, mangues, e manguezais, rios, riachos e espécies marinhas (NUNES, 2020).

Os integrantes da RedePub (Geotec/Uneb) se propuseram a experienciar as vivências de uma comunidade, conhecer em lócus parte de uma dinâmica sociocultural de pessoas em seu cotidiano.

É no dia a dia que as memórias são construídas, a partir das experiências vividas e acumuladas nas práticas diárias. A rotina da casa, do trabalho, do bairro, da cidade, dos espaços culturais, constrói um cotidiano, bem como, a forma de como cada sujeito a ressignifica.

Para Certeau (2013, p.31), “o cotidiano é aquilo que nos é dado cada dia (ou que nos cabe em partilha), nos pressiona dia após dia, nos oprime, pois existe uma opressão do presente. [...]”. Mas em que sentido somos explorados pelo presente ou permitimos situações abusivas? Esta propositiva nos levaria a discorrer sobre as diferentes

formas de os sujeitos se conectarem ao tempo e espaço dos acontecimentos das coisas. Vemos o cotidiano como um provocador, que entoa outra perspectiva de entendimento da realidade, encontrar sentido nos fazeres diários, legitimando saberes, fazeres e valores dos sujeitos a partir de práticas próprias, (re)inventadas. Assim, nos colocamos a apreciar saberes e fazeres da comunidade de Salinas da Margarida.

Salinas da Margarida não é um nome desconhecido para mim, pois cresci em contato com pessoas dessa localidade, a partir de trabalhadores terceirizados de empresas do Polo Petroquímico na cidade de Camaçari, região metropolitana do Salvador, que costumavam alugar quartos para residir durante temporada de trabalho. Trabalhadores que permaneciam na cidade, geralmente, de segunda-feira a sexta-feira e, finais de semana retornavam a suas cidades de origem, assim, deu-se a aproximação com Salinas.

Para explicar melhor essa aproximação, meus pais tinham um humilde conjunto de casas de dois vãos de aluguéis como complementação da renda familiar. E foram poupados na maioria das vezes por trabalhadores do Pólo Petroquímico por mais de trinta anos, o último morador, aposentou-se ano passado (2019), com ele fechou-se o ciclo de quartos alugados.

As lembranças que cultivo da adolescência é de jovens rapazes e senhores de idades adentrando o quintal ao final de tarde e se dirigiam a seus quartos para se prepararem para dia seguinte, muitos deles sabíamos pouco de suas vidas, mas a certeza de que eram cidadãos de bem, de família, respeitosos e moradores da ilha de Itaparica de diferentes lugares como: Salinas da Margarida, Encarnaçã, Conceiçã de Salinas, Saubara, dentre outros.

As vivências em Salinas da Margarida reativaram velhas memórias, as histórias, a cultura popular, patrimônios físicos e humanos trouxeram lembranças da adolescência e daqueles trabalhadores fiéis que (re)construíram naquele quintal, uma espécie de cotidiano, mediante práticas do viver o/no lugar, por toda minha adolescência, ouvindo causos, degustando da culinária de suas regiões, como peixe fresco, salgados e mariscos, e nem a perda precoce da matriarca da família e dona da avenida foi capaz de afastá-los do quintal se mantendo o quanto necessário a sua jornada de trabalho. O que quero ressaltar com este relato é destacar a vida de simplicidade e lealdade de trabalhadores oriundos de Salinas da

Margarida, Encarnação, Saubara que cultivavam a família e seu lugar na comunidade, pois todos tinham como objetivo retornar a casa de origem.

Salina da Margarida tem uma rica história do passado, mas que continua a se destacar no presente, com as bravas mulheres trabalhadoras. Mulheres fortes que encaram a vida com o nascer do sol, para diferentes funções como: mariscagem, pescaria, artesanatos, benzedeadas.

Podemos destacar Salinas da Margarida também como uma cidade espiritualizada, cercada de igrejas católicas, atualmente as evangélicas, terreiros de candomblé e Umbanda. Forças religiosas que buscam (con)viver em harmonia abrigando fi s e simpatizantes. No decorrer do percurso conhecemos uma figura peculiar, uma senhora rezadeira ou benzedeadas, que através da natureza, das folhas/ramagens, buscam dar mais conforto a quem precisa, na saúde física e/ou espiritual. Vimos que a f e é um elemento importante da comunidade local. E, os pesquisadores do RedePub puderam experienciar tamanha f e.

Entre idas e vindas, nos dois dias de visitas histórica, cultural e ambiental destacamos o distrito de Conceição de Salinas, enquanto os olhos de meus colegas se voltavam para a história da igreja local, os meus se maravilhavam com a caminhada de caranguejos numa reserva de mangues ainda preservada pelos moradores locais. A quantidade de crustáceos mostrava o quanto aquela comunidade tem preservado o habitat natural, o manguezal.

Figura 2: Manguezal e a preservação das espécies



Fonte: Acervo RedePub e Google, 2020.

Meu encantamento deu-se por outra experiência vívida no litoral de Camaçari, em Barra de Jacuípe, localizada a 33 quil metros da capital Salvador. A comunidade teve sua reserva de mangues destr idas devida a construção de condomínios de luxo há duas décadas. O manguezal identificado em Conceição de Sau pe remeteu-

me as férias que costumava passar com a família em Barra do Jacuípe. Naquele lugarejo tínhamos como uma das atividades matinais, a ida ao mangue, pegar caranguejo, contemplar o local, sentir o esplendor da natureza era algo prazeroso a todos nós, mas a ação humana, em nome da modernização das coisas, foi capaz de extingui-la para construção de um condomínio de luxo, aos poucos nosso encantamento pelo lugar também se esvaiu.

Ao avistar, em Salinas da Margarida, um manguezal com lindas criaturas nativas, caranguejos, guaiamu em seu habitat natural, foi simplesmente espetacular. O que faz mostrar que é possível o homem viver com a natureza e suas espécies, pois dele pode aproveitar a paisagem e os bens materiais. É sábio saber unir as relações: da natureza com a ação humana.

### **A força das mulheres de Salinas da Margarida**

---

Como já reamos, as mulheres de Salinas da Margarida se destacam pela força que possuem, muitas estão na linha de frente da família em diferentes atividades. Algumas empreendem economicamente, outras são matriarcas da família biológica e da comunidade local, como as mães benzedeiros e de santo.

Para representar essas mulheres destacaremos duas personalidades, dona Irá e dona Rosinha. A primeira atualmente é empreendedora, dona de um pequeno restaurante, tem uma importante história de luta como apoiadora de um grupo de pescadores (homens e mulheres) que precisavam garantir seus direitos de trabalhador(a) pesqueiro ameaçado ambientalmente por uma empresa. Dona Irá foi à voz desse grupo, dentre outras coisas, ajudou a constituir uma associação de pescadores bem como a construção de sua sede. Esta mulher enfrentou diversos embates, mas se mostrou forte, aguerrida durante todo processo que culminou em vitórias e derrotas.

A segunda trata-se de uma moradora de Barra do Paraguçu que acumulou saberes ao longo de sua vida. Em seus 93 anos de vida, mãe dedicada, analfabeta, demonstrou grande lucidez ao falar de sua vida e da comunidade. Com ajuda de familiares, especialmente da neta, vem registrando suas memórias em um caderno. Nele consta a história de uma vida, de uma mulher que viu e viveu muitas coisas, dentre elas as transformações do bairro.

Figura 3: Histórias e memórias de uma matriarca da Barra do Paraguaçu



Fonte: Acervo RedePub, 2020.

Em uma de suas histórias relatadas aos pesquisadores da RedePub chamou-me atenção, o caso da escola de educação infantil, segundo seu relato, fora construído em terreno de encharco, que no passado corria um rio. Hoje, seco pelas mudanças climáticas, mas que pode a qualquer momento ser reavivado, segundo a experiente dona Rosinha. O que esta encantadora senhora destaca é que a natureza uma hora pode reivindicar seu espaço, agredido pela ação humana. Provavelmente esta história será parte de um de seus registros no caderno, que vale a pena serem transformados em livro de memória.

O espaço apresentado por dona Rosinha trata-se da ocupação geográfica, em que se tem a relação natureza e sociedade. O espaço, “[...] é resultado da ação dos homens sobre o próprio espaço, intermediados pelos objetos, naturais e artificiais”. (SANTOS, 1988, p.25).

Não há consenso entre os estudiosos quanto ao conceito de espaço devido a diferentes compreensões. Mas neste caso, o apresentado por dona Rosinha refere-se à ocupação espacial, limites geográficos. Entendemos que:

A relação sociedade/natureza advém da necessidade que o homem tem de ocupar o espaço, visando seu bem-estar imediato, ainda que com danos futuros, devido aos desmatamentos, por exemplo. E, assim, as construções vão

(trans)formando e (re)construindo outros espaços, dando-lhes novos sentidos (CARVALHO, 2020, p.47).

A construção da escola de educação infantil, provavelmente, atendeu uma necessidade imediata, mas em um futuro ainda desconhecido pode ocasionar em danos inimagináveis. É o homem apropriando-se da natureza, daquilo que lhe é mais próximo, por exemplo, um terreno usado para abrigar um prédio residencial, mercado ou escola.

A história que reúne essas duas mulheres representa a força de tantas outras que lutam diariamente para manter seus lares e, não podemos deixar de registrar que mesmo as mulheres se destacando por seus feitos, há de lembrarmos que vivíamos e vivemos numa sociedade ainda machista, preconceituosa e castradora de direitos. Identificamos em Barra do Paraguaçu, um monumento erguido no século passado em homenagem a uma importante mulher da história baiana, Maria Quitéria. O símbolo utilizado para representá-la tem a imagem de um órgão sexual masculino e está localizada. A imagem mostra mentalidade machista, no reconhecimento de sua bravura, comparando-a a força de um homem, implicitamente a mensagem que interpretamos foi: ‘Uma mulher que se mostrou forte e valente que para ser homem lhe faltava apenas o órgão sexual masculino’.

Figura 4: “Homenagem” a bravura de Maria Quitéria



Fonte: Acervo RedePub, 2020.

A meu ver, a figura 4 não homenageia e não representa a mulher Maria Quitéria, é verdade que se vestiu de homem para ser

aceita na guerra, mas ela foi mulher em toda sua essência, representando todas nós que não nos acomodamos diante de problemas e que nos vimos no direito de participar, de ter vez e voz em todos os espaços, em casa, no trabalho, na igreja.

A mulher conquistou o direito de ser e fazer o que bem quiser. O símbolo erguido em sua homenagem é um desrespeito a todas as mulheres, e que nós, turistas, estudiosos, devemos repensar duas vezes antes de tirar uma foto ao lado da imagem, para não incorrerem em firmar e afirmar a ideologia por trás do monumento.

---

## **Considerações finais**

O percurso desenhado pela mestra, Ana Carla, intitulada “Vivência Histórica, Cultural, Ambiental e Patrimonial em Salinas da Margarida” oportunizou aos(as) pesquisadores(as) da RedePub (Geotec/Uneb) experimentar momentos de enriquecimento de conhecimentos outros, mas também de retomada ao seu eu interior.

O percurso realizado nos dois dias de vivências nos aproximou da natureza natural dos ambientes físicos, mas também humanos, pois conhecemos uma comunidade que reluz em riqueza histórica e de vidas comuns. Encontramos pessoas de natureza simples que carregam importantes saberes de vida e do em torno.

As mulheres de Salinas da Margarida revelaram uma força de viver muito grande, pois suas lutas são diferentes das vividas em Salvador e outras cidades grandes. Elas vivem a luta das marés, que são impactadas pelas chuvas e pelo sol. Vimos, em lócus, marisqueiras, pescadores, artesãos, em suas vidas diárias, (re)criando um cotidiano, vez ou outra impactadas por turistas, pessoas curiosas pela história do lugar ou mesmo aquelas que desejam apenas um lugar mais sossegado, longe da agitação da cidade. Os ares marítimos, a brisa do mar faz do lugar um ambiente de aconchego que abrigam simplicidade, belezas e mulheres carismáticas e de personalidades fortes.

---

## **Referências**

CARVALHO, Monica Clara Xavier Lima. A escola como espaço geotecnológico: estratégias de entendimento do lugar no município de Dias d'Ávila-Ba. (Dissertação), Salvador, 2020. 167fl.

CERTEAU, Michel; GIARD, Luce. MAYOL, Pierre. A invenção do cotidiano: morar, cozinhar. ALVES, Ephraim F; ORTH, Lúcia Endlich, (Trad.). 12. ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2013. p. 17-32.

CONHECIMENTO. In: AULETE DIGITAL Disponível em:  
<[www.aulete.com.br/conhecimento](http://www.aulete.com.br/conhecimento)> Acesso em: 30 abr. 2020.


HETKOWSKI, T. M. Geotecnologia: como explorar educação cartográfica com as novas gerações? In: XV Encontro Nacional de Didática e Práticas de Ensino (ENDIPE), 2010, Belo Horizonte. Anais... Belo Horizonte, MG: UFMG, 2010.

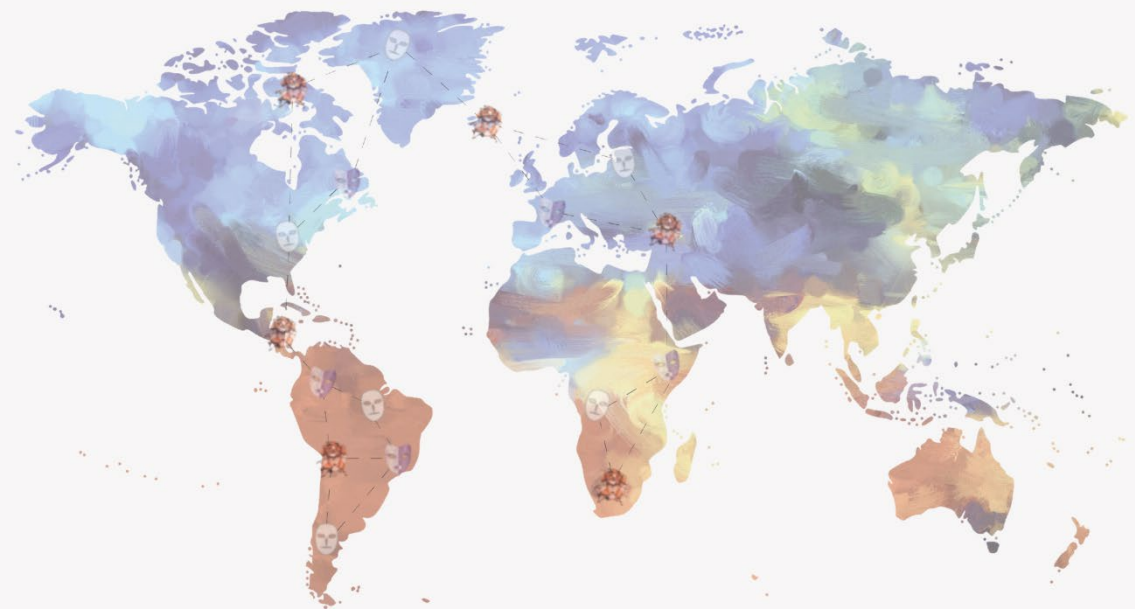
NUNES, Ana Carla P. Vivência histórica, Cultural, ambiental e patrimonial em salinas da Margarida. Folden, Salvador, 2020.

SANTOS, M. Metamorfoses do espaço habitado: Fundamentos teóricos e metodológico da geografia. São Paulo: Hucitec, 1988.

# Encontro de encantos e axé em Salinas da Margarida

*Uilma Brito das Mercês*

 [10.47247/JLC/88471.54.8.14](https://doi.org/10.47247/JLC/88471.54.8.14)



O distrito de Conceição de Salinas pertence ao Município de Salinas da Margarida cuja origem histórica remete aos séculos XVI e XVII. Terra de gente simples e acolhedora que traz em sua história relatos de lutas e resistência. Seus habitantes manifestam grande prazer em contar suas histórias, cotidianamente, os mais velhos transmitem seus ensinamentos aos mais jovens, de forma que é perceptível o respeito e consideração àqueles.

Nosso primeiro dia de percurso, teve início com uma conversa na sede onde funciona a cooperativa das marisqueiras. Lá tivemos a oportunidade de ouvir Irá, representante das marisqueiras, e percebemos em sua fala a resiliência daqueles cujas necessidades são sempre negligenciadas pelos poderes públicos. Ainda assim, ela persiste incansável, lutando pela valorização daqueles que são os responsáveis pela existência e permanência daquela comunidade.

A figura feminina merece destaque na localidade, pois é representada por mulheres fortes, expoentes nos seguimentos de liderança, sustento do lar e orientação religiosa. As mulheres têm uma vida de trabalho árduo, mariscando e pescando sozinhas e/ou com seus companheiros e filhos. O que revela: “A cadeia produtiva da pesca artesanal se dá geralmente, em regime de economia familiar. Seu aprendizado acontece muito cedo, ainda na infância quando os filhos acompanham os pais e/ou mais velhos em suas atividades”. (GRUPO GAIVOTAS, 2010, p. 65, apud PEREIRA, 2016, p. 107). É perceptível o papel relevante desempenhado pelas mulheres na cadeia produtiva da pesca, bem como na manutenção de suas famílias e da comunidade pesqueira local.

Mais tarde, visitamos o terreiro de Rita, lá, fomos recebidos por seu marido, um encanto de pessoa, muito disposto, nos explicou as origens do terreiro de candomblé, uma verdadeira aula de persistência e luta pela preservação das suas origens culturais.

À tarde, fomos agraciados em conhecer D. Silva, rezadeira de 85 anos, que segue dedicando sua vida, força e devoção a sua missão espiritual de caridade. Seus ensinamentos estão sendo cuidadosamente passados ao seu bisneto Bruno que atendeu ao chamado à missão. A tarefa de manutenção da obra tem se revelado árdua ao jovem rapaz. Bruno relata, com certa tristeza, que o centro já vivenciou tempos “áureos”, quando muitas pessoas ali estiveram e se beneficiaram dos trabalhos por eles desenvolvidos, pessoas que com eles conviveram, todavia, hoje, já não mais os reconhecem como irmãos de fé em razão

de outras influências religiosas. É perceptível o quanto estes afastamentos deixaram marcas dolorosas.

Apesar deste relato triste, o final da visita nos reservou um momento singular, quando o bisneto, atendendo ao pedido de D. Sílvia entoou alguns cânticos cerimoniais, cena emocionante, vislumbrar os olhos lacrimosos daquela senhorinha contemplando a certeza da perpetuação de seu legado. Fantástico!

Percebemos que na comunidade de Conceição de Salinas a transmissão do modo de vida, hábitos, cresças, costumes, lendas... às gerações seguintes, acontece naturalmente, resultando na preservação e manutenção de sua cultura e história, aquilo que se constitui a partir de vivências e observações.

A experiência humana que se disciplina em cultura, constitui um continuum de que participa tanto o conhecimento empírico do povo como o conhecimento científico dos letrados. A sua existência na mesma sociedade faz com que ambos os tipos de conhecimento se vivifiquem mutuamente. O fato de terem uma origem comum – a cultura universal sintetizada na civilização greco-romana propicia a circulação dessa corrente vivificadora. (CARNEIRO, 1965, p.76, apud PEREIRA, 2016, p. 59).

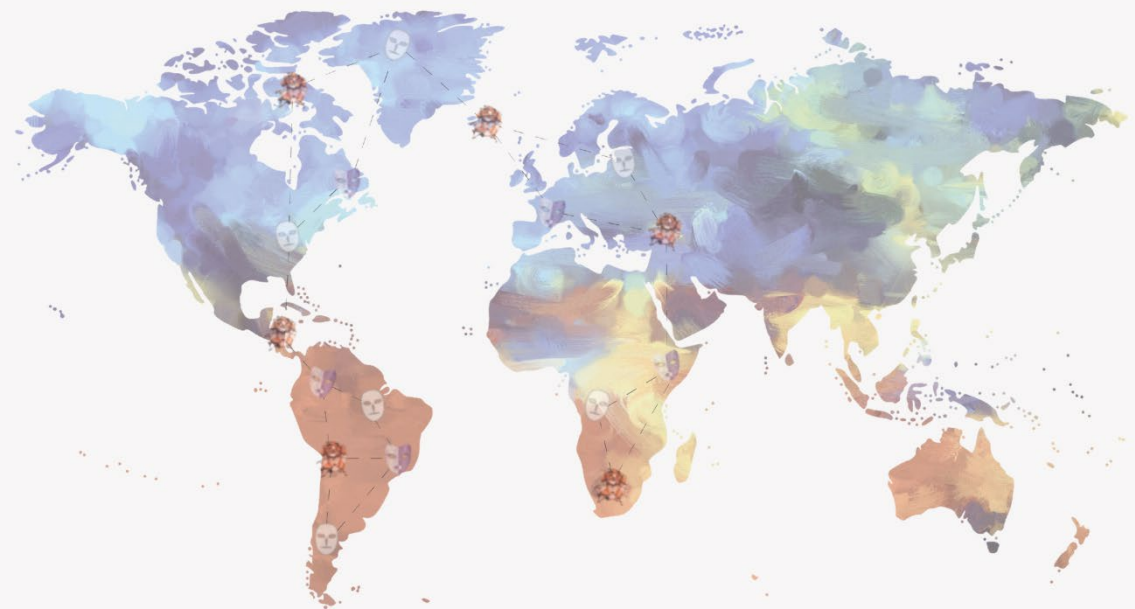
É preciso destacar a importância de Ana neste processo, mulher jovem, respeitada e aceita por toda a comunidade que reconhece e valoriza seu trabalho e esforço em manter viva a história e as tradições dessa terra de encantos e axé.

## Referências

---

PEREIRA, Ana Carla Nunes. **MUDICON**: um museu virtual para difusão social do conhecimento dos mestres dos saberes populares. Salvador, 2016.

## Itinerância em Dias d'Ávila / BA



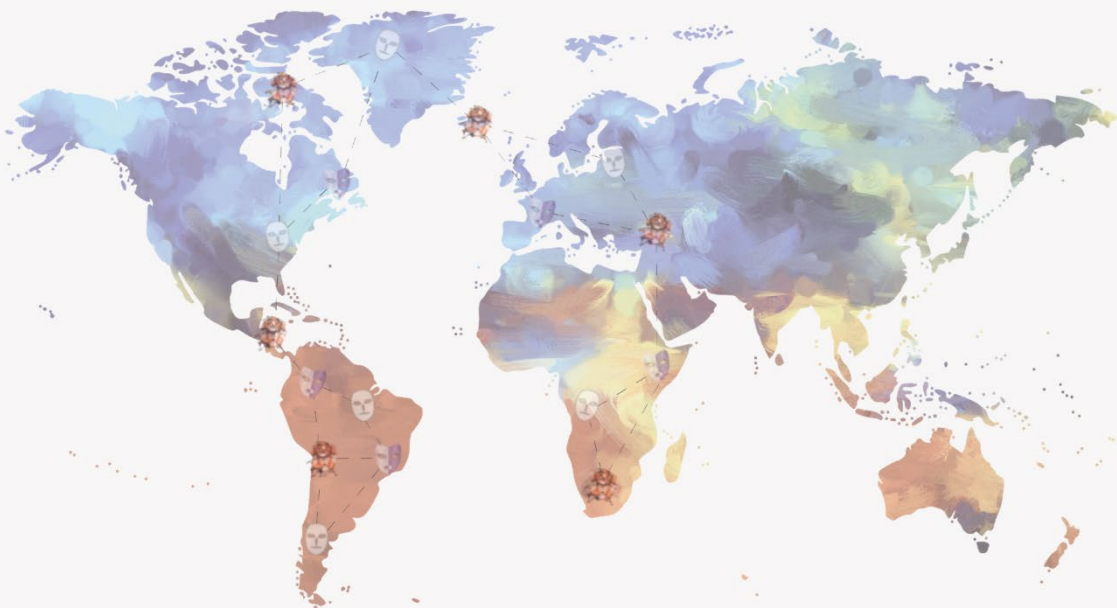
# **REDEPUB em Dias d'Ávila: itinerância no projeto Jovem Escritor, na relação de pertença do sujeito com a cidade**

*Monica Clara Xavier Lima Carvalho*

*João Antonio dos Santos Grilo*

*José Antônio Carneiro Leão*

 [10.47247/JLC/88471.54.8.15](https://doi.org/10.47247/JLC/88471.54.8.15)



## Introdução

Para melhor compreendermos as motivações do projeto que fomentou o concurso de redação realizado pelos estudantes da rede pública municipal de Dias d'Ávila no ano de 2019 apresentaremos um recorte de sua justificativa:

O Projeto JOVEM ESCRITOR cria através do "Concurso de Redação 2019", para alunos do 4º ao 9º ano e da EJA matriculados na Rede Pública Municipal de Ensino de Dias d'Ávila, mais oportunidade de expressar às relações de identidade e pertença a partir de depoimentos textuais de atenção com a cidade, sejam pelos pontos turísticos, histórias, heranças afetivas, memórias impregnadas de entusiasmo, otimismo, visão de futuro, e até mesmo, de decepções e frustrações, entre tantas formas de viver, perceber, sentir e amar essa cidade". [...] "Com o Projeto JOVEM ESCRITOR, a Câmara Municipal de Vereadores de Dias d'Ávila, em parceria com a Secretaria Municipal de Educação – SEDUC e o Grupo pesquisa RedePub - História e Memória dos Espaços Públicos Educativos, GEOTEC/UNEB, desejam fazer história com os registros dos nossos estudantes". "[...]deseja estabelecer o diálogo direto entre a PESSOA e a cidade de DIAS d'ÁVILA, no reconhecimento da importância do município na sua vida considerando aspectos culturais, sociais, históricos, econômicos, entre outros. Pertença com a cidade, a partir do bairro, rua que mora, assim como dos serviços que são prestados, principalmente Educação". "[...] É fundamental para o aluno estabelecer as relações sociais e de projeções com o futuro. Identidade enquanto construção individual e coletiva da pessoa, ganha destaque para que os pontos considerados fortes e fracos encontrados por cada aluno possam servir de referencial no desenvolvimento dos argumentos textuais (SEDUC, 2019).

O recorte da justificativa do projeto concurso de redação foi aqui apresentado para que não deixasse dúvidas quanto ao seu propósito, em especial, no uso do conceito identidade, no singular. Aqui se trata da identificação do sujeito com o lugar de vivência, a cidade, reforçada em seu objetivo geral de: "Desenvolver estratégias de planejamento, produção, revisão e reescrita de texto estimulando nos estudantes de Dias d'Ávila a reflexão sobre política, democracia e exercício da cidadania, a partir da relação de afetividade com a cidade".

Observou-se ampla expectativa em relação à participação dos estudantes no projeto de escrita para além da construção textual, dentre os pontos destacamos: desenvolvimento do senso crítico; vínculo de respeito e valorização entre alunos e professores; desenvolvimento do senso de participação; relações de pertença por parte das famílias e dos alunos com a escola e a cidade; valorização da cidade de Dias d'Ávila.

O foco deste projeto atendeu a uma reflexão dos estudantes para com a sua cidade, buscando conhecê-la, ao tempo que descobre/identifica sua relação de pertença com o meio. Nesse interim buscou-se também mobilizar nos estudantes sentimentos de afetividade e identificação com a dinâmica da cidade.

Para construir um futuro melhor mediante o exercício do olhar sobre a cidade é preciso saber quem somos, onde estamos e como queremos estar no percurso da vida. Refletir sobre a cidade coloca o estudante em contato com a sua realidade, com os pontos positivos e negativos que o cercam. A partir de seu olhar curioso, de forma consciente e crítica, ele projeta um futuro comprometido com a vida, no campo pessoal e coletivo.

O concurso de redação foi uma realização do Gerente de Programa e Projetos Educacionais da Secretaria de Educação de Dias d'Ávila na pessoa do Sr. João Antonio dos Santos Grilo em parceria com a Câmara de Vereadores, o vereador Sr. Júlio da Silveira Reis Júnior e pesquisadores do Projeto articulador RedePub: História e Memória em Rede de Espaços Públicos Educativos, do Grupo de Pesquisa Geotecnologias, Educação e Contemporaneidade (GEOTEC/CNPq) da Universidade do Estado da Bahia (UNEB).

A questão norteadora foi de saber: como os alunos podem registrar seu pertencimento com o lugar? Sendo assim o pressuposto apontado foi de estabelecer uma relação vivenciada a partir das ruas, bairros, praças, locais históricos, dentre outros, com os alunos, de forma que eles pudessem desenvolver um olhar de apreciação sobre os lugares no município. Esse processo teve como objetivo geral neste texto de registrar uma perspectiva de se pensar o processo educativo caracterizado como um concurso de redação com jovens escritores e sua relação com a cidade de Dias d'Ávila/BA.

Visando melhor compreensão do leitor deste registro, este texto foi organizado em seções. A primeira apresenta o projeto Jovem Escritor em sua estrutura e perspectivas, a partir do RedePub; o

segundo aborda breves reflexões conceituais e teóricas sobre identidade e pertença para o concurso de redação. Na terceira apresenta aspectos metodológicos e resultados da produção sobre a itinerância do concurso.

## **REDEPUB e o projeto Jovem Escritor**

---

O projeto Jovem Escritor se apresentou como uma proposta inovadora de investigação da história da cidade de Dias d'Ávila através da memória criada pelos moradores e das marcas registradas pelo tempo nas edificações e geografia local, muitas das vezes, invisíveis aos olhos da população.

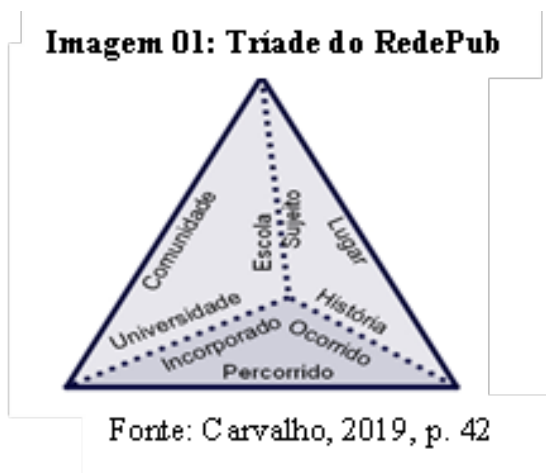
História e memória são categorias fundantes dos pesquisadores do projeto RedePub do GEOTEC/UNEB. Segundo Jaques Le Goff o grupo entende os conceitos de história e memória como um campo complexo, de controvérsias, desafios e interrogações, de um lado os historiadores “tradicionais”, e de outro os que se orientam pela nova história (LE GOFF, 2003). O conceito de Memória é crucial para o desenvolvimento da própria História, sem ela não haveria estudo nem conhecimento e as contribuições para a história científica. Sendo assim,

A memória, na qual cresce a história, que por sua vez a alimenta, procura salvar o passado para servir ao presente e ao futuro. Devemos trabalhar de forma que a memória coletiva sirva para a libertação e não para a servidão dos homens (LE GOFF, 2003, p. 471).

No concurso de redação a ideia da escrita temática identificou-se a princípio duas perspectivas, a primeira incentivar nos estudantes o gosto pela escrita narrativa e a segunda a de reconhecer a relação de pertencimento com a cidade. Dois aspectos balizadores da produção textual. Em ambos os casos os estudantes necessitariam desenvolver um processo de escrita investigativa, neste caso, a pesquisa como fio condutor que traz a descrição da história e memória do lugar.

Apesar de termos a ampliação do acesso às tecnologias digitais, a escrita narrativa, dissertativa não pode perder o seu lugar na escola, de importância enquanto técnica de escrita textual com criatividade, criticidade e cientificidade.

Instigar a curiosidade é um dos princípios da educação cidadã, despertando o interesse pelas coisas do mundo, partindo dos acontecimentos locais. É conhecendo o que nos cerca que nos tornamos sujeitos críticos. O movimento de escrita dos estudantes abrangeu aspectos do contexto da cidade, dentre eles, econômico, geográfico, cultural, político, demográfico, lazer. Colocaria o estudante numa perspectiva de tríades defendida pelo RedePub, apresentado por Carvalho (2019) em que se tem o sujeito, a história e o lugar, o ocorrido, percorrido e incorporado conforme imagem abaixo.



Em certa medida as produções dos estudantes trouxeram abordagens de envolvimento, percepção do sujeito com o lugar e sua história, que é a proposta do concurso de redação. Pois o lugar é onde o sujeito constrói seu cotidiano, no caso dos estudantes, a família, a escola, a igreja, o trabalho, constituem lugares de vivências que são necessárias à constituição da personalidade do sujeito, que participam e protagonizam a história da comunidade, da cidade. E nesse movimento também podemos compreender mediante os acontecimentos, o ocorrido, o percorrido que se caracteriza pelas vivências, experiências, trocas. E o incorporado é como o que ficou de marca no sujeito, ou seja, que passou a ser sua prática cotidiana, configurando sua(s) identidade(s).

Em tempos de tecnologias de massa, a informação vem tomando boa parte do tempo dos sujeitos que muitas das vezes não se traduz em conhecimentos. O concurso de redação, Eu e a Cidade:

Identidade e pertença é para o estudante a oportunidade de fazer autoanálise de como se relaciona com as coisas ao seu redor. Refletir o seu corpo em movimento em relação a cidade.

Conhecer a história da cidade, do bairro, da escola, possibilita o entendimento do lugar tendo em vista o desenvolvimento de uma relação mais afetiva e participativa nas dinâmicas socioespaciais que podem ser observadas mediante situações georreferenciadas. O lugar pode ser compreendido em diferentes dimensões, Carvalho (2019, p.39) descreve como sendo:

[...] palavra multifacetada que, conforme o contexto, ganha diferentes significados, muitas vezes usado como sinônimo de espaço. A história da humanidade mostra-nos que o homem, para adaptar-se ao mundo, precisou criar meios de ocupação do solo, constituindo seus espaços de vivências e formas de produção de consumo, a sua evolução contribuiu para modelar a vida em sociedade.

A forma como o sujeito se apropria do espaço, seja ele físico ou virtual, passa por vivenciá-lo como um lugar que é seu, mas também do outro, nele lhe é dado sentidos e significados. Onde quer que o sujeito habite desenvolverá um tipo de relação com o lugar, são comportamentos, atitudes, valores que moldam o jeito de viver no plano pessoal e coletivo.

Dias d'Ávila na Bahia é um lugar peculiar, (geo)referenciada como cidade das águas, devido sua riqueza de água mineral. Possui facetas históricas pouco desveladas, o que ainda há muito a se descobrir sobre a cidade. Atualmente ela possui uma população de aproximadamente 80 mil habitantes e percebe-se uma transitoriedade significativa desde a implantação do Polo Petroquímico Industrial da cidade vizinha de Camaçari. Qual a importância do Polo Petroquímico na formação da comunidade local. São vieses de investigação da história e memória da cidade e dos sujeitos. Ao instigar nos jovens, adultos e idosos visitar ou mesmo o de conhecer a história local através do concurso de redação, esta iniciativa passa a ser um exercício de cidadania que o projeto se propôs.

O concurso de redação tem potencial de colocar os estudantes em perspectivas de tempo, passado, presente e futuro de como as pessoas se tornaram/tornam cidadãos/cidadãs diasdavienses. E para entender a cidade de Dias d'Ávila é importante adentrar um

pouco em sua história de como se constituiu cidade. Poucos conhecem a história local, de que ela foi projetada para ser um lugar de veraneio, um refúgio do cotidiano da cidade grande. Suas grandes chácaras e sítios formam um ambiente convidativo aos finais de semanas. A época sua beleza natural paisagística, cortadas por rios, dunas e vegetação nativa, e pelas mãos humanas a estrada de ferro, a estação de trem constituía um ambiente perfeito as famílias abastadas da sociedade baiana e estrangeira.

Os diasdavienses são povos multiculturais, maioria advinda de diferentes localidades. Prova disso foram os dois últimos concursos públicos realizados na educação nos anos 2015 e 2017, os quais trouxeram um grupo significativo de pessoas de localidades diversas da Bahia, bem como de outros estados brasileiros. Essa diversidade passa a compor a vida da cidade, dos escolares, com outras culturas, hábitos e modos de ser e viver.

Os estudantes ao falarem da cidade reviverão aspectos peculiares de sua emancipação, das cidades vizinhas como Mata de São João e Camaçari. Não tem como falar de Dias d'Ávila sem mencioná-las. A investigação sobre a cidade também pode destacar aspectos interessantes das escolas da rede pública municipal, cada uma delas possuem especificidades próprias que podem apontar fatos tocantes a sua edificação, do público atendido, da localização, ou seja, são muitas as possibilidades de pesquisa.

Observa-se que para a produção textual, os estudantes poderiam transitar por diferentes caminhos e o mais importante é que não estariam sozinhos, pois a participação do(a) professor(a) foi parte indispensável do processo. Ao definir a natureza da narrativa, o estudante automaticamente se inicia como pesquisador e em alguns casos partícipe de sua própria narrativa.

## **Identidade e pertença: breves reflexões conceituais e teóricas**

É complexo abordar aspectos do sujeito a partir da identidade, tal estudo adentraria em áreas do conhecimento diversas como a da sociologia, psicologia, psicanálise, pedagogia. O que apresentaria o sujeito sob uma perspectiva.

Mas qual o sentido de identidade apresentado no concurso de redação? É o que tentaremos abordar a partir de uma breve

reflexão conceitual e teórica para demarcar a relação do sujeito com o meio de vivência.

De acordo com Woodward (2014), o corpo é um dos locais envolvidos no estabelecimento das fronteiras que definem quem nós somos e serve de fundamentos para a construção da identidade. O corpo adquire ou se adapta a comportamentos e estilos que não lhes são comuns passando a incorporá-la ao seu cotidiano.

A expressão identidade aqui utilizada é um recorte das muitas identidades que o sujeito possui. Sabemos que é da contemporaneidade a utilização do termo no plural, identidades, mostrando que o sujeito não se define apenas por um aspecto identitário, uma vez que a globalização desnacionalizou produtos, instrumentos, técnicas, comportamentos, que foram absorvidos em diferentes sociedades em todo o mundo.

Então, partimos do movimento do corpo como nos apresentou Woodward, buscando entender como o sujeito, esse corpo que é físico e psicológico, percebe a dinâmica da cidade, comunidade, estado e país. Para não começarmos a divagar na teorização, foquemos nos aspectos da relação sujeito e a cidade de ambiência.

De acordo com Silva (2014) o sujeito ao afirmar sua identidade está delimitando fronteiras, há quem participe desta ou daquela ideia/comportamento posta na sociedade, bem como há também aqueles que não participam plenamente. Para o autor é também os que ficam dentro e os que ficam fora do “jogo”. Como jogo Silva se refere.....

Ao longo da vida o sujeito se apresenta de maneira diversa, ao assumir uma determinada identidade, por exemplo, a de cantor de pagode, haverá uma legião de pessoas adeptas ao estilo, no entanto, não será a totalidade. É nesse aspecto que Silva (2014) defende ao dizer que a “identidade está sempre ligada a uma forte separação entre “nós” e “eles” [...] como indicadores de posições-de-sujeito fortemente marcado pela relação de poder. (SILVA, 2014, p. 82).

O poder de pertencer a um estilo, grupo que comungam com as mesmas ideias, sentimentos. É uma forma de demarcar fronteira, entre o sujeito e a outra pessoa. Essa demarcação é vista nos campos sociais como definiu Bourdieu citado por Woodward (2014), sendo elas:

[...] família, colegas, instituições educacionais, grupos de trabalhos, partidos políticos, nós participamos dessas instituições ou “campos sociais”, exercendo graus variados de escolha e autonomia, mas cada um deles tem um contexto material e, na verdade, um espaço e um lugar, bem como um conjunto de recursos simbólicos. (BOURDIEUR apud WOODWARD, 2014, p. 30).

Nesta configuração vemos que “a complexidade da vida moderna exige que assumamos diferentes identidades [...]”. Por isso não dá para definir o sujeito em apenas um aspecto de sua vida, principalmente em tempos de difusão das tecnologias e acesso a informação é cada vez mais comum o sujeito adotar hábitos e costumes de outros povos como sendo de sua cultura. (WOODWARD, 2014, p.32).

A maneira de ser do sujeito tem muito a ver com a sua interpretação de mundo, em termos globais e locais. A relação que o sujeito estabelece com a cidade, lugar de vivência, constrói pra si uma forma de vida que é comum a todos os moradores, estabelecendo um cotidiano coletivo e pessoal, pois desenvolverá aspectos do viver que lhes será próprio, único.

A proposta de escrita pelo viés da identidade no concurso de redação está relacionada ao modo de como o sujeito (estudante) percebe a cidade, interage com as coisas como a econômica, política, cultura, educação e outros. A forma como o sujeito interage com meio ambiente define sua personalidade. Nesse sentido a identidade marca como a maneira de o sujeito se reconhecer pertencente a um grupo, um povo. De que maneira participa da dinâmica da comunidade.

Cada morador que chega de fora passa a compor a vida na/da cidade, ao tempo que absorve seu jeito de ser, nesse movimento também contribui deixando suas marcas que aos poucos passam a fazer parte do cotidiano das pessoas. É para este olhar que o concurso intencionou, de o estudante em sua comunidade poder perceber as mudanças ocorridas ao longo do tempo, bem como as desejantes de melhoria do lugar. O que permaneceu nos corpos dos moradores através da convivência com os iguais e os diferentes.

A relação identidade e pertença exigem dos estudantes um olhar e escuta sensível, uma vez que em alguns casos necessitará recorrer a outras fontes. E nessa troca o estudante (pesquisador)

estará em constante confronto com sua própria história, de como se vê pertencendo a ela.

O pertencimento diz respeito à relação de afetividade com o lugar. O quanto o sujeito se sente envolvido, fazendo parte de uma construção coletiva, de como interpreta ou constrói a relação com o meio. É o de perceber sua importância na tessitura social, econômica, cultural e política da cidade, do país, do mundo.

Mas também é o de se sentir acolhido, aceito em suas diferenças e semelhanças, o sentimento de pertencimento promove no sujeito engajamento, atenção e cuidado gerando confiança e cumplicidade com o lugar.

As autoras Castro, Viana e Costa (2013) em seu estudo sobre pertencimento apresentaram como sendo o de “partilhar características, vivências e experiências com outros membros das comunidades de pertencimento, desenvolvendo sentimento de pertença”. Elas discutem o termo a partir de alguns autores como Berger e Lukman (2004), Erikson (1987), Sarmiento (2002), Yuval-Davis (2006), Bagnall (2009). Vejamos a seguir como estes autores destacaram suas opiniões sobre esse conceito.

Berger e Lukmann (2004) vêem o pertencimento relacionado “aos laços familiares, a ser membro de uma dada sociedade, dentre outras relações que vão se estendendo com o estabelecimento de vínculos, referências e valores”. Para Erickson (1987) “parti de organizações formais e informais em que o indivíduo participa de modo a sentir-se pertencendo a um grupo identitário de reconhecimento mútuo entre seus membros”.

Sarmiento (2002) aponta que o pertencimento “constitui-se pelas relações comunitárias, pelas construções de referências, valores de pautas de condutas e distribuição de poderes que são inerentes à pertença comunitária (p. 276)”. E nesse viés Yuval-Davis (2006, p. 198-199) “conceitua o pertencimento descrevendo três níveis de entendimento para o termo, que é identificado a partir de duas estruturas básicas: a primeira são as estruturas analíticas, que explora a noção de pertencimento pela análise de posições sociais, dos processos de identificação, dos elos emocionais e dos valores éticos e políticos; o segundo denomina-se como as estruturas políticas de pertencimento, que enfoca as políticas de pertencimento e de como as estruturas políticas se inserem nas diversas políticas e projetos em que vivem os indivíduos em sociedade, como, por exemplo, pelo

direito ao exercício da cidadania e as ações participativas, evidenciando-se, portanto, o direito de status no grupo de pertencimento. O terceiro nível estrutura a mecânica de pertencimento em projetos políticos que compreendem determinadas características de um indivíduo. Eles são selecionados por diferentes significados específicos de pertencimento, por possuírem ou não essas características”. Já Bagnall (2009) baseado nos estudos de Cohen (1982). “explica que as pessoas adquirem conhecimento e experiência sobre uma determinada cultura através da vivência de práticas cotidianas”. (CASTRO, VIANA e COSTA, 2013).

O que os autores têm em comum ao conceituarem pertencimento a construção de vínculos afetivos com o lugar e as pessoas, mediante as práticas sociais vividas cotidianamente. Cada escolha de vida determina o jeito de ser do sujeito, marcando sua(s) identidade(s).

Como sujeito de escolhas, logo de direitos, cabe a este sujeito saber ser na sociedade. Como destacara Paulo Freire que, “o saber se faz através de uma superação constante” na condição de aprendentes estamos sempre nos superando, pois a ignorância é o ‘alimento’ do saber. Sendo assim, “não há saber nem ignorância absoluta: há somente uma relativização do saber ou da ignorância” (FREIRE, 1979, p.29).

A ignorância apontada por Freire, vemos como forma de o sujeito se inquietar em relação ao não saber, enquanto busca de conhecimento. Em se tratando do concurso de redação a ignorância destacada é o desconhecimento de fatos e feitos da cidade como parte de sua história e memória a ser evidenciada mediante pesquisas dos estudantes.

Nesta escrita, a relação de pertencimento do sujeito com o lugar em que está inserido, ou seja, a cidade de Dias d’Ávila possibilita ao estudante refletir sobre sua cidade e de que maneira constrói o seu entendimento sobre este lugar. O saber construído nesta pesquisa oportunizou a eles conhecer e refletir de que maneira se relacionam com a cidade e de como as construções sociais impactam em suas vidas cotidianas.

Para o concurso de redação, o papel da Identidade e pertença é aquela em que o sujeito constrói sua relação com a cidade, de como se relaciona afetivamente com a comunidade local, do bairro, caracterizadas pelas formas de consumo e produção.

## Percurso metodológico, resultados e discussões

A realização do concurso de Redação, Eu e a Cidade: Identidade e Pertença foi desenvolvido em oito (08) etapas, que correspondeu a 08 (oito) meses letivos. A abordagem deveria centrar em questões relacionadas: identidade, relações humanas, educação, cidadania, lazer, democracia, espaço geográfico, cultura. Meio ambiente, fatos históricos da cidade.

Quanto à estrutura da redação, a tipologia textual, seguiu como dissertação ou narração, compondo 15 a 25 linhas para estudantes do Ensino fundamental 4º ao 6º ano e de 20 a 30 linhas para 7º ao 9º ano e Educação de Jovens e Adultos - EJA. Devendo ainda compor introdução, desenvolvimento e conclusão, ideias com coerência e coesão. O texto apresentou elementos argumentativos, criatividade, contexto, dentre outros.

Observa-se no quadro nº 01 que a estrutura do concurso de redação procurou envolver a escola em todo processo de escrita, com acompanhamento de um ou mais professores. A primeira e segunda etapa correspondeu na imersão do estudante com sua escrita, num período de aproximadamente três meses. Na terceira etapa os textos foram encaminhados a Secretaria de Educação/Seduc que junto com a Câmara de Vereadores selecionariam 07 (sete) textos de cada ano de ensino envolvido, ensino fundamental e EJA.

Quadro nº 01 – Programação e Cronograma Concurso de Redação 2019.

Etapa	Período	Descrição das atividades
1ª etapa	até 29/03/2019	Sensibilizar os Gestores, Coordenadores Pedagógicos e Professores através de informativos e reuniões sobre o Projeto JOVEM ESCRITOR - Concurso de Redação 2019.
2ª etapa	01/04 a 07/06/2019	Cada Unidade Escolar organizará um cronograma de atividades para fomentar as construções textuais do Concurso de Redação. Com os textos produzidos e corrigidos pelo (a) Professor (a) Orientador (a) da Turma/Ano, com rescritas dos alunos, a Escola deve escolher, por ano do Ensino Fundamental (4º ao 9º ano) e da EJA, <b>07 (sete) textos de cada ano.</b>
3ª etapa	até 12/06/2019	Enviar para SEDUC - Gerência de Programas e Projetos Educacionais - os 07 (sete) textos de cada ano do Ensino Fundamental (4º ao 9º ano) e EJA classificados pela Escola na 2ª etapa.
4ª etapa	12/06 a 19/06/2019	Com todos os textos recebidos na 3ª etapa, a Equipe de Profissionais da SEDUC e da Câmara de Vereadores de Dias d'Ávila escolherá 07 (sete) textos, de cada ano do Ensino Fundamental (4º ao 9º ano) e EJA.
5ª etapa	10/07/2019	Divulgação dos resultados da 4ª Etapa.
6ª etapa	20/06 a 26/07/2019	A partir dos textos selecionados na 4ª etapa, o grupo de pesquisa RedePub - História e Memória/Geotec/UNEB classificará do 1º ao 7º lugar os textos de cada ano do Ensino Fundamental (4º ao 9º ano) e EJA.
7ª etapa	até 30/08/2019	Cerimônia de Premiação.
8ª etapa	até 29/11/2019	Publicação do livro com no mínimo trinta textos, que participaram da Quarta Etapa do Concurso de Redação. Cerimônia de autógrafos. Câmara de Vereadores.

Fonte: Projeto Concurso de Redação  
(Gerência de Programas e Projetos Educacionais, Seduc/Dias d'Ávila, 2019).

Podemos observar que a produção da escrita, envolvendo a coleta de dados, tratamento da informação teve duração de dois meses, abril a junho, mostra um trabalho intensivo de parceria entre o professor e o estudante, demandando muitas reescritas. É nesta fase que a escola seleciona os textos de cada ano de ensino.

### Quadro nº 02 - Produção textual das escolas

Projeto Jovem Escritor - Concurso de Redação 2019 - EU E A CIDADE: IDENTIDADE E PERTENÇA

Ordem	Escola	ESCOLAS PARTICIPANTES - Quantidade de Turmas e Alunos							EJA	Total	Textos
		4º ano	5º ano	6º ano	7º ano	8º ano	9º ano				
01	Claudioseir Simões	6 turmas 109 alunos	3 turmas 75 alunos							07 turmas 184 alunos	02 turmas 14 textos
02	Luiz Semel	6 turmas 109 alunos	6 turmas 101 alunos							8 turmas 210 alunos	02 turmas 14 textos
03	Maria Santiago Basilio	3 turmas 76 alunos	3 turmas 84 alunos							06 turmas 160 alunos	02 turmas 14 textos
04	José Ferraz de Veloso	2 turmas 38 alunos	1 turmas 32 alunos							03 turmas 70 alunos	02 turmas 14 textos
05	Cleilde Marques	2 turmas 51 alunos	2 turmas 48 alunos							04 turmas 99 alunos	02 turmas 14 textos
06	Sarmas Tizara	3 turmas 83 alunos	3 turmas 84 alunos							6 turmas 167 alunos	02 turmas 14 textos
07	Madre Diamantina	3 turmas 106 alunos	3 turmas 104 alunos							6 turmas 210 alunos	02 turmas 14 textos
08	Anise Teixeira	6 turmas 128 alunos	3 turmas 130 alunos						6 turmas 201 alunos	10 turmas 459 alunos	03 turmas 21 textos
09	Padre Carlos Terenzi	3 turmas 77 alunos	6 turmas 90 alunos	6 turmas 119 alunos	6 turmas 123 alunos	6 turmas 105 alunos	3 turmas 98 alunos	2 turmas 44 alunos		24 turmas 656 alunos	07 turmas 49 textos
10	Anfriso Santiago	2 turmas 54 alunos	3 turmas 67 alunos	6 turmas 123 alunos	6 turmas 117 alunos	3 turmas 99 alunos	3 turmas 99 alunos			19 turmas 654 alunos	06 turmas 42 textos
11	Carlos Drummond	6 turmas 107 alunos	6 turmas 135 alunos		6 turmas 193 alunos	6 turmas 201 alunos	5 turmas 184 alunos	13 turmas 550 alunos		33 turmas 1.562 alunos	07 turmas 49 textos
12	Leone Eddy			6 turmas 226 alunos	6 turmas 235 alunos	5 turmas 166 alunos	6 turmas 180 alunos	10 turmas 342 alunos		33 turmas 1.150 alunos	05 turmas 35 textos
13	Almir da Costa Lima			8 turmas 314 alunos	8 turmas 248 alunos	6 turmas 193 alunos	3 turmas 109 alunos			26 turmas 656 alunos	04 turmas 28 textos
14	Nereida Moura do Castro			8 turmas 262 alunos	6 turmas 189 alunos	5 turmas 185 alunos	5 turmas 168 alunos	6 turmas 98 alunos		28 turmas 902 alunos	05 turmas 35 textos
<b>TOTAL</b>		<b>34 turmas 938 alns</b>	<b>35 turmas 950 alns</b>	<b>37 turmas 1.237 alns</b>	<b>33 turmas 1.100 alns</b>	<b>29 turmas 949 alns</b>	<b>25 turmas 838 alns</b>	<b>35 turmas 1.235 alns</b>	<b>228 turmas 7.247 alns</b>	<b>56 turmas 406 textos</b>	

Fonte: Projeto Concurso de Redação (Gerência de Programas e Projetos Educacionais, Seduc/Dias d'Ávila, 2019).

O Quadro 02 mostra a intenção da Seduc quanto a participação das escolas e estudantes nas produções textuais. Ao todo, catorze (14) escolas, duzentas e vinte e oito (228) alunos. O Quadro 03 mostra a participação efetiva das escolas e textos produzidos.

Quadro nº 03 – 3ª Etapa do Concurso de Redação: Classificação dos textos.

Dias d'Ávila		Secretaria Municipal de Educação Gerência de Programas e Projetos Educativos							JOVEM ESCRITOR	
Projeto Jovem Escritor - Concurso de Redação 2019 - EU E A CIDADE: IDENTIDADE E PERTENÇA										
TEXTOS CLASSIFICADOS POR ESCOLA										
Ordem	Escola	4º ano	5º ano	6º ano	7º ano	8º ano	9º ano	EJA	Textos (total esperados)	Textos (recebidos/classificados)
01	Claudianor Simões	00	01 texto						02 turmas 14 textos	13 textos / 01 texto
02	Luis Sande	00	00						02 turmas 14 textos	07 textos / 00
03	Maria Santiago Bacelar	03 textos	00						02 turmas 14 textos	14 textos / 03 textos
04	José Ferreira Veloso	01 texto	00						02 turmas 14 textos	04 textos / 01 texto
05	Cléide Marques	00	00						02 turmas 14 textos	15 textos / 00
06	Santos Titano	01 texto	01 texto						02 turmas 14 textos	15 textos / 02 textos
07	Madre Diamantina	01 texto	01 texto						02 turmas 14 textos	14 textos / 02 textos
08	Anísia Teixeira	00	01 texto					00	03 turmas 21 textos	12 textos / 01 texto
09	Padre Camila Terrend	00	02 textos	00	00	00	01 texto	00	07 turmas 49 textos	23 textos / 03 textos
10	Anfriso Santiago	00	00	03 textos	02 textos	04 textos	00	00	06 turmas 42 textos	63 textos / 09 textos
11	Carlos Drummond	01 texto	01 texto	01 texto	02 textos	00	00	02 textos	07 turmas 49 textos	26 textos / 07 textos
12	Luara Filly			01 texto	00	03 textos	01 texto	04 textos	05 turmas 35 textos	37 textos / 09 textos
13	Alzair da Costa Lima			02 textos	03 textos	00	04 textos	00	04 turmas 28 textos	30 textos / 09 textos
14	Normeide Moura do Costa			00	00	00	01 texto	01 texto	05 turmas 35 textos	35 textos / 02 textos
TOTAL		07 Textos	07 Textos	07 Textos	07 Textos	07 Textos	07 Textos	07 Textos	357 textos	308 textos / 49 textos

Fonte: Seduc (Dias d'Ávila, 2022).

O quadro 03 apresenta o quantitativo de textos esperados na terceira etapa, considerado que o valor é resultado da multiplicação, em que se tem o número de turmas vezes a quantidade de textos classificados, ao todo sete (07). Conclui-se que o quantitativo de textos classificados para análise do corpo técnico foi bastante significativo, trezentos e oito (308), dos trezentos e cinquenta e sete (357) esperados. E os textos finalistas para premiação foram ao todo quarenta e nove (49).

Considerando que este foi o primeiro concurso de redação, percebe-se que houve um movimento significativo dos estudantes e professores na ação. Em outra análise vemos que os estudantes da EJA (Quadro nº 02) uma participação expressiva juntamente com o 6º ano do Ensino Fundamental. A EJA representada pelas turmas do diurno e noturno chama atenção pela peculiaridade da modalidade muitos são mães/pais de famílias, trabalhadores ou possuem algum tipo de ocupação, especialmente os do noturno, nesta atividade tiveram participação significativa.

Ainda com relação ao quadro nº 01 é possível identificar em que momento se deu a participação dos pesquisadores do projeto RedePub/GEOTEC/UNEB, uma contribuição significativa, em que a 6ª etapa tratou da classificação dos textos quanto sua significação e relevância textual. Momento que requereu atenção e cuidado no estabelecimento de uma ordem de 1º a 7ª colocação em cada ano de ensino.

A participação dos integrantes pesquisadores do Projeto RedePub trouxe ao concurso de redação o distanciamento necessário a classificação dos textos, garantindo a imparcialidade dos resultados. Os três primeiros textos de cada turma, ou seja, vinte e um textos foram destacados e premiados em evento realizado na Câmara Municipal de Vereadores, com a presença das autoridades locais, Prefeita, Vereadores, Equipe Seduc e pesquisadores do RedePub, conforme imagens a seguir:

Imagem nº 1 – Premiação e Produtos do evento



Panfleto de divulgação do evento



Placa comemorativa aos parceiros



Livro produzido



Xícara com marcas



Bicicletas premiadas

Fonte: Arquivo do Evento, 2019

Como forma de valorização da história e memória dos estudantes em relação a sua vivência com a cidade de Dias d'Ávila, os três primeiros classificados foram premiados com uma bicicleta. Estudantes, escolas e colaboradores parceiros foram homenageados e receberam como brindes mochilas com material escolar, placas e canecas.

Destacamos também a publicação de um livro com as produções dos quarenta e nove (49) finalistas como forma de marcar em registro a história e memória da cidade a partir dos olhares de estudantes do ensino fundamental (4º ao 9º ano) e EJA.

## Considerações finais

---

Entendemos que conseguimos atender ao objetivo de registrar neste breve texto, uma perspectiva de se pensar o processo educativo caracterizado como um concurso de redação com jovens escritores e sua relação com a cidade de Dias D'Ávila/BA.

Destacamos como relevância do projeto a publicação do livro como uma marca geotecnológica, um produto construído a partir de um trabalho coletivo que envolveu estudantes, professores, familiares, técnicos da Seduc, vereadores e pesquisadores RedePub/Geotec/UNEB.

O livro com as coletâneas das principais redações é compreendido como um potencial de difusão da história e memória da cidade de Dias d'Ávila. O estudo partiu da relação do sujeito com a cidade mediante a identificação e a pertença com o lugar.

De forma a fazer circular o livro vemos como sendo de responsabilidade da Secretaria de Educação por meio de seus Coordenadores Técnicos o de incentivar o uso das produções nas escolas, uma vez que a pandemia da Covid-19 inviabilizou a sua divulgação no ato de sua publicação em 2020. Com o retorno do ensino presencial no ano de 2022 espera-se que sejam valorizadas as produções dos estudantes para que possam ser exploradas e comentadas por seus pares.

É esperado que o sucesso do primeiro concurso de redação possa servir de base para continuidade do projeto que fomenta e instiga nos estudantes a curiosidade e a pesquisa. Aguardaremos ansiosos a próxima edição do projeto Jovem Escritor com participação dos estudantes tão expressiva quando o primeiro.

## Referências

---

CARVALHO, Monica Clara Xavier Lima. **A escola como espaço geotecnológico: estratégias pedagógicas de entendimento do lugar**

no município de Dias d'Ávila. Dissertação (Mestrado), Salvador, Bahia, 2020. 167fls.

CASTRO, Paula Almeida de; VIANA, Camila Matos; COSTA, Sarah Thalita Guimarães. **Identidade, pertencimento e resiliência no contexto escolar: Um estudo etnográfico na perspectiva de alunos como pesquisadores.** Comunicação oral. Disponível em: <[www.editorarealize.com.br/editora/anais/fiped/2013/](http://www.editorarealize.com.br/editora/anais/fiped/2013/)>. Acesso em: 19 abril, 2022.

FREIRE, Paulo. **Educação e mudança.** Moacir Gadotti e Lilian Lopes Martin (Trad.). Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1979.

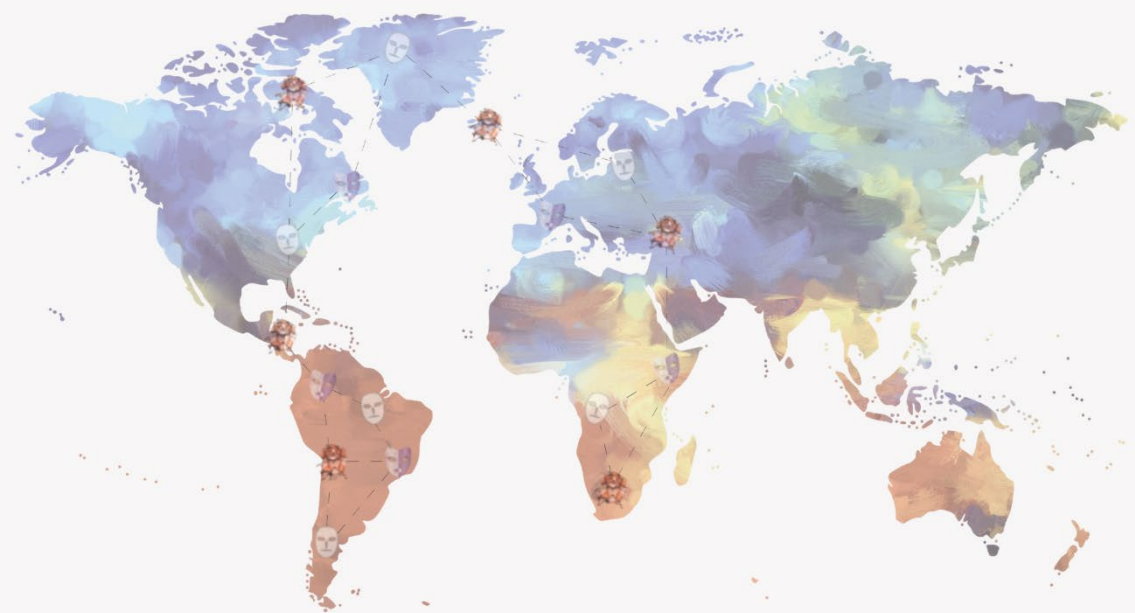
LE GOFF, Jacques. História. In: LE GOFF, Jacques. **História e Memória.** 5ª. Campinas, SP: UNICAMP, 2003, p. 1-171.

LE GOFF, Jacques. Memória. In: LE GOFF, Jacques. **História e Memória.** 5ª. Campinas, SP: UNICAMP, 2003, p. 419-476.

SILVA, Tomaz Tadeu da. A produção Social da identidade e da diferença. In: Tomaz Tadeu (org). HALL, Stuart, WOODWARD, Kathryn. **Identidade e diferença: A perspectiva dos estudos culturais,** ed. Vozes, 2014.

WOODWARD, Kathryn. Identidade e diferença: uma introdução teórica e conceitual. In SILVA, Tomaz Tadeu (org). HALL, Stuart, WOODWARD, Kathryn. **Identidade e diferença: A perspectiva dos estudos culturais,** ed. Vozes, 2014.

## Itinerância em Itapuã Salvador / BA

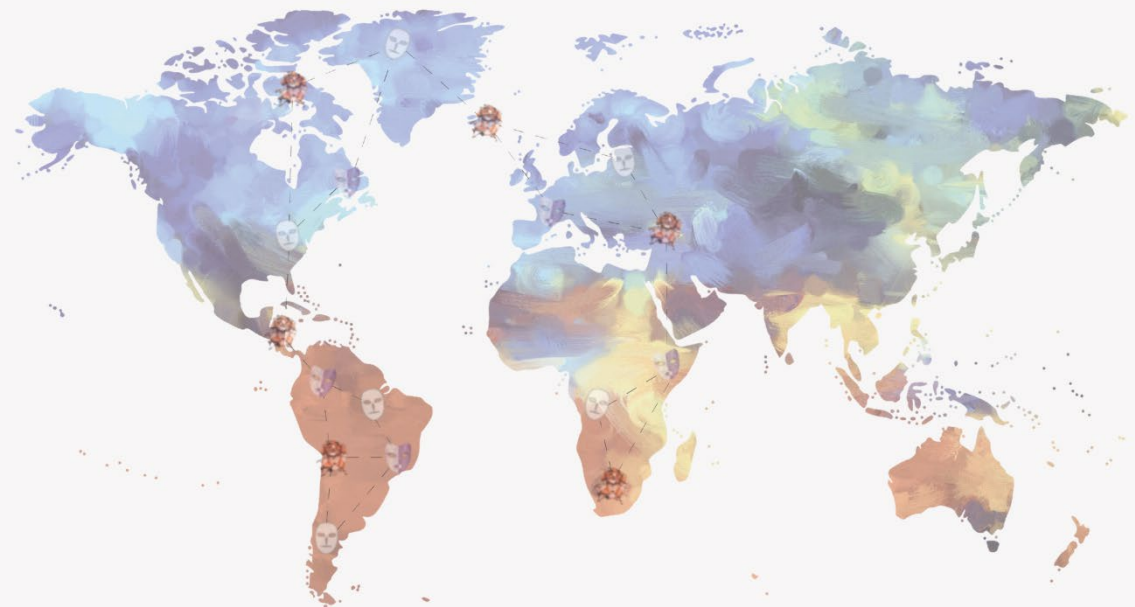


# Itinerância: Museu Cidade da Música da Bahia

*Karla Santana dos Santos Teixeira Valente (Karla Preta)*



10.47247/JLC/88471.54.8.18



E começamos pertinho da escarpa, e moldurada pelo Elevador Lacerda, na parte baixa de Salvador ex acrópole da coroa Lusitana, em abril, abriu portas (Porta da Ajuda, Porta de São Bento, Porta do Carmo) para fechar as portas aos invasores.

Espaço que no século atual, abriga a Soterópolis que agrada aos olhos e percepções de excursionistas, viajantes, itinerantes, Geotecanas e Geotecanos. Olhar e percepção, alargadas pelo conhecimento da querida turismóloga e guia Silvana Rós.

E, de seixo em seixo – do lado de fora do Museu – cercados pelas Portas que interligam lugares, que alargamos nossas mentes ao sentido de pertencimento, em que Silvana contribuiu com mais um seixo depositado na segmentação de nossa identidade.

Sobe, sobe, sobe, e de cima para baixo, Taíse compartilha mais seixos, material potente na consolidação de nossa identidade. ZOOGODÔ BOGUM MALÊ RUNDÓ! Salve Luizinho do Jêje, ogã do Bogum! Juntou-se Jade, a juventude musical da UFBA, que começa apresentando-nos o Tambor, e mais seixos.

E teve Surdo fazendo chão, sendo coração. Verdadeira bússola orientando corpos, e abrindo olhos. Repique liderando direcionando, juntinho com a Bacurinha. Êita trio!

Nessa musicalidade, ainda tem a Caixa, que guarda brilho, novos sabores. Tarol, Timbau, solista, firulista. Reverenciando a ancestralidade dos povos originários, seixos índios, seixos afros.

O Timbau todo regulado, atarraxado, produzindo efeitos mil. Quer possibilidades? Tampinha, chaves, chifres, cabeça de cabaça. Variadas concepções, alquimias.

Música de fora para dentro, música de dentro para fora. E quando “pensa que não”: - cutuca Pedro!! E vira o pescoço, lá vem Caxixi (idiofone) e Xequerê (agbê).

Agora vou fazer chamada. - Rum (presente) -Rumpi (presente) - Léz (presente) – RUMPILLEZZ (PRESENTE)!

E Letieres, saudoso passado recente. Presente, subvertendo no céu,  
recepionado por Agôgos e Atabaques. Castiga agdavi!!!

Ora, ora, quem quase não era apresentado? Dum-dum, o senegalês. E, desce  
mais um nível, para subir no conhecimento.

KAdê você, RAPaz? Oxe! KÊ que tu quer??

É que vai rolar a festa: KARAOKÊTECA e RAP-TRAP, lado a lado chamando pra  
desconstrução, aqui, pesquisador, e até orientador, viram artistas!

Onde todos os ritmos se encontram? No nível 2, junto com a magia, que  
contagia quem fez e quem faz música, e quem se permite contagiar pela  
Ecologia musical. Teve ORQUESTRA. A NOVA MÚSICA. QUEM FAZ A MÚSICA!

O último é o primeiro. 33 bairros e sua musicalidade, interconectadas, que  
sonorizou o passado e sonoriza o presente. É A CIDADE DE SALVADOR E SUA  
MÚSICA!

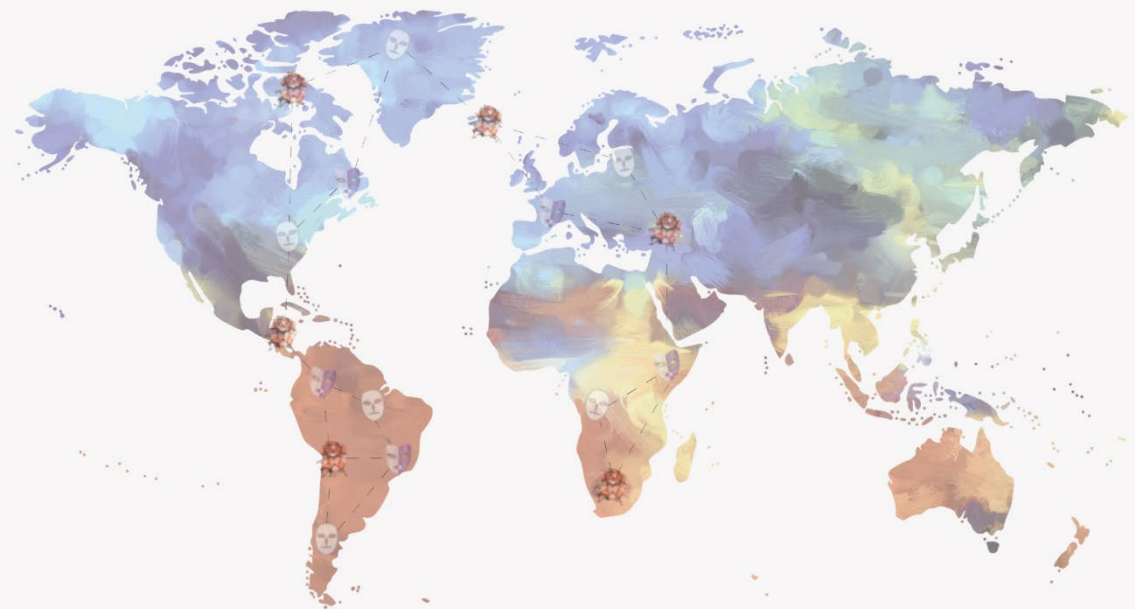
Lá no zerinho, no térreo, confraternização na biblioteca, convite a doarmos  
livros, confraternização, agradecimentos, e uma vontade tremenda de voltar,  
afinal, tudo que é bom dura mais de 750 horas, ou seja, não acabou-se o que  
era doce. E segue-se misturando vida e educação. Como brandão orienta. E  
fomos, percussionando nossos percursos.

# Entre Itapuã e Praia do Flamengo: Trilha itinerante do Colégio Lomanto Júnior ao Parque das Dunas em Salvador/BA

*José Antonio Carneiro Leão*



10.47247/JLC/88471.54.8.16



A Escola é Colégio  
O Colégio é colegiado  
A Gestão é direção  
Ricardo mostra acompanhamento e diversão  
Sala de multiuso faz biblioTec  
Nela Museu físico se torna Museu Virtual de História  
Nele Fernando faz sua lição!  
Antônia de olho nas comunidades de aprendizagem junto  
E agora Renata faz sua introspecção, para além dos muros do Colégio  
Lomanto Jr.

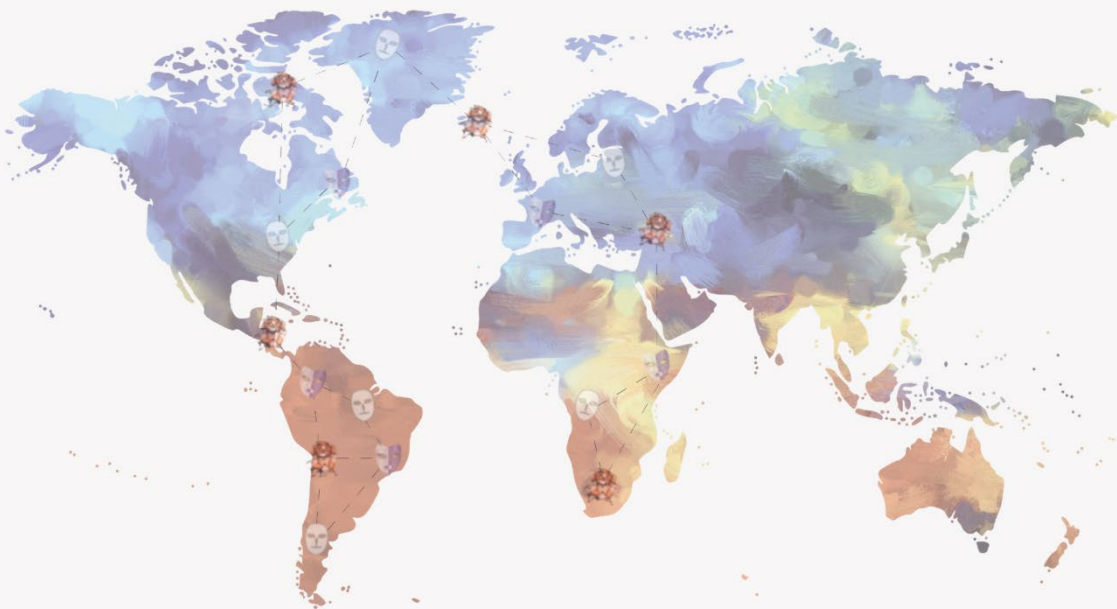
Compadre Pescador, artista Ulisses de Itapuã inicia a trilha  
As pedras têm nomes mais não é de ilha  
Tudo nesse lugar possui georreferencia para a ida  
Na volta que possui memória  
Serra boca costurada na Porteira Fazenda Canto “A”  
Passamos uma tarde na Praia de Itapuã, como morador de lá.

Chegamos na Praia do Flamengo depois de uma caminhada sem suor e sem  
dor  
Ari é o gestor que representa as Colônias de Pescador  
Entre praias há um militante encantador  
Que fala da burocratização da pesca em Salvador  
Pescadores artesanais que não recebem seguro defeso, desde 2016 sem a joia  
Mesmo atentos ao chumbo no chão que “boia”  
Ligados ao vento, as ondas, as correntes viram paranóia  
A rede de xarel não dá conta  
Pititinga chama e a Sereia observa o mar que desconta  
Mas fica na memória dela o engodando pra atrair cardumes que apronta  
E na Plataforma o sonar deu o lugar mostrando imagens das profundezas que  
corta.  
Conhecendo o ecossistema que espanta  
Afluentes poluídos do polo petroquímico agoniza a planta  
Sobrepesca, fatores climáticos descampa  
Ari fica atento as ações políticas que detona e acampa.  
Na Rua “K” Ari faz educação ambiental  
A leitura do mundo tá na mão que mostra genial  
Pescando letras não erra mais a cor do arsenal  
E qualquer coisa não é mais R\$ 500,00 reais

Porque na Associação tem lugar pra todos os capitais.  
Em lugar de Mulher mariscada não deve haver feminicídio na casa  
Mas a volta das festas – os Ternos de Reis, a Caminhada pra São Tomé, a  
Marujada  
Tudo ficou no caminhar da passada.  
Nas redes – de xarel, das linhas de tainha, do mali, das sapequinhas, da cioba...  
Muzuá pedia socorro do “oba oba”  
Tiveram que marcar espaço com pau pra toda obra.  
Nas Dunas um Parque levanta com Jorge a bandeira do juízo aceso  
Indicativos de Plano de Manejo  
No Parque das Dunas da APA funciona as trilhas interpretativas do desejo  
Conhecer para preservar é a lição  
Nela os desafios de saber o perfil do solo e sua importância geológica na  
evolução  
Um planeta-tempo em ação  
De umidade nas trilhas de diferenças em ebulição  
Registros marcados em 25 anos de segurança  
Na biossegurança que tem até quadriciclo de resgate que descansa.


Só muito Guarujú pra acalmar o estômago do sujeito animal  
Daqueles que ganham na trilha salas de aulas ambiental  
Sala do solo, dos animais, dos rios, das plantas anônimas, mas ancestral  
Entre o Parque Metropolitano do Abaeté e esta Trilha da APA de Educação  
Ambiental  
Se aprende a potencializar o lugar no mundo com 3% de água doce social  
Sendo 2% só no Brasil e 5% de água potável em Salvador contempla nosso  
arsenal  
Que dor que nada!  
É educação de pertencer a um lugar redescoberto de água  
De dunas com lagos e restingas aguadas  
De desenvolvimento e meio ambiente juntos nas passadas  
Que possui a força brasileira de ser o único com 7 biomas de natureza afagada  
Destes 4 biomas na Bahia e 2 em Salvador, o povo vem em cavalgada  
Não temos que nos camuflar pra potencializar, mas mimetizar pra  
descolonizar.

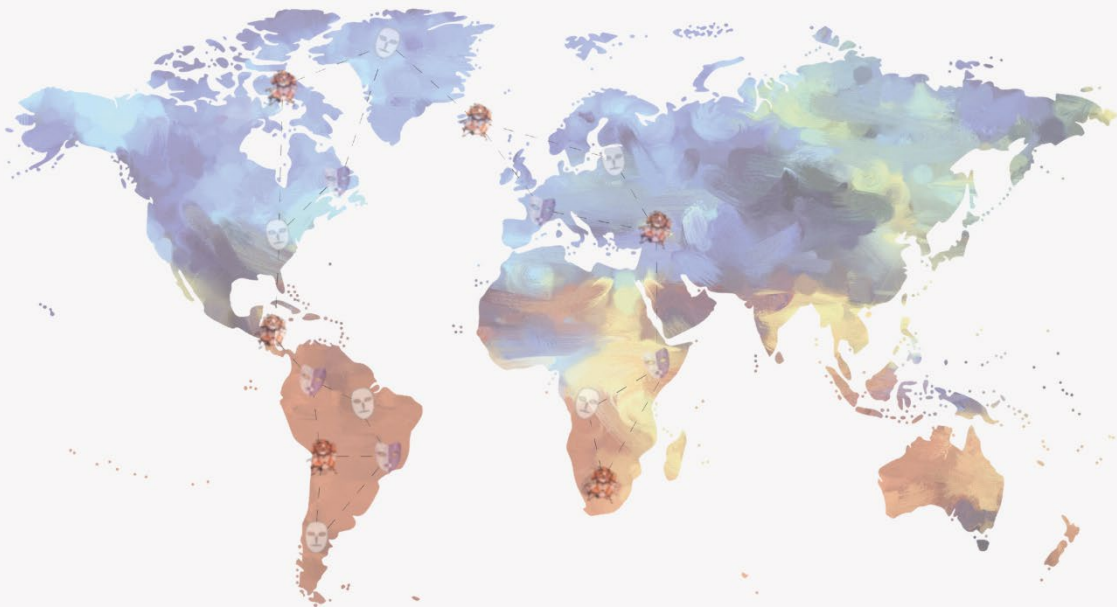
# Itinerância no Recôncavo Baiano Capão / BA



# Trilhas da Fé no Capão

*José Antonio Carneiro Leão*

 10.47247/JLC/88471.54.8.17



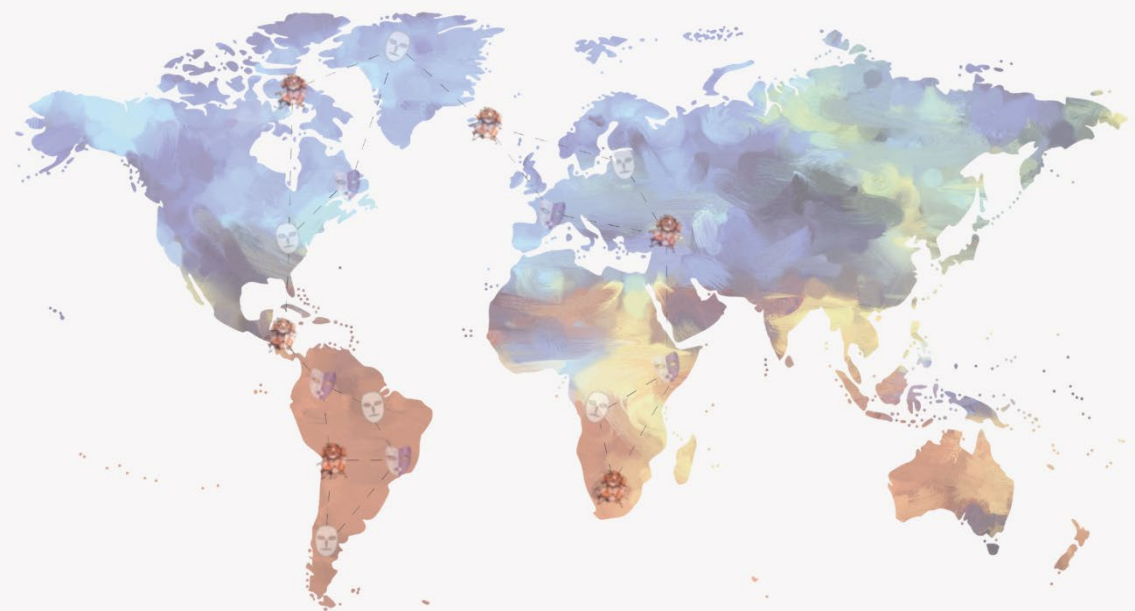
Acredite mais em você!  
Entre pedras deslizantes  
Riachos no cantinho  
Subidas e descidas  
Siga o seu caminho!

Cachoeira Angélica a vista!  
Cachoeira da Purificação, insista  
Paradas revitalizantes de fé na missão.

Entre gaias novas e velhas  
Cachoeira Ponte Velha?  
Caminhos de barro derrapante  
Pedras rosas desafiantes

No mato o capim navalha  
Encarando o real e o contraditório  
Do mato cortante  
Ultrapassando troncos exuberantes  
Entre equilíbrios e desequilíbrios  
A trilha se faz constante  
E da fé despertada do capão  
Leituras e releituras se farão.

## Sobre os organizadores e autores da obra



## *JADIRLETE LOPES CABRAL*



Bacharel em Letras - Português-Italiano, pela UFRJ, em 1995. Mestre e Doutora em Letras Neolatinas, Língua e Literatura Italiana pela mesma universidade (1999 e 2004, respectivamente). Pós doutora em tecnologias digitais e contemporaneidade pelo Programa de Pós-graduação em Educação e Contemporaneidade (PPGEDUC/UNEB), onde atua como colaboradora junto ao Grupo de Pesquisa em Geotecnologias, Educação e Contemporaneidade (Geotec/UNEB). É vice-líder do grupo de pesquisa Ensino e Aprendizagem de Línguas com Tecnologias Digitais (CNPq/UFBA), desde 2013. Tem experiência como chefe do Departamento de Letras Românicas, da Universidade Federal da Bahia. Atualmente é Professora Associada I de Língua e Literatura Italiana na UFBA. Responsável pela criação do Curso de Extensão de Italiano, em 2007, e coordenação do mesmo até julho de 2009. Atuou também como coordenadora do PROEMIT/PROFICI até setembro de 2017. Tem ainda experiência administrativa em coordenação do setor de italiano e em colegiado, tendo sido vice-coordenadora do Colegiado 403 - Línguas Estrangeiras Modernas e Clássicas, no período de 2007 a julho de 2009. Sua formação em Língua e Literatura Italiana tem ênfase em: contemporaneidade, semiótica, metodologias de ensino e aprendizagem de línguas estrangeiras com tecnologias digitais e elaboração de materiais didáticos.

## *JOSÉ ANTÔNIO CARNEIRO LEÃO*



Professor e pesquisador efetivo titular na Graduação e Pós-Graduação da Universidade do Estado da Bahia (UNEB), no Departamento de Ciências Humanas (DCH I) e no Programa de Mestrado Profissional em Gestão e Tecnologias Aplicadas à Educação (GESTEC/UNEB). Graduação de Licenciatura Plena em Educação Física pela Universidade de Pernambuco (1988) e mestrado em Gestão de Políticas Públicas pela Fundação Joaquim Nabuco (2005). Doutorado Sanduíche pelo Instituto de Pesquisas Tropicais de Lisboa/Portugal (2010). Doutorado em Educação pela UFBA (2011) e Pós-doutorado em Artes Visuais pela UFBA (2021). Atua com os seguintes temas: Memória, Educação e diversidade cultural, Políticas públicas e linguagens geotecnológicas.

*LAUREN OLIVEIRA LIMA*



Mestranda no Programa de Mestrado Profissional em Gestão e Tecnologias Aplicadas à Educação (GESTEC/UNEB). Formada em Tecnologia em Marketing pela Universidade Metodista de São Paulo (2014), com Especialização em Teatro-Educação pela Faculdade Paulista de Artes - FPA (2017) e segunda graduação em Pedagogia pela Faculdade de Educação Paulistana (2019). Atriz profissional (DRT: 0041647/SP), atuante desde 2013 em peças teatrais e realiza trabalhos como paciente simulado desde 2019 pela empresa Inima Produções. Formada em Psicanálise Clínica (2019). Desde 2017, coordena o projeto Teatro Educa, que promove oficinas de Jogos Teatrais para Atores e não Atores em escolas, empresas, espaços artísticos e ONGs. O trabalho é pautado nas contribuições de Augusto Boal, Viola Spolin, Rudolf Laban e Pierry Lévy. Integrante do grupo de pesquisa “CORPO (COtidiano, Resgate, Pesquisa e Orientação)” da Universidade Federal da Bahia (UFBA). Matriculada como aluna especial na disciplina: “A História das Práticas Corporais” na Universidade Federal da Bahia (UFBA), coordenada pelo Prof. Dr. Coriolano Pereira da Rocha Junior. O seu principal interesse em pesquisa é composto pelas seguintes áreas: educação, teatro-educação, ludicidade, jogos digitais, tecnologia educacional e formação de professores.

  *ADEMILSON DA CRUZ BARRETO*

Mestrando em Gestão e Tecnologias Aplicadas à Educação (GESTEC/UNEB). Especialista em Metodologia do Ensino de Matemática, pela Faculdade Batista de Minas Gerais; Políticas Públicas e Educação, pela Faculdade de Santa Cruz da Bahia e em Gestão Escolar com Ênfase Pedagógica, pela Faculdade Zacarias de Góes. Licenciado em Matemática pela Universidade do Estado da Bahia. Participa dos Grupos de Pesquisas: Educação, Universidade e Região (EdUReg/UNEB) e Geotecnologias, Educação e Contemporaneidade (GEOTEC/UNEB) no Projeto RedePub ? História e Memória em Rede de Espaços Educativos Públicos. Integrou a Comissão de (Re) Elaboração do Currículo Municipal de Salinas da Margarida considerando a BNCC. Faz parte do Fórum permanente de Educação de Salinas da Margarida. Atualmente é professor de Matemática e Educação Financeira do Colégio Estadual Juracy Magalhães. Tem experiência na docência nas disciplinas: Matemática, Educação Financeira, Química, Física e Artes. Pesquisa na área de Educação Financeira na Educação básica junto a pescadores artesanais.

  *ANA CARLA NUNES PEREIRA*

Tem Mestrado em Educação e Tecnologia pela Universidade do Estado da Bahia-UNEB. Licenciatura em História pela Faculdade de Ciências Educacionais e Bacharelado em Turismo pela Faculdade da Cidade do Salvador. É Especialista em Docência do Ensino Superior pela Faculdade da Cidade do Salvador e Especialista em Gestão de Projetos Sociais pelo Centro Universitário Barão de Mauá. Na sua trajetória profissional possui experiência em Docência na Educação Básica e na Educação profissional. Como Turismóloga realiza trabalhos como Consultora, realizando planejamento e desenvolvimento turístico. É integrante do Grupo de Pesquisa DCETM (Difusão do Conhecimento, Educação, Tecnologia e Modelagens Sociais) e REDEPUB “História e Memória do Grupo Geotecnologias, Educação e Contemporaneidade” GEOTEC ambos da Universidade do Estado da Bahia. Como Docente/Pesquisadora ministra aulas em Faculdades Particulares e tem interesse em temas relacionados à Cultura Popular, Folclore, Turismo Pedagógico, Turismo Rural e Cultural, Patrimônio Cultural, História regional e local, Mestres do saber e Tecnologia.

  *BARBARA COSTA*

Universidade Católica do Salvador, Licenciada em Educação Física.

  *CIDICLÉIA GOMES DA SILVA SANTOS*

Mestre em Educação pela Universidade do Estado da Bahia, no Programa de Mestrado Profissional Gestão e Tecnologias Aplicadas à Educação - GESTEC. Integrante do Grupo de Pesquisa Geotecnologias, Educação e Contemporaneidade (GEOTEC). Sou professora pesquisadora através do Projeto “A Rádio da Escola na escola da Rádio” que desenvolve Educação Científica com estudantes da Educação Básica. Posuo graduação em Pedagogia pela Universidade Federal da Bahia (2008). Especialização em Psicopedagogia Clínica e Institucional. (2013). Atuo na área de coordenação pedagógica do Colégio da Polícia Militar da Bahia.

  *JAQUELEIDE SOUZA DE LIMA*

Mestranda do Programa de Gestão e Tecnologias Aplicadas a Educação - GESTEC/ UNEB. Pós-graduada em Gestão Escolar com ênfase em Coordenação Pedagógica, graduada em Letras pelo Centro Universitário Jorge Amado (UNIJORGE). Professora da rede municipal de Dias d'Ávila. Atua como Coordenadora Técnica na Secretaria de Educação e integra a Equipe de Formação de Professores e Coordenadores Pedagógicos dos Anos Iniciais atuando, principalmente, na área de Alfabetização e Letramentos e de Gestão de Pessoas. É coordenadora Municipal do Programa Federal Mais Alfabetização e do Programa de Avaliação Intra-rede de Dias d'Ávila. Participa do Grupo de Pesquisa Geotecnologias, Educação e Contemporaneidade (GEOTEC/UNEB) no Projeto REDEPUB - História e Memória- UNEB.

  *JOÃO ANTONIO DOS SANTOS GRILO*

Mestre em Ciências da Educação; Pós-graduado em Psicopedagogia; Coordenação e Gestão Escolar; Metodologia do Ensino Superior; Graduado em Licenciatura em Filosofia com habilitação em Psicologia; Experiência na formação de grupos e fortalecimento de equipes de trabalho com foco nas relações humanas.

  *KATHIA MARISE BORGES SALES*

Graduada em Pedagogia pela Universidade Católica do Salvador, Mestre na área de Mídia e Conhecimento pela Universidade Federal de Santa Catarina e Doutora em Difusão do Conhecimento pelo Programa MultilInstitucional e Multidisciplinar em Difusão do Conhecimento - DMMDC. Concluiu Pós- doutoramento no Programa de Pós-Graduação em Educação, Contextos Contemporâneos e Demandas Populares (PPGEduc), na linha de pesquisa Estudos Contemporâneos e Práticas Educativas, da Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro (UFRRJ). Professora Titular da Universidade do Estado da Bahia - UNEB, tendo já desempenhado variadas atividades de ensino, pesquisa e extensão, bem como de gestão universitária nesta Universidade, incluindo a de Coordenadora Institucional da Universidade Aberta do Brasil - UAB e de PróReitora de Ensino de Graduação. Docente credenciada do Mestrado Profissional em Gestão e Tecnologias aplicadas a Educação - GESTEC/ UNEB, desde fev/2014, na área 2 PROCESSOS TECNOLÓGICOS E REDES SOCIAIS . Em dezembro de 2018 foi credenciada também como docente do Programa de Pósgraduação em Difusão do Conhecimento - PPGDC (UFBA/UNEB/IFBA/UEFS/SENAI/ LNCC), vinculada à Linha “Construção do Conhecimento: Cognição, Linguagens e Informação”. Tem experiência na área de Educação como docente, coordenadora, consultora, avaliadora e gestora em diversas instituições, tendo atuado no ensino público municipal e estadual, e desempenhado várias funções técnico-pedagógicas na Educação Básica, antes do ingresso na Universidade do Estado da Bahia / UNEB. Como pesquisadora seus temas de interesse são: TDICs e Educação: mediação e práticas pedagógicas; Educação on line; Construção e Difusão do Conhecimento, com foco na Cognição.

  *KARLA SANTANA DOS S. TEIXEIRA VALENTE*

Licenciada em Geografia pela Universidade Federal da Bahia. Pós-graduação em Docência do Ensino Superior, pela Faculdade São Salvador e em Atendimento Educacional Hospitalar e Domiciliar, pela Universidade Federal do Mato Grosso do Sul. Atuei como Orientadora do Programa Nacional Pacto pelo Ensino Médio. Mãe, e Professora da Educação Básica da rede Estadual da Bahia, na cidade de Salvador, atuando no Colégio Estadual Professor Nelson Barros. Interesse de pesquisa em Educação Especial e Inclusiva, no que concerne os processos de aprendizagem; Metodologias ativas de aprendizagem, em especial a gamificação; e Práxis docente.

  *MARGARETE DE SOUZA CONRADO*

Doutora em Educação pela Universidade Federal da Bahia. Mestre em Dança (PPGDança - UFBA). Especialista em Coreografia pela Escola de Dança da UFBA e em Preparação Física pela Universidade Gama Filho (RJ). Licenciada em Educação Física pela UPE. É professora Adjunta do Departamento de Educação Campus II, Alagoinhas - Universidade do Estado da Bahia - UNEB. Tem experiência na área de Educação com ênfase em Corporeidade, Diversidade Cultural e Dança. Como temas de estudo e pesquisa interessa-se por relações sobre Entrecruzamentos Culturais, Danças de Matrizes Africanas, Corpo e performances.

  *MONICA CLARA XAVIER LIMA CARVALHO*

Possui mestrado em Gestão e Tecnologias Aplicadas à Educação - (GESTEC/UNEB), integra o grupo de pesquisa Geotecnologias, Educação e Contemporaneidade (GEOTEC/UNEB) no projeto do RedePub, História e Memória em Redes de Espaços Públicos. Especialista em Gestão com Ênfase em Coordenação Pedagógica (FAP/PR); Especialista no Atendimento Educacional Especializado na Perspectiva da Educação Inclusiva (UNESP); graduada em Pedagogia (UNEB), professora concursada para as séries iniciais do ensino fundamental da rede municipal de Dias d'Ávila (desde 1997), coordenou o programa de Educação Inclusiva da Rede Municipal Pública de Ensino de Dias d'Ávila-Ba, (2009-2012), tutora municipal do Formação pela Escola (FNDE/ MEC) desde 2011, atuou na Coordenação de Formação da Seduc/ Dias d'Ávila (2015- 2019). Atualmente professora da Escola Municipal José Ferreira Veloso - Dias d'Ávila-Ba. Principais áreas de atuação: (geo)tecnologias na educação, gestão pedagógica, educação infantil, ludicidade, inclusão escolar.

  *RÊMULO VELOSO DOS SANTOS*

Licenciado em História e Bacharel em Segurança Pública pela Universidade do Estado da Bahia (2006). Atualmente sou integrante da Polícia Militar da Bahia, lotado na Academia de Polícia Militar da Bahia. Mestre em Gestão e Tecnologia Aplicada à Educação (GESTEC). Leciono a disciplina História no Colégio da Polícia Militar Luiz Tarquínio, bem como desenvolvo na referida escola o Projeto a “Rádio da Escola na Escola da Rádio”, ligado ao Grupo de Pesquisa em Educação e Geotecnologias (GEOTEC) do Departamento de Educação da Universidade do Estado da Bahia.

  *UILMA BRITO DAS MERCÊS*

Possui graduação em Letras - Língua Portuguesa pela Universidade Católica do Salvador (2002). Especialista em Metodologia da Educação Superior pela Faculdade Batista Brasileira (FBB). Mestranda do GESTEC (Programa de Pós-Graduação Gestão e Tecnologias Aplicadas à Educação) da UNEB. Participa do Grupo de Pesquisa em Geotecnologias, Educação e Contemporaneidade (GEOTEC) da Universidade do Estado da Bahia - UNEB, no projeto REDEPUB - história e memória. Atualmente é professora - Secretária de Educação do Estado da Bahia. Tem experiência na área de Letras, com ênfase em Língua Portuguesa.

  *VITÓRIA CONRADO CARNEIRO LEÃO*

Graduada no Bacharelado em Administração e no Interdisciplinar de Humanidades pela Universidade Federal da Bahia. Componentes cursados: Introdução à Administração, Gestão de Organizações, Estudos Sobre a Contemporaneidade I, Estudos das Humanidades, Língua Portuguesa, Poder e Diversidade Cultural, Ecologia na Sociedade Contemporânea, Estudos Sobre a Contemporaneidade II, Estudos das Sociedades, Estudo dos Poderes, Oficina de Textos em Humanidades e Leitura e Produção de Textos em Língua Portuguesa. Possui informática básica.

## *Ficha técnica*

Título	Entre Lugares
Subtítulo	Ensaaios sobre Geotecnologias, Educação e Contemporaneidade (Itinerâncias Formativas)
Org.	Jadirlete Lopes Cabral, José Antônio Carneiro Leão e Lauren Oliveira Lima
Coleção	-
Páginas	250
Edição	1
Volume	3
Ano	2022
Cidade	Diadema
Editora	V&V Editora
ISBN	978-65-88471-54-8
DOI	10.47247/JLC/88471.54.8

### REFERÊNCIA

CABRAL, J. L.; LEÃO, J. A. C.; LIMA, L. O. **Entre Lugares:** Ensaaios sobre Geotecnologias, Educação e Contemporaneidade (Itinerâncias Formativas). Diadema: V&V Editora, 2022.

Querida leitora e querido leitor,

Agradecemos por ter comprado a versão impressa desse livro e/ou por ter feito o download do e-book. Decerto que despertar seu interesse pela obra, para nós, é uma alegria imensa.

Por isso, agradecemos.

Caso tenha alguma dúvida ou sugestão,  
entre em contato conosco pelo e-mail:

[contato@vveditora.com](mailto:contato@vveditora.com)

---

Publique conosco!

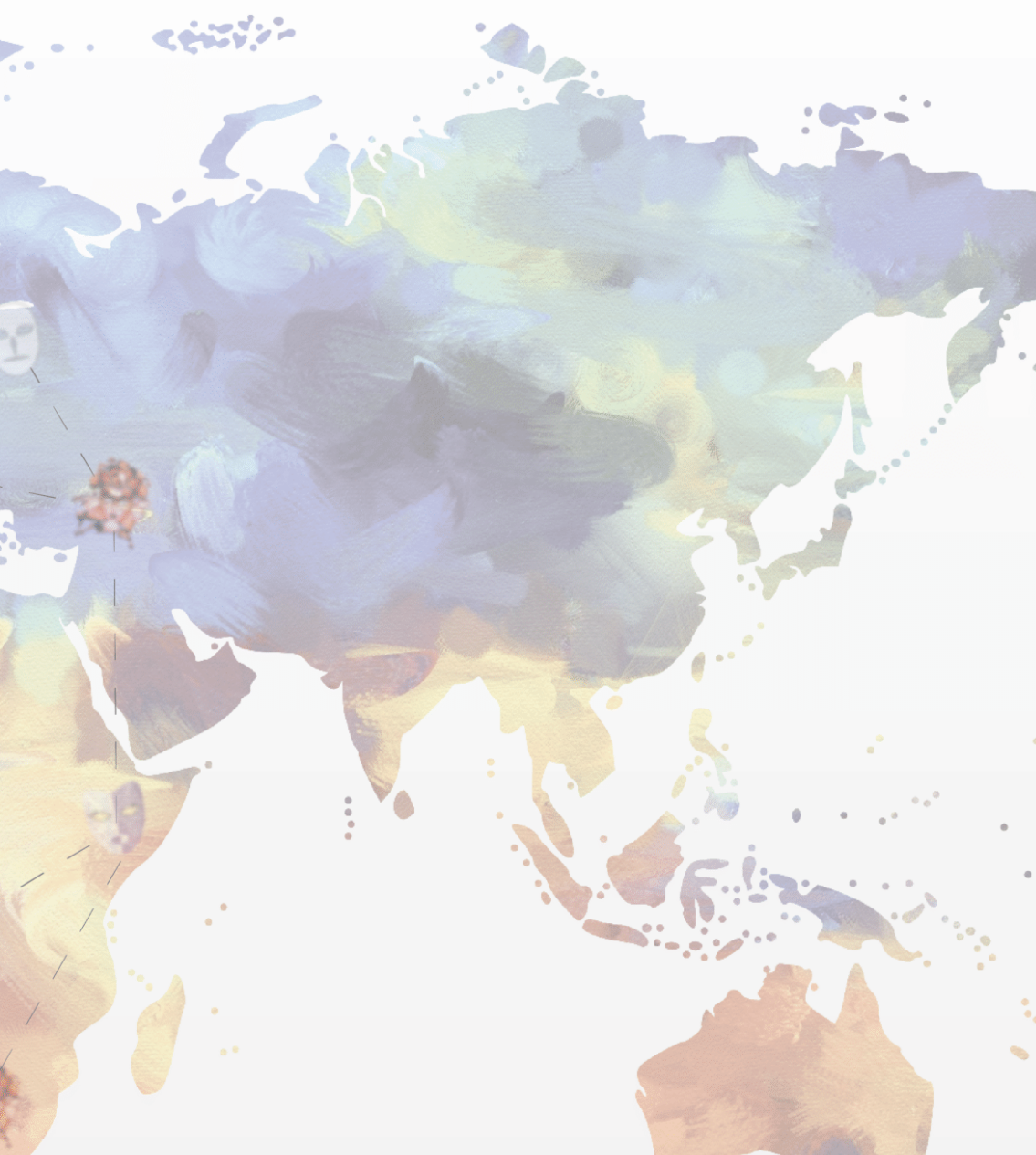
Biografias, poesias e textos literários.

Trabalhos de Conclusão de Curso, Dissertações e Teses.

Artigos e textos de Grupos de Pesquisas e Coletâneas.

Acompanhe nossas redes e site e também nossos eventos.





ISBN: 978-65-88471-54-8



**UNEB**  
UNIVERSIDADE DO  
ESTADO DA BAHIA

